LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

53 1/5

R.B189,675

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

125

ULYSSÉA,

OU

LISBOA EDIFICADA.

POEMA HEROICO

DE

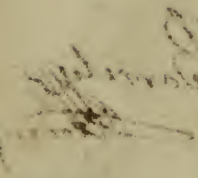
GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

QUARTA EDIÇAÕ.

INTER FOLIA FRUCTUS.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.
1826.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.



DISCURSO
POETICO
DE
MANOEL DE GALHEGOS.

Faço este juizo naõ só porque obedeço a quem me manda, mas porque me acredito mostrando, que sei conhecer as excellencias, e prerogativas deste insigne Poema; e porque sirvo aos curiosos fazendo-lhes hum compendio das finezas, e primôres da arte, que nelle observará quem o ler com a applicaçaõ, que pede a altiveza, e soberania de seu estilo.

O Poema heroico he huma poesia levantada, que tem por fim celebrar das acções do heroe valeroso, a que foi mais digna de memoria. He taõ difficil este modo de poetar, que de infinitos Poemas, que se haõ escritò no mundo, ha muito poucos, que mereçaõ o nome de perfeitos. Como difficil, como grande, e como obra, que redunda em louvor da patria, elegeo esta acçaõ o Doutor Gabriel Pereira de Castro: procurou nella chegar á maior perfeiçaõ; e como Deos o dotou de hum engenho unico para todas as faculdades, alcan-

çou o primeiro lugar entre os heroicos, e collocou este soberano Poema diante de todos os que celebra a antiguidade. Em prova do qual digo, que na fabula concorrem todas as propriedades, que dispõem as regras, porque a fundaçaõ de Lisboa he huma só acçaõ, he de hum só heroe, he maravilhosa, he verosimil, he de huma Cidade célebre no mundo, he em honra da patria, he em gloria dos Monarcas, Principes, e Senhores de Portugal, e o heroe he vencedor, e o mais celebrado entre os Capitães valerosos, que em Grecia florecêraõ.

Na proposta se ajusta felizmente com o que manda a arte, dando: *Non lucem ex fumo, sed fumum ex luce*, diz Varraõ; porque he solemne entre os heroicos naõ nomearem no proemio o heroe por seu nome, e naõ fartarem ao Leitor de noticias. O epitheto: *Mal seguros*, tem muito enfase, que naõ só determina em geral os perigos, que no mar ha para todos, mas em particular os que Neptuno fez passar a Ulysses em vingança de Polifemo. Por este mesmo estilo insinua Virgilio o pezar, que teve Juno de Páris naõ dar a sentença em seu favor: *Sævæ memorem*, &c. Deste modo dá a entender Lucano, que Cesar, e Pompeo tomáraõ as armas, hum com pretexto de defender o direito do Senado, outro o dos Tribunos, sendo o animo fazerem-se Imperadores: *Jusque datum*, &c. Assim toca tambem Estacio varias circunstancias da materia: *Alternaque regna*, &c. Dá muita graça a este exordio o acabar o primeiro verso com huma total dependencia do segundo; ga-

lhardia, ou figura, a que os Rhetoricos chamaõ Aporía, *id est* dependurado. Usáraõ della alguns Poetas insignes. Estacio: *Formidatamque Tonantis Progeniem.* Ovidio: *In nova fert animus mutatas dicere formas Corpora.* Claudiano: *Afflataque curru Sidera.* Silio: *In Cœlo se gloria tollit Æneiadum.* Nomea-se a terra por seu nome proprio a fim de variar a oraçaõ, que havendo-se declarado o heroe por perifrase, era conveniente, que a terra se expressasse pelo nome genuino, e dominante. Virgilio: *Atque altæ mœnia Romæ.* Silio: *Oenotria jura Carthago.* Estacio: *Sontesque evolvere Thebas.* Tem mais a excellencia de propôr em huma só oitava, incluindo nella as circunstancias todas, que devia observar na sua acçaõ. A harmonia, e a elegancia dos versos he igual ao hiperbole da clausula ultima, e acaba felizmente com a Assyndethon, de que usa tirando as conjuncções a este verso: *A' patria, ao mundo, á eternidade canto.* Na invocaçaõ se ajusta com Virgilio, e na Dedicatoria mostrou boa eleiçaõ; pois sendo o Poema em gloria da maior Cidade, que inclue o Imperio del-Rey de Hespanha, era justo, que elle fosse o Protector, e quando naõ houvera nesta obra outro verso mais que este: *De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas*, bastava para que alcançasse no mundo eterna fama. A melhor Dedicatoria, que se lê nos escritos dos Poemas Latinos, he a de Lucano a Nero, e depois desta a de Estacio a Domiciano. Parece-me, que he taõ manifesta a vantagem, que leva a nossa a am-

bas, que querer prova-la com razões seria da lugar a que se duvidasse.

Em nenhuma cousa mostrou mais o nosso Poeta seu talento, que no exordio da narraçaõ, pois começa do principio da fabula, que he o ponto, donde deve começar o Poema heroico, e naõ no meio, como fez Camões, vendo que Virgilio dá principio ao seu Poema com Eneas á vista de Carthago, e que logo conta a guerra de Troya, e tudo o mais, que passára no caminho; o que seria truncar a acçaõ, e começar no meio della, se o intento fôra cantar do incendio Troyano, da fugida de Eneas, e da guerra de Italia; porém naõ podia ser, porque se o Poeta da pequena Iliada errou, (como quer Aristoteles) porque cantou de toda a guerra de Troya; e se Homero elegeo sómente huma parte della, por naõ incluir muitas acções, absurdo inexcusavel seria o de Virgilio, se cantasse da destruiçaõ dos Troyanos, da peregrinaçaõ de Eneas, e da conquista de Italia; porque neste progresso ha materia para tantos Poemas, que só no que pertence a Troya conta Aristoteles nove acções, a saber: *Philocletes*, *Neoptolemus*, *Eurypilus*, *Emendicatio*, *Lacæna*, *Ilii excidium*, *Reditus*, *Synon*, *e Troiades*. Além do que a proposta da Eneida está dizendo claramente, que a acçaõ he só a guerra de Italia; e se no primeiro verso se fala em Troya, he *appositivè* para formar a perifrase do heroe, que se em lugar de *Virum*, *qui primus ab oris Troiæ*, &c. dissera: *Æneam*, *qui fato profugus venit ad Italiam*, era o mesmo *quoad*

significatum, e escusava-se o falar em Troya; e naõ obsta, que a destruiçaõ de Priamo, e os trabalhos todos, que passou Eneas antes de chegar a Carthago, se refiraõ no Poema, porque tambem na Odisséa de Homero se conta a guerra de Troya, e tudo o que o heroe passou até chegar á Ilha de Calypso, e mais a acçaõ he sómente a vingança de Ulysses, como diz Aristoteles: *Inimicos autem perdidit, hoc itaque proprium ejus poematis est, nam cætera ad episodia pertinent.* Assim tambem na Eneiada tudo o que ha entre desembarcar, e sahir de Carthago, he accessorio no Poema. Bem o mostra aquelle verso: *Hinc me digressum vestris Deus appulit oris*, donde Escaligero diz: *Quare summus Poeta ad eum modum digressit ut Æneæ enarrationis finis fuerit operis initium.* Imitou o nosso Poeta na textura deste Poema a da Eneiada, ensinando-nos a entender o que muitos modernos naõ alcançáraõ. Desembarca Ulysses, admitte-o Cyrce, dá-lhe hum esplendido convite, pergunta-lhe pela guerra de Troya, conta-lha elle por extenso; e da mesma maneira, que em Carthago deliberou Eneas sujeitar a Italia, assim tambem Ulysses nas terras de Cyrce se dispôz a vir á Lusitania, e naõ sómente achou favor, e poder, mas galhardos, e maravilhosos motivos, que foraõ o primeiro mobil da fundaçaõ da Cidade de Lisboa. No principio da acçaõ começaõ todos os Poemas, que celebraõ Grecia, e Roma. Homero, porque na Odisséa tomou por sujeito a entrada de Ulysses em Ithaca, começou em Ogigia, que foi

onde os Deoses compadecidos dos trabalhos de Ulysses ordenáraõ restitui-lo a sua esposa. E ainda que vejamos começar a Iliada com os Gregos já cercando a Troya de muitos annos, nem por isso se ha de presumir, que se truncou a acçaõ do Poema, porque Homero elegeo sómente a ultima parte da guerra: *Nunc vero* (diz Aristoteles) *ejus recte una dumtaxat parte suscepta pluribus in ea episodiis usus est.* E se o seu intento fôra incluir tudo o que Achilles obrou em favor de Meneláo, houvera de começar na primeira causa, que foi o roubo de Helena. Assim o fez Estacio, que porque determinou celebrar as acções todas deste heroe, (*nos ire per omnem heroa, &c.*) começou quando Páris sahio de Ebalia com Helena. Valerio Flacco no seu Poema dos Argonautas (que he quasi a mesma acçaõ, que a de Luiz de Camões) naõ começou com Jasaõ perto de Colcos, mas imitando a Apollonio dá principio á narraçaõ no odio de Pelias, que foi a causa da jornada. Este mesmo estilo segue Lucano, pois declara primeiro que tudo, quaes foraõ as causas da guerra civil, logo começa com Cesar á vista do rio Rubicon. Silio Italico sendo o sujeito do seu Poema a victoria, que Scipiaõ Africano alcançou de Annibal, entra declarando a origem, e fundaçaõ da Cidade de Carthago. O principio da Proserpina he a queixa, que teve Plutaõ de os Deoses lhe naõ darem esposa. E o da Metamorfosi he o Cháos, que os Filosofos antigos imagináraõ antes da creaçaõ do mundo. E finalmente parece isto taõ posto em razaõ, e he esta

verdade taõ manifesta, e taõ seguida de todos os bons engenhos, que no exordio da Thebaiada olhou o Poeta para a fabula, e querendo que tivesse principio no primeiro motivo da guerra, perguntou á Musa se começaria na origem da Cidade de Thebas: e a razaõ disto foi, porque entendeo, que devia começar naõ só no principio da contenda de Etheocles, e Polynices, mas na causa, ou na razaõ natural, que entre elles houve para o grande odio, que se tiveraõ, suppondo que eraõ taõ tyrannos, taõ impios, e taõ malevolos, porque descendiaõ (segundo a fabulosa fundaçaõ de Thebas) da serpente de Cadmo. E começa a narraçaõ com Edipo cégo, e com o concerto que fizeraõ os dous irmãos de que ambos governariaõ cada hum seu anno, que foi o principio, e a causa da guerra. Sobre tudo a maior razaõ, que ha, para que o Poema comece a narrar no principio da acçaõ, he considerar, que a arte (como diz Quintiliano) deve imitar a natureza, e sendo isto assim, o modo natural de contar as cousas pede, que primeiro se digaõ as que preferem, e logo as que se seguem: *Initio secundum naturam sumpto primum à primis*, (diz Aristoteles no cap. 1. da Poetica) de modo que as partes do que se conta haõ de observar na relaçaõ a mesma ordem, que ellas guardaõ entre si. Seja pois principio do Poema o que o he da fabula; que de outra sorte será perverter a ordem, a qual importa muito para a apprehensaõ da memoria, como diz S. Clemente no 1. livro do seu reconhecimento: *Multum namque ad recordandum pro-*

dest ordo dictorum. E nenhuma arte ama tanto a ordem, como a Poesia, porque o verso naõ he outra cousa mais que huma boa ordem de vozes; e por isso os Gregos lhe chamáraõ Estichis, que quer dizer boa disposiçaõ, ou boa ordem; donde veio Xenofonte a dizer, falando do campo, que humas arvores estavaõ dispostas em 15 estichidos, que quer dizer em 15 versos, e alguns querem tambem que o mesmo fizesse Virgilio naquelles dous lugares: *In versum distulit ulmos: Triplici pubes, quam Dardana versu. Imitetur igitur* (como diz Cicero ad Heren.) *ars naturam, & quod ea desiderat, inveniat, quod ostendit, sequatur.* Naõ haja obra, cujo meio seja principio, e cujos effeitos sejaõ primeiro que as causas, que será monstro, e cousa alheia do natural, porque segundo a ordem das cousas creadas todo o principio he primeiro que o meio: *Et à causis progredimur ad effectus.* Veja-se o livro 2. *de Oratore*, onde falando Cicero da narraçaõ, diz, que será: *Perspicua, si ordine temporum conservato narratur.* Alarguei-me neste ponto mais do que permitte a brevidade, que procuro, porque como o nosso Poema nesta circunstancia se apartou do commum dos modernos, era necessario dar parte das muitas razões, em que o Poeta se fundou. E naõ se entenda, que o meu animo he reprovar a Luiz de Camões; que isto, em que elle se naõ ajustou com a arte, he cousa, em que muitos se enganáraõ, e naõ lhe tira a authoridade; que tem tanta, que naõ será reprehendido quem o seguir, porque a Lusiada me-

rece, que a tenhamos por texto, e eu reconheço nella toda a grandeza, e excellencia, que com tanta erudiçaõ observa em seus Discursos Politicos o Doutor Manoel Severim de Faria, Chantre, e Conego da Sé de Evora.

Amplifica-se a acçaõ com maravilhosos episodios, e com peregrinas digressões, tudo de cousas pertencentes ao sujeito, e ao intento do Poeta. O primeiro episodio (que he o de Cyrce) iguala ao de Dido, e a primeira digressaõ (que he a jornada) fez-se por competir a Virgilio, e porque désse conta Ulysses de tudo o que passou antes de chegar a este porto, e tivesse mais lugar de pedir a Cyrce, que em paga do que referira, lhe vaticinasse o que havia de succeder-lhe, com o que acudio o Poeta a huma figura, cujo nome he Peripecia, que quer dizer mudança das cousas em contrario, e em diverso, ou acontecimento maravilhoso: propriedade taõ natural nos Poemas heroicos, que Estrabo chamou á Iliada *Alithis Peripetias*, que he o mesmo que verdades, ou relações, em que concorrem as circunstancias, que acima dissemos. Ha nesta digressaõ muito de maravilhoso em quanto Ulysses refere todos os trabalhos, que passou; e ha tambem huma agradavel mudança das cousas em diverso, e em contrario; pois sendo que Ulysses esperava de Cyrce puramente hospicio, e favor, com que pudesse seguir sua derrota, aconteceo, que naõ só ella se lhe affeiçoou, (o que foi diverso) mas lhe fez a saber, que os Deoses o guardavaõ para fundador de huma das grandes Cidades do mundo,

e ultimamente fez que elle viesse á Lusitania com animo de conquistar o melhor de seu sitio, e dar principio ao Reyno de Portugal; o que foi contrario ao intento com que entrou neste porto, que era de reformar a sua armada, e ir-se para a sua terra. Começa a contar a jornada desde a sahida de Troya para metter no meio do caminho o vaticinio de Proteo, imitado galhardamente de quando lá na quarta rapsodia da Odisséa de Homero conta Meneláo a Telemaco o que em Egypto lhe acontecêra. Na descida de Ulysses ao inferno naõ segue a Homero, e foi acerto, porque supposto que era bem que o fim desta ficçaõ fosse para saber Ulysses, naõ dos Capitães Gregos, mas dos Monarcas, e heroes valerosos, que haviaõ de florecer na Cidade, que queria edificar, sendo força variar no fim, naõ sómente lhe era licito variar nas circunstancias, mas convinha, que Ulysses entrasse no inferno acompanhado de Cyrce; porque se ella era taõ grande magica, e estava namorada de Ulysses, parecia acçaõ natural, e forçosa acompanha-lo até o pôr em seguro, e naõ deixa-lo ir só, como nas Ilhas Cimmerias; e sobre tudo he costume entre os Poetas quando usaõ da figura, a que as artescha maõ *Magthacnia*, (que quer dizer Poesia magica) valerem-se, ou de huma Sibilla, como fez Virgilio, ou de huma feiticeira, como Lucano, ou de hum Mago, como Torcato. E isto para acudir ao verosimil, porque naõ he proprio do heroe fazer conjuros, rhombos, circulos, caracteres, e as demais ceremonias diabolicas, de

que usa a Magica. Ariosto porque vio que depois de pintar hum cavalleiro armado voando pelos ares, convinha accrescentar, que era feiticeiro, diz: *Quel era un Nigromante*, &c. e se os Poetas buscáraõ de fóra da fabula pessoas, a que attribuir esta acçaõ, descuido seria muito grande, havendo neste Poema a Cyrce, deixar de a fazer authora de tudo o que pertencia a esta arte, pois foi por ella taõ célebre no mundo, que de Cyrceo (que he o mesmo que escrever caracteres magicos) lhe chamáraõ Cyrce; e tudo o que se conta de magos, e feiticeiras se attribue a ella. Tanto que Rafael Volaterrano, traduzindo a Odisséa, quando Minerva diz a Jupiter, que havia muitos annos que Calypso tinha a Ulysses em sua terra, onde o texto Grego diz: *Atlantos tigatir oloophronos*, (que quer dizer a Magica filha de Atlante) traduzio: *Quam filia divi Atlantis Circe retinet*. Sendo que o Poeta fala aqui de Calypso, e he notorio nas fabulas ser esta a filha de Atlante; porém como falando-se de feitiçarias se entende Cyrce, enganou-se na versaõ do lugar parecendo-lhe, que só a ella convinha *directè* o epitheto Oloophronos, que aqui por Hypallage convém a Calypso, e he o mesmo que *Venefica sciens*. Tambem andou com muito acordo em fazer que Mercurio désse a Ulysses em lugar da raiz do Molio hum annel, porque para o effeito o mesmo he huma cousa, que outra: além disto da parte do heroe naõ he taõ authorisado trazer por defensivo huma herva, como hum annel, e da parte de Mercurio parece remedio

de cigana. Em hum annel trazia Annibal o veveno, com que se matou; donde Ariosto teve motivo para a ficçaõ do annel de Bradamante. Vai-se divertindo felizmente a conclusaõ do Poema com agradaveis figuras, e varias fantasias poeticas. Naõ he mais vistoso, nem mais necessario na Farsalia o sonho de Pompeo, quando lhe apparece a alma de Julia, que o de Ulysses quando vê a Idotea, e nos campos do Tejo a Ninfa Legea. Que agradavel he a resenha, que faz do exercito no livro oitavo! Naõ pinta nenhum Capitaõ, em que naõ observe circunstancias differentes, e dignas de admiraçaõ. Os vaticinios redundaõ em número, e em bondade, e com serem muitos estaõ enxeridos com tal artificio na fabula, que todos saõ necessarios. As figuras allegoricas, Lanoso, Valinferno, Bolaõ, e outras, que deixo por naõ cansar, daõ notavel graça ao Poema, assim pela discriçaõ das pessoas, como pelo que obraõ. No discurso da guerra, que de ruinas ha taõ espantosas, e taõ varias! Nos acontecimentos parece que esgotou toda a variedade, todo o artificio, toda a prudencia, e toda a novidade. Que peregrino, que suave, que brando, que elegante, que cortez, e que affectuoso he nos amores! Tomara que a esfera deste discurso naõ fôra taõ breve, para mostrar aos curiosos o quanto nesta parte avantaja este Poema aos Gregos, Latinos, e modernos. A primeira idéa amorosa, que achou engenho humano, he tudo o que os ventos dizem quando as Ninfas lhes rogaõ, que naõ alterem os mares.

A Periferia (que he a peregrinaçaõ dos heroes) está neste Poema em sua perfeiçaõ, e assim tambem a Epignoscis, a que Aristoteles chama *Agnitio*. Veja-se o 4. livro quando Ulysses reconhece o que Proteo lhe vaticinou. He admiravel no scientifico: he prudente na bracologia, e na ecthania, *id est*, no abbreviar a fabula, e no estende-la a seu tempo. E he grandemente proporcionado na figura Dianomi, que ensina a repartir bem as partes do Poema; o que importa muito, porque fazer sobre a fabula de Adonis cinco mil oitavas he *induere culicem Herculea veste*, e fazer hum canto de duzentas oitavas, e outro de quinhentas he ser *sui inops*. Usa felizmente das tres figuras, de que mais necessita a textura, que saõ: *Parasceve*, *Analogia*, *Téliotis*, *id est*, preparatorio, proporçaõ, perfeiçaõ. Observem isto com cuidado os Criticos, acharáõ, que naõ ha mudança de materia sem que prepare, e sem que esta preparaçaõ seja adequada á cousa, para que prepara; e naõ acaba sem clausula final: quero dizer, sem concluir com tanta graça, que antes de acabar faz appetecer o entendimento objecto novo. He summamente profundo, e summamente claro no tocar as fabulas. A melhor frase, e o mais sublime estilo, com que se póde encarecer a excellencia da peroraçaõ do Poema, será dizendo, que he igual á Dedicatoria; e advirta-se, que ainda que Torcato, e outros modernos deixáraõ de perorar, he obrigaçaõ do Poeta quando acaba despedir-se do Leitor, ou do Mecenas com algumas galanta-

rias, que sirvaõ de remate a toda a obra. Assim o fizeraõ todos os Latinos, excepto Virgilio, e Lucano, que naõ acabáraõ os seus Poemas. E enganaõ-se os que imaginaõ, que faltou nesta parte Silio Italico; porque serve de peroraçaõ a apostrofe, que no cabo faz á memoria de Scipiaõ Africano, que supposto que os mais costumaõ falar com o Leitor, ou com o Mecenas, tambem pódem falar com algum heroe dos que celebraõ, ou com a Musa, como faz o Licenciado Francisco Lopes de Zarate no seu Poema da Invençaõ da Cruz: *Musa, pues diste fin, cellen tus labios Con la veneracion, que a la Cruz deves, &c.* Sobre todas as excellencias a de maior assombro, e que mais reputaçaõ adquirirá a esta peregrina obra, he o poetico resplandor, que nos versos reverbera. A claridade, ou a energia (que he a evidencia no dizer) observa tudo quanto Hermogenes admoesta na palavra Safinia. A grandeza do estilo (a que Quintiliano chama *Adron*) está aqui tanto *in suo esse*, que naõ póde haver no falar humano locuçaõ mais sublime. A formosura, ou a galhardia das vozes em qual dos escritos, que a fabula solemnisa, se achará com tanta superioridade? A bella Aurora, Que quando ri nos Ceos, nos campos chora. Versos foraõ estes, de que Fr. Lope Felix de Vega Carpio se pagou tanto, que todas as vezes que na Corte nos viamos, os repetia, recreando-se na graça, e artificio delles. A brevidade no explicar a sentença he soberana: tarda muito pouco em dar fórma ao conceito, que he o que encommenda Hermo-

genes na palavra *Gorgotis*, que val o mesmo que pressa. As mãos fendidas acha a testa armada. O que este verso insinua, naõ se podia dizer com menor ambito. Na imitaçaõ dos costumes ha maravilhoso caracter. No sentencioso tem huma verdade contínua, fundada naõ sómente sobre a razaõ, mas sobre tudo o que disseraõ os doutos do mundo. No grave, no triste, no alegre, no feroz, no severo, no florido, e em todas as mais fórmas de oraçaõ mostrou grande fineza; e grande juizo em escolher o tempo, e o lugar. Nas metaforas tem moderaçaõ, e propriedade, porque saõ poucas, usadas em seu lugar, e todas fundadas na circunstancia mais vista, e mais notoria dos sujeitos; o que he taõ difficultoso, que observando Aristoteles o inaccessivel da Poesia, diz, que sómente os homens de engenho preclaro sabem usar da metafora com perfeiçaõ: *Solos euferis, qui præclari sunt ingenii, posse eumetapherin.* Veja-se o Perieureseon de Hermogenes. A energia he toda taõ clara, taõ fina, e taõ efficaz como a deste verso: Satyros de metal de crespa fronte. A tudo isto iguala a copia *verb. e rer.* que he taõ fertil, que a naõ esgota a semelhança dos sujeitos. Na Onomatopeya he taõ modesto, que nenhuma palavra usa estranha, que a naõ peça, ou o adorno, ou a falta da lingua. He tal a harmonia do verso, o espirito, o artificio poetico, a differença dos consoantes, a suavidade das clausulas, a brandura, e moderaçaõ, com que usa das Synalefas, das Syneresis, das Dieresis, das Hipalages, e de tudo o que mais pertence a

Eufonia, que naõ acha o ouvido cousa que o naõ recree. Mas será necessario outro Poema para dizer o menos do que neste admira o entendimento. Attribuíraõ os Poetas muitos olhos, e muitas linguas á Fama, porque entendêraõ, que as obras grandes naõ podia hum só intuito examina-las, nem huma só lingua encarece-las. Acabe pois a Fama este meu discurso, penetre os reconditos, que eu naõ alcancei, e diga tudo o que ha de maravilhoso nestes versos, ainda que sómente quem os soube fazer, os saberia solemnisar.

ULYSSÉA.

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO.

O Mar Jónio Ulysses dividia,
E rendido ao furor do bravo vento,
Amparo, e porto a Jupiter pedia,
Que os Deoses convocou do ethereo assento:
De Atlante o neto as náos ao porto guia,
Onde achando suave acolhimento,
Cyrce, de ver Ulysses obrigada,
Porto, e descanso dava á Grega armada.

I.

As armas, e o Varaõ, que os mal seguros
Campos cortou do Egeo, e do Oceano,
Que por perigos, e trabalhos duros
Eternizou seu nome soberano:
A graõ Lisboa, e seus primeiros muros,
(De Europa, e largo Imperio Lusitano
Alta cabeça) se eu pudésse tanto,
A' Patria, ao Mundo, á Eternidade canto.

II.

Lembra-me, Musa, as causas, e me inspira
Como por tantos mares o prudente
Grego, vencendo de Neptuno a ira,
Chegóu do Téjo á tumida corrente:
Ouvirá o som da Lusitana lira
O negro Occaso, e lucido Oriente,
Se tu dás ser a meu sujeito falto,
Para que caiba em mim furor taõ alto.

III.

Vós, graõ Senhor, com quem o Ceo reparte
Dons, que o poder excedem da ventura,
Que, armado, filho pareceis de Marte,
E Adonis, desarmado, em formosura,
Em quem se unio por natureza, e arte
Co'a mór severidade a mór brandura,
Que em vossa altiva fronte o pezo grave
Amor excita com temor suave:

IV.

Vós, que nos tenros annos hum gigante
Representais, e como forte Godo
Novas esferas, que naõ soube Atlante,
Sustentais por mais alto, e raro modo:
Que com hombros armados de diamante,
Sem c'o pezo inclinar do Mundo todo,
Dais santas leys ás terras mais estranhas
De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas:

V.

Vós, Alcides Hesperio, a quem naõ cansa
Vencer monstros do Polo congelado,
Qu'inda de sangue seu por vossa lança
Seu plaustro as Ursas haõ de ver banhado:
Por vós, que encheis de medo, e de esperança
O Mundo, quando entrais no campo armado,
De que o grito immortal da fama corre,
D'onde o Sol nasce, ás ondas, onde morre:

VI.

Vós, Aguia imperial, a que o Ottomano
Falcaõ temendo as livres azas cerra,
A quem naõ haõ de ser pelo Oceano
As Orcades, ou Thule ultima terra:
Vós, açoute do torpe Lutherano,
Que buscando alta fama em dura guerra,
Penetrareis as grandes serras, onde
A famosa cabeça o Nilo esconde:

VII.

Vós, que humildes fareis os empolados
Mares, naõ sendo navegados dantes,
E os campos de Ampelusa subjugados
Vereis, pizando as Luas arrogantes:
E a vossos pés rendidos, e prostrados,
O Dragaõ frio, os Persicos turbantes,
E tudo o que ha do Antarctico a Calisto,
Té o graõ Sepulcro libertar de Christo:

VIII.

Suspendei por hum pouco do aureo Sceptro
A regia Magestade soberana,
Ouví cantar ao som do Grego plectro,
Com grave accento a Musa Lusitana:
E em quanto dais a mais sonoro metro
Obras dignas de gloria mais que humana,
Dai-me vosso favor, que nelle espero
Cantar de Ulysses, imitando a Homero.

IX.

Cortando o golfo Jonio proseguia
Seu curso a Grega armada, quando irado
Boreas as negras azas sacudia,
Sobre o mar todo em serras levantado:
Euro bramindo o centro revolvia,
Via-se o ar de nuvens coroado,
E o fogo, e confusaõ, que o Inferno imita,
Mostra que o Ceo no mar se precipita.

X.

Ao longe o mar bramia horrendamente
Quebrando as ondas, que c'o vento crescem,
Vaõ-se os ares cerrando, em continente
Da vista o mar, e o Ceo desapparecem:
Encanece Neptuno; que o valente
Austro as ondas levanta, e quando decem
Deixaõ-se ver as grutas, e as montanhas,
Que esconde o mar nas humidas entranhas.

XI.

Em braços da tormenta embravecida,
Que ás náos ultimo estrago ameaçava,
Corria a armada Grega dividida,
Que já apenas as ondas contrastava:
Vendo-a o Dulichio quasi submergida,
Porque do porto o vento a desviava,
Co'a confusaõ do esp'rito aos Ceos erguia
A lagrimosa voz, e assim dizia:

XII.

O' grande Ammon, que a terra rodeaste
Dessas figuras bellas, e prestantes,
E esta lustrosa machina abraçaste
Co'as luzes das esferas rutilantes:
Que o destino das cousas, que creaste,
Escreves nesses lucidos diamantes,
Sendo divinas letras as estrellas,
Porque teu graõ poder leamos nellas:

XIII.

As furias doma de Neptuno irado,
E aplaca as iras do soberbo vento,
Pois das estrellas, e do mar inchado
Só pódes alterar o movimento:
Tu, que ordenas repouso ao Sol dourado
No grande leito do humido elemento,
Fazendo com justissima balança
Seguir á tempestade a mór bonança:

XIV.

Naõ permittas, Senhor, que este desterro,
Que ha tantos annos temo, ha tantos sigo,
Dilatando-se vá de erro em erro,
Que menos temo a morte, que o perigo:
Permitte-me lançar seguro ferro
Naquella doce praya, e porto amigo,
E que possa gozar alegre porto,
Quando naõ seja vivo, ao menos morto.

XV.

Ouvio o graõ Tonante o affligido
Coraçaõ, com que Ulysses se queixava,
E nas entranhas paternaes movido,
Dar-lhe porto, e descanso desejava:
E para ser de todos entendido
O que do forte Ulysses se ordenava,
Conselho quer fazer no Ceo superno,
Onde declare este decreto eterno.

XVI.

Ao grande Olympo tinha convocado
Dos Deoses a divina companhia,
Os que na Zona ardente, e congelado
Polo gozaõ do largo, e breve dia:
Já para a hora, e tempo limitado
Chamados de Cyllenio a lactea via
Pisando vem, e as Deosas da prestante
Filha da bella Electra, e de Thaumante.

XVII.

Nos quicios d'ouro solido, e seguro
Geme a porta do Olympo omnipatente,
Treme dos claros Ceos o cristal puro
Ao aceno de Jupiter potente:
De Balais, e Çafira o solio duro
Formava hum jaspeado transparente,
E Jupiter, envolto em claridade,
Tinha ante o rosto hum véo de magestade.

XVIII.

Nova luz de seu rosto recebendo
Com Jupiter assiste a cara esposa,
Elle os raios depõe, de quem tremendo
Está do Mundo a machina lustrosa:
O aligero Cyllenio recolhendo
Os Deoses na alta sala, e luminosa,
Nella lugar lhes dava, qual convinha,
Seguindo a ordem, que de Jove tinha.

XIX.

Vê-se o intonso Apollo, e junto delle
Mavorte altivo armado de diamante,
Cobrindo os membros nús d'uma aurea pelle
Vulcano, Deos do fogo rutilante:
O rubicundo filho de Semele,
E o da formosa Acesta, a quem diante,
Dando co'as azas brandos movimentos,
Vaõ como pagens os menores ventos.

XX.

Pallas armada valerosa entrava,
E logo a bella Deosa, que em Cythera,
Paphos, e Gnido reina, e se mostrava
Bellona no semblante irada, e fera:
Nenhum dos altos Deoses se assentava,
Que sinal da tranquilla maõ se espera
De Jupiter, que inclina a luz serena,
E que se assentem gravemente acena.

XXI.

Resplandecia Jove no alto assento,
A que suavemente se subia
Por degráos de cristal, cujo ornamento
De prata, e d'ouro o resplandor vencia:
E no docel, que iguala o firmamento,
Brilhava a radiante pedraria,
Que a clara luz do Sol, e sua belleza
Vence na graça, excede na pureza.

XXII.

O estrado de materia era mais fina,
Que a massa das purissimas estrellas;
Hum arco vario fórma Iris divina
D'outras cores mais finas, e mais bellas:
O tempo, fim das cousas, se reclina
A seus pés, como autor de todas ellas,
E os esp'ritos, que em roda lhe assistiaõ,
Como atomos da luz, voando ardiaõ.

XXIII.

Abaixo os Semideoses preeminente
Assento tinhaõ de cristal lavrado,
E o rio de mór fama, e mór corrente
Está sobre urnas de ouro reclinado:
Treme a parte do Ceo mais eminente,
Hum lume arcano as portas tem guardado:
Silencio dá com tom de voz suave,
E das palavras segue o pezo grave.

XXIV.

Vistes como de Troya debellada
Sahio Ulysses? Como o mar undoso
Do Hellesponto passou, e da encurvada
Cyconia costa o porto perigoso?
As tormentosas Syrtes, e a abrazada
Praya Africana? Como ao temeroso
Cyclope a luz da carregada fronte
Nas entranhas rompeo de hum grave monte?

XXV.

Pois agora obediente ás leys dos fados,
A Lusitana costa vai buscando,
Por força, e arte mares empolados,
Duros ventos vencendo, e contrastando:
Por mitigar trabalhos taõ pezados,
Quero que Cyrce com repouso brando,
A pezar de Neptuno, e bravo vento,
Dê á cansada armada acolhimento.

XXVI.

Por este Capitaõ, por esta gente
A eterna ley do immobil Fado ordena
Se funde huma Cidade, onde a corrente
Do Téjo se dilata mais amena:
A quem o Gange, e o Indo do Oriente
As leys viraõ pedir, e paz serena,
Fazendo obedecer-se a graõ Lisboa
Do tardio Boote á tocha Eoa.

XXVII.

E pois o fado assim o determina,
Quero, sagrados Deoses, que o facundo
Ulysses veja as partes, donde inclina
Seu aureo coche o Sol ao mar profundo:
Levante huma Cidade peregrina,
Cabeça alta do mundo, hum breve mundo,
Que occupe com eterna monarchia
Té os horizontes ultimos do dia.

XXVIII.

Disse: e qual nos primeiros resplandores
As abelhas sollicitas, levando
O rocio subtil das puras flores,
Na conhecida casa vaõ entrando:
Adonde os suavissimos licores
Com estranho artificio dilatando,
Se ouve hum leve susurro: assim soava
O rumor, que entre os Deoses se formava.

XXIX.

Já cessára de todo o rumor leve,
Porém Marte, que o caso mal soffria,
Mil pensamentos neste espaço breve
Na soberana mente revolvia:
Até que c'o respeito, que se deve,
Do lugar, que occupava, em pé se erguia,
Dando dous passos pela regia sala,
E desta sorte airoso a Jove fala:

XXX.

Jupiter poderoso, e sempiterno,
A quem só foy o Olympo em sorte dado,
Que deste alcaçar o caminho eterno
Tens de estrellas luzentes adornado:
Que os diafanos Ceos, e escuro Inferno,
Vês a teu graõ poder ajoelhado,
E os montes, que co'as nuvens se terminaõ,
A teu nome a cerviz tremendo inclinaõ:

XXXI.

Tu, que ao celeste globo, a esta dourada
Machina déste luz, déste belleza,
E na terra dos homens habitada
Dás vida, e leys á mesma natureza:
Que o Sol pizas, e a Lua prateada,
E os elementos desta redondeza
Concertas, dando aos peixes as suaves
Ondas, ao monte as feras, ao ar as aves:

XXXII.

Cousa parece, graõ Senhor, estranha,
Que venha a occupar o solio Hesperio
Hum enganoso Grego, que por manha
Trocou de Troya em cinza o antigo Imperio:
A fama, que hoje a Alcides rende Hespanha,
E ao padre Baccho o Indico hemispherio,
Em grande opprobrio seu por esta via
Na memoria dos homens ficaria.

XXXIII.

Havendo mais, que os Gregos offendido
Tem aos Deoses do Olympo iniquamente;
Que eu entre as armas Gregas fui ferido:
A quem taõ grande mal naõ foi presente?
Pois como a hum fraudulento, a hum atrevido
Queres dar nome, e fama preeminente,
Para que esqueça em sua nova gloria
Das immortaes deidades a memoria?

XXXIV.

Aqui cessou Mavorte, e da viseira
O fumo da corage ardendo exhala,
Quando deixando Pallas a cadeira,
O meyo occupa da divina sala:
Botando o escudo atraz, forte, e guerreira,
Marte (dizia) se arrojado fala,
Occasiões dará, donde se veja,
Que naõ he zelo o seu, mas pura inveja.

XXXV.

Se aqui fora lugar, força bastante
Tenho, e valor, diz Pallas enojada,
Indo embraçando o escudo rutilante
Com vista hum pouco aceza, e côr mudada:
Na divina cadeira o graõ Tonante
Bateo, dizendo: Basta, e da pancada
Tremeo o Ceo, e os orbes estrellados
Nos mesmos eixos, onde estaõ cravados.

XXXVI.

Assim c'o immobil Fado o determino,
Diz Jupiter com voz grave, e severa:
Em pé junto do assento cristallino
Cada hum sinal para partir-se espera:
Ajoelhando a Jupiter divino
Todos se tornaõ á sua propria esfera,
E Jove neste tempo do alto via
A armada, que entre as ondas perecia.

XXXVII.

Manda Mercurio logo; elle os talares
Divinos, e galero alado toma,
Qual leve seta vem partindo os ares,
E de Eolo, e Neptuno as forças doma:
Compõe do undoso pégo os grossos mares,
E quando no horizonte o Sol assoma,
Ao porto a armada chega, aonde aferra
A tenaz unha a desejada terra.

XXXVIII.

Carrega os hombros d'um gracioso outeiro,
De bosques povoado, em largo assento
Hum soberbo castello, alto, e guerreiro,
Que da formosa Cyrce era aposento:
Onde com sua luz fere primeiro
Phebo em seu abrazado nascimento,
Que sobre as densas nuvens eminente
As chuvas, e os trovões abaixo sente.

XXXIX.

No largo porto entrado a armada tinha,
Onde Ulysses ordena, que Creonte
Os trabalhos, e affrontas, com que vinha
Sulcando o largo mar, a Cyrce conte:
Acompanhado sobe qual convinha,
E o alto piza do soberbo monte,
Dos paços admirava a architectura,
E mais de Cyrce a rara formosura.

LX.

Ella depois de o ouvir, e ter presente
Os successos de Ulysses destroçado,
Seus caracteres faz, com que se sente
C'os seus Creonte n'outro ser mudado:
Qual de usso a pelle immunda, ou de serpente,
Qual brancas pennas veste, e o ar delgado
Vay abrindo, e suspenso o pezo teve
Sobre as azas iguaes do corpo leve.

XLI.

Qual, vendo ao companheiro ir-se mudando,
Quer soccorre-lo, e leva meia espada,
E ao infelice Actéon imitando,
As mãos fendidas acha, a testa armada:
Qual, Libico leaõ representando,
Ruge em lugar de voz articulada,
Qual como touro pelos montes brama,
Qual na agua veste prateada escama.

XLII.

De seus versos a fórça poderosa
A fórma humana troca em planta, ou fera,
Em peixe, ou ave, ou serpe venenosa,
Que o ser da humana natureza altera:
Qualquer nota das suas portentosa
Parar do Ceo faria a mór esfera,
Decer do alto ao centro o fogo leve,
Subir do centro o grave, arder a neve.

XLIII.

Quantas vezes os circulos dourados
Desse Ceo transparente, e cristallino
Vio no meio do curso estar parados
Jove inclinando o rosto peregrino:
Quantas a seu pezar vio eclipsados
A bella Cynthia, e claro Libistino,
Negros chuveiros assombrar os ares,
Bramar trovões, erguer-se aos Ceos os mares.

XLIV.

Aos seus estava Ulysses esperando,
Quando já de Latona o filho ardente,
Pelos balcões da Aurora passeando,
Mostrava a clara luz á cega gente:
Hiaõ-se já de perolas toucando
Os campos, porque as portas do Oriente,
Chorando aljofar, abre a bella Aurora,
Que quando ri nos Ceos, nos campos chora.

XLV.

Triste, e affligido está no pensamento,
Porque Creonte a vinda dilatava,
Teme de Cyrce o falso acolhimento,
Com que os sentidos, e animos ligava:
Quando o filho de Maya abrindo o vento
C'o caduceo, que as almas revocava,
E outras decer ao Tartaro fazia,
Pezando-se nas azas, lhe dizia:

XLVI.

Que esperas, Laerciade animoso?
Sabe, que Cyrce tem aos teus soldados
Co'a graõ força do encanto poderoso
Em brutos animaes já transformados:
Naõ fies de seu trato mentiroso,
Doces palavras, brandos gazalhados,
Porque outra cousa tem no pensamento,
Que até nas obras se acha fingimento.

XLVII.

Leva este anel, que vence a força dura
Do poderoso encanto, e a Cyrce obriga
Que te prometta pela Estige escura
Restituir aos teus a fórma antiga:
Que mudando os rigores em brandura,
Procurará agradar-te, como amiga,
Que ás vezes póde mais, que a força grave,
Hum pedir brando, e hum rogar suave.

XLVIII.

Disse, e na nuvem com veloz subida
Nos ares se escondia, e da divina
Luz das talares azas offendida
A vista, o que mais vê naõ determina:
Confuso o Capitaõ olha, e duvida,
Os olhos ergue, o joelho inclina
Beijando a terra, e vay subindo ao monte;
Onde a irmã morava de Phaetonte.

XLIX.

Sobe, e taõ concertados passos dava,
Que cousa humana Ulysses naõ parece,
Da forte companhia, que o cercava,
Co'a cabeça por cima resplandece:
De escamas de ouro o manto recamava,
Que do hombro a beijar a terra dece;
Opprimindo o cabello, e testa altiva
Dos cabellos de Daphne fugitiva.

L.

Sobre o punho da espada refulgente
Descansa a maõ esquerda, que levanta
Do manto hum pouco a fralda, e em continente
Airoso dos que o seguem se adianta:
Com aspeito Real, e preeminente,
Que dignamente louva quem se espanta,
Vaõ com elle Alcion, Clario, e Filemo,
Androgeo, Leostenes, e Palemo.

LI.

Dos paços sahio Cyrce acompanhada
Das que ella naõ deixava ser taõ bellas,
Qual Diana, na noite socegada,
Rodeada passea o Ceo de estrellas:
A maõ a Ulysses dava, que abrazada
A alma em gloria vê, e as suas donzellas
As daõ aos Capitães que alli se acháraõ,
E todos para os paços caminháraõ.

LII.

Abre-se a grande porta, onde assistiaõ
Quatro leões, que prezos a guardavaõ,
Que a Cyrce por senhora conheciaõ,
E passando, por terra se prostravaõ:
Outros guardados nas prizões rugiaõ,
E nas grades os dentes amolavaõ
Os feros javalis aferrolhados,
Por encanto de Cyrce transformados.

LIII.

Em quanto a larga escada vaõ subindo,
Os instrumentos musicos soando
Os levantados tectos vaõ ferindo,
De vozes varias huma voz formando:
Ulysses no suave gesto lindo
De Cyrce a alma, e olhos occupando,
Lhe parece que he rara maravilha,
Mais formosa que o Sol, de que era filha.

LIV.

Huma cota leonada traz vestida,
De borboletas d'ouro semeada,
E de serpes de aljofar guarnecida,
Nos golpes com diamantes apertada:
Solta pelas espaldas a comprida
Madeixa do cabello, taõ dourada,
Que do Sol parecia hum novo ensayo,
O rosto hum Sol, cada cabello hum rayo.

LV.

Em seu divino rosto a mesma idea
Da belleza igualada se mostrava,
E na luz que voando amor rodea
Contente, e lisonjeiro se abrazava:
Se a maõ, que faz a neve escura, e fea,
Por compor o cabello levantava,
Alli se vem arder em fogo leve
As desiguaes pyramides de neve.

LVI.

Na soberana fronte altiva, e branda
Amor tem seu poder abreviado,
Alli temido, e adorado anda
Como n'um campo de belleza armado:
Esta esfera mayor as outras manda
C'um movimento grave, e repousado,
E abaixo deste Ceo, e esta grandeza
He ar tudo o que esconde a natureza.

LVII.

Eraõ os olhos verdes, e senhores
De quanto vêm com branda tyrannia,
Em seus rayos, e puros resplandores
Aprendeo a ser bello o bello dia:
Se co'a formosa Deosa dos amores
Se achara em Ida, quando competia
Com ella Juno, e Pallas, vencedora
Só fora Cyrce entaõ, só Deosa fora.

LVIII.

Nestas fontes de luzes soberanas,
Que saõ de amor aljavas amorosas,
Fez elle agudos dardos das pestanas,
Armas sempre mortaes, sempre formosas:
Mil Cupidos com settas inhumanas
Saem destas luzes puras, e ditosas;
Que por naõ lhe escapar nada na terra,
Primeiro mataõ que publiquem guerra.

LIX.

Desce partindo o campo a bem tirada
Meta de tanta graça, e gentileza,
Ficando a cada parte a desfolhada
Rosa, em seu puro resplandor aceza:
Logo huma porta com rubins cerrada,
Donde abre, e fecha, com mayor belleza,
Em perlas vivas, e em palavras d'ouro
De graças immortaes vivo thesouro.

LX.

Destes Ceos o que acima se imagina,
Saõ crespos fios d'ouro, que deitados
A descuido da maõ pura, e divina,
Fazem 'spaços de amor imaginados:
Que em confusa belleza, e peregrina
Envoltos, e nos hombros espalhados
Ondas levantaõ, dando ás liberdades
Nas soltas ondas soltas tempestades.

LXI.

Vê-se no rosto, e peito cristallino
Secreta formosura, que escondida
Dava por arte ao corpo peregrino
Outra graça mayor naõ aprendida:
Em seus membros o espirito divino
Com alma viva em cada parte unida
Resplandece, e na fala graciosa
Mostra, que era por graça mais formosa.

LXII.

Ambos entrando vaõ nas regias cazas
Ornadas de ouro, e sedas mais custosas,
Onde Cupidos com lascivas azas
Naõ tem voando as settas ociosas:
Queimaõ no mais secreto ardentes brazas
Aromaticas massas, e cheirosas,
E hum dos Cupidos, que nesta obra entende,
As azas bate, com que o fogo acende.

LXIII.

Detinha Cyrce os olhos na brandura
Do Grego capitaõ, e assim notava
O eloquente falar, e a compostura,
Que de Hybla os doces favos igualava:
O encanto acha sem força, e mal segura
A magica sciencia, de que usava;
Que a todos os que traz na companhia
Do anel a grande força defendia.

LXIV.

Tudo Ulysses comsigo considera,
E co'a vista a Creonte anda buscando,
Dissimula o que sente, hum pouco espera,
Por elle aos que o cercavaõ perguntando:
E porque a causa disto vê qual era,
Na bella Cyrce a vista socegando,
Mudada hum pouco a côr, pezado, e grave
Lhe fala com affeito, e voz suave.

LXV.

Quando, formosa Cyrce, destroçado
Tómo este porto, que he por vós famoso,
Naõ he razaõ que o brando gazalhado
Se troque em fingimento cauteloso:
As mostras desse rosto delicado
Mayor encanto saõ, e mais forçoso,
Que obriga a amar-vos pelo ver taõ bello,
E sempre padecer, e sempre vello.

LXVI.

Desta doce, e amorosa tyrannia
Já obrigado, e preso me confesso,
Liberdade a prisaõ propria seria,
Quando a causa do mal tem tanto preço:
Obrigado de amor, e cortezia,
Que em vosso real animo conheço,
Folgara, bella Cyrce, naõ houvesse
Cousa, que esta alegria escurecesse.

LXVII.

E para que socegue o pensamento
Da gente, que me segue mal segura,
Que teme este favor, e acolhimento,
Como se fora guerra aspera, e dura,
Nos promettei com grave juramento,
Formosa Cyrce, pela Estige escura,
De naõ usar de força, ou caracteres,
Em que trasluzaõ magicos poderes.

LXVIII.

Naõ vio o verde prado assi abrazada
A papoula gentil, e vergonhosa,
Nem de seu verde carcere afrontada
Sahir fugindo a pudibunda rosa,
Quando a manhã serena, e destoucada
Entre a capa das nuvens mais formosa
Passa embuçada, que fugir deseja,
Antes que núa seu amante a veja;

LXIX.

Como Cyrce escreveo no bello gesto
Com roxas letras o que n'alma havia,
Vendo-se o claro engano manifesto,
Que em suas faces bello se fazia:
Assim com puro affecto, e modo honesto,
Porque dar gosto a Ulysses pertendia,
Em tudo o que lhe pede o segurava,
E pelo Lago Estigio lho jurava.

LXX.

Para hum jardim entravaõ passeando,
Onde das varias flores a pintura,
No ar suaves cheiros exhalando,
Agradece de Cyrce a formosura:
Aos Capitães da maõ hiaõ tomando
As damas com effeitos de brandura,
Egiale, Ericia, Milia, Alphea,
Dimantes, Aglonice, e Panopea.

LXXI.

Estavaõ nas paredes engastadas
Estatuas excellentes, de grandeza
Excessiva, em extremo bem lavradas,
Que o natural excedem na viveza:
De altos varões, que foraõ nas passadas
Idades, e a presente estima, e preza,
Que de exquisitos marmores de Paro
Brias lavrou, e Calicrates raro.

LXXII.

Os vazios espaços occupavaõ
Os citreos troncos, verdes, e pregados,
Que gratos á cultura se mostravaõ,
De seus dourados pomos carregados:
As ruas de colunas se adornavaõ,
A que os fructos cobriaõ pendurados
De Thianeu, alegres, e suaves,
Regalo eterno das lascivas aves.

LXXIII.

N'outra parte o jardim se vê partido,
Que huma fina alcatifa representa,
De que a formosa Chloris, e o marido
De ser seu jardineiro se contenta:
De perpetuo veraõ favorecido
Novo Hymeto, que quando o Sol aquenta
O Caõ celeste, e fere o agudo Inverno,
Naõ lhe impede gozar de Abril eterno.

LXXIV.

Zefiro alegre, e brando com lascivas
Pennas menea as flores, que bolindo
Ambar exhalaõ, serpes fugitivas
De cristal, entre as hervas vaõ fugindo:
Das vivas pedras saltaõ gotas vivas,
De rocio suavissimo cobrindo
O prado, Ambrosia o verde bosque espira,
Retratado na liquida çafira.

LXXV.

Aqui a sabia, e mestra Natureza
Por huma ley igual, por certo fio
Naõ muda o verde rosto, e a belleza
No Inverno, Primavera, Outono, Estio:
Tempera o frio, a calma mais aceza,
Ella abranda o rigor do Inverno frio,
Que se abraçaõ com laço sempiterno
Estio, Outono, Primavera, Inverno.

LXXVI.

Com verdes pavelhões antros suaves
Vestem frescas estancias, onde ao vento
Espalhaõ queixas namoradas aves,
Enchendo o ar de seu canoro alento:
Grutas muscosas, onde as horas graves
Do sol regala hum brando movimento,
Ruas de verdes mirtos enredados,
Para estorvar o sol, das mãos tomados.

LXXVII.

Por entre elles estatuas cristallinas
Se mostraõ com decoro, e com grandeza,
Penhas onde se vêm neves alpinas,
Que desmentem as leys da Natureza:
De plantas verdes, e de cores finas
Bellos theatros tem a vista preza,
Onde o nectar da Aurora vaõ libando
Solicitas abelhas susurrando.

LXXVIII.

Alli Clicie formosa, e o jacinto
Se vê, que com fragrancia o ar inflama,
O achanto, e amárecho, que extinto
De seus aromas o vapor derrama:
E o filho de Cinara em sangue tinto,
Que a formosa Acidalia adora, e ama,
E o puro carmezim da rosa fina,
Emprestado das plantas de Erycina.

LXXIX.

No meyo do jardim de Apollo estava
Huma estatua de porfido luzente,
Que as de Sostrato, e Scopas affrontava,
Sobre Oecton, que respira fogo ardente:
Com rayos de cristal puro imitava
Os do Sol mais formoso, e refulgente,
Que alli naõ tinha occaso, e parecia
Querer fazer eterno o mortal dia.

LXXX.

Alli por urnas de cristal brotando,
Os tanques enche a cristallina fonte,
Que estaõ nos fortes braços sustentando
Satyros de metal de crespa fronte:
Este pequeno mar andaõ cortando
Os que a morte choráraõ de Phaetonte,
A quem do Sol, que na agua reverbera,
Guardaõ co'a sombra as filhas de Neera.

LXXXI.

Este quadro formoso assi adornado
Em mil fórmas de fontes se partia,
Donde o cristal cahindo destilado
Por ricas serpes de metal corria:
De conchas exquisitas variado,
Que o Sol nos mares Indianos cria,
Vencendo a limpidissima Pirene,
A famosa Libetro, e Hypocrene.

LXXXII.

Entre os bosques se via a filha cara
De Peneo, dando ao mesmo Sol ardores,
E o moço Phrygio, que a Cibele amara,
Quando o primeiro amor troca em furores:
De Tisbe a planta, que já a côr mudara,
Que sempre he triste o fructo dos amores,
Lotìs mudado em tronco o corpo bello,
E em verdes folhas o ouro do cabello.

LXXXIII.

O roble mais antigo, do ar tocadas
As folhas verdes, como linguas move,
Que a Alcides deo coroas celebradas,
E a testa ornou do soberano Jove:
Que os estios venceo, e as indomadas
Iras do Inverno, quando toa, e chove,
Com fructo, cuja rustica aspereza
Dos primeiros heroes honrou a meza.

LXXXIV.

A fruta já caduca, a verde, e a dura
No proprio, e adoptivo ramo crece,
Que sem necessidade da cultura
A planta fructo, e flores offerece:
Na idade verde do anno, e na madura
Tudo igual fructifica, igual florece,
Vides opprimê' os olmos abraçadas,
Verdes maridos, com que estaõ casadas.

LXXXV.

Plantas estereis pelo ar se estendem,
Que daõ por fructo sombra ao fresco prado,
Com que ás hervas os rayos pouco offendem,
De que os montes enfeita o Sol dourado:
D'outras os frutos já maduros pendem
No ramo com seus pomos encurvado,
Tudo offerece singular tributo,
Prado herva, herva flores, plantas fruto.

LXXXVI.

Alli a imperial ave dedicada
A Jupiter nas azas se levanta,
Sem della ave menor ser infestada,
Que huma segura voa, e outra canta:
A que no Indico Ceo mais variada
Na vangloria das pennas se adianta,
Naõ perturba esta paz, que naõ altera
Mór fera, ou ave a menor ave, ou fera.

LXXXVII.

Entre as matas rugia o valeroso
Leaõ, em suas garras arrogante,
Mil animaes de gesto temeroso,
Na pelle varios, varios no semblante:
Tudo o que esconde fero, e monstruoso
O grande Nilo, e soberbo Atlante,
Aqui lugar, e assento achaõ suave
As plantas todas, toda a fera, ou ave.

LXXXVIII.

O dia alegre em danças vaõ passando
Com ditos, e suavissimos amores,
Aos Capitães as damas escutando
Encarecidas queixas, vivas dores:
Doces respostas recebendo, e dando,
Esperando gozar noites melhores,
Já se viaõ as copas levantadas,
Dos Athalicos vasos carregadas.

LXXXIX.

Grandes vasos de prata se ostentavaõ,
Que a arte prolixa debuxando esteve,
Que nos concavos ventres se mostravaõ
De licor cheyos espumoso, e leve:
As hydrias de cristal se sepultavaõ
No frio seio da gelada neve,
E o liquido rubim, puro, encendido
Se congela nas urnas escondido.

XC.

Prepara-se a soberba, e regia meza,
Onde cobrem de orvalho os brandos ares
Fontes, que os refrescavaõ com pureza,
Despertando o appetite dos manjares:
Tudo quanto no mundo mais se preza,
Que a terra propria dá, e alheyos mares,
Alli junto se vê, donde assistiaõ
Cem pulidos ministros que serviaõ.

XCI.

Varias mezas os prados occupavaõ,
Onde os Gregos mais fortes, e luzidos
Por igual ordem todos se assentavaõ,
Por praticos ministros conduzidos:
Aos Capitães lugares sinalavaõ
Em seus postos, e assentos divididos,
E em todos igualmente he festejado
O que na coxa foy do pay criado.

XCII.

Soaõ os instrumentos, e as suaves
Frautas, que o grande Hypomacho tocava,
De accentos ora agudos, e ora graves
Concertada harmonia se formava:
Levaõ-lhe o alto contraponto as aves,
Que tudo em ser alegre conformava,
Tendo principio as mesas, e convite
Entrando o sol nos braços de Amphitrite.

XCIII.

Dous assentos reaes tem occupados
A bella Cyrce, e o Capitaõ valente,
De ouro mais puro, e fino marchetados
Sobre a materia do Indiano dente:
Carregavaõ manjares delicados
A mesa, e Ulysses, que ferida sente
A alma, com ver a Cyrce se contenta,
Que amor só pelos olhos se alimenta.

XCIV.

Cyrce a taça formosa, e coroada
Toma na bella maõ, com que provoca
A Ulysses de sua boca já libada,
E a branca côr envergonhada troca:
Elle na parte donde foy tocada,
Adorando os vestigios de tal boca,
A sua applica ao vaso, e sente logo
De Amor, e Baccho o duplicado fogo.

XCV.

Clinias nas mãos tomava o instrumento,
Canta historias de amor com voz suave,
Como os Deoses do ethereo firmamento
Sentem brando o seu jugo, duro, e grave:
Como he no mundo Amor quinto elemento,
Que tem dos gostos huma, e outra chave,
Que he puro effeito d'alma, que mais preza
Para se conservar a natureza.

XCVI.

Canta da bella Cinthia, que ferida
De amor em seu suave fogo ardera,
Quando ao pastor de Latmo agradecida
Pelo gozar deixára a propria esfera:
De Calliopea canta, que rendida
De Apollo ás leys de amor obedecera;
Canta da filha de Inacho, que os largos
Campos pascera por industria de Argos.

XCVII.

Que de Peneo a filha celebrada
Seguio junto de Amphriso Apollo louro:
Que trocou Jove a alteza sublimada
Por Asterie, e Europa em aguia, e touro:
Que de Danae na torre mal guardada
Elle foy preço em brando orvalho de ouro,
Que de amor mitigando a grave pena
Rendeo em cysne a Leda, em fogo Alcmena.

XCVIII.

Outras historias canta, e canta aquella
Do forte Capitaõ, que do opportuno
Cheiro da pura flor, fragrante, e bella
Foy concebido da formosa Juno:
Prezo com Venus, que he do mar estrella,
Nascida das escumas de Neptuno,
Quando se formou nelle o corpo bello
Das partes, que cortou Saturno a Cello.

XCIX.

Já os ministros tinhaõ levantado
Da regia mesa a cobertura fina,
E sobre os aureos pratos destillado
Rios de agua cheirosa, e cristallina:
E tendo Cyrce as bellas mãos lavado,
Que escureciaõ toda a neve Alpina,
Sobre a mesa voava a olanda leve
Para nella enxugar dedos de neve.

ULYSSÉA.

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

A Cyrce conta Ulysses, que de Helena
Se despedira em Tenedo, e que vira
Dos Cycones a costa a Grega antena,
E dos ventos em Scyro a mayor ira:
Como a Proteo abraçou, e a grave pena
Dos vaticinios grandes, que lhe ouvira;
Como o veyo avisar que passe avante
A soberana filha de Thaumante.

I.

Em tanto Cynthia alegre, e luminosa
As pontas de luz cheas ajuntava
Na altiva testa, com que mais formosa
O ar, a sombra, as nuvens prateava:
Do Ceo o eterno campo vagarosa
C'os nocturnos cavallos passeava,
Linhas de fogo pelo ar se viaõ
Das lucidas estrellas, que cahiaõ.

II.

Pede-lhe Cyrce entaõ que lhe contasse
Seus trabalhos, taõ dignos de alta historia,
E os mares, que sulcara, porque achasse
O gosto de os passar pela memoria:
Posto que muito Ulysses duvidasse
Tratar de seu louvor, e propria gloria,
A Cyrce obedeceo, e em modo grave,
Ouvindo todos, diz com voz suave.

III.

Arde a Neptunia Troya, já rendida
Ao cavallo fatal, e Grega espada,
Em cinza, em fumo, em sombra convertida,
Que a gloria humana he fumo, he sõbra, he nada:
Já tratavaõ os Gregos da partida,
Carregando o despojo a grande armada:
E entre taõ rica, e soberana preza
Era a formosa Helena a mór riqueza.

IV.

Já co'a causa, e desculpa do Troyano
Excidio, que na cinza inda fumava,
Soltando a redea ás náos, o soberano
Agamenon as ancoras levava:
Da negra antena despregando o pano,
Que indo prenhe do vento, que soprava,
O porto deixa, o alto mar cortando,
Vaõ-se as prayas, e os montes afastando.

V.

O destroço fatal de Troya viaõ
Das náos, que o Hellesponto atravessavaõ,
Os Gregos, quando a vista suspendiaõ
Nas terras, que já apenas divisavaõ:
Só nas partes mais altas pareciaõ
Huns vestigios das torres, que ficavaõ,
Adonde a vista o mais que determina,
He medir a grandeza co'a ruina.

VI.

Anfiteatros, machinas, e muros,
Piramides, Colossos levantados,
Obeliscos, que mostraõ estar seguros
Contra a força dos tempos, e dos fados,
Jazem sem fama em cinza vil escuros,
Das idades por fabula prostrados;
Que o tempo os bronzes, e as colunas parte,
E os poderes da morte iguala Marte.

VII.

De bandeiras, e flamulas ornáraõ
A victoriosa armada, que partia,
E as proas para Ténedo inclináraõ,
Que hum bosque sobre as ondas parecia:
Que alli vaõ despedir-se concertáraõ,
Onde a ancora pezada o sal feria;
Sobre ella, quando o fere, se dilata
O mar azul em circulos de prata.

VIII.

Ambos de Atreu os filhos valerosos
(Antes que hum vá a Esparta, outro a Missena)
Queriaõ despedir-se, desejosos
Que alli possa alegrar-se a bella Helena:
Com elles sahe ao campo, e os seus formosos
Olhos, de que reparte gloria, e pena
Amor, que a saltear delles aprende,
Pelo florido campo, e praya estende.

IX.

De vê-la o mesmo Ceo se namorava,
E o ar no do seu rosto se acendia,
O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
Parece que a beijar-lhe os pés corria:
Quem as divinas graças, que mostrava,
Contar quizer, mais facil lhe seria
Contar as flores do lascivo Mayo,
E do Sol os cabellos rayo a rayo.

X.

Pela testa sem ordem desparzido
Solto o cabello voa livremente,
Onde sahe a queixar-se de opprimido
De huma cinta de pedras refulgente:
No hombro soa o arco do brunido
Marfim, no lado a aljava está pendente;
Com menos graça ao bosque entrar costuma
A bella Deosa, que nasceo da escuma.

XI.

De huma seda subtil, de ouro lavrada,
Era composta a nobre vestidura,
Que o pé descobre da aura meneada,
Para beija-lo lizonjeira, e pura:
No peito, collo, e face delicada
(Que as armas saõ da propria formosura)
Mostra amor querer dar mortes mais cruas,
Pois leva da belleza as armas núas.

XII.

Das orelhas as perlas do Oriente
Igualmente pendendo, carregavaõ
Circulos de ouro puro, e excellente,
Mór graça recebendo, do que davaõ:
Da barbara cadea refulgente,
Cahindo ao seyo, as voltas se enredavaõ;
Bellezas estudadas com descudo,
Da cuidadosa maõ inculto estudo.

XIII.

Quando no Ceo da altiva fronte abria
Hum, e outro sol, na luz que derramava,
O campo todo, todo o ar ardia,
Que a tudo dava ser, tudo animava:
A cada passo seu hum Ceo movia,
A cada rayo seu hum sol mostrava;
A cada olhar abria hum paraiso,
E hum coraçaõ feria a cada riso.

XIV.

O vento o seu cabello ondado, e louro,
Como ladraõ subtil, traz derramado,
Com quem baixo metal ficava o ouro,
Que parece c'o mesmo Sol dourado:
Amor metendo a maõ neste thesouro,
Hum fio lhe roubou, e tem mudado
A corda ao arco seu, e fez as pretas
Sobrancelhas o arco, a vista setas.

XV.

Porque o ar naõ a offenda, põe reparo
Ao rosto c'um sendal, com que se cobre,
Que das glorias, que esconde pouco avaro,
Mais sede faz de ver o que se encobre:
Como o Sol d'entre nuvens menos claro,
Faz que a força dos rayos se lhe dobre,
Tal d'um sendal finissimo vestida
Vio Cytherea o pastor Phrigio em Ida.

XVI.

Esta era Helena, e se dizer vos posso
De sua graõ belleza o que mais sinto,
Vós sois retrato seu, ou ella o vosso,
Que de vós tómo as cores, com que a pinto:
No ar, na mesma graça, adonde o moço
Cego faz intricado labyrinto,
Entre mil impossiveis do desejo
Imaginando estou que em vós a vejo.

XVII.

Alli fizemos larga despedida,
E as ancoras pezadas levantando
As náos postas a ponto de partida
Vaõ as concavas azas despregando:
Ao vento damos esperança, e vida,
Com alutados remos apartando
As ondas, dando Eolo no caminho
Força ao cansado lenho, vida ao linho.

XVIII.

Voaõ as leves náos, que o tormentoso
Golfo já do Hellesponto dividiaõ,
Da costa de Asia abrindo o seyo undoso,
A prolixa viagem proseguiaõ
Té onde Tanais dece pressuroso,
E nas do mar suas ondas se metiaõ,
Que de affrontado de huma, e outra terra
Alli do Ponto Euxino as portas cerra.

XIX.

Neste golfo, que honrou o atrevimento
Do ousado Phrixo, e Helle naufragante,
Vencendo no carneiro o salso argento,
Quando á esposa fugiaõ de Atamante,
Dos Cycones á costa o bravo vento
Nos arroja, que estava mui distante,
Que co'as armas nas mãos nos recebêraõ,
E as náos cansadas abrazar quizeraõ.

XX.

Logo deixei o porto, que tomara,
Donde partindo, a vida ao vento entrego,
A' fertil Lemnos, por seu nome clara,
Grande officina de Vulcano chego:
E aos Reynos de Thoante, onde a preclara
Hypsipile a seu pay caduco, e cego
Das populares furias defendera,
Pagando em dar a vida, a quem lha dera.

XXI.

Vendo a inimiga Venus das ferradas
Proas as crespas ondas divididas,
E o mar todo coberto das armadas,
Que levaõ os fortissimos Atridas,
De taõ rico despojo carregadas,
Dos fados, e do Ceo favorecidas,
Sobre a maõ poz a face, e a viva magoa
Lhe encheo a alma de fogo, os olhos d'agoa.

XXII.

Muitas cousas na mente revolvia,
E partindo em seu carro acelerado,
Tomou da Ilha Eolia a incerta via,
Onde Hypótades tem seu gazalhado:
Alli a tempestade solta, e fria,
E o indomito vento está domado,
Que humilde a natural ferocidade
De seu Rey treme, e adora a magestade.

XXIII.

Aqui aos ventos guarda em prizaõ dura,
Donde sahida buscaõ com violencia,
Provando, por sahir da cova escura,
Das grandes forças a ultima potencia:
Os grilhões de diamante, e a mais segura
Cadea he fraca, e debil resistencia,
Furias do mundo saõ, que Eolo encerra,
Só para devastar o mar, e a terra.

XXIV.

A Eolo, que em parte alta, e subida
Tem com graõ magestade o claro assento,
A bella Deosa (que no mar nascida
Converte em fogo o humido elemento)
Humilde fala: O', Rey, cuja temida
Força póde enfrear o bravo vento,
Grande senhor, cujas grandezas calo,
Que o mar pódes turbar, e socega-lo.

XXV.

Do mar Egeo as ondas vay cortando
Com sua armada Ulysses cauteloso,
Que enganosa, e fingida paz mostrando,
De Troya o Ilyon abrazou famoso:
Leva os vencidos Deoses, e buscando
Ithaca, taõ soberbo, e poderoso
Se mostra, que se algum caminho achara,
Até o sagrado Olympo conquistara.

XXVI.

Este inimigo meu o mar sustenta,
E pois he justa a queixa, em que me fundo,
Sólta, Rey poderoso, huma tormenta,
Que a seus atomos torne o antigo mundo:
Que a descuidada armada com violenta
Força destroce, e meta no profundo;
Adonde pague seu furor, e insania
O abrazador dos muros de Dardania.

XXVII.

Assi Ericina lagrimosa, e triste
Ante o filho de Acesta se prostrava.
Elle a toma nos braços, e resiste
A cortezia, que com elle usava:
Muito mais, que no pouco que pediste,
Deosa excellente, (Eólo replicava)
Te mostrarei as forças de hum desejo,
A que me obriga o menos que em ti vejo.

XXVIII.

A tua justa dôr, que a tudo excede,
A que só excede a tua formosura,
Tudo minha vontade lhe concede,
Que acertar em teu gosto só procura:
Nada póde negar quem só te pede
Que soltes desses rayos a luz pura,
Ou os escondas, que essa claridade
Fará mansa, e serena a tempestade.

XXIX.

A grave porta da soberba serra
Tremeo no duro bronze, que gemia;
Os ventos logo, que a caverna encerra,
Rebentaõ da prisaõ escura, e fria:
Juntos em esquadraõ, com dura guerra,
Bramindo os campos cada qual varria:
Ao mar se arrojaõ, e vê-se n'um momento
Nas ondas o alterado movimento.

XXX.

Do undoso leito, donde repousava
O mar, move as areas do mais fundo,
Que fervendo nas ondas levantava,
As entranhas abrindo do profundo:
Com Boreas Austro a hum tempo se encontrava,
Como que querem destruir o mundo:
Treme co'a força do soberbo Eolo
O Ceo nos eixos d'um, e d'outro polo.

XXXI.

De pezados chuveiros carregando
As nuvens voadoras impellidas,
A agua, como sangue, vaõ botando,
Da larga espada de Orion feridas:
Pelas nuvens os peixes vaõ cortando,
Nadaõ no mar as aves atrevidas,
Que achaõ, fugindo, nos pezados ares
Unido o mar c'o Ceo, e o Ceo c'os mares.

XXXII.

Sem presagios alguns acometendo,
O vento o mar ergueo, onde começa
Huma soberba luta, parecendo
Que as estrellas tocamos co'a cabeça:
Pelo convez entrando o mar horrendo
Os duros marinheiros arremeça,
E as arvores, e as velas com violento
Furor rompe bramando o negro vento.

XXXIII.

Toando o Ceo os animos quebranta
O brado dos trovões, e em quanto dura
Na confusaõ, e horror, que o mundo espanta,
A fria morte a todos se afigura:
A nuvem carregada o mar levanta,
Com que toldava o ar de sombra escura,
A espaços do alto fuzilar se via
O fogo, que até ás ondas acendia.

XXXIV.

Já os miseros nautas opprimidos,
Sem poder resistir, se lamentavaõ;
Porém os gritos, vozes, e gemidos,
Os ventos pelo ar despedaçavaõ:
Huns se viaõ no centro submergidos,
Onde as ondas cahindo os sepultavaõ,
E outros se vem subidos ás estrellas,
Presumindo co'as mãos pegar-se nellas.

XXXV.

Co'a proa a Capitania levantada,
Que huma torre com azas representa,
Correndo vay, das ondas contrastada,
E co'a grandeza faz mór a tormenta:
N'um bordo, e n'outro inclina de affrontada,
Naõ obedece ao leme, e mal sustenta
Do mar o grave pezo, que batendo
A náo por muitas partes, vay bebendo.

XXXVI.

A arvore mayor do irado vento
Impellida se rompe, onde cahindo
Das ondas arrojada, com violento
Golpe o debil costado vay ferindo:
Toda a gente se via n'um momento
Com varios instrumentos acodindo,
E a confusaõ da náo, e mar mostrava,
Que tudo a seu primeiro chaos tornava.

XXXVII.

Logo a cansada náo vay alijando
Co'a força da tormenta embravecida
As mais graves riquezas, que nadando
A's ondas damos, porque escape a vida:
Entre o granizo fero o Ceo toando,
Rayos caem por carreira retorcida,
E como que de nós o Ceo se ria,
Todo de hum polo ao outro esclarecia.

XXXVIII.

Sahindo o mar do natural limite
Tinha o Ceo por mil partes rociado,
E o Caõ celeste as aguas de Amphitrite
Tem co'a lingua ardentissima gostado:
A's Ursas em seu polo se permite
Que se possaõ lavar no mar salgado,
E subindo Neptuno á mór altura,
Ondas introduzir no Ceo procura.

XXXIX.

Eu entaõ c'o pavor, e frio medo,
Que estes cansados membros congelara,
Dizia: quanto mais contente, e ledo
Fora, se já esta vida se acabara:
Atalha a morte os males, se vem cedo,
Que neste ultimo mal todo outró pára;
Naõ morrera mil vezes desta sorte,
Tendo para huma vida huma só morte.

XL.

Isto dizendo, Boreas arrogante
Lançando nuvens, fogos, e bramidos,
Vem empolando o mar, e traz diante
Montes de agua, dos sopros impellidos:
A esfera superior quasi nutante
Se admira em ver que os ventos atrevidos
Mostrão, batendo os procellosos mares,
Querer levar a terra pelos ares.

XLI.

A grande náo, que Alcino governava,
Em Creta fabricada, naõ podendo
A's ondas resistir, com que lutava,
O lado abrindo, os mares vay bebendo:
A de Philon o centro, e Ceo tocava,
Que sem leme, e sem arvores correndo,
Cae nos braços do vento, e da tormenta
Nas rochas, onde em flor o mar rebenta.

XLII.

Rotas as velas, e arvores rendidas,
Vendo que o mar engrossa, os ventos crescem,
As outras náos ás ondas atrevidas
C'uma pequena vela se offerecem:
As mais da companhiá divididas
Raras por entre as ondas apparecem,
Nas mãos do vento, de Orion armado,
De horror, e negras sombras carregado.

XLIII.

Vendo Juno dos ventos a braveza,
Que as náos rendidas leva, e desgarradas,
Os naufragios, as mortes, e a riqueza
De Troya entregue ás ondas empoladas,
Desce ao grande Neptuno com presteza,
Dizendo: Acode, Rey, ás mal tratadas
Náos, primeiro que o vento poderoso
Lhe dê (se naõ deo já) fim lastimoso.

XLIV.

Se Ulysses, e Agamenon abrazáraõ
A Troya, alto decreto foy divino,
Que as Gregas armas nella executáraõ,
Que mal póde estorvar-se o que he destino:
Com que orde' os duros ventos levantáraõ
Em serras todo o Reyno Neptunino?
Pois por Venus sem outro fundamento
Solta Eolo as prizões ao bravo vento.

XLV.

Para mim o teu rogo, o teu mandado
(Neptuno lhe tornava) he ley segura,
O vento cesse, e a teus pés prostrado
Victoriosa lhe opprime a cerviz dura:
Que ainda que de Ulysses enojado,
Por ti me esquece tudo, ó Deosa pura,
E assaz de pouco faz quem te obedece
Quando te vê, se tudo o mais lhe esquece.

XLVI.

Agora o mar se abrande: isto dizendo,
Sobe no carro azul, que vaõ tirando
Escamosos cavallos, que vertendo
Hiaõ fogo da vista, o mar cortando:
As ondas amarissimas bebendo,
Que sobre ellas em arco vaõ botando,
Neptuno a nova colera os incita,
Soa o açoute, e aos cavallos grita.

XLVII.

Sobre as ondas mais altas se levanta
O carro, que seu pezo reconhece,
Vibra o largo Tridente, o vento espanta,
Quando mais indinado se embravece:
Solta a medonha voz com furia tanta,
Que no mais fundo Thetis estremece,
Que o som da voz, e a força do Tridente
Amansa o vento, e os mares juntamente.

XLVIII.

Da barba prenhe de humido rocio,
Que sobre o pardo peito descansava,
O liquido cristal correndo em fio
Lavando os membros nús, ao mar tornava:
Já se humilha de medo o vento frio,
E aos pés por lhos beijar se debruçava;
Da crespa fronte voa em si revolto
O molhado cabello ao vento solto.

XLIX.

Fogem do ar as nuvens n'um momento,
Sereno o mar se mostra, o Deos irado
Voltando o rosto diz ao bravo vento,
Que rendido a seus pés está prostrado:
Onde se vio tamanho atrevimento?
Que estou ... Porém socegue-se o alterado
Movimento das ondas, e prometo,
Que eu o emende, estando o mar quieto.

L.

Dizei ao vosso Rey, que elle dos ares
As furias mova, e tempestade fria,
Arranque os mores montes; que dos mares
Só eu tenho a profunda monarchia:
Occupe suas cavernas, e lugares,
Onde nunca chegou a luz do dia,
Lá tenha seu imperio preeminente;
Que o mar só reconhece o meu Tridente.

LI.

Disse, e o carro veloz atravessava
Sobre o undoso campo, que cobrindo
De branca escuma vay, quando passava
A leve roda, alto caminho abrindo:
Já para acompanha-lo se ajuntava
Copia dos Deoses humidos, sahindo
Do mais fundo do mar, onde habitavaõ,
Que em cavallos maritimos cortavaõ.

LII.

Deixaõ das ondas o ceruleo claustro
Os Cidadãos do mar, e as excellentes
Ninfas sahindo no soberbo plaustro,
Na agua accendendo vaõ chammas ardentes:
Deixa seu brio, e grandes forças Austro,
Africo, e Noto, sendo taõ valentes,
Toda a ira depõem, e os negros ares
Apartaõ, socegando os grossos mares.

LIII.

Qual de huma negra phoca o dorso opprime,
Que no liquido campo governava;
Qual n'um monstro disforme, alto, e sublime
Abre o puro cristal, que se humilhava:
Qual sobre hum lobo sahe, e a lança esgrime
Do coral, que com o ar se congelava;
Qual pelas crespas ondas, que atravessa,
O cavallo maritimo arremessa.

LIV.

Vem n'um céto disforme com canino
Aspecto o velho Glauco, e de Atamante
Palemo filho, e da formosa Ino,
Nadando n'um delfim, vinha diante:
O buzio toca retorcido, e fino
O filho de Salacia, e a prestante
Thetis faz sobre o mar doce choréa,
Com Symodoce, Spio, e Panopéa.

LV.

Phorcis pay de Medusa tambem veo
Com seu copioso exercito nadando:
Fórma humana tomou o graõ Proteo,
E das phocas o segue o immundo bando:
Fere a liquida prata o graõ Nereo,
A redea diamantina governando,
Com que modera a verdinegra boca
D'uma arrogante, e prodigiosa phoca.

LVI.

Qual valeroso Capitaõ, que tendo
Alcançada victoria gloriosa,
No campo fica alegre, recolhendo
Despojos da batalha sanguinosa;
E as tubas, que provocaõ Marte horrendo,
Leva diante em pompa sumptuosa:
Assim dos seus Neptuno acompanhado
Victorioso passea o mar salgado.

LVII.

Como isto entendeo Phebo, com luz branda
O diafano ar alegre enchia:
Fogem do Ceo as nuvens a outra banda,
E o Norte frio o largo Ceo varria:
Riaõ-se as ondas, todo o mar se abranda,
E em prisaõ dura logo recolhia
O grande Eolo os alterados ventos,
Concertaõ paz segura os elementos.

LVIII.

Nas brancas azas colhe alegremente
O favoravel vento o solto pano,
Quando já de Climene o filho ardente
Morre, abrazando as aguas do Oceano:
A noite foge, a mal tratada gente
Do trabalho passado, em doce engano
Pelo convez o pezo suspendia
Do cuidado, e cansada fantasia.

LIX.

A touca, que de nuvens fez delgada,
Nas ondas lava a Aurora fugitiva,
E a agua em puras gotas congelada
Recebe a concha sobre o mar lasciva:
Que dentro della em perolas formada
Sáe para honrar a testa mais altiva,
Que enriquece a Neptuno, o Ceo namora,
Pura neta do Sol, filha da Aurora.

LX.

Vemos, rompendo o Sol, estar defronte
A grande Ilha de Scyro, onde alterado
Neptuno, os cornos da cerulea fronte
Quebrando se retira de affrontado:
Onde as nuvens assálta hum grande monte,
A quem a seu pezar tinha tomado
Thetis tamanha parte de seu centro,
Que espalha as ondas com silencio dentro.

LXI.

Para huma parte a levantada serra,
Onde humilhava hum pouco a fronte altiva,
Huma alegre enseada dentro encerra,
De assentos rodeada, em pedra viva:
Onde huma, e outra fonte a fresca terra
Cruza em serpes de vidro, e se deriva,
Que offendida das pedras, que tocava,
Com espumosas bocas murmurava.

LXII.

Aqui das Ninfas era usado assento,
Que aquelles frescos bosques habitavaõ,
E alli seguras do inquieto vento
As náos se recolhiaõ, e ancoravaõ:
Sem dos mares sentir o movimento
Dormindo sobre as ancoras passavaõ,
Aqui sólta, chegando hum, e outro pinho,
Unhas de ferro, encolhe azas de linho.

LXIII.

Sahe a gente affligida, e destroçada,
Bebe das fontes a copiosa vea,
A terra beija, e deita-se cansada,
Por descansar na molle, e branda area:
Ferio Alcipo a pedra congelada,
Invençaõ de Pirode, e o fogo atea,
Ao lume secas folhas chega, e logo
No arido alimento cresce o fogo.

LXIV.

Contentes se enxugavaõ nas amigas
Flammas, vencido já o mortal perigo:
Aprendendo das providas formigas,
Tiraõ para enxugar o molle trigo:
Em quanto nestas asperas fadigas
Se occupavaõ os mais, eu só comigo,
Entrando n'um profundo sentimento,
Falava, e respondia ao pensamento.

LXV.

Pelas ondas os olhos alongando,
Nellas os companheiros mortos via,
Que o grosso rolo da agua vem botando
Pela deserta praya, humida, e fria:
Ao monte alto subia, imaginando
Que de mais longe o mar descobriria,
E co'a alma nos olhos corro os mares,
Sem o peso os deter de meus pezares.

LXVI.

Crendo que as náos ao longe divizava,
Alvoroçado desço do alto monte,
Quando já á tarde fria o Sol pintava,
Bordando de ouro as nuvens do horizonte:
Creonte, que eu comigo entaõ levava,
Hum rebanho de vacas vê defronte
Andar pascendo, e logo desviados
Em bandos os cornigeros veados.

LXVII.

Cautamente se chega, o espaço mede,
Junta as pontas do arco, e sacudindo
A corda, sae veloz, que o vento excede,
A mortal setta, o ar delgado abrindo:
Chega onde a vista aponta, e mata a sede
No sangue de hum graõ touro, que cahindo
Desanimado morde a terra, e sólta
A alma robusta em negro sangue envolta.

LXVIII.

Eu logo á praya desço, e alli chegados
Os navios, que aos mares escapáraõ,
Na terra ancoras prendem, que os soldados
Da proa com destreza ao mar lançáraõ:
Entre a furia dos ventos alterados
Ao longe apenas dous se divizáraõ,
Que, quando mais de perto os descobrimos,
Perecer juntos entre as ondas vimos.

LXIX.

Os casos da fortuna mais temidos,
(Lhes digo) vence só quem a despreza;
Que dos lugares altos, e subidos
Todo o caminho he cheyo de aspereza:
Dos trabalhos passados, e vencidos
Se alegra o forte, que de os ter se preza;
Que o perigo mais aspero, e mais grave
A passada lembrança o faz suave.

LXX.

Se a fortuna nos mostra o rosto iroso
Da futura alegria dá esperança,
Passado o tempo triste, e procelloso
As velas enche a prospera bonança:
Refaçamos a armada, e com piedoso
Affecto aos corpos, que na praya lança
O mar, demos sepulcro eterno, e breve,
Que c'os mortos piedade usar se deve.

LXXI.

Logo sem vida caem os levantados
Freixos nos altos montes, e as sagradas
Palmas, e os negros alamos casados
Co'as vides em seus troncos abraçadas:
E os velhos sovereiros renovados,
Que as duras tempestades indomadas
Tinhaõ vencido já, feridos tremem,
E com seu grave pezo os carros gemem.

LXXII.

Todos em reparar com pressa entendem
Das náos bancos, e remos, e traziaõ
De longe o bosque, e o trabalho aprendem,
Que entre todos com gosto repartiaõ:
Antenas sobem, de que as velas pendem,
De enxarcia os negros pinhos se cobriaõ,
Outros ao pio officio se inclinavaõ,
E humilde sepultura aos mortos davaõ.

LXXIII.

Inclinada de todo a luz se via
Do Sol sobre os dourados horizontes,
E a noite a duvidosa luz vencia,
Roubando a graça das muscosas fontes:
Sobre os humildes valles já cahia
A escura sombra dos ceruleos montes,
E quantos olhos o repouso cerra,
Tantos o Ceo abria sobre a terra.

LXXIV.

Por descansar o espirito affligido,
N'uma lapa, que o mar cavando abrira,
Quiz repousar, mostrando-me o sentido,
Que o repouso de hum triste era mentira:
Depois de ao sono grave estar rendido,
Sonhando vi o que acordado vira;
Que o mal, que me occupava a fantasia,
Me representa a dôr que naõ dormia.

LXXV.

Em sonhos huma Deosa me apparece,
E que comigo fala imaginando,
Vejo que seu amparo me offerece,
E para vê-la o rosto levantando
Chego, logo ajoelho, e me falece
O alento, e vou cahindo, e despertando,
Vendo a Deosa lhe digo: O' soberana
Divindade escondida em fórma humana:

LXXVI.

Quem és, formosa Deosa, que comigo
Usas taõ desusada cortezia?
Já naõ temo do mar algum perigo,
Sendo tu meu amparo, e minha guia:
Sou Idotéa (diz) filha do antigo
Proteo, que no mar as phocas guia.
Fiquei, ouvindo, e vendo a luz sagrada,
Confusa a alma, a vista perturbada.

LXXVII.

Contei-lhe quanto tempo andara errando
Entre as ondas do mar embravecido,
Co'a fortuna mil vezes pelejando,
Alagado outras tantas, e perdido:
Como vira tres vezes declinando
Do Sol o ardente carro, ter medido
Do Vellocino os circulos dourados,
Indo abrazar os peixes prateados.

LXXVIII.

Como vira tres vezes as amigas
Casas do Ceo formoso, e radiante,
Para dourar as pallidas espigas,
Passar de Daphne o desprezado amante:
Como vira das serras mais antigas
No cume levantado, e arrogante,
Tres vezes as cabeças carregadas
Das graves cans, das aguas congeladas.

LXXIX.

Disse-lhe entaõ: Pois sabes o futuro
Segredo em ouro escrito no volume,
Que em seu archivo guarda o Fado escuro,
E o tempo gastador jámais consume:
Destes annaes divinos ver procuro
Em tua boca hum rasto, hum vivo lume,
E desta pura luz hum rayo claro
Do que no seyo esconde o tempo avaro.

LXXX.

Respondeo-me: Só Proteo tem sabido
O que queres de mim, porque presente
Lhe he tudo o que ha de vir, por escondido,
Por guardado que estê na etherea mente:
Quando o Sol ao mais alto está subido
Por estas grutas passa a sesta ardente,
E nesta penha o seu armento enorme
Lhe faz guarda velando, em quanto dorme.

LXXXI.

Vê-lo-has armado, e nesse mesmo instante
A fórma muda, em puro fogo ardendo,
Como serpe se enrosca, ora arrogante
Leaõ se finge com bramido horrendo:
Se alli o apertas com valor constante,
As entranhas dos fados revolvendo,
Descobrirá os segredos, e a verdade,
Que inda no seyo esconde a eternidade.

LXXXII.

Nesta muscosa lapa, na abrasada
Sesta, entra Proteo quando o Sol ardia,
Na mais secreta parte, e mais guardada
Me escondo, elle se inclina, em fim dormia:
Nos braços o apertei, da desusada
Força espantado Proteo em pé se erguia,
Qual Deos faz este engano a vozes grita,
E faz por se soltar força infinita.

LXXXIII.

De hum leaõ ferocissimo tomava
A horrenda fórma, e duros braços prova,
Como serpe escamosa se enroscava,
E em outras cem mil fórmas se renova:
Os incendios das fauces vomitava
Com antigo saber, e industria nova,
E quando lhe naõ val a força, e brio,
Quer escapar em fugitivo rio.

LXXXIV.

Com mais forças nos braços o sustento,
Porque responda nelles apertado,
Quantos annos o mar, e o surdo vento
Me negariaõ porto desejado:
C'uma voz carregada, e com violento
Torcer de olhos me diz: O immobil Fado,
Por te fazer no mundo sempiterno,
Te dará por trabalhos nome eterno.

LXXXV.

Antes de ver o porto, que desejas,
Entre o furor dos procellosos mares
Quer o Fado, que varios climas vejas,
Alheos Ceos passando, alheos ares:
Até que vivo no sepulcro estejas
D'um monte, e os companheiros, que levares,
Verás despedaçar com graõ fereza,
Honrando os pratos de huma immunda meza.

LXXXVI.

Huma garça c'uma aguia do profundo
Sahir verás com grande agilidade
Lá onde Phebo morre, onde outro mundo
Espera de seu rosto claridade:
Neste lugar o Fado mais jucundo,
Te permitte fundar huma Cidade,
Que a todas as do mundo a palma toma,
Perdoe a alta Carthago, a illustre Roma.

LXXXVII.

Soltei Proteo dos braços admirado
Do que lhe ouvira; e n'alma me entristece
Ver a que males me reserva o Fado,
Que a vida só em cuida-lo desfalece:
Em tanto Proteo toma do ar delgado
Varias fórmas, e já desapparece,
Fico entre as pedras, do que tinha ouvido
Estatua viva, hum Calpe com sentido.

LXXXVIII.

Os cavallos do Sol, afugentando
As lucidas estrellas, no ar se viaõ,
Que do primeiro resplandor dourando
Os fins Eoos, com seu fogo ardiaõ:
Settas de luz o ar atravessando
O liquido cristal do mar feriaõ,
Onde a luz vacillante parecia
Sobre as tremulas ondas que tremia.

LXXXIX.

Quando de Scyro as prayas encurvadas
Deixo, e cortando vou o argento undoso,
Da antena as velas concavas inchadas
Abrem no vasto mar rasto espumoso:
Temo inda as cousas, que já saõ passadas,
No por vir vigilante, e cuidadoso,
E com fingidas mostras de alegria
O mal, que n'alma levo, desmentia.

XC.

Os males, que Proteo vaticinava,
Me espantaõ, quando a mente os considera,
De naõ ficar em Scyro me pezava,
Onde vida, e descanso ter pudéra:
Sem ao Fado attender, que me chamava
A ver os climas d'uma, e d'outra esfera,
Que apoz estes perigos, sem temê-los,
Arrastando me traz pelos cabellos.

XCI.

Da bella Phebe o carro vagaroso
Pelos campos do Ceo correr se via,
Quando as feras do curso trabalhoso
Descansaõ do prolixo, e largo dia,
Quando Juno do Olympo luminoso
Iris mandava, que do Ceo descia,
No ar junto das náos librando esteve
O leve corpo sobre o vento leve.

XCII.

Entrou donde em repouso mais suave
(Se he repouso o que toma hum descontente)
Eu refazia do trabalho grave
O mal, que n'alma tinha taõ presente:
Alli me diz: Quem ha que tanto aggrave
Hum coraçaõ taõ bravo, e taõ valente,
Cujo valor o mundo todo assombra
Do principio da luz té o fim da sombra?

XCIII.

De Proteo a profecia naõ te espante,
Que a feya noite traz manhã serena,
E os mais asperos casos o Tonante
Muda, e dos Fados a ordem desordena:
Vaõ sempre os valerosos por diante,
Naõ se acha gloria, sem passar-se pena,
E os que persegue mais, e os que importuna
Vencem soffrendo os casos, e a fortuna.

XCIV.

O trabalho he escada da subida,
O marmol mais polido, e mais lavrado
Por golpes do instrumento teve vida
Para se ver da terra levantado:
A pedra, que nas veyas escondida
A nobre chamma tem, se o temperado
Fuzil a fere, mostra em fogo aceza
A ignea, e levantada natureza.

XCV.

Ficaõ grandes trabalhos sendo leves,
Se as glorias vês, que o Ceo te representa,
Quando teu nome illustre a partes leves,
Que outro Ceo cobre, que outro Sol aquenta:
Isto Juno te diz, a quem já deves,
Quanto de tuas obras se contenta,
Segue o que a sorte, e Fado te offerece,
Que o Ceo sempre os ousados favorece.

XCVI.

Sabe, que quando a Armada Grega esteve
Quasi perdida, Venus o ordenava,
Que este poder do grande Eolo teve,
Que furia, e liberdade aos ventos dava:
Quando do Ceo com movimento leve,
Juno descendo os mares aplacava,
E o Rey do mundo da agua n'um momento
Recolheo nas prizões o solto vento.

XCVII.

Disse, e de sua rara formosura
O resplandor suave, e peregrino
Tornando em claro dia a noite escura,
Hum rasto deixa no ar puro, e divino:
O' mensageira, digo, da mais pura
Deosa, que piza o corpo cristallino,
Em que a fortuna, e inveja ache inimigas
(Emulas da virtude, e esforço antigas.)

XCVIII.

Naõ póde haver, ó Deosa, quem me aparte
De obedecer-te em tudo; armem-se os Fados,
Arme-se a terra, desça o proprio Marte,
Os mares se levantem conjurados:
Na mais remota, e mais deserta parte,
Na Zona ardente, e Polos congelados
Vencer espero com favor de Juno
Força dos Fados, iras de Neptuno.

ULYSSÉA.

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

Como a ver os Lotóphagos passára,
Conta Ulysses, e o porto Lilibeo,
Como com seu rebanho alli encontrára
A Polifemo, monstro informe, e feo,
A quem da vista lucida privára;
As velas entregando ao mar Egeo,
Parte-se, e Cyrce, vendo seu desejo,
Lhe ensina os mares, onde morre o Tejo.

I.

Prosegue o Grego, e todos escutavaõ:
No porto de Lotóphago famoso
Sobre as fortes amarras descansavaõ
As náos do curso largo, e trabalhoso:
Onde as fontes juntando-se formavaõ
N'um fresco valle hum rio caudaloso,
Cuja corrente fertil, e serena
Faz a praya de Hyperia mais amena.

II.

Corre por entre bosques divertido
Com curso taõ quieto, e socegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado:
Deixava o arvoredo ao Ceo subido
Dentro no espelho da agua seu traslado,
E em suavissima sombra lhe pagava
O ser, e a vida, que a seus troncos dava.

III.

As arvores de pomos carregadas
Livres ao gosto, e mãos se offereciaõ,
E os de que incautamente saõ tocadas,
Do mal, e bem passado se esqueciaõ:
As naturaes potencias perturbadas,
Como estranhas correndo, nos fugiaõ,
Era este triste, venturoso estado,
Onde nada lembrava do passado.

IV.

Hum velho venerando aqui encontramos
Entre os guardados bosques, e espessura,
A que este graõ segredo perguntamos,
De fruta taõ sab'rosa, e mal segura:
Elle nos conta, que nos proprios ramos,
Aos olhos convidando a formosura,
Aspide o pomo he do bosque ameno,
Que esconde em sua belleza o seu veneno.

V.

Criou-se aqui (dizia) a soberana
Lotis, a que inclinou a natureza
Ao suave exercicio de Diana,
Fatigando dos montes a aspereza:
Divindade escondida em fórma humana,
De sorte pobre, rica de belleza,
Foy destes montes rara maravilha,
Neta de Ope, e de Neptuno filha.

VI.

Destes bosques foy Ninfa, a elles dava
O tempo todo, quando o Lampsaceno
Seguindo os mesmos montes, que habitava,
Prezo se achou de seu olhar sereno:
E para a grande pena, que passava,
Sentindo o coraçaõ vaso pequeno,
Nestes troncos tambem quiz que vivesse
Seu bello nome, que co'as plantas cresce.

VII.

Quantas vezes o orvalho fresco, e brando
Da manhã nos cabellos lhe cahia,
Quando as feras seguindo, e fatigando,
Nestes montes a achava o novo dia!
Quantas nas horas graves reclinando
O debil corpo, em quanto o Sol ardia,
Entre o repouso vinha a ter diante
Este seu novo, naõ amado, amante!

VIII.

Alli nos proprios cestos, que tecera,
Lhe offerecia as frutas mais mimosas,
Nos proprios ramos a madura pera,
As cerejas, e as ginjas vergonhosas:
As camoezas gentís da côr de cera,
E no Outono o razimo das sab'rosas
Uvas, que com o orvalho puro, e leve
Póde escusar artificiosa neve.

IX.

Hum dia lhe contou como encontrára
Naquelles montes huma Ninfa bella,
Que nos olhos a vida lhe levára,
Deixando-lhe só o gosto de perdê-la:
E ella com descuido perguntára,
Quem era, por poder ama-la, e vê-la;
Mas elle com cautela respondia,
Que n'outra occasiaõ lha mostraria.

X.

Subíraõ ambos a este monte, quando
Na mais fragosa parte do alto monte,
N'um espelho, que fórma alegre, e brando
De seus cristaes huma copiosa fonte,
Alli, lhe diz, que estava; ella entra olhando,
Quando se vê a si mesma estar defronte;
Foge, vendo que ao mal a causa dera,
E inda de si fugíra se pudéra.

XI.

Deixou-o sem resposta, e perturbado,
Passáraõ muitos, té que veyo o dia,
Que reclinando o corpo fatigado,
Sobre a relva gozava a sombra fria:
Elle que a vio, e tempo accommodado
Para alcançar o bem, que pertendia,
Com força fez, e solta liberdade
As mãos executoras da vontade.

XII.

Resistio, defendeo sua pureza
Com força, e gritos animosamente,
Armas, de que usa a feminil fraqueza,
Com que das mãos lhe escapa diligente:
Co'as delicadas plantas a aspereza
Destes montes medio, tendo presente
Do falso amante o enganoso enredo,
E ao fugir lhe emprestava azas o medo.

XIII.

Depois de largo espaço perseguida,
Quando já a voz, e alento lhe faltava,
(Que naõ correo assim cerva ferida
Ao dictamo ligeira, que buscava)
Os olhos levantou ao Ceo rendida,
Quando, qual planta, a planta se pegava
A' dura terra, que ambas penetráraõ,
E em torcidas raizes se trocáraõ.

XIV.

Vaõ raizes ao centro penetrando,
Tudo o que ao ar o tronco vay subindo,
Veste-se de corteza o peito brando,
E nella se escondia o gesto lindo:
Nos pomos, que produz, e vay criando,
O Ceo taõ graõ veneno está influindo,
Que jámais permittio que alguem tocasse,
Que do que era passado se lembrasse.

XV.

A tez do rosto vendo aspera, e dura,
E os cabellos, que ao Sol escureciaõ,
Em ramos já trocados, e a brandura
Das mãos, que em verdes folhas se estendiaõ,
Arde o Deos de Hellesponto, que a figura
Mudada vê, dos olhos que o feriaõ
O tronco abraça, lagrimoso, e triste,
Que aos braços foge, e sem poder resiste.

XVI.

O remedio promptissimo, que usamos,
He levar os enfermos quando o dia
Lança os primeiros rayos, e os banhamos
Nos cristaes puros de huma fonte fria:
Quando para os banhar na agua tocamos,
Elles se apartaõ com mortal porfia,
E apagando na fonte a sede ardente,
Bebem na agua o remedio juntamente.

XVII.

A todos nos admira o que lhe ouvimos,
E para recolhermos os soldados,
Huns corremos o bosque, outros subimos
Os montes de arvoredos povoados:
Como se recolhêraõ, conferimos,
Se he melhor esquecer, ou ser lembrados,
O estado antigo a alguns melhor parece,
Onde o passado bem, e o mal esquece.

XVIII.

Logo todos nas náos se repartiraõ,
Para os mesmos lugares, que tem nellas,
Do fundo para cima ancoras tiraõ,
Do alto para baixo largaõ velas:
Já os alegres ventos, que respiraõ,
Sopraõ com mayor força por enchê-las,
E de Neptuno as cristallinas cazas
Atravessaõ as náos com brancas azas.

XIX.

Se me naõ lembra mal, nos mezes era,
Que o velho mundo reverdece, e nasce,
De Colchos o animal em sua esfera
Dourava o puro Sol com roxa face:
Quando o touro da nova Primavera
Em prados de çafira estrellas pasce:
E ao prezo rio o claro Sol desata
Dos grilhões de cristal os pés de prata.

XX.

Já pelo mar Thirreno atravessavaõ
Cortando as náos a larga, incerta via,
Vêm do Etna ao longe as chãmas, que ondeavaõ,
Com que vencendo a noite o monte ardia:
Nas pedras abrazadas, que voavaõ,
De Vulcano a officina parecia,
Onde nuvens de fogo ardendo em ira
Contra o graõ Jove Encélado respira.

XXI.

Alli o fero Gigante atado, e prezo
Sulfureo fogo, e negro fumo exhala,
Quando nos hombros muda o grave pezo,
Que co'as immensas forças mal iguala:
Graõ terremoto excita o fogo acezo,
Que as cidades maritimas abala,
Movendo o grave, e inaccessivel monte,
De vivo incendio nunca exhausta fonte.

XXII.

Desafiando o alto Ceo, e estrellas,
Com mil bombas de fogo levantadas,
Cometas lança ao ar, vendo-se entre ellas
As brancas cabelleiras inflammadas:
Que naõ podendo as chammas acendellas
Nas altas grenhas nunca penteadas,
Se vê de longe com distancia breve
Na boca fogo, nos cabellos neve.

XXIII.

Aqui chegamos, quando o Sol dourado
Para os braços de Thetis já descia,
De Phlegon, e de Eoo arrebatado,
Que levaõ a fenecer nelles o dia:
O Ceo compunha Vespero inclinado,
E as estrellas por tochas acendia,
Vendo ao Phenix do Ceo, que no Occidente
Morre por ir nascer entre outra gente.

XXIV.

N'um porto entrei, que em seu regaço o monte
Lylibeo fórma, e quando se apressava
O Sol para sahir sobre o horizonte,
Eu do dia os crepusculos pizava:
Subo, e hum grande rebanho vi defronte,
Que os estendidos valles occupava,
Cheguei, imaginando que acharia
Favor na gente, amparo, e companhia.

XXV.

Já sahiaõ pizando os corredores
Do Sol as pardas nuvens, ainda escuras,
Ferindo c'os primeiros resplandores
Dos empinados montes as alturas:
A Aurora já nos prados, e nas flores
Erperdiçando vay perolas puras,
Com que taõ liberal do humor celeste
Doura o Ceo, orna o campo, as flores veste.

XXVI.

Quando seu manso gado apascentando,
Mais de perto hum pastor se me offerece,
Que nos robustos membros imitando
Hum monte, hum vivo monte me parece:
Hum natural cometa scintillando
Da levantada testa resplandece,
De pelles he o vestido, a que hum pezado
Pinho serve de arrimo, e de cajado.

XXVII.

Nas ondas imitava o denegrido
Cabello as de Cocyto, que naõ sente
Cultura, antes hirsuto, e retorcido
Sobre os hombros lhe cáe naturalmente:
Do queixo prodigioso dividido
Em duas se despenha huma corrente
Da intonsa barba, que correndo immunda,
Prodigamente o largo peito inunda.

XXVIII.

Sete desiguaes canas ajuntára,
Que como orgãos unio com molle cera,
Onde do ar a regiaõ mais clara
O duro som com grave alento altera:
O grande estrondo, que nos montes pára,
Rompe o silencio, e a resposta espera,
Com que Echo, que escutando está defronte,
Mostrava que tem alma, e voz o monte.

XXIX.

Neste instrumento horrisono applicava
A boca, por dar vida ao instrumento,
Onde alternando os dedos o animava,
Dando-lhe voz c'o som, alma c'o alento:
Tocando as canas desiguaes soava,
Ora em agudo, e ora em grave accento
Por Galatéa, que nas aguas mora,
Sem dar repouso á fistula sonora.

XXX.

A alma ferida, e abrazada tinha
Por Galatéa, que abrandar deseja,
A contar lhe sua dôr, e os males vinha,
De que foy causa huma amorosa inveja:
Onde Lyparis claro ao mar caminha,
E onde espera que della ouvido seja,
Namorado dizia: (eu entre tanto
Me paro a ouvir o desusado canto.)

XXXI.

Galatéa formosa, em cuja neve
Achou principio o fogo peregrino,
Que me soube abrazar, e a culpa teve
Deste meu amoroso desatino:
Se me queres matar, e a amor se deve
Matar-me, do teu ouro crespo, e fino
Hum laço me darás, bella homicida,
Onde suspendas co'a esperança a vida.

XXXII.

A ti no prado imita a pura rosa,
Quando quer exceder-se na belleza,
Por ti retrata, como mais formosa,
As que mais bellas faz a natureza:
Ouve esta triste voz, que he só ditosa
Quando tua graça canta, e gentileza,
Que por vangloria sua amor ordena,
Que teus louvores cante, e minha pena.

XXXIII.

Esta ribeira com te ver florece,
Adonde de Amaltea se derrama
A copia, que tua luz, quando apparece,
Anima as flores, e este prado imflamma:
Nasce a flor, abre a rosa, a planta cresce,
Só triste chora quem te busca, e ama,
Perde o sentido quem te vê presente,
E dás sentido a hum monte, que naõ sente.

XXXIV.

Se abres os bellos olhos, n'um momento
O Ceo se alegra, e doura, e te namora,
As pardas nuvens fogem, o bravo vento
Se recolhe nas grutas, onde mora:
Rouba o teu peregrino movimento
O officio, e o poder á branca Aurora
Flores abrindo, as conchas deste rio
Perolas geraõ, sem colher rocio.

XXXV.

Vivo, imiga, de ver-te, e quando vejo
De teus olhos a pura claridade,
Naõ quero mais da sorte, nem desejo
Mór premio da perdida liberdade:
E Amor (pois me naõ mata amor sobejo)
Quer sem te ver matar-me de saudade;
Com nova tyrannia amor me trata;
Se me matar, sem ver a quem me mata.

XXXVI.

Se tantos males soffro, ó Galatea,
Tambem me soffre que t'os cante, e conte;
Cansada deste rio á mansa vea,
Cansadas tenho as grutas deste monte:
Ah quem, para que a pena se lhe crea,
Te mostrara no espelho desta fonte
O ardente coraçaõ, firme, e seguro
Mais que os rochedos, mais que as ondas puro!

XXXVII.

Dizei, com verdes folhas arvoredos,
(Que saõ linguas do monte) o que me ouvistes,
De que fiei a fé de meus segredos,
E a cujos troncos dei lagrimas tristes:
Dizei-o vós, ó concavos penedos,
Quantas vezes as queixas repetistes
De minha imiga, e o eco, que me ouvia,
A ultima voz = imiga = repetia.

XXXVIII.

A neve he escura, ó Galatea formosa,
E sem côr o rubi mais abrazado,
A çafira sem luz, sem graça a rosa,
E o ouro a par de ti menos dourado:
Que em tua alvura, e boca graciosa,
Olhos, e face, e nesse longo ondado
Cabello guarda amor em mór thesouro,
Neve, rubi, çafira, rosa, e ouro.

XXXIX.

Quando por cima da divina prata,
Galatéa, o cabello de ouro estendes,
N'um só fio, que o vento te desata,
Mil almas atas, mil vontades prendes:
A minha, que desprezas, como ingrata,
Em te amar só se vinga, e se te offendes,
A culpa de offender-te, e de enojar-te,
Paga offendendo com de novo amar-te.

XL.

De teus raros estremos de belleza
Os mesmos elementos se namoraõ,
Perdem vendo-te os ventos a braveza,
Como Deosa do mar todos te adoraõ:
Minha constancia, e tua gentileza
Dous prodigios iguaes, e raros foraõ,
Que ambos nos fez dous monstros a ventura,
A mim de amor, a ti de formosura.

XLI.

Hum dia junto ao mar te estavas vendo
Nos cristaes da agua pura, e socegada,
Alli amor me fazia estar temendo,
Que ficasses de ver-te namorada:
Mas ah Ninfa, que digo, que te offendo,
Que naõ pódes em flor ver-te mudada,
Porque quando este caso te aconteça,
Naõ tem o prado flor, que te mereça.

XLII.

Gostos desacordado estou sonhando,
Abrindo as portas d'alma a pensamentos,
E Acis em teu regaço alegre, e brando
A cabeça reclina, e braços lentos:
Naõ he novo hum ditoso estar gozando
Do infelice os vãos contentamentos,
Naõ lhe invejo a riqueza, ou formosura,
Só lhe invejo, se o amas, a ventura.

XLIII.

Ha pouco que levando o manso gado
Junto das fraldas deste fresco monte,
Me vi de membros bem proporcionado
No cristal puro de huma clara fonte:
Que o grande olho do Ceo, do Sol dourado,
Imita este, que me honra a altiva fronte,
E toco quando subo a este rochedo
As nuvens co'a cabeça, o Ceo c'o dedo.

XLIV.

Que tigre, que leoa embravecida
Me estorvou que seus filhos lhe levasse
Das tetas, e apoz isso a mesma vida,
Se resistio, nas mãos me naõ deixasse?
E qual na velocissima corrida
Houve ligeiro cervo, que escapasse
De dar a dura testa, carregada
Das armas, de que foy vãmente armada?

XLV.

De quanto o monte tem, serás senhora,
De quanto veste ao prado de alegria:
Que roxinol, que os valles, onde mora,
Enche de suavissima harmonia;
Qual rosa, que abre Abril, filha da Aurora;
Qual pomo, que horta mais vedada cria,
Naõ verás nessa maõ divina, adonde
Seu poder a fortuna, e amor esconde?

XLVI.

Aqui, pescando as trutas mais sab'rosas,
Verdes naças no rio esconderemos,
Eu n'um barco ligeiro as vagarosas
Ondas cortando irei com duros remos:
Ora os curvos enzoes das mentirosas
Iscas ao doce engano cobriremos,
Offerecendo aos peixes na comida
Entre a sab'rosa dôr morte escondida.

XLVII.

Acis he hum pastor effeminado,
E dono vil de huma manada pobre,
Naõ póde ser comigo comparado,
Cujo rebanho tantos montes cobre:
De Neptuno, que rege o mar salgado,
Sou filho, quem mais rico, e quem mais nobre?
Ficarás deste mar sendo senhora,
Do filho esposa, e de Neptuno nora.

XLVIII.

Quando, Ninfa cruel, para matar-me
A este grande amor naõ correspondas,
Naõ entendas que pódes escapar-me,
Por mais que no profundo mar te escondas:
Que espero por gozar-te, e por vingar-me
Tirar-te nestes braços dessas ondas,
E se já o naõ tenho executado,
He porque naõ queria amor forçado.

XLIX.

Assim cantava o monstro, eu quando ouvia
O som da rouca frauta, que tocara,
Tudo notando fuy, tudo escrevia
Por cousa grande, e maravilha rara:
E no verde papel das plantas lia
Queixas, e versos, que elle alli cortara,
Trouxe comigo a namorada historia,
Causa de a ter presente na memoria.

L.

Vendo o coche do Sol, que declinava,
E que a porta do Occaso penetrando
Se escondia no mar, se levantava,
Só c'os silvos os montes abalando:
Quando os que me seguiaõ lhe mostrava,
A quem o monstro a voz encaminhando,
Com vista carregada, e importuna
Me diz: Quem és, vil parto da fortuna?

LI.

Deves de ser sem falta algum pirata,
Que indo buscando mais remota terra,
Por te satisfazer da sorte ingrata
Queres roubar os gados desta serra:
Se Neptuno te vence, e desbarata,
Aqui c'um filho seu terás mór guerra:
Eu lhe respondo: O' Semideos Gigante,
Do mundo alta coluna, novo Atlante:

LII.

Nunca pirata fuy, nem com desenho
De roubar naveguei; mas affligido,
Do mar, que ha muito exp'rimentado tenho,
Nestas prayas sahi roto, e perdido:
Do que pode escapar do fraco lenho
Este vaso offereço, e se atrevido
Te pareço em dar pouco, considera
A vontade, que he grande, e tudo dera.

LIII.

Elle me respondeo: Quando a pobreza
De hum pastor te agradar, pódes comigo
Ficar, em quanto Phebe em luz aceza
Descobre o rosto no silencio amigo:
Castanhas molles, puro leite a meza
Te honraráõ. Do Gigante as plantas sigo,
A' porta chego, donde ao ar subia
Hum monte, que nas nuvens se escondia.

LIV.

Vay o gado diante caminhando,
Até entrar nas entranhas d'uma serra,
E das grossas cadeas desatando
Hum disforme penedo, as portas serra:
Já o fogo se acende, que ondeando,
As sombras vence graves, e desterra,
Em pelles de animaes, em molle estrado
O monstro informe, e horrendo está prostrado.

LV.

Já a cea se prepara, e das pezadas
Tetas de puro nectar enche hum tarro,
Desce os queijos frescaes das penduradas
Taboas, que rodas saõ de hum grande carro:
Estaõ as crueis mezas occupadas
De varios leites, n'um, e n'outro jarro.
Eu logo agradecido do que via
Ao fero monstro humilde assim dizia:

LVI.

Dar amparo, e favor ao naufragante
Galardoa com premio peregrino
Jupiter... E sem ir mais adiante
Me replicou: Que grande desatino!
Eu naõ conheço a Jupiter Tonante;
Que sou mais forte que elle, e taõ divino.
Falas, ó nescio hospede, e importuno,
Com Polifemo filho de Neptuno.

LVII.

Isto dizendo, estende o braço, e logo
Entre as mãos toma Lycio, e Amaranto,
Nellas os despedaça, sem que o rogo
Humilde lhe valesse, ou triste pranto:
Come huma parte, e outra sobre o fogo
Inda tremendo lança; e o grande espanto
Aos Gregos, que o cercavaõ, tem mudado
Do rosto a côr, o sangue congelado.

LVIII.

De Diomedes já póde a graõ crueza
Parecer menos fera, e deshumana,
Quando affrontando a mesma natureza,
Pasto aos cavallos dá de carne humana:
Já naõ he cruel Lynco, que se preza
De degollar aos hospedes, que engana;
Que à torpe crueldade em mór estremo
Exercitava o bruto Polifemo.

LIX.

Já pelo escuro Ceo da fatigada
Noite os cavallos vaõ confusamente,
Fugindo á tocha Eoa, que a dourada
Carroça leva ao lucido Oriente:
Quando eu proprio na cea dilatada
Ministrava ao Cyclope o vinho ardente,
Que vay sentindo do licor suave
Turbada a voz, a vista grossa, e grave.

LX.

Serás, me disse, ó hospede famoso,
O ultimo, que mande ao triste inferno
Por te pagar este licor sab'roso,
Que o nectar he de Jupiter eterno:
O mitimno suave, e o cheiroso
Faler..., e sem poder dizer, falerno;
Que as palavras turbada lhe impedia
A lingua grossa, e ao sono se rendia.

LXI.

Profundamente o hirsuto monstro dorme
Sobre os despojos de animaes prostrado,
Pezo inutil, cruel, horrendo, informe,
Semimorto, em lethargo sepultado:
Toma alento dormindo em som disforme,
Que no escuro aposento dilatado
Mil écos fórma, e nelles representa
Trovaõ fero no ar, no mar tormenta.

LXII.

Eu, como se subira hum grande monte,
Sobre os peitos lhe estampo a dura planta,
E c'uma fera estaca sobre a fronte
Rompo a medonha luz, que o mundo espanta:
Elle, banhado da purpurea fonte,
O carregado corpo mal levanta;
Cae a esta parte, e áquella em furia acezo,
Sem poder sustentar seu grave pezo.

LXIII.

Com graõ furor, co'as mãos pezadas toca
As feridas crueis, e com intensa
Colera bebe o sangue a negra boca,
Que banha o largo peito, e barba densa:
Ferido, e cego, a furia se provoca,
Mal acordado cae co'a dôr immensa,
Representando o alto Pelio, ou Ossa
Brama com tom de voz horrenda, e grossa.

LXIV.

Qual o touro encerrado, que ferido
Sacode a crespa, e temerosa fronte,
Em roda se vigia embravecido,
Acometendo quanto vê defronte:
E c'um, e outro asperrimo mugido,
Por se tornar ao conhecido monte,
Co'as lanças, e reparos bravo enresta,
Bramindo, e inclinando a dura testa.

LXV.

Tal na caverna o horrido Gigante
Co'as mãos a cova apalpa, em ira ardendo,
Toma o bastaõ, e quanto tem diante,
Vay com furia, e braveza desfazendo:
Dava hum, e outro brado penetrante,
Tomar ás mãos os Gregos naõ podendo,
Levanta a porta por tentar a face
Da duvidosa luz, que ao mundo nace.

LXVI.

De seus gritos, e vozes, espantados
Os animaes, nas covas se escondêraõ,
Rompe o Abysso á força de seus brados,
Onde as furias a pena suspendêraõ,
Com que Thifeo, e Encelado abrazados,
De Jupiter de novo estremecêraõ,
E Charonte, que ouvio a Polifemo,
Largou das mãos o carregado remo.

LXVII.

Se de seus polos firmes, e seguros
As esferas, que estaõ nelles cravadas,
Co'as cristallinas Zonas, e Coluros
Cahiraõ pelo ar despedaçadas,
Naõ fizeraõ o estrondo, que seus duros
Brados, e vozes fazem mal formadas,
Quando apagado o Cyclope presume
Ter na viuva testa o grande lume.

LXVIII.

Dos mayores carneiros lhe tomamos
As frescas pelles, com que nos cobrimos,
Entre as rezes a vida aventuramos,
E a sahida da cova repetimos:
Nas mãos da sorte, e suas entregamos
A vida, por ventura em fim sahimos,
Só Licaonte achou na boca escura,
E largo ventre morte, e sepultura.

LXIX.

Em suas mãos em partes se rasgavaõ
Seus membros, e entre os dentes se sentiaõ
Ranger os duros ossos, que estalavaõ,
Comendo as núas carnes, que tremiaõ:
Co'as estacas, que a testa penetravaõ,
Onde caminho á fria morte abriaõ,
Vertendo negro humor, fóra sahia,
Nesta horrenda apparencia nos seguia.

LXX.

Espera, diz, ó hospede insolente,
Espera, acabarás o que intentaste,
Que a hum filho do que rege o graõ Tridente,
Em noite eterna vivo sepultaste:
Sendo taõ animoso, e taõ valente
Naõ fujas; pois da vista me privaste,
Me acaba de matar, que naõ espero
Outro favor de ti, nem outro quero.

LXXI.

Monstro fero, lhe digo, naõ te espante,
Se neste braço a pena merecida
Achaste, que a fereza d'um Gigante
Dos Deoses muitas vezes foy vencida:
Assim castigar sabe o graõ Tonante
Essa alma tua ingrata, e fementida;
Que o sangue humano, em que fartaste a sede,
Este castigo, esta vingança pede.

LXXII.

Pódes de tua morte gloriar-te,
Se nella ha cousa, que naõ seja fea,
Que teu hospede foy, para matar-te,
O filho de Laerte, e de Anticlea:
Sabe que Ulysses sou, e quiz pagar-te
Desta maneira aquella ultima cea,
Quando para matar a sede insana
Te vi fartar de sangue, e carne humana.

LXXIII.

Ah traidor, me torna elle, que Telemo
Me tinha este graõ mal pronosticado,
Dizia-me: Naõ dês, ó Polifemo,
A Grego algum amparo, ou gazalhado:
Mas como naõ te estimo, nem te temo,
Vendo-te em tal miseria, e tal estado,
Te agazalhei, infame peregrino,
Que a tudo acha caminhos o destino.

LXXIV.

Ao bosque logo os braços convertia,
E ás enzinas robustas, que cravadas
Até o centro estaõ, faz ver o dia,
Mostrando-lhe as raizes arrancadas:
Aliviado o monte se sentia
Do pezo de suas plantas carregadas,
A que o duro Cyclope com violento
Furor cortar fazia o bravo vento.

LXXV.

Apartaõ-se os navios, naõ soffrendo
Os golpes, que do alto o mar feriaõ,
Que em cada tiro, que cahia horrendo,
Huma voragem té o centro abriaõ,
Com que as ondas em circulos fervendo
Remuinhos altissimos faziaõ,
E por fugir ao duro Polifemo
As crespas ondas fere o grave remo.

LXXVI.

Qual Garça que no rio passeando,
Sentindo o caçador, que está escondido,
Porque do arco a setta atravessando,
Leve primeiro a morte, que o ruido,
Acautelada em roda vigiando
Co'a prompta vista está, c'o colo erguido,
E antes que o caçador astuto aponte,
Voando excede ao mais altivo monte:

LXXVII.

Tal huma, e outra náo, volatil ave,
Abrindo as azas vay, porque a serena
Aura, que respirava mais suave,
Enchesse os seyos de tecida pena:
Das ancoras se leva o pezo grave,
Ao alto se levanta a negra antena,
Por salvar do perigo a vida cara
Deixo as terras crueis, e costa avara.

LXXVIII.

Elle da viva rocha (que pendia
Sobre o espelho do mar, onde toucava
A descomposta, e tosca penedia,
Que em natural desordem concertava)
Huma graõ parte toma, o mar feria
Com pezados penedos, que arrancava,
E sobre as náos, que sente estar defronte,
Hum monte faz voar traz d'outro monte.

LXXIX.

Hiaõ-se as náos ligeiras apartando,
Fugindo aos duros golpes, que desciaõ,
Co'as velas, e co'a proa o ar cortando,
E o campo azul do mar c'o remo abriaõ:
Quando de longe se hiaõ divisando,
Outros feros Gigantes, que se viaõ
Andar com Polifemo pelas prayas,
Vivos cyprestes, e animadas fayas.

LXXX.

Já cada qual das náos desapparece:
Polifemo, que sente como as velas
O porto deixaõ, grita, e se embravece
Desejando vingar-se, e desfaze-las:
Com grandes golpes sobre as ondas dece
C'o bastaõ duro, e no mais alto dellas
Entra, e onde mais fundo o pego estava,
As espaldas apenas lhe molhava.

LXXXI.

Té alli nos foy seguindo, e naõ podendo
Hir adiante, pára, e naõ atina
Para que parte as velas vaõ correndo,
E o que deve seguir mal determina:
Atroa o mar c'um tom de voz horrendo,
Neptuno fóra da agua cristallina
Bota a cabeça, e arder se via logo
O Rey dos mares n'outro mar de fogo.

LXXXII.

Entaõ diz o Gigante: O' soberano
Rey das ceruleas ondas, que o profundo
Habitas, e c'os braços do Oceano
Cinges a grande machina do mundo:
Aqui teu filho tens de furia insano,
Que em tuas aguas lava o sangue immundo,
De que banhado estou, e quasi exangue
Botando n'um mar d'agua hum mar de sangue.

LXXXIII.

Desprezando o poder do teu Tridente,
As altas ondas deste fundo pégo
Com insolentes armas insolente
Ousado corta hum victorioso Grego:
Por morte mais cruel, e mais vehemente
Me deixou vivo, se ficando cego
Vivo fiquei, que em dor taõ excessiva
Naõ me tenho por vivo, ainda que viva.

LXXXIV.

Ouvio-o o graõ Neptuno, commovido
Do amor de pay, e para as náos olhava,
E o odio que tem n'alma concebido,
Já nos fogosos olhos scintillava:
E co'a magoa do filho ver ferido
A longa barba pela maõ passava,
E falando entre dentes enojado,
No fundo se escondeo do mar salgado.

LXXXV.

Era de noite, e o seu immundo armento
Protheo nas fundas grutas escondera,
Repousando os delfins, dormia o vento,
Cansada a natureza a luz espera:
Rompendo as náos o humido elemento
Cynthia argentava a superior esfera,
E o mar, que as brandas ondas encrespava,
Da Lua a imagem trémula imitava.

LXXXVI.

No levantado Polo que apparece
Com vista prompta vou na noite escura,
Donde Hélice formosa resplandece
De Ursa immortal na celestial figura:
Vendo o tardo Boote como dece
Rodeando em seu plaustro a Cynosura,
Temendo que Neptuno com mór furia
Vingue de Polifemo a nova injuria.

LXXXVII.

Naõ tardou muito espaço, quando vemos
Em altos valles todo o mar cavado,
As velas rompe, o goroupés, e os remos
O vento de braveza, e furia armado:
Já co'a humana força naõ podemos
Vencer, e no trabalho acostumado
Os marinheiros erraõ voz, e intentos,
Entre as vozes, que daõ na enxarcia os ventos.

LXXXVIII.

Huma nuvem de horror no ar se estende,
Que o Ceo cobria, e todo o mar se altera,
A náo abrindo, c'os balanços pende,
Da jornada, e da vida o fim se espera:
Dos fogos, com que em roda o ar se acende,
Tremia o fogo em sua mesma esfera,
Aqui enxergamos d'um cabello azida
A esperança sem fim, e o fim da vida.

LXXXIX.

Logo Cyllenio os ares vem cortando,
E dos mares abranda o movimento,
A Armada impelle, as ondas apartando,
E em popa nos ajuda alegre o vento:
Quando a luz duvidosa vem mostrando
O Sol minino ainda somnolento,
Este famoso porto apparecia,
Onde o vento forçados nos metia.

XC.

Estas fortunas asperas passamos,
Trabalhos nunca de outrem padecidos,
Por entre os largos mares, que cortamos,
Entre as ceruleas ondas submergidos:
Té chegar a este porto, onde esperamos
Ser por vós, bella Cyrce, socorridos,
Certo amparo, e firmissima coluna
Dos que nos fez seus monstros a fortuna.

XCI.

Aqui deo fim Ulysses valeroso
A' navegaçaõ grande, que fizera,
E em repouso os sentidos mais sab'roso,
No que resta da noite, suspendera:
Entraõ no paço illustre, e sumptuoso,
Cuja riqueza em Chypre, e em Cythera
Nunca para seus gostos teve junta
A Rainha de Papho, e de Amatunta.

XCII.

Em toda a casa as tochas cento a cento
Ardendo estaõ, que o ar alumiavaõ,
A noite desterrando do aposento
Nas luzes, com que as sombras illustravaõ:
Os panos, das paredes ornamento,
De ouro, e de varias sedas, igualavaõ
Os de agulha prolixa debuxados,
Em lavor Babylonico lavrados.

XCIII.

Aqui ardia em fogo mais suave
A odorifera lenha, que destina
A' sua pyra de Arabia a immortal ave,
Quando nascer no fogo determina:
Enchem de nobre fumo a sombra grave
As lagrimas, que chora a peregrina
Cinara, e no aposento mais secreto
Ardiaõ de Hybla as plantas, e de Hymeto.

XCIV.

Tudo quanto o Sabeo molle cultiva,
O Indo adusto, o Arabe ditoso,
Que em suas penhas tem Attica altiva,
Hesperia guarda em seu jardim famoso:
Quanto Pindo produz, quanto a lasciva
Chypre cria mais puro, e mais cheiroso,
O rico estrado cobre, co'as melhores,
Vindas de estranhos Ceos, barbaras flores.

XCV.

Huma formosa alcova alli se via,
Que ornaõ tapeçarias do Oriente,
Fadiga peregrina, aonde ardia
Com lavor Persio a Tiria côr ardente:
Huma cama entre todas excedia
Tudo o que ha mais custoso, e excellente,
Com agulha da China debuxada
Dos lavores de Aracnes delicada.

XCVI.

Tres vezes pela ecliptica o dourado
Apollo as duas metas da alta esfera
Visitara, e outras tantas abrazado
No Caõ celeste o Sirio fogo ardera:
Quando a Ulysses com Cyrce descuidado
A bella filha de Thaumante espera,
E da rosada nuvem, que vestia,
Com boca, e rosto alegre lhe dizia:

XCVII.

Que alto descuido, ó Capitaõ famoso,
Te detem de Penélope esquecido,
Entre tantos cuidados ocioso,
Entre enganosos bens taõ mal perdido?
Naõ vives de Telemaco saudoso?
Qual n'um deserto em ti proprio escondido,
Occultando-te ao Fado, que te chama,
Perdes por gosto breve eterna fama.

XCVIII.

Rompe a tardança, e laço diamantino,
Que o Ceo to manda, e na futura idade
Mostra por entre sombras do destino
Grandes cousas de ti na eternidade:
Onde ao mar entra o claro Lybistino,
Fundarás hum emporio, huma Cidade,
A cujo Sceptro sua riqueza propria
Renderá Persia, Arabia, e Ethiopia.

XCIX.

Deixa amores de Cyrce, deixa enganos,
Que Juno seus favores te offerece,
E Venus entre os Deoses soberanos
Tuas illustres obras engrandece:
Que arrependida dos passados danos
Te procura ajudar, porque conhece
Que ainda ha de esquecer por Lusitania
Os abrazados muros de Dardania.

C.

Disse, e com iguaes azas vai cortando
Os diafanos ares, é o valente
Grego seu graõ descuido está accusando,
E seu cuidado accusa juntamente,
Como se partiria imaginando,
Onde enleado na alta dôr, que sente,
Cyrce o achou, e a alma lhe penetra
A embaixada, que a filha deo de Eletra.

CI.

Bem sei que Juno, diz, minha inimiga,
Tua partida, e a morte me deseja,
Naõ basta que a fortuna me persiga,
Sem tambem perseguir-me a sua inveja:
Já que a falar sua paixaõ me obriga,
Naõ he razaõ que taõ divina seja,
Que naõ foy falsa a nuvem, e sombra leve,
Quando o Rey de Thessalia em braços teve.

CII.

He costume no mundo inveterado,
Que o defeito de hum grande nos parece
Digno de ser cuberto, e ser louvado,
E só no humilde o crime se conhece:
Cada qual com seus vicios abraçado
Põe-lhe outro nome, e nelles envelhece,
Parece o que está em alto mais perfeito,
Que encobre co'a distancia o mór defeito.

CIII.

Vai, grande Ulysses, aonde o Ceo te chama,
Que eu chorarei a minha infausta sorte,
Historia ao mundo dá, materia á fama,
Refira-se em tuas glorias minha morte...
Assim chorava, qual a verde rama,
Que chora, e arde em fogo intenso, e forte,
Entre arder, e esperar lagrimas perde;
Que amor he fogo, e a esperança he verde.

CIV.

Mal te posso esconder, Cyrce formosa,
Ulysses diz, esta fatal partida,
Nem desta alma a ferida saudosa,
Sendo as lagrimas sangue da ferida:
Tu sabes qual he a causa, e quaõ forçosa,
Que naõ ignora cousa taõ sabida
Quem do Sol os trabalhos mede, e sabe,
E o que da Ursa ao polo opposto cabe.

CV.

Póde o Fado apartar-me injusto, e forte,
Mas naõ fará, que quem seus males sente,
Naõ torne á doce vida, e doce morte,
Na prizaõ, aonde estava taõ contente:
Naõ se muda o amor, muda-se a sorte,
Dorme a memoria do que vive ausente,
Se ama naõ dorme, que este sentimento
Naõ consente repouzo ao pensamento.

CVI.

Entende o Grego em reparar a Armada,
Com elle toda a Grega companhia
Se dispõe a partir-se alvoroçada,
Só Cyrce n'alma esconde o que sentia:
Sendo a primeira magoa já passada,
Da partida contente se fingia,
E tendo a culpa de seu mal taõ viva,
Trata só de entreter sua dôr esquiva.

CVII.

Para hum retrete o leva, onde detinha
A vista nas pinturas exquisitas
De historias, que o pincel insigne tinha
Em viva, e muda poesia escritas:
Alli, Phebo, correndo a aurea linha
Das doze casas, que com a luz visitas,
Vias cahir o que teu carro infama,
Dando co'a morte ao Pado eterna fama.

CVIII.

Mostra-lhe logo na primeira idea
O mundo n'um confuso chaos, e escuro,
E que daquella massa informe, e fea
He o Sol alma immortal formoso, e puro?
Alli se vêm Melissa, e Amalthea
Criar ao grande Jupiter, e o duro
Saturno, que com sua eterna fome
Os filhos, que gerara, irado come.

CIX.

Descobre-lhe outro quadro, onde a pintura
Hum edificio de obra sumptuosa
Mostra, que abrio té o centro a terra dura
Por se esconder na esfera luminosa:
Sustenta os capiteis de prata pura,
De diamante a parede alta, e lustrosa,
Donde hum clarim perpetuamente chama
Aos que aspiraõ gozar de eterna fama.

CX.

Esta parte, lhe diz, sublime, adonde,
Affrontando do Ceo as luzes bellas,
A altiva testa o grande Olympo esconde
Coroada dos rayos das estrellas,
O alcaçar he da Fama, que responde
Ao sitio nas grandezas, que de vê-las
Co'a nobre architectura do aposento
Suspende a vista, enleva o pensamento.

CXI.

As janellas abertas, e patentes,
E as aureas portas nunca estaõ cerradas,
Que de varias nações, e varias gentes
Dia, e noite se vêm sempre occupadas:
De correyos, e espias differentes
De regiões das nossas apartadas
O inconstante rumor, que dentro habita,
As entradas dispensa, e facilita.

CXII.

Sobre huma nuvem lucida, e dourada
Tem a Fama seu alto, e nobre assento,
Onde a luz de Pyropos abrazada
Vence as luzes do ethereo firmamento:
Daqui sae com carreira acelerada,
Abrindo as azas ao ligeiro vento,
Que a toda a hora nas regiões serenas
Do ar voando estende as aureas pennas.

CXIII.

Duas trompas sustenta nos nervosos
Braços, a que dá alento peregrino,
E dobrando-se os ecos portentosos
No mundo todo soa o metal fino:
Com mil linguas os casos duvidosos
Publica, e logo com buril divino,
Porque os futuros seculos espante,
Os lavra em taboas de ouro, e de diamante.

CXIV.

Junto a seus pés está assentada a historia,
Rodeada de livros, onde escreve
Feitos, que dignos saõ de eterna gloria,
A que offender a idade naõ se atreve:
Seus archivos, e annaes guarda a memoria,
Tem ante si prostrado o Tempo leve
A inimiga Fortuna, a Morte escura,
A que com a planta opprime a cerviz dura.

CXV.

Outras muitas estancias occupadas
Se vêm de altos varões, que as merecidas
Coroas tem por obras estremadas,
Dando caducas por eternas vidas:
E os que em segura paz com leys sagradas,
Como com muros, deixaõ guarnecidas
As terras, ou co'a penna o Ceo tocando
No aposento da Fama entraõ voando.

CXVI.

Varios retratos nas paredes pendem
De matronas insignes, que a pintura
Taõ vivas mostra, que co'a vista acendem
Desejos de imitar sua formosura:
Com eloquencia muda alli reprendem
As da idade presente, e da futura,
Que sem buscar da Fama o claro assento,
Na sombra estaõ do bruto esquecimento.

CXVII.

Este castello em roda está cercado
De arduos caminhos, onde vaõ subindo
Os que com justo passo acelerado
A' eterna fama vaõ caminho abrindo:
Aqui tambem lugar terás guardado,
Onde essa altiva fronte irá cingindo
A coroa, que as folhas naõ perdeo,
Da gloriosa planta de Peneo.

CXVIII.

Descobre logo hum mapa, onde abraçada
Tem comsigo Neptuno a redondeza,
De plantas, feras, e aves variada,
Que o variar faz bella a natureza:
Aqui lhe mostra a terra dilatada,
A quem do eterno lume a tocha aceza
Do Sol illustra, e nella as descubertas
Partes, e as que inda temos por incertas.

CXIX.

Vês como com seus braços, lhe dizia,
A terra cinge o tumido Oceano,
Aqui Africa está, que as feras cria,
Dos fins de Grecia ao freto Guaditano:
Aqui he Asia, donde nasce o dia,
Cujo alto imperio o Nilo do Africano
Divide, e a verde Europa mais ávante
De Tanais até o largo mar de Atlante.

CXX.

Aqui se vê na Europa alta, e famosa
Grecia rica das aguas de Castalia,
O Illirico, e Panonia poderosa,
Entre o mar de Adria, e Thusco mar, Italia:
Aqui a Thracia em rios caudalosa,
Aqui os lyrios da abundante Gallia,
Entre o Rheno, e Danubio a graõ Germania,
Aqui a Hesperia, e logo a Lusitania.

CXXI.

Lançando a voz do peito alto, e facundo
Cyrce prosegue: O naõ mudavel Fado
Nesta parte, que he ultima do mundo,
Onde no mar se banha o Sol dourado,
Onde começa o Oceano profundo,
Entrando nelle o Tejo taõ inchado
Com curso taõ soberbo, e absoluto,
Que mostra dar-lhe leys, e naõ tributo;

CXXII.

Aqui te manda o Ceo buscar a terra
Por este profundissimo rodeyo,
Onde tanto perigo, e morte encerra
O graõ Neptuno no ceruleo seyo:
Por duros casos, e sanguinea guerra
Conquistarás a terra, e Reyno alheyo,
Descanso tinhas cá, sem ser buscado,
Sem c'o sangue das veyas ser comprado.

CXXIII.

Foges de mim ao som d'um doce engano
Para buscar repouso taõ custoso,
Vida entregando, e velas ao Oceano,
A Ceo estranho, e mar tempestuoso,
Por largos erros de caminho insano,
Tendo aqui vida, e estado poderoso,
Trocando com vontade pouco experta,
Por incerta fortuna esta mais certa.

CXXIV.

Scylla ouvirás, e o canto doce, e brando
Das Sereas, dos nautas taõ temido,
Chegarás aonde as portas vay cerrando
Ao trato humano Alcides atrevido:
Depois de andar no largo mar errando,
Verás o Tejo, tendo dividido
As ondas do Oceano, a quem refrea
Jupiter com grilhões de branca area.

CXXV.

Aqui neste lugar os nobres muros
Levantarás com gloria, a que tremendo
Todo o Oriente em seculos futuros
Inclinará a cerviz obedecendo:
Quando ao mundo nascerem aquelles puros
Espiritos, que o Elysio está detendo,
Até que o tempo vagaroso, e lento
Traga o dia a seu claro nascimento.

CXXVI.

Daraõ á graõ Lisboa descendentes,
Que dilatem co'a vida o novo imperio
Até as casas do Sol, e nas ardentes
Areas de Asia escrevaõ o nome Hesperio:
Affrontaráõ com animos valentes
O frio, e ardentissimo hemisferio,
Ficando o mundo todo campo estreito
A hum Reyno só de mil Imperios feito.

ULYSSÉA.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO.

Desce Ulysses ao centro acompanhado
De Cyrce, que lhe mostra o escuro Averno,
Vê as ideas no Elysio, a quem o Fado
De Lisboa guardou o alto governo:
Vio Anticlea, e porque o Sol dourado
Sahir queria, deixa o triste inferno,
E da sombra, que occupa a gente morta,
Ao mundo torna pela eburnea porta.

I.

Em fogo honroso Ulysses se abrazava,
Ouvindo os Reys, que Cyrce referia,
Quer aos campos descer, que a Estige lava,
Onde ver Anticlea poderia:
Difficuldades Cyrce excogitava,
E em vaõ de seu intento o divertia
Com razões, com que entrar lhe naõ permite
No escuro Reyno do severo Dite.

II.

Ella as occultas causas lhe declara.
Insta Ulysses com animo seguro,
Concede-me o que peço, ó Deosa cara,
Filha do mesmo Sol, formoso, e puro:
Nisso, diz ella, ó Capitaõ, repara
Que poder penetrar o Reyno escuro
He cousa grande, a poucos concedida,
Os que gozamos a aura desta vida.

III.

Naõ basta peito, e coraçaõ constante;
Que o peito, e coraçaõ mais animoso
Naõ tem para soffrer força bastante
Do Cerbero o latido temeroso:
Tentar do Inferno os muros de diamante,
De ondas de fogo hum mar tempestuoso,
Hydras, furias, ministros de tormento,
Excede todo o humano atrevimento.

IV.

Amo-te, Ulysses, muito, e naõ quizera
(Posto que andas tratando da partida)
Que algum mal, ou perigo succedera
A huma prenda desta alma taõ querida:
Nada, diz elle, o coraçaõ me altera
O perigo, que póde ter a vida;
Antes será mostrar animo forte
Hir buscar a sua casa a mesma morte.

V.

Cyrce por dar-lhe gosto se prepara,
E já intumece c'o furor do esp'rito,
Toma hum livro nas mãos, logo huma vara,
Com que as aguas enfrea de Cocyto:
Depois que variamente o livro olhara
De caracteres barbaros escrito,
Detem a aguda vista na pintura,
E olhando ao Ceo com rouca voz murmura.

VI.

Logo sobe n'um carro, que levado
De dous grifos se vai da terra erguendo,
Que abrem batendo as azas o ar delgado
C'o altivo collo ás nuvens excedendo:
A redea Cyrce leva, o acelerado
Carro já a terra inclina, e vai descendo,
E pela pura, e cristallina via
Cortando as rodas férvidas rompia.

VII.

Toca de hum monte a testa levantada,
Que faz coluna ao Ceo co'as penhas graves,
A que co'a leve penna exercitada
Pódem mal arribar ligeiras aves:
Abaixo toa o Ceo da congelada
Espalda; acima os ares tem suaves,
Que da fronte as gadelhas ornamento
Nem Iris molha, nem perturba o vento.

VIII.

De escondidas cavernas sae brotando
Hum furibundo rio de agua escura,
Por vòragens, e grutas exhalando
Ares horrendos de Mephite impura:
Alli o lago Averno está formando,
A que rodea a terra aspera, e dura,
As hervas mata, e em sua margem fria
Só venenosas serpes gera, e cria.

IX.

Por entre duras penhas levantadas
Troncos hirsutos pelo ar se erguiaõ,
Das arvores dos rayos fulminadas
Secas, que verdes folhas naõ vestiaõ:
De Acroceraunia, e Phlegra ás inflammadas
Rochas as deste monte pareciaõ,
Saõ as vozes, que se ouvem, de inclementes
Bufos, e mortaes silvos de serpentes.

X.

Em pedaços pendentes os rochedos
Estaõ ruina eterna ameaçando,
E para naõ cahir altos penedos
As mãos, por sustentar-se, se estaõ dando:
Negros ares, e escuros arvoredos
Nunca vento suave respirando
Moveo, que a morte quiz, que alli de fóra
Lhe guarde o espanto as portas, onde mora.

XI.

Este he o Cymerio monte coroado
De hum sulfureo vapor, mortal, e eterno,
Que o ar em roda deixa inficionado,
E a negra boca faz do escuro Inferno:
Onde o bosque medonho, e carregado
De horrenda sombra cobre o lago Averno,
Cujas exhalações tristes, e graves
Mataõ voando as fugitivas aves.

XII.

Aqui chegado tinha a bella Eea,
Solto o cabello para traz ao vento,
Na maõ a vara, com que da Febea
Lampada faz parar o movimento,
Com que de Phlegetonte o curso enfrea,
Do abutre a fome, de Ixion o tormento,
Faz que Ticio descanse, e a sede esquiva
Tantalo apague na aguá fugitiva.

XIII.

As roupas apertando passeava
Por entre as tristes sombras animosa,
Hum negro touro a Hecate immolava,
No Ceo, e grande Herebo poderosa;
Os vasos de Lieo lhe derramava
Na crespa fronte, e nella artificiosa
Certas sedas escolhe, e dellas logo
Faz sacrificio no faminto fogo.

XIV.

Tartareo Jove (diz) do fogo eterno,
Que, porque o igneo mundo em vêr-te trema,
Te honraõ a testa, e rosto sempiterno,
Serpes feras por lucido diadema:
Tendo entre as sombras do temido Averno
Imperio, e dignidade taõ suprema,
Que o fogo que descer nunca pudéra,
Desce por ti de sua propria esfera:

XV.

Proserpina triforme, triste esposa
Do graõ Plutaõ, em cuja monarchia
Coube a parte do mundo tenebrosa,
Que com seus rayos naõ visita o dia:
Eterna noite aos homens temerosa,
Filha de Chaos, em cuja sombra fria
Nocturnas aves as regiões serenas
Cortando vaõ com carregadas pennas:

XVI.

Triste Cocyto, Phlegetonte escuro,
Que de Dite cercais a graõ cidade,
Cujo alcaçar soberbo está seguro
Contra o poder da longa eternidade:
Enfermas casas, abrazado muro,
Moradas da fatal necessidade,
Inimigo do Sol Reyno do espanto,
Portas abri a meu forçoso encanto.

XVII.

Vós, Radamanto, e Minos poderoso,
Deixai da urna leve o movimento,
Dai favor ao que peço, e o cavernoso
Inferno abri, e ignifero aposento,
Para que possa Ulysses valeroso
Entrar no escuro Reyno do tormento,
Eumenides horrendas, que tomastes
Vivo, intonso cabello de Cerastes.

XVIII.

E tu, que as tristes almas vas passando,
Cujo pezado remo as ondas corta
Do Cocyto abrazado, navegando
Para o Reyno da morte a gente morta:
Tu, Cerbero indignado, que ladrando
Guardas o lumiar da ferrea porta,
Para que nessa regia taõ temida
Nada entrar possa, sem deixar a vida.

XIX.

Se alguma cousa tenho merecido,
Sacros Numens, havendo convocado
Vossa deidade, e victima off'recido
No altar a vossos nomes dedicado:
Se de algum tenro infante desparzido
Vistes o puro sangue, que arrancado
Das tetas foy da mãy, ou propria ama,
Segui quem vos invoca, e quem vos chama.

XX.

Vendo que tarda, hum circulo, e figura
Em roda pinta, e nelle recolhida
C'o pé descalço fere a terra dura,
Contempla a luz de Phebe amortecida,
Move a vara, que já da sombra escura
Almas trouxe a informar com nova vida
Seu primeiro cadaver, e levanta
A voz, batendo a terra a dura planta.

XXI.

Sentio Phebe o encanto, e de affrontada
Encolhe os rayos, com que a noite arrea,
De negras nuvens mostra rebuçada
A face, que imitava a luz Febea:
Ficou a natureza perturbada,
O Ceo torna-se escuro, a noite fea,
Tudo se vê alterado de improviso,
O Ceo, a bella Cynthia, o negro Abysso.

XXII.

Eis que o bosque se move, e o negro vento
Ferve entre os ramos com mortal ruido,
Treme a terra em seu proprio fundamento,
Nos baixos valles, e no monte erguido:
De passaros nocturnos o violento
Gemido se ouve, e aspero latido
Dos cães por entre a sombra, que mostrava,
Que a seus rogos a Deosa se inclinava.

XXIII.

Olhando para Ulysses lhe dizia:
Agora he occasiaõ, Grego famoso,
D'outro esforço mayor, nova ousadia,
Que hoje te importa mais ser valeroso:
Segue-me, e logo entrava, elle a seguia
Turbado o coraçaõ, mas naõ medroso,
No punho a espada, e pela cova dentro
As sombras piza do temido centro.

XXIV.

Agora, Clio, Euterpe, e Melpomene,
Vosso favor espero, que me acuda,
Que nas facundas aguas de Hypocrene
Deis voz sonora a minha lingua ruda:
Porque as penas sem orde' alguma, ordene
Da eterna noite, e desta sombra muda
Diga os segredos, que no seyo encerra
Prenhe de chammas a abrazada terra.

XXV.

Já venciaõ com passo errante os medos
Da escura entrada, donde os carregados
Ramos de seus confusos arvoredos
Do ar (por mór terror) saõ meneados:
Quando chegaõ ao pé d'altos rochedos,
Onde do lago Estigio os abrazados
Fogos, que da outra parte ao ar subiaõ,
Sua corrente a espaços descobriaõ.

XXVI.

Com esta escura luz se devisava
Hum batel, que atravessa lentamente,
Que o cansado Charonte navegava,
Oppondo o braço á rapida corrente:
Chega á praya, quem eraõ, perguntava,
Contra os dous move o passo diligente,
E conhecendo a Cyrce, lhe declara,
Como Hecate, que os passe, lhe mandara.

XXVII.

Era Charonte velho, a que cobria
A vista a sobrancelha carregada,
E sobre o pardo peito lhe cahia
A espessa barba nunca penteada:
Os membros nús, que a partes descobria
A roupa de longo uso maltratada;
Velho, porém robusto por extremo,
Com forças aptas ao pezado remo.

XXVIII.

Logo as miseras almas, que esperando
Passar, as largas prayas habitavaõ,
Vendo a Ulysses armado, o vaõ cercando,
Que de tal novidade se admiravaõ:
Por entre as sombras outras vaõ voando,
Em quanto o escuro rio naõ passavaõ,
Como as aves, que vendo ao Sol distante,
Passaõ do hesperio Calpe ao mouro Atlante.

XXIX.

Queria atravessar o rio escuro,
Charonte no pezado remo pega,
Onde, para subir Ulysses duro,
Firma o pé, mete o remo, o batel chega:
Geme c'o pezo o barco mal seguro,
Elle as almas aparta, entra, e navega,
A rota vela o ar desencolhendo,
Os remos igualmente vai batendo.

XXX.

Saem na deserta praya, e vaõ subindo
Por huma estrada, ao parecer formosa,
Viaõ graves visões, naõ lhe impedindo
Do Inferno a livre entrada, e temerosa:
Gritos soaõ, que os montes repetindo,
A jornada faziaõ duvidosa,
E a pouco espaço a porta vêm do Inferno,
Que hum medo infunde, e hum pavor interno.

XXXI.

Vêm ás soberbas torres de aço puro,
Que naõ temem de Jove o forte braço,
E os negros lanços do abrazado muro,
Que guarda, e cinge o temeroso paço:
O lume, que arde dentro, inda que escuro,
As sombras vence por hum grande espaço,
Que pelas bocas, que no muro abria,
Linguas de immortal fogo despedia.

XXXII.

Das torres pelos ares levantadas
Se vê co'a luz do fogo a architetura,
Naquella parte em pé, nesta gastadas
Por entre a confusaõ da noite escura:
De fumo nuvens densas, e dobradas
Sobem do ar impuro á mór altura,
Bramaõ graves trovões continuamente,
Donde se precipita o rayo ardente.

XXXIII.

Phlegetonte, das casas onde habita
A eterna noite, os muros vai lambendo,
Espadanas de fogo, com que imita
Os rios, pelas margens brota ardendo:
Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
O espumoso rio está fervendo,
Vendo-se as almas, que arrojava o centro,
Sahir ao alto, e recolher-se dentro.

XXXIV.

Alli hum graõ portal se vê cortado
Em penha viva, aonde a vista alcança
N'um bronze, em letras igneas entalhado,
Quem entra, deixa aqui toda a esperança;
Alli se via Cerbero indignado,
A quem de massa soporada lança
Cyrce graõ parte, e logo resupina
A triforme cabeça a fera inclina.

XXXV.

Cahe a fera disforme amortecida
Em grave somno, e sem vigor prostrada,
Logo a Esphinge se vê dura, e temida
Dos filhos de Philyra acompanhada:
Da Chymera, e da Hydra embravecida
A sahida da porta está guardada,
E co'a fouce fatal de agudo corte
Preside a todos a invencivel Morte.

XXXVI.

Alli a Soberba está, que por empreza
Toma atrever-se a Jupiter celeste,
Está a seu lado a Inveja em fogo aceza,
Que os membros nús mordendo apenas veste:
O triste, e frio Medo, a vil Pobreza,
A pallida Avareza, a mortal Peste,
Outros monstros se vêm, a quem fazia
O Somno irmaõ da Morte companhia.

XXXVII.

Na temerosa porta se detinha
Ulysses, que ao entrar está patente,
Plutaõ triste, e pezado o rosto tinha,
E a vista nelle p'e fera, e ardente:
Sobre o robusto corpo ao ar caminha
A testa em grandes cornos eminente,
Irado aos monstros grita, que tremendo
Se apartaõ c'o terror do brado horrendo.

XXXVIII.

Todos fizeraõ praça, e rodeáraõ,
Com presteza cercando a Ulysses forte,
Estranhos vultos, e horridos mostráraõ,
E na vista hum terror da mesma morte:
A terra alguns de formas estampáraõ
Ferinas de estupenda, e varia sorte;
Diante estavaõ Furias inclementes,
Toucadas de cabellos de serpentes.

XXXIX.

Alli se vêm Harpias, indomados
Centauros, vêm-se Gorgonas temidas,
Soberbos Geriões, que levantados
Tres almas mostraõ ter n'um corpo unidas:
Sybilaõ Hydras, e Pithões irados,
Briareos, Ephialtes homicidas;
Sem se poder julgar nesta incerteza
Se he mór a fealdade, se a fereza.

XL.

Cyrce lhe diz: O' Rey do fogo puro,
Do graõ Saturno, e de Ope peregrina
Filho, e irmaõ do soberano Anxuro,
Caro esposo da bella Proserpina:
Tu, que este Reyno do tormento escuro
Governas, e com traça alta, e divina
Em desconcerto, e triste horror ordenas
Conforme ás culpas as temidas penas;

LXI.

Permitte a Ulysses, que do lago Averno,
Que teu imperio, e teu aceno adora,
Penetre os seyos, e do escuro Inferno
Antes que ao mundo saya a roxa Aurora:
Manda que pare este tormento eterno,
E aos espiritos nús a vingadora
Alecto deixe em paz, sem offendê-los
C'o venenoso açoute dos cabellos.

XLII.

Concede-lho Plutaõ, e logo acena
Aos severos ministros, e cessavaõ
Os gritos, suspendendo a dura pena,
Com que as almas té entaõ se atormentavaõ:
E porque saibaõ todos o que ordena,
Megera co'as irmãs, que a acompanhavaõ,
Filhas da noite, huma trombeta toca,
A que dá immundo alento a negra boca.

XLIII.

Soa o metal ferido horrendamente
C'um tom rouco, terrivel, e espantoso,
Dobraõ-se os ecos, como quando o ardente
Trovaõ passa com brado temeroso:
Torna atraz de Cocyto a graõ corrente,
E entre as ondas do fogo poderoso
As almas se erguem, e cada huma espera
O que manda a sevissima Megera.

XLIV.

Vencendo as negras sombras vaõ entrando
Ulysses valeroso, e a sábia guia,
Ambos com prompta vista hiaõ notando
As varias penas, que no Inferno havia:
Vèm as intensas chammas, que ondeando
De fogo huma seara parecia,
Que sem materia alguma se sustenta,
E impassiveis esp'ritos atormenta.

XLV.

Alli vêm dentro quanto o mundo abarca,
A'quella breve estancia reduzido,
O miseravel pobre, e o Monarca,
Hum desprezado cá, outro temido:
Todos iguala a inexoravel Parca,
Que a miseria, e grandeza he hum vestido,
Que se despe ao morrer, e só o esp'rito
He o nobre, he o immortal, he o infinito.

XLVI.

Qual sem considerar seu nascimento
Fraco, e mortal, se julga por divino,
Fundando torres sobre o leve vento,
Sendo tudo vaidade, e desatino:
Só tem a fama eterno fundamento,
Porque o valor mais raro, e peregrino
He filho d'alma, e o tempo naõ se atreve
Quebrar as taboas, onde a fama escreve.

XLVII.

Vós os que os doces ares da privança
Bebeis, andando nella transportados,
Sabei, que a sorte humana naõ descança,
O rayo busca os montes levantados:
A gente que vos segue, e que vos cança
Quando passais temidos, e adorados,
Se se ajoelha, adora, e se importuna,
Naõ se dá a honra a vós, dá-se á fortuna.

XLVIII.

Por entre as roxas flammas, que ondeavaõ,
Já o grande Grego, e Cyrce se metiaõ,
E as almas, que de vê-los se admiravaõ,
Pela vista o tormento suspendiaõ:
Já ao grave, e duro tribunal chegavaõ,
Onde crueis sentenças proferiaõ
(Quaes se naõ viraõ mais com rigor tanto)
Minos, Eaco, e o fero Radamantho.

XLIX.

Aqui Cyrce lhe diz, saõ accusados
De ferreas almas duros homicidas,
Que dissimulaõ animos danados
Tendo os rostos por mascaras fingidas:
Vês Procustes arder, que aos convidados
Matava, onde por preço destas vidas
A sua deo, fazendo, quando a perde,
Purpurea de Cephiso a margem verde.

L.

Este, que vês estar mais adiante
Com a abrazada purpura vestida,
Que tem na maõ o Sceptro rutilante,
Insignia taõ amada, e taõ temida,
He Polimnestor, que o formoso infante
Polidoro privou da doce vida,
Sem lhe guardar a fé, que promettera
A Hecuba, que o filho em guarda dera.

LI.

Vês Mamertes Corinthio, que atrevido
As leys da natureza em pouco teve:
Porém que coraçaõ naõ tens vencido,
Da pezada Coroa ambiçaõ leve?
Na espada de Sysapo cae rendido,
Paga c'o sangue, o que a seu sangue deve,
E agora passa áquelle carro atado
Dos velozes cavallos arrastado.

LII.

Aqui arde Eriphyle, porque entrega
O pobre Amphiarao á dura Argia;
Que a tanto a vil cubiça humana chega,
Que em odio paga o que em amor devia:
Vês Perseo, e Scyla com vontade cega
De ambiçaõ, e de amor, que se atrevia
Elle matar o Rey famoso Acriso,
Cortar ella o cabello ao velho Niso.

LIII.

Vês as netas bellissimas de Bello,
Que o iniquo mandado executáraõ
Do pay, e por melhor obedecê-lo
Os miseros esposos degolláraõ:
Que junto ao triste rio, por vencê-lo,
Em vaõ nas negras ondas trabalháraõ;
Vês como a dura pena merecida
Paga Orestes, e Agyrtes fratricida.

LIV.

Nest'outro tribunal com recta vara
Se punem insolentes tyrannias,
Este he Phineu co'as mezas que prepara
Povoadas de exquisitas iguarias;
Porque os filhos privou da vista cara
Lhas levaõ imanissimas Harpias;
Sempre faminto está, sempre inquieto
Sem lhe poder valer Calais, ou Zeto.

LV.

O que entre o rio, e ramos mal seguros
A mór sede, a mór fome se provoca
Sem os pomos poder lograr maduros,
E sem a agua tocar a ardente boca,
He Tantalo, que impuro aos Deoses puros
Deo o filho em manjar, a quem só toca
Ceres, e aquella parte, que comera,
Lhe deo eburnea na melhor esfera.

LVI.

Aquelle, que alli vês arder entre estes,
He filho da formosa Hypodamia,
Que por poder vingar-se de Thiestes
O filho offereceo por iguaria:
O Sol seus rayos escondeo celestes
De taõ infame meza aquelle dia;
Vês o cruel Diomedes, e Tiphonte,
Syron, Orcamo, Agiro, e Licaonte.

LVII.

De ver os Reys no inferno está admirado
Ulysses, tendo a Jove taõ propicio,
Que no mundo lhe deo tamanho estado,
Que he de favor divino grande indicio:
Aqui, diz Cyrce, tem aparelhado
O seu castigo os máos por beneficio
Dos bons, e poucos Reys o inferno encerra,
Porque entre poucos se divide a terra.

LVIII.

Aqui verás Fallacia estar ouvindo
Os amantes, que insanamente ardêraõ;
Vê Ticio, a que o abutre está ferindo
As fibras, que feridas renascêraõ;
Porque de amar Latona presumindo
Seus lascivos desejos a offendêraõ,
Tendo morte immortal, por ser pequena
Para taõ grande mal taõ grande pena.

LIX.

Vês logo junto a filha de Cynara,
Que de seu torpe amor naõ teve pejo,
Dando por elle a fama, e vida cara,
Que custa a vida, e fama hum vil desejo:
Enriqueceo Arabia, donde pára,
Que nisto pára sempre amor sobejo;
Vê Menefron como o castigo teve
Entre o rigor da congelada neve.

LX.

Alli vê os que amáraõ insanamente,
Vê Machareo a que abrazou Canace,
Vê o pay de Cyane juntamente,
E com Cassandra o valeroso Ajace,
De Neusimene os filhos, a excellente
Biblis com triste, e vergonhosa face,
E tu, que em chamma intensa te abrazaste
C'o filho de Antenor, bella Lycaste.

LXI.

Preside aqui Laverna aos que vivêraõ
De latrocinios grandes, e infestáraõ
A terra, lhe diz Cyrce, e naõ temêraõ
A Jove, cujos rayos provocáraõ:
Marchilas, a que os povos se rendêraõ,
Que a sylva Dodonea povoáraõ,
Tytigias taõ temido em dura guerra,
E o soberbo Egeon filho da terra.

LXII.

Isto dizendo, chegaõ onde ouviaõ
De arrastadas cadeas graõ ruido,
Que as abobadas negras repetiaõ
Com terrivel, e asperrimo bramido,
Amargas vozes, que soando criaõ
N'alma pavor, e magoa no sentido,
Aqui se vê, diz Cyrce, o fogo eterno
Do Tartaro cruel, do baixo Inferno.

LXIII.

Aqui os casos se punem mais pezados
Dos que já contra os Deoses se atrevêraõ,
Aqui tem os Gigantes debellados
As penas, que suas obras merecêraõ:
De cuja força os polos enfiados,
Vendo-se acometer, estremecêraõ,
Quando no Phlegreo campo o soberano
Jove os ferio c'os rayos de Vulcano.

LXIV.

Vês alli dos Aloides gigantes
Ephialtes, e Otho a quem encerra
Jupiter, atrevendo-se arrogantes,
Para o deitar do Ceo, subir da terra:
De Diana, e de Apollo as penetrantes
Settas prováraõ na sanguinea guerra,
E Phlegias Rey dos Lápitas famoso,
Que o templo a Apollo abraza sumptuoso.

LXV.

Vês seu filho Ixion, que á roda atado
Do baixo ao alto della vay subindo,
Para ao centro descer arrebatado,
Correndo vay traz si, de si fugindo:
Porque daquelle gosto imaginado
As glorias vãs ao mundo descobrindo,
Se gabou que na nuvem, que abraçara,
Da consorte de Jupiter gozara.

LXVI.

Vês Lauzo, Capaneo, Glauco arrogante,
Que contra os Deoses peleijar se atreve,
E Pentheo, de quem Bacho petulante
Taõ offendido, e desprezado esteve:
Vês as filhas de Préto, que á prestante
Venus negaõ a gloria, que se deve
A seu rosto excellente, e peregrino,
Prepondo o ser humano ao ser divino.

LXVII.

Vês acolá Salmonio ir arrastando,
Porque igualar-se a Jupiter queria,
Quando com veloz carro atravessando
Sobre huma ponte de metal corria;
De Jupiter o estrepito imitando
Dos trovões, que imitar-se mal podia,
Medindo o que ha do centro á altiva ponte,
Emulo do abrazado Phaetonte.

LXVIII.

Lá no mais fundo centro estaõ metidos
Em mayor fogo, e com mayor affronta
Os que com rostos falsos, e fingidos
Querem que o mundo os tenha em melhor conta:
Que montaõ apparencias, e vestidos,
E a falsa opiniaõ tambem que monta?
He o hypocrita falso nova Esfinge;
Porque he pessimo o máo, se bom se finge.

LXIX.

Se contar por extenso te quizera,
Quanto nesta regiaõ de luz avara
Se esconde, em fogo, e sombra, mal pudéra;
Que tanta confusaõ mal se declara:
Se mil bocas, e linguas mil tivera,
E com todas a hum tempo te falara,
Querer comprehender tudo era grande erro,
Tendo entranhas de bronze, e voz de ferro.

LXX.

Do que Ulysses ouvira, e do que via
C'os olhos cheos de agua, e sentimento:
O' triste humana condiçaõ, dizia,
O' eterna affliçaõ do pensamento,
N'um ponto acaba esforço, e galhardia,
Seguem-se eternos annos de tormento;
Mas com que fundamento culparemos
A propria condiçaõ, com que nascemos?

LXXI.

Hiaõ vendo ao passar do graõ Letheo
O triste, e negro pego, onde se viaõ
Os que por seu viver infame, e feo
Eterno esquecimento mereciaõ:
E os que tratando o espirito como alheo
Lhes servio a alma só, com que viviaõ,
De sal, com que nos annos que duráraõ
Os corpos incorruptos conservárаõ.

LXXII.

Chegaõ de Erebo aos muros levantados,
E Cyrce diz: Aqui Plutaõ encerra
Os varões, cujos feitos sublimados
Merecem fama, e nome sobre a terra;
E os que em virtudes altas estremados
Na branda paz, e sanguinosa guerra
Com grandes obras, dignas de alta historia,
Compraõ com breve vida eterna gloria.

LXXIII.

Aqui no grande Erebo vaõ passando
Os largos annos, que Plutaõ lhe ordena,
O alto, e nobre espirito apurando
Só na esperança de sahir da pena:
Daqui ao campo Elysio caminhando,
Regiaõ mais alegre, e mais serena,
Por onde as almas já purificadas
Sobem ás estelliferas moradas.

LXXIV.

Entráraõ ambos dentro, onde encontravaõ
Muitos Gregos, que em Troya fenecêraõ
Co'as proprias armas, com que pelejavaõ,
Co'as feridas que nella recebêraõ:
No meyo as almas Gregas o tomavaõ,
E grande espaço alli se detiveraõ;
Entre os claros espiritos cercado
O grande Ulysses resplandece armado.

LXXV.

A vê-lo corre Agamenon, que vinha
Ferido, a quem Ulysses abraçava,
Do ferro o peito atravessado tinha,
De que o sangue ainda fresco lhe manava:
Alli lhe diz, em quanto se detinha,
Co'a voz que dentro n'alma se formava,
Ao caso inopinado, e nunca visto
Deo Clytemnestra a causa, o ferro Egisto.

LXXVI.

Pallido encontra Achilles, e turbado,
A quem Patroclo segue mal ferido,
Para abraça-lo corre acelerado
O Capitaõ, dizendo: que atrevido
Ferro pôde tocar-te? Elle admirado
De o ver responde, quando fui metido
Na Estige, as plantas na agua naõ tocáraõ,
Por onde os fados seu caminho acháraõ.

LXXVII.

Chegando-se nos braços o apertava,
E tê-lo Ulysses nelles presumindo,
Aquella mesma sombra que abraçava,
Delles se desatava, e hia fugindo:
O grande Heytor de o ver se perturbava
Como que a gente Grega o vem seguindo,
E os Troyanos heroes, que alli se achavaõ,
Alterados de vê-lo se apartavaõ.

LXXVIII.

Alli as almas se vêm na sombra escura,
Dos que o fio cortou a Parca impia,
Levando-os a encerrar na sepultura
Das entranhas da mãy, sem ver o dia:
E os que tendo gozado da luz pura,
Arrebatou com maõ pezada, e fria
Dos peitos, de quem Rumia tem tomado,
Como adoptiva mãy, novo cuidado.

LXXIX.

Passando vaõ aos campos venturosos,
Onde os esp'ritos tem doces moradas,
E da morte, e seus males victoriosos
Tem o gosto, que as penas daõ passadas:
Por entre bosques altos, e frondosos
Ao longo de ribeiras socegadas
Em danças, em choreas, e alegrias
Passaõ n'um dia eterno eternos dias.

LXXX.

No Elysio campo hum valle está sombrio,
Por mór veneraçaõ de bosque escuro,
A que huma nuvem cobre, e hum fresco rio
Com mansa vea corta alegre, e puro:
Alli do tempo o ordenado fio
Guarda esp'ritos gentís, que no futuro
Huns haõ de ser na paz, outros na guerra
Dynastas, Semideoses sobre a terra.

LXXXI.

Aqui, lhe diz, do Imperio Lusitano
Para onde o Fado, e claro Ceo te chama,
Os Reys verás, que iraõ pelo Oceano
Té ver do Sol dourado a ignea cama:
Por elles ao famoso Tejo ufano,
(Escurecendo toda a antiga fama)
Ajoelhados de longe, o mar abrindo,
A maõ viraõ beijar o Gange, e o Indo.

LXXXII.

Diz-lhe Ulysses entaõ: O' poderosa
Deosa, que com altivo pensamento
Na sombra escura, e esfera luminosa
Pódes o centro abrir, e o firmamento,
Mostra-me essa prosapia gloriosa,
E deixa-me adorar o fundamento
Da illustre Lusitana Monarquia.
A quem a sábia Cyrce respondia:

LXXXIII.

Aqui verás na idade derradeira
Da generosa estirpe Lusitana
Os varões, que procedem da primeira
Raiz do velho Henrique soberana:-
Verás, que inda que a fama lisonjeira
No que nos conta ás vezes nos engana,
Aqui diz menos, que a immortal memoria
Delles honrará viva, e morta historia.

LXXXIV.

Aquelle varaõ forte, que diante
Vês de todos, taõ bravo, e taõ guerreiro,
Nos membros robustissimo gigante,
He o grande Henrique, illustre Cavalleiro,
Lusitano Mavorte, que arrogante
A forte lança empunha elle primeiro
Com força, que as humanas muito excede,
Matando no inimigo sangue a sede.

LXXXV.

Este em dourado jugo de Himeneo
Ligado co'a bellissima Tareja,
Pondo ao Mouro atrevido honroso freo,
Encherá Hespanha de gloriosa inveja:
Té as partes, onde foi vencido Antheo,
Lhe foge o Agareno, que deseja
Esconder-se da lança ensanguentada,
Mostrando a núa espalda em vez da espada.

LXXXVI.

Junto delle está Affonso de alto aspeito,
Que tem no punho a espada vencedora,
A quem ficará sendo imperio estreito
O que ha do frio Occaso á roxa Aurora:
Este com firme, e invencivel peito
Da gente, que nos Caspios montes mora,
Cinco Reys vencerá, pondo a Lisboa
Das cinco huma dignissima Coroa.

LXXXVII.

Vencerás o inimigo, ó Rey famoso,
Digno deste triunfo illustre, e claro,
Pizando os estandartes victorioso,
Que contra ti tremola o Mouro avaro:
Da Maura insania açoute milagroso,
Por quem milita o Ceo com favor raro,
Vendo a teus pés mil vezes arrazado
O vivo muro do inimigo armado.

LXXXVIII.

Mandará vir o Ceo para ajudar-te
Guilherme illustre da inclita Alemanha,
Childe Rolim de Flandres, novo Marte,
Que no cerco te segue, e te acompanha:
O perigo entre todos se reparte,
De sangue alheyo, e seu cada hum se banha;
Que entraõ na empreza os fortes Cavalleiros
Como vassallos naõ, mas companheiros.

LXXXIX.

O que está junto delle he o excellente
Sancho, do mundo assombro, e maravilha,
Por quem verá Albayaque ir a corrente
De Alquibir sanguinosa á graõ Sevilha,
A quem depois Miramolim potente
A cerviz com mais treze ao jugo humilha,
Que faz c'o ferro abrindo negras veas,
Purpurear as pallidas areas.

XC.

Vês o segundo Affonso, que manchada,
Por ser de tantos Mouros homicida,
Mostra do sangue a cortadora espada
No temeroso Alcaçar taõ temida:
Junto delle está Sancho, que a prezada
Coroa engeitará, buscando a vida
Mais segura, a quem segue o valeroso
Terceiro Affonso de Matilde esposo.

XCI.

O que vês co'a viseira reluzente
He Diniz, que na acesa vista ardendo,
De seu braço, e espada refulgente
Em Castella Fernando está tremendo,
A quem depois co'a valerosa gente
Portugueza, do Mouro defendendo,
Estenderá sua famá pela dura
Guerra do Sagitario á Cynosura.

XCII.

Este terá a illustre, e cara esposa
Do sangue de Aragaõ bella Isabella,
Que só procura n'alma ser formosa,
Sendo sobre a mayor belleza bella:
Da terra ao Ceo na morte milagrosa
A' mór esfera sobe a ser estrella,
A terra enriquecendo de memoria,
De espanto Hespanha, o mesmo Ceo de gloria.

XCIII.

Aquelle do bastaõ será o temido
Quarto Affonso, nas armas Marte irado,
Pelo invencivel braço conhecido
Na sanguenta batalha do Salado,
Adonde Alboacem sendo vencido,
Quieto o Hispano Affonso, e socegado,
Elle, que gloria só procura, e ama,
Nada quer da victoria além da fama.

XCIV.

Este, que vês robusto, e bem disposto,
Côr parda, nariz alto, olhos fogosos,
He Pedro, que desmente em fero rosto
Os brandos pensamentos amorosos,
Que amará a bella Ignez, e aquelle gosto
Lhe roubaráõ os fados invejosos,
Quando matando a dous huma só ferida,
Cahirá do mesmo golpe o amor, e a vida.

XCV.

Quem he aquelle de aspeito venerando?
Pergunta o Grego, a quem responde logo
Cyrce, que nas delicias he Fernando
Mais conhecido, que no Marcio jogo:
Que em sua terra o Castelhano bando
Soffrerá, vendo arder o Hispano fogo,
Voar Lisboa do lugar que teve
Aos espaços do ar em fumo leve.

XCVI.

O da insignia verde, e grave aspeito,
Que em corpo giganteo, alto, e membrudo
Veste de arnez luzente o forte peito
Apertando no punho o estoque agudo,
He Joaõ, que a seus pés tem o perfeito
Dom Nuno Alv'res Pereira, vivo escudo
Do Reyno, e Rey, que o jugo Castelhano
Sacode do pescoço Lusitano.

XCVII.

Por este a patria afflicta, libertada,
Estendida, opulenta, ennobrecida,
A rica idade gozará dourada,
Que só será de ferro em ser temida:
Qual cometa fatal, a sua espada
Depois de dar ao Orco tanta vida,
Ornada de diamantes, e de estrellas
Será no Olympo collocada entre ellas.

XCVIII.

Este Rey, sem vencê-lo a adversidade,
Porá no Ceo as Lusitanas quinas,
E do solto inimigo a liberdade
Enfreará vestindo as armas finas:
Dará premio, e castigo em igualdade,
Nutrindo, e fecundando artes divinas,
Da patria pay, para que o mundo veja,
Que alli naõ acha que emendar a inveja.

XCIX.

Logo o grande Duarte, que affectando
Das estrellas, e Ceo o arduo caminho,
Do mar as ermas ondas povoando
Irá com tanta vela, e tanto pinho
Do Sol co'a vista os rayos aturando,
Que he aguia taõ real, como he seu ninho,
Vencendo o seu belligero estandarte
Dous mores inimigos Morte, e Marte.

C.

Aquell'outro, que o Sol imita armado
No resplandor, he o grande Affonso quinto,
A quem se devem para seu traslado
Marmores Parios, bronzes de Corintho;
De quem a terra, e mar mais apartado
Tremerá deste Polo ao mais distinto,
Dando mór fama para engrandecê-la
A' graõ Lisboa, que Alexandre a Pela.

CI.

Logo Joaõ segundo bellicoso
Fará escura toda a fama alhea,
Vendo levar seu nome glorioso
Té onde o ardente Sol ferve na area,
Descobrindo o graõ Cabo, que o famoso
Nilo em cothurnos de cristal passea,
Rey exemplo de Reys, digno governo,
Que fora eterno Rey de hum Reyno eterno.

CII.

He o do largo manto o preeminente
Primeiro Emanuel, que a vencedora
Serpe levará aos mares do Oriente,
E aos bordados de luz Reynos da Aurora:
A este Neptuno humilha a graõ corrente,
E a gente, que de Antheo nos campos mora,
Vem pedir leys, e o barbaro gentio
Da terra, onde o Sol faz perpetuo estio.

CIII.

Chegará onde nunca o éco, ou fama
Chegou, toda a Asia tremerá de ouvi-lo
Da parte, onde o Sol tem dourada cama,
Té onde acaba sem mudar o estilo:
De medo já com sete bocas brama,
Por se esconder dentro em seu mar, o Nilo,
Dando-lhe estatuas o que bebe Hydaspes
De ouro, e Atlante de Africanos jaspes.

CIV.

Junto delle Joaõ está terceiro,
A quem seu mar, seu Oriente humilha
O inventor raro do animal guerreiro,
E da terra, e do Sol a bella filha,
Será depois de tantos o primeiro
Terror dos mares de Asia, e maravilha,
Em cujos hombros descançar pudera
O grave pezo da mayor esfera.

CV.

Vês logo Sebastiaõ forte, e temido,
Novo filho do Sol, que entra arrogante,
E em suas grandes forças atrevido,
Quer pizar a cerviz do velho Atlante:
Intenta ver a hum tempo destruido
De Marrocos o muro, e Tarudante;
Mas ah que vejo ao Reyno sua ruina
N'um Rey, que he moço, e só se determina.

CVI.

Vê bem o grave, e carregado aspeito,
Com que hum mudo pavor nas almas cria,
E nota que em seu rosto, e forte peito
Grandes cousas se vêm co'a fantasia:
Que dá esperanças o famoso objeito
De naõ imaginada monarchia,
Mil sombras de inimigos debellados
O cercaõ, mil de Reynos conquistados.

CVII.

Seguirá de Bellona a imagem fera,
A que a Ninfa de Amphriso a gloriosa
Rama prepara, que cingir espera
A sua altiva fronte victoriosa:
Fatal assombro de huma, e d'outra esfera,
Se a tantas esperanças invejosa
A fortuna, que o vê, naõ no atalhara,
Larga nos males, só nos bens avara.

CVIII.

Que saudoso pranto, e magoas vejo
Dizer sem fructo á Lusitana gente,
Quando chorar com dôr, e amor sobejo
Sua morte, e sua ruina juntamente:
Que exequias lhe farás saudoso Tejo,
Vendo crescer c'o pranto a tua corrente,
Quando os funebres tumulos, e altares
Com tuas ondas turbadas visitares.

CIX.

Venhaõ cheirosos lirios, venhaõ rosas,
Venhaõ flores deitadas a maõ chea,
E a estas saudades amorosas
Dos olhos acompanhe a larga vea:
O que em purpureas vestes gloriosas
Com tanta magestade o corpo arrea,
O santo Henrique he, para que fique
Do nome do primeiro ultimo Henrique.

CX.

O que vestido o arnez tem rutilante
He o graõ Filippe, cuja fòrte armada
Teme o Turco em Lepanto, a quem Barbante
A cerviz dura inclinará domada:
A quem hum mundo naõ será bastante,
Cujo leaõ co'a garra levantada
Olhando a terra, e todo o mar profundo
Fará tremer o antigo, e novo mundo.

CXI.

Logo Filippe, que gozando unida
Em paz a dilatada Monarchia,
Verá o fio cortado á doce vida,
Que em fuzo de ouro Láchesis lhe fia:
De Cometas infaustos opprimida
Se verá a noite arder pallida, e fria,
Por mostrar que de Rey taõ excellente
A morte, e perda até no Ceo se sente.

CXII.

O ultimo, que vês, he o graõ Monarca,
E terceiro Filippe esclarecido,
A quem em tear de ouro a justa Parca
O estame tece a seu valor devido:
A quem beijará o pé tudo o que abarca
Da pura Thetis o humido marido,
Para emular seu simulacro raro
Ha de desentranhar seus montes Paro.

CXIII.

A este graõ Monarca descobrindo
O Sol novas nações no mar profundo,
Naõ contente que mande o Chile, e o Indo,
Lhe quer na terra abrir terceiro mundo:
Ao quinto Carlos em valor seguindo,
A Filippe primeiro sem segundo
No saber, que no alto peito encerra,
Será Filippe em paz, Carlos na guerra.

CXIV.

Hum, e outro Neptuno carregado
De fayas tremerá nos dous estremos,
Hum de bosques de velas subjugado,
Outro ferido de pezados remos:
Ver-se-ha o Inglez, e Belga fulminado;
Que dos leões Hispanos bem podemos
Presumir, que suas forças singulares
Nas unhas levaráõ terras, e mares.

CXV.

Verá o Imperio seu taõ estendido,
Que elle mesmo se impida o crescimento,
De perolas, e neve guarnecido
Verá o Norte, e o Sul seu grande augmento:
Com diamantinos cravos impedido
Da roda da fortuna o movimento
Ha de estar firme, inda que o tempo corra,
Ha de viver, inda que o tempo morra.

CXVI.

Nisto Anticléa para Ulysses vinha,
Que em seus braços suspenso hum pouco esteve,
E quando neste engano se detinha,
Vê que delles lhe foge a sombra leve:
O' doce mãy, lhe diz, ó gloria minha,
Assim me roubas este gosto breve,
Quando só por te ver ao Inferno venho
Buscando a gloria, que em teus braços tenho.

CXVII.

Naõ quiz o Ceo que em Ithaca me achasse,
Quando della fizeste despedida,
Porque os olhos morrendo te cerrasse,
Honrando com meu pranto tua partida,
Porque esta dôr, e magoa me ficasse
Para me atormentar em toda a vida;
Que para naõ sentir pena taõ grave,
Já a triste morte me será suave.

CXVIII.

Vive, diz ella, Ulysses, e permita
O Ceo que contes annos descansados,
Neptuno tua morte solicita,
Ventos movendo, e mares empolados:
A paciencia os casos facilita,
Soffrendo has de vencer fortuna, e fados,
Sempre o animo ergue a cousas altas,
Se elles faltarem, vejaõ que naõ faltas.

CXIX.

Pergunta-lhe Laerte se vivia;
Vive, ella lhe responde, e tua esposa,
E Telemaco d'ambos alegria,
Com que enganaõ a vida saudosa:
Torna a alegrar aquella companhia,
Penelope taõ casta, e taõ formosa
Naõ era para ausente, inda que casta,
He formosa Penelope, e isto basta.

CXX.

Largo espaço estiveraõ praticando,
Até que Cyrce tendo especulado
Da socegada noite o curso brando,
E o muito tempo já que tem gastado,
Que se partaõ lhe diz, elle abraçando
A cara mãy em lagrimas banhado,
Os paços deixa, aonde a noite mora;
Que já as chaves no Ceo se ouvem da Aurora.

ULYSSÉA.

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO.

Deixa Ulysses a Cyrce o mar abrindo,
Quando alterado sente o salso argento,
A's Ninfas Thetis sae favor pedindo
Para abrandar a furia ao mar, e ao vento:
Via no Estreito Alcides resistindo
Ao seu mayor que humano atrevimento,
Do Tejo as ondas corta, onde sentia
Já de Protheo cumprida a profecia.

I.

Da quarta esfera o claro Libystino,
Monarca das estrellas refulgente,
Da Ecliptica incansavel peregrino,
Olho do Ceo, e tocha do Oriente,
Da luz mostra o thesouro matutino,
Abrindo o novo dia á nova gente,
Quando já o Grego, obedecendo ao Fado,
Quer a vida entregar ao mar salgado.

II.

Em Telegonio tinha a propria vida,
Que já de Cyrce os braços carregava,
E por de ambos temer a despedida
Faze-la occultamente procurava:
Quando de seus intentos advertida
Cyrce, co'a grande pena, que levava,
Furiosa chega a Ulysses, e os furores
Converte em doces lagrimas, e amores.

III.

Como, diz, inimigo, te atreveras
Deixar-me assim offendida, e saudosa,
Senaõ quando matar-me pretenderas
Primeiro que esta ausencia vagarosa:
Se assim matar-me mais depressa esperas,
Sendo a pena cruel, fora piedosa,
Se a triste Cyrce, e Telegonio amavas,
Tanto a partida em vê-los dilatavas.

IV.

Rendido a esta amorosa competencia,
Promette Ulysses a jornada breve
Com lagrimas, que saõ muda eloquencia,
Com que contando sua magoa esteve:
Em fé que hei de vencer taõ dura ausencia,
Tomando o filho, que entre braços teve,
Lhe diz: Este penhor, Cyrce, offereço,
Que tanto preço tem, que naõ tem preço.

V.

Vai-te, diz ella, vai-te, que naõ quero,
Pois para te partir estás disposto,
Fazer que esperes mais, que naõ espero,
Que nisso queiras dar-me hum breve gosto:
Tres vezes de aço tens o peito fero,
No coraçaõ és hum, outro no rosto;
Triste quem ama, que na dor presente
Sente o que diz ser menos do que sente.

VI.

Isto dizendo, o fogo, em que se acende,
De lagrimas os olhos lhe arrazava,
E o brando coraçaõ co'a dor se rende,
Mudo orador das penas, que passava:
Para abraçar o filho o braço estende,
Que fugindo-lhe aos peitos se apertava
Da mãy, que lastimada, e triste via,
Com que novas saudades lhe acendia.

VII.

Naõ te quero, lhe diz, pois és retrato
De hum ingrato mayor, que o mundo teve,
Porque naõ no pareças sendo ingrato,
E quem me leva a vida o gosto leve:
Mas naõ te dou eu filho taõ barato,
Bem desta vida bre . . . , sem dizer breve,
Que as lagrimas lhe afogaõ n'um momento
Entre as fauces da voz o ultimo accento.

VIII.

Toma Ulysses a Cyrce entaõ nos braços,
E Telegonio, e diz: Tanto temia
Romper por estes soberanos laços,
De que gozava em quanto Deos queria,
Que destes suavissimos abraços
(De que minha fortuna me desvia)
Fugia, por temer que se chegasse
A vos deixar, que a vida alli deixasse.

IX.

Naõ se sabe apartar quem ama, e pena,
E quem nisto he mais fraco, este he mais forte,
A dor da mesma morte he mais pequena,
Que quem morre, melhora muito a sorte:
Quem morre, acaba o mal, que toda a pena
Dura co'a vida, sem passar da morte;
Mayor pena padece o que está ausente,
Pois morre de saudade, e morto sente.

X.

Em quanto os dous amantes assi estavaõ
Enganando as saudades da partida,
Tambem aos seus as Damas escutavaõ
Magoas da rigorosa despedida:
Egiale, e Leostenes se abraçavaõ,
Androgeo, e Ericia, a quem a vida
Tinha entregue, o mesmo Penopéa
Faz a Philemo, e a Palemo Alphéa.

XI.

Só Dimantes, que tem por gentileza
Ser diamante, a Polibio naõ consente
Lagrimas, e saudades; que se preza
De que nenhuma pena, ou magoa sente:
A variedade honra a natureza,
Lhe diz, e naõ te canse amigo ausente
Deixar-me, que de mim terás notado,
Que me naõ dá cuidado algum cuidado.

XII.

Ficava Cyrce, Ulysses se partia,
Que c'o pranto acendia seus furores;
Vai-te, inimigo amado, lhe dizia,
Minhas penas dobrando, e meus temores:
E como quando ao mar inclina o dia,
As sombras sobre a terra faz mayores,
Assim n'alma de Cyrce, que ficava,
A sombra da tristeza se dobrava.

XIII.

O anno novo, bello, e florecente
Junto á idade juvenil andava,
Quando Astrea co'as noites juntamente
Na aurea balança os dias igualava:
A inimiga do dia diligente
A terra em roda, e ares occupava,
E a seu pezar o Sol, que em torno gira,
Vinha abrazando os campos de çafira.

XIV.

Já da Saturnia Hesperia vaõ sahindo
As náos ligeiras com alegre vento,
Co'as levantadas proas dividindo
A crespa prata do humido elemento:
Quando fóra das aguas sacudindo
A cabeça Neptuno: Oh fraudulento
Ulysses, diz, permitte o Ceo sereno,
Que ares a meu pezar o mar Tyrrheno!

XV.

Espera: e naõ diz mais de impaciente,
E sobre as molles ondas, que pizava,
Esgrime furibundo o graõ Tridente,
E o mar vendo-o enojado se encrespava:
Colhendo a Armada o vento brandamente
A' vista de Parthenope passava,
Vê logo o Tybre entrar no mar profundo,
A cujo imperio ha de ajoelhar-se o mundo.

XVI.

Com prospera bonança vaõ passando,
Quando o Piloto vê sobre a cabeça
As carregadas nuvens, que voando
Vaõ no mais alto do ar com grande pressa:
Hiaõ-se os horizontes abafando,
Cruza-se o mar, nas ondas se atravessa
A grande Capitania, que recebe
Co'a proa o grosso mar, que arfando bebe.

XVII.

Disse o Piloto: Amaina a grande vela,
Que logo os marinheiros vaõ colhendo,
Quando do alto desce a graõ procella,
Todo em montanhas de agua o mar erguendo:
Os ventos conjurados a vence-la
Sopraõ, as velas concavas rompendo,
E batendo por hum, por outro lado,
Quer dentro introduzir-se o mar salgado.

XVIII.

Mais aspera fortuna exp'rimentava
Cada huma das náos da companhia,
Que posto hum monte n'outro o Ceo tocava,
E ao centro profundissimo descia,
De negra sombra o ar se coroava
Por maõ da noite, que do Ceo cahia,
E o vento alma das nuvens nova guerra
Movia, dando assalto ao mar, e á terra.

XIX.

Nas entranhas do mar em graõ planura
Se vê hum edificio levantado
De rara, e excellente architectura,
Pela famosa Thetis fabricado:
Os altos coruchéos de prata pura
Carregaõ sobre jaspe bem lavrado,
Do portal a soberba fronte admira
Cortado de finissima çafira.

XX.

Na quadra mais alegre, e mais ornada,
Que está na melhor parte do aposento,
Das bellas Ninfas Thetis rodeada
Seu nobre estrado tem, seu rico assento:
Nereas alli estaõ, que por estrada
Incognita, e occulto movimento
O puro humor á terra communicaõ,
Com que os campos florecem, e frutificaõ.

XXI.

Das mais Ninfas, que assistem, hũa se via
Dançar pulsando as cordas docemente,
Outra, que a prata, e ouro em roca fia,
E em conchas colhe a perola excellente,
Qual do fundo o coral mostrava ao dia,
Que logo endurecer ao Sol se sente,
E qual da area aparta o peregrino
Graõ estimado do metal mais fino.

XXII.

Saõ nos rostos formosos parecidas
Como irmãs, mas diversas no cabello,
Que hum he louro, outro verde, se esparzidas
Suas bellas tranças vaõ no corpo bello:
D'um delgado cendal andaõ vestidas,
Que acende mais à desejar de vê-lo,
Thetis as chama, e ellas, que a ouviaõ,
Todas a obedece-la concorriaõ.

XXIII.

Das alteradas ondas alterada
Thetis temia, vendo offerecida
A' braveza do vento a Grega Armada,
Que seja por Neptuno destruida:
Lembra-lhe o seu Achilles, e a passada
Historia de Peleo, e enternecida
De ver taõ grande dano, e tanta mágoa,
Fala ás Ninfas c'um mar nos olhos de agoa.

XXIV.

Vedes, doces amigas, como o fero
Boreas, e Euro se mostraõ alterados,
E os meus Gregos perecem, que hoje espero,
Que por vós haõ de ser remediados:
Que o furor lhe amanseis, amigas, quero,
Pois sei que de vós andaõ namorados,
E nas mostras da vossa gentileza
Logo lhe ha de esquecer toda a braveza.

XXV.

Já sobre as ondas Thetis vai śubindo
Com Doris, Symodoce, e com Thalia,
Descobria Anfitoe o gesto lindo,
E o azul de seus olhos Lemnoria:
Na belleza, e na graça competindo
Galatéa, Panope, e Oritia,
Larga o cabello ao vento Dinamene,
Que pela eburnea maõ toma a Climene.

XXVI.

Sobre a prata das ondas deixa Doto
Nadar do crespo ouro as tranças bellas,
E os olhos verdes descobria Proto,
Que saõ do mar azul verdes estrellas:
Boreas, e Euro, e o valente Noto
Mansos ficáraõ todos só com vê-las,
E á bella Doris, a quem Noto amava,
Mais que nunca rendido assim falava:

XXVII.

Póde, Doris, a pura claridade
De teus olhos azues n'um só momento
Lançar duros grilhões á tempestade,
E o furor aplacar do bravo vento:
Para nunca sahir-te da vontade,
A minha atada tens, e o pensamento,
Para naõ querer mais, que só querer-te,
Nem ver mais gloria, que a que tenho em ver-te.

XXVIII.

Se queres, lhe diz ella, que te crea,
Que me serves com fé limpa, e segura,
Deixa o furor; que amor sempre se arrea
De suaves effeitos de brandura.
Noto lhe torna: Se achas cousa fea
Esta dureza, tu porque és taõ dura?
Que vejo, que és, ó Ninfa fugitiva,
Pedra insensivel naõ, mas pedra viva.

XXIX.

O molle campo azul do mar salgado
O azul dos olhos teus tranquillo veja,
As ondas cessem, durma o vento irado,
Diante de teus pés prostrado esteja;
Que eu folgarei que tudo estê calado,
Porque de ti melhor ouvido seja,
Que suave me ouças, e respondas,
Sem desculpar-te c'o rumor das ondas.

XXX.

Quando, Doris cruel, terás lembrança
Se do amor naõ, ao menos do meu dano,
Pois traz desta amorosa confiança
Vou enganando após hum anno outro anno:
Mas como vence aos males a esperança,
Temo que a esta fé vença o desengano,
Buscando, assi enganado do que espero,
O mal, que naõ queria, o bem, que quero.

XXXI.

Dá-me essa bella maõ, Ninfa prestante,
Que por escravo, e por esposo peço,
E prende-me nesse ouro rutilante,
Que aos cabellos do Sol roubaõ seu preço:
Naõ peço muito, pois sou muito amante;
Que nunca em grande amor ha grande excesso;
E se isto he excesso, amor excesso he todo,
Que he modo amor, que nunca teve modo.

XXXII.

Grande prazer, diz ella, Noto amigo,
Me farias, se as Gregas náos tomasses,
E salvando-as do mar, e do perigo,
A porto alegre, e prospero as levasses.
Teu gosto, lhe replica, ó Doris, sigo,
Basta que assi o quizesses, e mandasses,
E só me cansa agora obedecer-te,
Porque me obrigas a deixar de ver-te.

XXXIII.

A soccorrer as náos Noto caminha,
Em quanto Euro aos pés se debruçava
Da bella Galatea, que o detinha,
Que só com vê-la as furias amansava:
Solto o cabello pelos hombros tinha,
Onde o vento subtil se embaraçava,
Podendo competir qual he mais bello
Prata, e ouro, do corpo, e do cabello.

XXXIV.

Euro lhe diz: O' minha branda amiga,
Em cuja vista, e viva claridade
O ar se adorna da pureza antiga,
E foge a rigorosa tempestade:
Consente, ó bella Ninfa, que te diga
O que trago ha mil dias na vontade,
Que quero nesta dor para soffrê-la
Contar o que padeço á causa della.

XXXV.

Nesse ouro crespo ao vento desparzido
A minha solta liberdade se ata,
O Ceo vejo em teus olhos recolhido,
De que ausente me trouxe a sorte ingrata;
Nelles o vivo fogo anda escondido,
Onde a vista dos meus se acende, e mata;
E assim venho a estimar no mal, que sigo,
Por premio a morte, a vida por castigo.

XXXVI.

Amor em teu amor me purifica,
Porque mereça o bem de meu tormento,
Novo altar em minha alma te edifica,
Onde se adora o teu merecimento:
Meus desejos leaes te sacrifica
A fé, por maõ do altivo pensamento;
Oú me dá vida, Galatea ingrata,
Com teu favor, ou por favor me mata.

XXXVII.

Galatea, que isto ouve, respondia:
Naõ me tenhas por dura, e te prometo
De ouvir-te até que esconda o claro dia
Entre estas ondas o pastor de Admeto:
Recolhe as náos da Grega companhia
Por me dar gosto agora, e este inquieto
Mar se socegue; e o mesmo a Boreas pede
Lemnoria formosa, elle o concede.

XXXVIII.

Logo os ventos deixando a costumada
Braveza, sobre as ondas se estendiaõ,
Juntaõ as divididas náos da Armada,
Que entre a furia dos mares pereciaõ:
A' Capitania róta, e quebrantada
As delicadas Ninfas acudiaõ,
Todas concorrem para o mesmo effeito
Pondo no duro pinho o brando peito.

XXXIX.

Logrando esta bonança, refazia
A enxarcia destroçada, as rotas velas
O forte Grego, e quando o novo dia
Dava no prado vida ás flores bellas,
E a clara luz cegando á noite fria,
Lhe faz cerrar os olhos das estrellas,
As náos, colhendo os ventos que sopravaõ,
No mar as grandes azas despregavaõ.

XL.

Ouve de Scylla o rouco brado horrendo,
Que atroando os maritimos lugares,
Nas voragens, e fauces recebendo,
O mar bramindo torna aos negros ares;
E as ondas amarissimas bebendo
Charybdis com tal furia os grossos mares
Arroja, que das gotas espalhadas,
Se vem o Ceo, e estrellas rociadas.

XLI.

A' vista de Peloro Siciliano
Junto da costa a Armada atravessava,
Na arvore se pegava o solto pano,
E o mar c'o vento apenas se encrespava:
Quando soava hum canto soberano,
Que os socegados ares regalava,
E a graõ suavidade, e melodia
Pelos ouvidos a alma suspendia.

XLII.

Fóra das ondas as cabeças tinhaõ
As formosas Sereas, e largando
As vozes suavissimas detinhaõ
O vento fero, por ouvi-las brando:
As náos, como animadas, naõ caminhaõ,
Esta sonora musica escutando;
Que rémora naõ ha, que possa tanto,
Que iguale a força de hum suave canto.

XLIII.

Manda arribar Ulysses, e varrendo
O negro pinho os mares socegados,
As Ilhas Estoechades vencendo,
Vê de Niséa os montes levantados:
Já as correntes do Rhodano bebendo
Massilia passa, vendo os congelados
Montes, onde enterrada está Pyrenne,
Que em vaõ abraza o filho de Clymene.

XLIV.

Vaõ pelo alto, e socegado argento
Lavrando o mar as fayas encurvadas,
Rompendo as proas com furor violento
De Thetis pura as liquidas moradas:
Dos monstros de Protheo o immundo armento
Se esconde nas cavernas mais guardadas,
Das velas, e das arvores a sombra
Do ceruleo Neptuno o reyno assombra.

LXV.

Passava o grande Ibero, e Gaditano
Estreito, aonde achou o fim famoso
De seus trabalhos Hercules Thebano,
E Atlante o Ceo sustenta luminoso,
Adonde Abila, e o Calpe do Africano
Imperio Europa apartaõ, pelo undoso
Seyo pondo altas portas, e limite
A's terras com suas ondas Amphitrite.

XLVI.

Tinha a noite com seu confuso manto,
De estrellas, e planetas guarnecido,
Cuberta a esfera luminosa, em quanto
Passava a Armada o Estreito taõ temido,
Quando o Piloto com terror, e espanto,
O' Jupiter, dizia, esclarecido,
Que sombra he a que vejo taõ pezada,
Fatal ruina desta grande Armada?

XLVII.

Logo hum robusto corpo apparecendo
No ar, co'a alta cabeça o Ceo tocava,
De victoriosa rama a fronte erguendo
Coroada, arrogante, altiva, e brava:
Vestida a pelle de hum leaõ horrendo,
Na maõ direita huma pezada clava,
Negras sombras, e escuras o cercavaõ,
Que o ar de horror, e medo carregavaõ.

XLVIII.

O enredado cabello, e retrocido
Em anneis sobre o hombro lhe descança,
E o resplandor do rosto esclarecido
Abre a sombra co'a luz, que aos ares lança:
C'um tom da voz horrendo, e desabrido,
Que atemoriza a tudo quanto alcança,
Começou a falar, e n'hum momento
Se abre o Ceo, cala o mar, e cessa o vento.

XLIX.

Quem és, ó atrevido, que com tantas
Náos estes mares nunca navegados
De fayas, medes com ligeiras plantas,
Com chaves immortaes d'antes fechados?
As colunas fortissimas quebrantas,
Termos, que puz aos mares levantados,
Que Neptuno venera, e quando passa,
Lhe beija os pés, e com respeito abraça?

L.

Deixa o caminho, navegante insano,
Que além desta, e da opposta alta coluna
Naõ se vê mais que o Ceo, e o Oceano,
Theatro das tragedias da fortuna:
Muda de intento, côlhe o solto pano,
Deixa a fadiga barbara, e importuna,
Se naõ buscas no mar tempestuoso
Sepulchro eterno de cristal undoso.

LI.

O Grego o ouve, a quem com voz tremante
Dizia: O' grande Cidadaõ celeste,
Tu és o que com animo constante
As fraudes de Euristeo vencer pudéste;
Tu ao dragaõ Hesperio vigilante,
Centauros, e leaõ Nemeo venceste,
E tu as mezas de Fineu honraste,
Donde as Harpias sordidas lançaste.

LII.

O Cerbero prendeste, e por comida
Diomedes déste ás féras, que guardava,
Despojaste Acheloo vendo rendida
A Hydra, que as cabeças renovava:
Em teus braços deixou Antheo a vida,
E Caco, que os incendios vomitava;
Mataste o javali, e o rutilante
Globo tomaste descansando Atlante.

LIII.

Ulysses sou do illustre sangue Grego,
Que lavrando taõ largos mares venho,
E ás grandes portas do Oceano chego,
Sobre taõ fraco, e taõ caduco lenho:
No monstruoso Polifemo cego,
O graõ Neptuno, que offendido tenho,
Naõ quer, que em suas ondas quasi absorto
Busque paz, ache vida, alcance porto.

LIV.

Tu, grande excelso Nume, e sempiterno,
Que isto vês, me soccorre, e o mar serena,
Acabe a vida, ou o trabalho eterno,
Que em mim tem resistencia taõ pequena:
Trague-me o bravo mar, abraze o Inferno,
Acabe em tanta pena minha pena,
Que já passado tem meu sentimento
Todo o termo, que tinha o soffrimento.

LV.

Vi Cycones, Lotóphagos, e undosos
Mares, graves tormentas repentinas,
Duras mortes, e casos prodigiosos,
Desusadas viagens peregrinas:
Vi rayos, vi incendios temerosos,
Nas ondas de Neptuno altas ruinas,
Que só contra mim ha no mar, e estrellas
Ruinas, rayos, mortes, e procellas.

LVI.

Manda-me o Ceo buscar aquella parte,
Que o Sol com sua immensa claridade
Ultima vê, quando de nós se parte,
Para erguer com eterna magestade
A Cidade belligera, que a Marte,
Inimigos, e a longa eternidade
Ha de vencer, pelo humido caminho,
Dando a eternos heroes eterno ninho.

LVII.

Nestes annos de minha vida breves
O fim deste discurso ver tomara,
Tu amparar-me, grande Alcides, deves,
Que aquelle he grande, que o affligido ampara.
Alcides se enternece, e torna leves
Os graves Ceos, e faz alegre, e clara
Nos campos do ar a noite, e do que ouvia
Hum pouco magoado, lhe dizia:

LVIII.

Agora alcanço, ó Grego venturoso,
Que tu és o que em annos florecentes
Cingirás o cabello victorioso
Das invejadas ramas eminentes:
A Lisboa erguerás muro famoso,
A quem beijando os pés com suas correntes
Lhe off'recerá o Tejo cristaes puros
Para famoso espelho de seus muros.

LIX.

Estes trabalhos teus Protheo contava
Nos seculos passados, e dizia,
Que hum Grego nestes mares se esperava,
De que o grande Neptuno tremeria:
Que donde o Tejo ameno os campos lava,
Com gente de estremada valentia
De Atlante humilharia a altiva fronte,
Bebendo o Nilo em sua propria fonte.

LX.

Em quanto aos hombros o alto Ceo sustenta
Está vendo-te Atlante perturbado,
Que ruina fatal lhe representa
A tua vista do Africano estado:
Tem sabido que em Africa, que aquenta
O Sol com rayos, e calor dobrado,
Levantará com força mais que humana
Altos trofeos á gente Lusitana.

LXI.

Vê que o grande Joaõ c'o estoque agudo,
Onde da gloria a nobre inveja o chama,
Passa dos seus diante como escudo
Rendendo a forte Ceita só co'a fama,
Onde fará correr do Mouro rudo
Rios ao mar de sangue, que derrama,
Quando tanta cabeça vir cortada
Do invicto braço seu, da invicta espada.

LXII.

Teme que ainda Ceita o celebrado
Ninho ha de ser dos claros descendentes
De Noronha, de lanças fabricado
Por lenhas odoriferas, e ardentes,
Aonde hum Fenix, e outro renovado
Com obras peregrinas, e excellentes
Daraõ, enriquecendo sua memoria,
Alta materia a soberana historia.

LXIII.

Teme que hũ grande Henrique, e que hũ Fernan-
Entraraõ pela terra Tingitana, (do
Feitos illustres co'a espada obrando,
Desmentindo o poder, e a força humana:
Teme que lá em Arzila devastando
Mulei Barraxe o campo, o desengana
Dom Joaõ, que se oppõe com pouca gente,
E os Mouros rompe, que he leaõ rompente.

LXIV.

Teme que o mesmo Dom Joaõ querendo
Entrar e'o de Tarouca taõ temido,
De Fez o Rey lhe fugirá tremendo,
De dous Martes honrado, e perseguido:
O porto de Larache abrindo, e vendo,
O graõ Ferrobo abrazará atrevido,
E de Azamor com animo seguro
Arrazará co'a vista o forte muro.

LXV.

Teme que hum Ataide illustre, e forte
Verá Tednest rendido, e profligado
De Marrocos o exercito, que a morte
Evita no fugir acelerado:
Teme do graõ Duarte a illustre sorte,
Que a Tangere do Mouro já abrazado
Sustentará, e que Azamor cahido,
Será do grande Jaime defendido.

LXVI.

Vê de Alcoutim o Conde, a quem o peito
Honroso fogo de alta gloria inflamma,
Vê de hum Cesar o feito nunca feito,
Que vencerá dos Cesares a fama,
Obrado neste Estreito, a quem he estreito
Todo o espaço, onde o Sol sua luz derrama,
E hum Mascarenhas, e outro soberano
Novo Heitor, novo Achilles Lusitano.

LXVII.

Com razaõ teme Atlante que se veja
A costa debellada Tingitana,
Que naõ entres no Oceano deseja,
E naõ toques a praya Lusitana:
Quando naõ produz odio, ou vil inveja,
He esteril a virtude soberana,
Que o valor, e virtude preeminente
Presente desagrada, ama-se ausente.

LXVIII.

Naõ disse mais, e a sombra, que se via
Levantada no ar, qual grande torre,
Representando que no mar cahia,
Desce do alto, e pelas ondas corre:
Ulysses que huma dor grave sentia,
C'o pavor, que até os ossos lhe discorre,
Pegada a voz ás fauces, levantava
A vista ao Ceo, e a Jupiter falava.

LXIX.

Circulos immortaes que arrebatados
Desse primeiro, e eterno movimento,
Em discordia suave concertados
A's leys obedeceis do firmamento:
Esp'ritos, que dos orbes estrellados
Sois almas, que infundis divino alento,
Falai co'as linguas do silencio mudo,
Tudo fale por mim ao Autor de tudo.

LXX.

Oh grande Amon, que a eterna monarchia
Tens n'um, e n'outro Ceo, onde a formosa
Tocha do bello Sol author do dia
Alumia esta machina lustrosa:
Tu que as sombras da noite escura, e fria
Honras com pregadura taõ custosa
De estrellas, e planetas rutilantes,
Que tanto excedem lucidos diamantes:

LXXI.

Naõ permittas, que as ondas temerosas,
Com que vimos té o centro o mar aberto,
E dos ventos as bocas espumosas,
Nos impidaõ gozar do porto incerto:
De Hyperia sobre as prayas arenosas,
Perdidos nos salvamos por acerto,
Ajudados de força soberana;
Que sem o Ceo naõ val industria humana.

LXXII.

Já da triste visaõ nada apparece,
Da qual todos ficáraõ perturbados,
E atravessando o Estreito lhes parece,
Que a mayores perigos saõ chegados:
A noite foge, o Sol formoso crece
Sobre os mares lançando os abrazados
Rayos, que o grande tanque soberano
Illustraõ do vastissimo Oceano.

LXXIII.

Vestio-se o ar de graõ serenidade,
Que d'antes negro, e carregado estava,
Co'as nuvens foge a solta tempestade,
E os chuveiros, que Noto ameaçava:
Razas as ondas vaõ, que a suavidade
Do vento a agua apenas encrespava,
E com graça mayor, do que costuma,
Encanecia o mar de branca escuma.

LXXIV.

Dizia entaõ Creonte: Aqui se encerra
O que disse Protheo da sorte avara,
Pois sem descanso achar, e amiga terra,
A roda destes males nunca pára:
Quaõ mais ditoso fora quem na guerra
Comsigo seus trabalhos encerrára
Dentro na antecipada sepultura!
Que he morte a vida se entre os males dura.

LXXV.

Aquelle que atrevido o pinho leve
Poz nas ondas dos ventos agitadas,
O coraçaõ tres vezes de aço teve,
E de bronze as entranhas fabricadas:
Que de Boreas, e de Africo se atreve
Provar a luta, e forças indomadas,
Quando da espessa nuve' o seyo abrindo,
Rebentaõ no ar graves trovões bramindo.

LXXVI.

Os mares acomete o atrevido
Nauta, que a fronte escura vê cuberta
Do monte Acroceraunio, e no bramido
De Cauro a tempestade tem por certa:
Aos perigos da terra os do temido
Mar ajuntou a gente pouco experta,
Com alma da ambiçaõ leve enganada.
Oh gente humana, em teu perigo ousada!

LXXVII.

O claro Betis, o Ana caudaloso,
E o Sacro Promontorio já dobravaõ,
E com Favonio alegre o seyo undoso
Da Lusitana costa navegavaõ:
Para onde o Tejo paga seu famoso
Tributo, as leves proas se inclinavaõ,
Levando ao mar riquissimo thesouro
De prata as aguas, e as areas de ouro.

LXXVIII.

Huma garça do Tejo ao ar se erguia,
Que o vento na presteza atraz deixava,
E como que a queixar-se ao Ceo subia,
Ao fogo as leves pennas arriscava:
A que huma aguia real detraz seguia,
Que em voltas por chegar-lhe se apressava,
Levando sempre a vista firme, e prompta
Na garça, que entre as nuvens já remonta.

LXXIX.

Depois de em largos giros ter cortado
Os diafanos ares vem descendo,
Como hum rayo de Jupiter alado,
A garça as brancas azas encolhendo:
A que a aguia por hum, por outro lado
C'os cerrados encontros o ar rompendo,
Instando opprime, e com furor afferra,
Onde era o fim da vida o fim da guerra.

LXXX.

Vendo Ulysses o caso aos seus gritava:
Aqui, amigos, se acaba o graõ caminho,
Com que d'hum Fado n'outro nos levava
Boreas, varrendo o mar c'o negro pinho:
Para este porto o Fado nos guiava,
Aqui alcançamos desejado ninho,
Que estes sinaes, que vejo mo declaraõ.
A que todos com vozes acclamáraõ.

LXXXI.

Cada qual do trabalho satisfeito,
Que tem passado, está ledo, e contente,
O Tejo ás náos cansadas punha o peito,
Que atraz da popa murmurar se sente:
Chegáraõ aonde em dilatado leito
Emula ao mar se estende a graõ corrente,
E cada huma das náos qual mais ligeira
A proa pega na humida ribeira.

LXXXII.

Descansaõ nas amarras, e procura
Sahir a gente em terra alvoroçada,
A area beija, e bebe a fonte pura
Nas mãos por alvas pedras derivada:
Assentaõ-se contentes na verdura,
Onde o prado lhe faz verde almofada
Junto das fontes, onde seus licores
Bebem ávidamente hervas, e flores.

LXXXIII.

Como verdes doceis, os levantados
Bosques davaõ repouso ás brandas aves,
Que espalhando queixumes namorados,
Leves fazem da calma as horas graves:
Chovem das folhas sonos sossegados,
Que perturbavaõ Zefiros suaves,
Entre as hervas parecem serpes vivas
De cristal puro as lynfas fugitivas.

LXXXIV.

Aqui hum pastor de venerando aspeito,
Que o gado neste monte apascentava,
Nos annos grave, a quem no largo peito
A copiosa barba descansava,
A's perguntas, que Ulysses tinha feito
Da terra, e por que Rey se governava,
Lhe diz: Aqui se estende o mar profundo,
Onde da agua começa o mayor mundo.

LXXXV.

Aqui de Lusitania he graõ cabeça,
Donde passar naõ saberá o desejo,
Aqui a terra se acaba, o mar começa,
Onde seu nome perde o doce Tejo:
Que para que com o Lethe se pareça
Nos ares, na frescura, no sobejo
Mimo de terra, quantos o bebêraõ
De tudo o mais do mundo se esquecêraõ.

LXXXVI.

Por Gorgoris o Reyno he governado,
Que o ama, sem queixar-se de opprimido
De outro poder mayor, nem he vexado
Do tributo com traças admittido:
Com duas canas diante acompanhado
Dos seus amado sae, e sae temido:
Quem quer que o temaõ por injustos modos,
Quando todos o temem, teme a todos.

LXXXVII.

De Jupiter he neto, porque estando
Na torre Danae donde a recolhia
Achrisio, n'um orvalho alegre, e brando
Convertido o graõ Jupiter descia:
Daqui Perseo nasceo; Danae cortando
C'o filho o mar por desusada via,
A Italia veyo em braços de Neptuno,
Onde a quiz por esposa o graõ Pylumno.

LXXXVIII.

Perseo cresceo, e co'a fatal espada
Talares de Cylenio, escudo forte
De Pallas, a cabeça vio cortada
De Gorgona, que entrega á eterna morte:
Do ar pizando a regiaõ dourada
A Estella vio por peregrina sorte,
A' terra desce em lucidos talares,
Abrindo namorado os leves ares.

LXXXIX.

Governava este Reino o grande Abante
Da bella Cynthia esposo, e pay de Estella,
Dotada de hum angelico semblante,
Sobre os estremos de belleza bella:
Perseo a vio, e amou, e nesse instante
Porque lha nega o pay, quiz pertendê-la
Por armas, e c'o escudo, que trazia,
A singular batalha o desafia.

XC.

No Cynthio monte armado Abante espera,
Confiado em suas forças, e o valente
Perseo descobre logo a imagem fera
No escudo, que cingia a graõ serpente:
Abante alheyo do que de antes era,
Em pedra dura transformar-se sente,
E os que neste perigo o acompanháraõ,
Os membros em penhascos transformáraõ.

XCI.

Foi Estella por elle alli roubada:
Hymeneo, que lha dera por esposa,
Assiste sem cothurnos, e apagada
A tocha d'antes clara, e luminosa:
De Cynthia tomou Cintra celebrada
O nome, que em rochedos he famosa.
Gorgoris nasce, e como a idade chega,
Perseo se parte, e o Reyno ao filho entrega.

XCII.

Por estes montes Gorgoris galhardo
Ao usso, e javali fero arremete,
Sacudindo ligeiro o mortal dardo
De cima do belligero ginete:
Ao veado cornigero, ao pardo,
O animal mais feroz bravo acomete,
He no rio, e nos montes fatigada
A veloz garça, e a perdiz pintada.

XCIII.

Este alto Rey, que excede em valentia
Ao forte Alcides, vence juntamente
Ao seu valor na branda cortezia,
Mais que na lingua em obras eloquente:
Sendo disto avisado elle viria
Regalar-vos, e a toda a Grega gente,
Que sempre as náos, que porto aqui tomáraõ,
Nelle favor, e acolhimento acháraõ.

XCIV.

Cessou, e o monstro, que as estrellas toca,
Que com mil olhos vê, mil pennas voa,
Que acquire forças caminhando, e troca
Em varias fórmas tudo o que apregoa:
Applicando ao metal sonoro a boca,
Que deste polo ao mais remoto soa,
Tinha já publicado como a Armada
Estava sobre as ancoras fundeada.

XCV.

Já Gorgoris a gente preparava
Por ver as náos, que ao porto tem chegado,
E a pequena Cidade se alterava,
Donde sahia de armas rodeado,
Quando com Leostenes encontrava,
Que do Grego fortissimo enviado,
Os discursos, e es erros lhe declara
Dos mares, por que Ulysses navegara.

XCVI.

Elle, que as causas na memoria tinha
De amar a Ulysses, desce da alta serra,
E alvoroçado pelo ver caminha
A offerecer-lhe o porto, e propria terra:
Encontra o Grego, que a busca-lo vinha,
Torna-se em paz a imaginada guerra,
Daõ-se os braços, e as mãos, e do que via
Ulysses obrigado lhe dizia:

XCVII.

Já dos trabalhos, que passado tenho,
Me esqueço para os dar por bem passados,
Pois por elles a vossas terras venho
Para favores receber dobrados:
Os mares, que sulquei no fraco lenho
Entre o rigor dos ventos indomados,
Me seriaõ suaves, se cuidara,
Que a fortuna a este porto me arrojara.

XCVIII.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,
Que vos venero só por nome, e fama,
Que ouvindo amor nos animos se cria,
Como por olhos por ouvidos se ama:
O que de Achilles, e de vós ouvia,
E de Troya já entregue á mortal flama,
Me acendia n'um fogo, e n'um desejo
De ir ver o Xanto, e de esquecer o Tejo.

XCIX.

Na regia sala a Ulysses esperava
Astrea com Calypso peregrina
No parecer, que os ares inflammava
Nos rayos de sua luz clara, e divina:
O paço de tapizes se adornava,
De Persico brocado, e seda fina,
As lavradas cadeiras põem diante
De evano, e puras linhas de elefante.

C.

A todos diz Ulysses: Justamente
Espero achar em vós favor, e amparo,
Podendo-me animar ser descendente
Do vosso mesmo sangue illustre, e claro:
Gerou Achrisio Jove, elle o valente
Laerte de Anticléa esposo caro;
Destes nasci, a quem o Fado chama
Por trabalhos sem fim a immortal fama.

CI.

Vós procedeis de Danae, por quem dece
Jupiter namorado, e taõ rendido,
Que em grãos de ouro por preço se offerece,
Do Olympo, e suas grandezas esquecido:
Avô de ambos he Jove, e se conhece
Ter deste illustre tronco procedido
Os grandes ramos desta planta altiva,
Donde dos dous o sangue se deriva.

CII.

Assentaõ-se, e Ulysses levantando
A voz, que de Hybla os favos igualava,
As iras de Neptuno vai contando,
Que pelo cego filho executava:
De Cyrce o gazalhado, e como entrando
Nos campos infernaes, que a Estige lava,
Só por ver Anticlea aventurara
Ao Cérbero trifauce a vida cara.

CIII.

Pendem de sua boca, em quanto conta
Da navegaçaõ larga o graõ perigo;
Doce a memoria faz da antiga affronta
Com graça nova, e com saber antigo:
Calypso (que com a alma, e vista pronta
Tecendo hum labyrinto está comsigo
Do que ouve ao Capitaõ grave, e eloquente)
Hum cego fogo nas entranhas sente.

CIV.

Entre as Reaes pessoas assentado
Ulysses se enlevava no que via
Da formosa Calypso, que a seu lado
Mais formosa que o Sol lhe parecia:
Nos olhos se encontravaõ, e alterado
O coraçaõ na vista suspendia,
Descobrindo o que sente no que cala;
Que amor he mudo, e pelos olhos fala.

CV.

Era gastada a vagarosa tarde,
E das estrellas lucidas cahindo
A noite escura vem lenta, e cobarde,
A sombra as portas do temor abrindo:
Quando a formosa sala em fogos arde,
Hum novo, e claro dia repetindo;
Enchiaõ lautamente a regia meza
Os manjares com pompa, e com grandeza.

CVI.

Vencida a cea, ao Capitaõ famoso
Perguntavaõ da guerra, e da victoria
As causas, porque o Ilyon poderoso
Perdêra a antiga, e peregrina gloria;
E do exercito Grego victorioso
As batalhas, que tinha na memoria:
Por lhe dar gosto o Grego referia
Com grave, e branda voz, e assim dizia:

ULYSSÉA.

CANTO SEXTO.

ARGUMENTO.

De Helena o rapto a Gorgoris contava
O Grego, e grande Armada, que partia,
Como com Paris em duello entrava
O Atrida, a que Acidalia defendia;
E como Rheso a soccorrer chegava,
E com Heytor Achilles combatia;
A morte de Dolon, e como o duro
Grego abrazou de Troya o forte muro.

I.

Co'aquelle raro monstro de belleza,
No mundo por desgraças affamado,
Que de Leda, e de Jupiter se preza,
Menelão, diz Ulysses, foi casado:
De cuja vista a liberdade preza
Páris contente vio amante, e amado;
Que Venus quiz mostrar-se agradecida
Da sentença, que deo por ella em Ida.

II.

Ella formosa, Menelão ausente,
Em huma não, que tinha aparelhada,
Páris a Helena leva occultamente,
Huns dizem, que por gosto, outros forçada:
Já o filho de Atreu, que a injúria sente,
Agamenon convoca, n'huma Armada,
Que debaixo escondia o mar Egeo,
Parte, e com elle o filho de Peleo.

III.

Em mil armadas náos o acompanhavaõ
Os povos de Beocia, e Panopea,
Os de Daulida, e Crisia, e os que gostavaõ
Do famoso Cefiso a fertil vea:
Os que a fonte Liléa povoavaõ,
E os da famosa Euboya, e Eritrea,
Que saõ os que ha de mais valente peito,
Do ponto Euxino até o Herculeo estreito.

IV.

De Thirintia, e de Herminia a forte gente,
E c'os Argivos os de Esparta, e Pharo,
E os que bebem de Amiclas a corrente,
E de Trios ameno o cristal claro:
De Troise, e de Pidauro juntamente,
Da forte Egina o lavrador avaro,
E os de Helle, onde já foi navegante
Helle, que á esposa foge de Atamante.

V.

Vem os de Creta, e Rhodes valerosos
Myrmidones, e os de Ithaca, que eu chamo,
Que he terra, e gente minha, que os famosos
Soldados seguem de Egilipe, e Samo;
Os Arcades, e Etolios generosos,
A que orna a testa o victorioso ramo;
Que he pouco todo o liquido elemento
A tanta faya, a tanta vela o vento.

VI.

Partio a grossa Armada, e hia cobrindo
O mar, que hum grande bosque parecia,
A azul espalda de Neptuno abrindo,
Já a terra a pezada ancora mordia:
A Gente sae na praya, o Sol ferindo
Nas armas, representa o ar, que ardia,
Campo de fogo, e a gente, que marchava,
No estrepito hum trovaõ, que atravessava.

VII.

Todos desembarcamos n'hum momento,
Os cavallos aos carros ajuntamos,
E pelo largo campo ao leve vento
As alegres bandeiras despregamos:
Cercaõ vallos o grande alojamento,
Vestem tendas o campo, que occupamos,
O Xanto geme, as terras emmudecem,
E da alta Troya os muros estremecem.

VIII.

Junto de Troya hum pouco se levanta
Hum eminente passo, donde tinha
Exploradores Priamo, que espanta
O esquadraõ, que talando as terras vinha:
Estes lhe dizem, como a gente he tanta,
Que inunda os largos campos, e caminha
Para seus muros; e do grave espanto
Attonito de a ver se pára o Xanto.

IX.

Bem como o lavrador, que da semente
Os graves sulcos tinha enriquecido,
Vendo o rio inundar, e que a crescente
Tem já suas verdes margens excedido,
Contempla do alto a rápida corrente
Do rio pelos campos estendido,
E vê, que afogará qualquer tardança
Da verde terra a fertil esperança:

X.

Tal dos seus está Priamo cercado,
Com que este grave aperto conferia;
Hum vota sem alento, e perturbado,
No rosto a outro o coraçaõ se via:
Naõ soffre dilações tempo apertado,
Antenor sabio, e velho lhe dizia,
Co'as armas recebamos o inimigo,
Entrando todos no commum perigo.

XI.

Ao uso de Bellona offerecido
Já naõ abria a terra o ferro duro,
Em forte lança, e espada convertido,
Em elmo, e peito lucido, e seguro:
A fouce, e antigo rastro, que escondido
Estava na ferrugem, limpo, e puro
Sae para ver o Sol resplandecente
Com nova fórma da fornalha ardente.

XII.

Ordena-se, que o grande Heytor tomasse
A redea, e Capitães comsigo eleja,
Que repartisse as hostes, e ordenasse
O campo, e désse o modo da peleja:
Que os de Dardania Eneas governasse,
E acompanhado neste officio seja
De Archiloco, e Achâmas, cavalleiros
Ambos de estranha força, ambos guerreiros.

XIII.

Que a forte gente, que do fertil Ida
Sahio até a ribeira celebrada
De Asopo, pelas armas taõ temida,
Seja do forte Adrasto governada:
A quem do pay Percosio a conhecida
Morte (que he sabio) foi prognosticada,
Sem o mover do intento; que forçado
Pelos cabellos o arrastava o Fado.

XIV.

De Arisbe, Cesto, e Alido a dura gente
O valente Hyrtacides governava,
Que os cavallos, que cria a Seelente
Ribeira, ferocissimos domava,
Os Pelasgos Hypoto, que a excellente
Larissa deo, que Pilio acompanhava,
Ambos filhos de Letho, e naõ tem conto
Os que Achamas trouxera do Hellesponto.

XV.

Como a guerra, e furor por pontos crece,
A gente popular, que o risco via,
Diz a Páris, que injusta acçaõ parece
Negar a Menelao o que pedia:
Outro diz, que a contenda só merece,
Que os dous provem seu braço, e valentia;
Que elles só façaõ a aspera peleja,
E ao vencedor Helena o premio seja.

XVI.

Este concerto Páris naõ recusa,
E a todos com valor se põe diante,
Por entre a multidaõ cega, e confusa
Fala com voz composta, e arrogante:
O ignaro povo sem razaõ me accusa;
Que com espada, e coraçaõ constante
Nada temo, que sabe o animo forte
Forçar estrellas, e vencer a sorte.

XVII.

Já o duello os Gregos lhe pediaõ,
Páris se offerecia ousadamente
A' duvidosa sorte, e já vestiaõ
Sobre a tecida malha o arnez luzente:
Já Gregos, e Troyanos concorriaõ
No campo, que guarnece Marte ardente
De Capitães, e de armas, que o cercavaõ,
Que alegre vista, e horrida formavaõ.

XVIII.

Depois de assim o duello concertado,
O lugar da batalha se assinala,
Já tinhaõ varias rezes degollado,
E o cheiro de Pancaya o fogo exhala:
Menelao ante Jupiter prostrado
Sua grave affronta com silencio fala,
Cada qual promettendo fé segura,
Por Phebo intonso, e Phlegetonte o jura.

XIX.

Concertaõ, que o que delles for vencido,
Ou vencer, com Helena juntamente
As joyas goze, ou torne a seu marido,
Segundo a sorte for triste, ou contente:
Páris as fortes armas tem vestido,
E embraçado o escudo refulgente,
Com agulha a correa debuxada,
De que pendia a generosa espada.

XX.

A celada compõe, onde se aperta
A famosa plumagem, que brotava
Da boca de huma serpe, que desperta
Nos olhos, como viva, scintilava:
Tem Menelao a colera encuberta,
Que n'alma a grave dor dissimulava,
Qual vendo o javali, irado treme
O libréo forte, e por soltar-se geme.

XXI.

Deo a Páris lugar primeiro a sorte,
Para ferir co'a lança ao inimigo,
Naõ quer Priamo ver taõ duro, e forte
Combate, e ao caro filho em tal perigo:
Que Páris vença, ou tenha honrada morte,
(Diz elle) ou caso adverso, ou Fado amigo,
Naõ poderei ver transe taõ custoso,
Tudo em mãos deixo a Jove poderoso.

XXII.

Do campo se sahio, e, levantando
O braço, Páris tira a grossa lança,
Menelao a recebe no dobrado
Escudo, onde ferindo ella descança:
A sua voa, e rompe o ar delgado,
E Páris affrontado da tardança,
Coberto do escudo, com mór pressa
Contra o ferro inimigo se arremessa.

XXIII.

Já cada qual dos dous a espada ardente
Mostra nos duros punhos apertada,
Sobre elmo, sobre escudo refulgente
Os golpes soaõ de huma, e d'outra espada:
Páris ajoelhou, a que o valente
Menelao corre, e azindo da celada,
Arrastando o levava, onde acabara,
Se Venus, que isto via, o naõ guardara.

XXIV.

Huma forte correa, que o trazia
Já sem alento, Venus lhe desata;
Com elle n'uma nuvem se escondia,
Que sobre o largo campo se dilata:
Da vista foge, e Menelao, que via
Voar a nuve' em circulos de prata,
Acidalia conhece, que ao Troyano
A vida quiz salvar por este engano.

XXV.

Nas mãos lhe fica o elmo, e descontente
Com ira o rompe, e vinga a sorte escaça;
Qual o touro feroz, que ao lado sente
O que a desafia-lo entrou na praça;
Se a capa lhe deixou, corre vehemente,
E co'a testa inclinada a despedaça:
Tal Menelao nas mãos tendo a celada
Lhe diz: Perjuros, que he da fé jurada?

XXVI.

Ferve o concurso, os campos se alteravaõ,
Huns, e outros com armas acodiaõ,
Huns o defendem, outros o accusavaõ,
E o tumulto co'as vozes acendiaõ:
Os Gregos Capitães com força instavaõ,
Que quebrar-se os concertos naõ podiaõ,
E entre esta confusaõ está diante
Menelao victorioso, e arrogante.

XXVII.

Já o Rey de Missena em toda a parte
Manda as tubas tocar, para que o siga
O Grego bando, e qual irado Marte
De Troya os muros a tremer obriga:
Sobre o carro veloz furioso parte,
Que destramente guia o velho auriga,
Toma nas mãos a lança, e parecia
Hum cometa, que infausta luz vertia.

XXVIII.

Qual no Ceo claro a autumnal estrella
Vence os densos vapores refulgente,
Quando a medonha luz, que nasce della
Com males ameaça a mortal gente:
Assim o Grego nesta parte, e aquella
As esquadras visita diligente,
Vendo, ordenando, e abrazando tudo
Co'a luz medonha do temido escudo.

XXIX.

Marchavaõ já as esquadras ordenadas,
Como as ondas, que o bravo mar levanta,
Que humas succedem a outras apressadas,
Té que na praya o rolo se quebranta:
E encontrando nas rochas levantadas,
Ferem com tal braveza, e furia tanta,
Que erguendo o mar escumas arrogante,
Mostra que as serras quer levar diante.

XXX.

Os Gregos vaõ desta arte arremetendo,
Mostrando animos fortes, e guerreiros,
Honrosas mortes dando, e recebendo,
Onde desejaõ todos ser primeiros:
Aos que o lugar, e a vida vaõ perdendo,
Succedem no perigo os derradeiros:
Cae Archidamo alli, qual grande torre,
Que he o primeiro, que entre as lanças morre.

XXXI.

A este mata Anthiloco arrojando
A lança, que os delgados ares parte,
Que o bem dobrado escudo atravessando
Lhe passa o peito de huma, e d'outra parte:
No ar Creonte o braço levantando,
Que de seus tiros treme o proprio Marte,
Lançar a muitos faz de cada tiro
A alma envolta no ultimo suspiro.

XXXII.

Logo o filho de Priamo galhardo
Antifo, para dar-lhe escura morte,
Animoso vibrava o mortal dardo,
Que a Licaon levou a imiga sorte:
Eu, que o via cahir, para o bastardo
Antifo ardendo huma mortal, e forte
Lança arrojei, que na soberba fronte
Caminho abrio do altivo Archigeronte.

XXXIII.

O forte Diomedes neste dia
Como hum leaõ correndo desatado,
Pelas Troyanas lanças se metia,
Como se fora o campo desarmado:
A Heytor buscando, as hostes discorria,
Tendo o campo de corpos semeado,
Pandaro o via, e logo da encurvada
Lua soltava a dura setta ervada.

XXXIV.

Junto do hombro o fere, onde a armadura
Lugar ao golpe dava, mal ferido
Diomedes se conhece, que da pura
Pallas foi levantado, e soccorrido:
Nectar lhe applica, e co'a divina cura
Mais forte ao campo torna, e mais temido,
Salta no carro, que Nisiros guia,
Que seu pezo, e governo conhecia.

XXXV.

Ao atrevido Pandaro defende
Eneas em seu carro, onde seguro
Naõ está de Tydides, que pretende
A vingança c'o ferro, e braço duro:
A grave lança atira, os ares fende,
Até parar tingindo o ferro puro
No sangue de Phegeo, que morto, e exangue
Vomita a vida no espumoso sangue.

XXXVI.

Já co'a espada na maõ do carro salta,
A que Eneas se oppõe no campo aberto,
Hum baixa a espada traz, outro a põe alta,
Hum descoberto o corpo, outro coberto:
Fere a Eneas na perna, onde se esmalta
De sangue o verde campo, e tinha perto
Da vida o triste fim, se Venus cara
Deste grave perigo o naõ guardara.

XXXVII.

Elle, que nos enganos a conhece,
Contra Venus a espada ergue atrevida,
Correndo vai, e Venus estremece,
Que de hum golpe na maõ se achou ferida:
Deixando o campo já desapparece,
E na sala dos Deoses offendida
A Jupiter chorando o caso conta,
E affrontada faz bella a propria affronta.

XXXVIII.

Marte, ou fosse movido de alta inveja,
A Diomedes se oppoz bravo diante,
Ou movido de amor antigo seja,
Com elmo ardente, e hombros de diamante,
Chamando-o está com vozes á peleja,
A que elle sae com coraçaõ constante,
E a grossa lança cada hum despede
Com força desigual, com igual sede.

XXXIX.

Pallas, que a Diomedes acompanha,
De Marte a forte lança lhe desvia,
E a de Tydides com huma furia estranha
Contra Mavorte pelos ares guia:
Toca de Marte o peito, e com tamanha
Força nas fortes armas o feria,
Que torna atraz, ao ar resurtem logo
Faiscas, que acendiaõ Marte em fogo.

XL.

Os Troyanos cansados naõ podendo
Sustentar-se no campo, as costas davaõ,
Vaõ-se aos muros, e vallos recolhendo,
Donde dardos, e lanças arrojavaõ:
Heytor bravo na voz, na vista horrendo,
Corrido de que os seus se retiravaõ,
De colera abrazado, de ira cego
Correr mil rios faz de sangue Grego.

XLI.

Assim rindo a fortuna ora aos Troyanos,
Ora aos Gregos, as sortes variava,
E sustentando a guerra tantos annos,
A nenhuma das partes inclinava:
Que entre os Deoses do Olympo soberanos
Favor Venus a Troya, e a Grecia dava
Pallas; e Heytor, que estas tardanças sente,
Dos Gregos desafia o mais valente.

XLII.

Antes que o caso em sortes se puzesse,
Para ao campo sahir se offerecia
O forte Agamenon, que resplandece,
Como Marte, nas armas, que vestia:
Hum nobre, e honroso fogo em todos crece,
De mostrar seu valor, e galhardia,
Buscando em dura guerra honrada morte;
Cae em Creonte a duvidosa sorte.

XLIII.

Entraõ no campo os monstros de braveza,
Em quem das armas o valor se encerra,
Os escudos embraçaõ com destreza,
E debaixo dos pés lhe treme a terra:
Nas forças, e valor cada hum se preza
De ser mayor que o mesmo Deos da guerra:
Metendo-se na espada do inimigo
Esquecidos da vida, e do perigo.

XLIV.

Nos escudos fortissimos reparaõ
Os golpes, que naõ caem sem grande effeito,
Correndo hum para o outro se topáraõ,
Oppondo escudo a escudo, e peito a peito:
As ardentes espadas levantáraõ,
E já o escudo em muitas partes feito
Mal defendia os corpos, e as dobradas
Armas se vêm dos golpes aboladas.

XLV.

Nem de Vulcano na horrida officina
Os pezados martellos tanto soaõ,
Quando a massa estendendo diamantina
Succede hum golpe ao outro, e tudo atroaõ:
Das fortes armas, e da malha fina
Já muitas peças pelos ares voaõ,
E do espumoso sangue, que corria,
Roxa a armadura toda parecia.

XLVI.

Do Olympo o grande Jupiter olhava
A batalha taõ aspera, e temida,
De Creonte, que a Parca ameaçava,
Quiz o fio estender da breve vida:
Ao Sol, que ao Occidente caminhava,
Fez que tomasse mais veloz corrida,
E a noite o negro coche accelerasse,
Porque a batalha férvida atalhasse.

XLVII.

Quando com justo passo a Aurora abría
Nos Ceos a claridade matutina,
Vendo o filho de Atreu, que vinha o dia,
A morrer, ou vencer se determina:
Já os muros, gritando, acometia:
Quando a varia fortuna, que se inclina
Em favor dos Troyanos, nos mostrava,
Que ella mesmo por elles pelejava.

XLVIII.

Nesta batalha os Deoses soberanos
Ao grande Heitor favor, e ajuda deraõ,
E com mortes crueis, e graves danos
Os Gregos até as náos se recolhêraõ:
Ficáraõ victoriosos os Troyanos,
E por saber o que fazer esperaõ,
Como coberto o ar de sombra vimos,
A explorar o inimigo nos partimos.

XLIX.

Com Diomedes parti, quando occupava
Da parda terra a noite a escura fronte,
O Ceo com suas luzes scintilava,
Que as trevas afugentaõ do horizonte:
Quando perto Diomedes divizava
Huma sombra, que desce do alto monte;
Escondidos estamos esperando,
Té ver, que a sombra a nós se vem chegando.

L.

Era Dolon Troyano, que se atreve
Vir ao campo dos Gregos no segredo
Da noite escura, cuja sombra leve
Sepulta os valles, que occupou mais cedo:
Elle a estrada repete escura, e breve,
Ligeiras azas lhe emprestava o medo,
Fugio, foi perseguido, e foi tomado
Pegada a voz ás fauces de affrontado.

LI.

Conta-nos como o grande Heitor deseja
Saber o que no exercito passava,
Que a elle o manda, por que note, e veja
Se a gente Grega espera, ou se embarcava:
Se os animos dispõe para a peleja,
E o que sobre isto entre elles se tratava:
A ver, dizia, estes segredos vinha,
E aqui me trouxe a má fortuna minha.

LII.

Entaõ lhe foi Diomedes perguntando
O modo, em que os Troyanos se alojavaõ,
Tudo o prezo Dolon lhe hia contando,
Os lugares, e postos, que occupavaõ:
E que em o Sol e'os raios apontando,
Para ir queimar as náos se aparelhavaõ,
E como de soccorro o valeroso
Rheso veyo c'o Thrace bellicoso.

LIII.

O qual hum carro traz, que bem podia
Competir c'o do Sol em formosura,
Cujos cavallos cada qual vencia
Nos pés o vento, a neve na brancura:
E que entre as mais riquezas, que trazia,
He de ouro huma fortissima armadura.
Que prezo me tenhais, me diz, consinto
Até verdes c'os olhos que naõ minto.

LIV.

Diomedes lhe tornou: Pois na temida
Noite te atreves com ligeira planta
Os Gregos explorar, paga co'a vida
Taõ grande atrevimento, astucia tanta:
Dos hombros a cabeça dividida
Lhe cae, segando a espada a vil garganta,
Lança c'o sangue a alma, e o triste esp'rito
Desce bramindo ás aguas de Cocito.

LV.

Logo o caminho fomos proseguindo,
Até que no arrayal contrario entrando,
A muitos, que em descuido estaõ dormindo,
Do sono a eterno sono imos passando:
Dalli a grande tenda descobrindo,
Que Rheso occupa com repouso brando,
Eu lhe corto a cabeça, e o corpo frio
Lança de sangue hum caudaloso rio.

LVI.

E dando a mesma morte aos que o guardavaõ,
Os cavallos ao carro insigne atamos,
E as armas, que ao redor pendendo estavaõ,
Victoriosos, e alegres carregamos:
As redeas, com que brandos se domavaõ
Os ligeiros cavallos, concertamos,
Quantos o carro vêm, cuidaõ, que Rheso
He da quadriga o glorioso peso.

LVII.

Sahimo-nos do campo, conhecendo,
Que o esquadraõ belligero se armava
Para em a nova luz amanhecendo
Ir sobre a Armada, que no porto estava:
Agamenon o carro, e preza vendo,
Honras nos promettia, os braços dava,
As armas, e os cavallos vê nevados,
Que parece que ao Sol foraõ furtados.

LVIII.

Apenas cae sobre os mayores montes
A duvidosa luz do Sol ardente,
Subindo aos abrazados horizontes
Para espertar no mundo a cega gente:
Quando qual rio, que as antigas pontes
Ameaçando, corre impaciente,
Se diffundia o imigo, que se chega
A pôr a fogo, e ferro a Armada Grega.

LIX.

O largo campo de armas inundava,
E a Grega gente toda recolhida
Defender-se nos vallos procurava,
Tratando huns da victoria, outros da vida;
A Diomedes huma setta, que voava,
De purpura banhou de huma ferida,
Que peleja taõ dura, e porfiada
Nem esta idade a vio, nem a passada.

LX.

A's náos levava Heitor ardentes flammas,
Fogo, gritava, ás náos, a quem seguiaõ
Alcathoe, e Agenor, e Polydamas,
E outros que ao mesmo effeito concorriaõ:
Cingindo as frontes de eminentes ramas
Os filhos de Antenor alli se viaõ,
Levar ás náos as flammas crepitantes,
Archiloco era hum, outro Athamantes.

LXI.

Isto o famoso Achilles considera,
E suas armas a Patroclo vestia,
Que aos Troyanos vencer co'a fama espera,
Tanto o braço de Achilles se temia!
E cuidando os que o vêm que Achilles era,
Todo o arrayal voltava, e lhe fugia,
A quem o medo a morte fez presente;
Que tanto a opiniaõ póde entre a gente.

LXII.

Como o lobo voraz, que na manada
Das ovelhas entrou, ellas sentindo
O inimigo, com furia arrebatada
Sem ordem derramadas vaõ fugindo:
Tal ao furor da generosa espada,
Com que largo caminho vai abrindo,
As hostes inimigas se apartavaõ,
E as espaldas fugindo lhe mostravaõ.

LXIII.

Declara-se a fortuna entaõ notória
Por nossa parte, e Patroclo a seguia
Querendo entrar em Troya, que a victoria
Neste falso favor se promettia:
Acha-se o mór perigo na mór gloria,
Quando co'a lança as portas já feria,
Na maõ de Apollo o arco, e corda soa,
E nas azas da setta a morte voa.

LXIV.

No rosto o fere, e logo sobre a terra
Inclina, pondo a maõ por sustentar-se,
Co'a eterna sombra os olhos abre, e cerra,
Provando em vaõ tres vezes levantar-se:
Sobre elle corre Heitor, adonde a guerra
Mais aspera começa a declarar-se,
Contra Patroclo hum corre a despoja-lo,
Outro por defendê-lo, e por livra-lo.

LXV.

Como, quando dobrando seus ardores
O Syrio fogo, as messes carregadas
Vaõ derrubando os duros segadores,
Que pelo campo atraz deixaõ cortadas:
Assim se vêm por mãos dos vencedores
Muitas gargantas pelo chaõ segadas,
Jazem truncados corpos sobre a terra,
Amargo fructo da sanguinea guerra.

LXVI.

Alli o bravo Heitor, que naõ descança,
Vendo que o elmo a Patroclo cahira,
Lhe arroja a grande, e temerosa lança,
Que as vias atalhou, com que respira:
A purpurea alma da ferida lança,
Que a Phlegetonte desce ardendo em ira,
Sem lhe valerem armas, porque veja
Que contra o Fado, e Ceo ninguem peleja.

LXVII.

Entre o rigor das armas retirado
Comsigo Achilles só considerava
As mortes, com que cobre Marte irado
As prayas, que c'o sangue o Xanto lava:
Ou porque de Briseida privado
Agamenon o tem, que mais amava,
Ou porque se entretem na doce pena,
Que a vista lhe causou de Policena.

LXVIII.

A morte sente do fiel amigo
Achilles, e de dôr, e de ira insano
Já deseja meter-se no perigo
Para de sangue se fartar Troyano:
Já desprezando estava o ocio antigo,
Vendo que causar póde maior dano
Qualquer tardança; o peito, e a celada
Adapta, ao lado cinge a forte espada.

LXIX.

Já de Thetis o filho valeroso
Junta ao carro os cavallos, que no raso
Campo levaõ com curso impetuoso
Balio, Capystro, e Xanto com Pedaso:
O Hespero imitando temeroso,
Quando encendido corre pelo Occaso,
Levando a invicta espada, e braço forte
C'o ultimo castigo o horror da morte.

LXX.

Os Troyanos o vêm com grande espanto
De fortes membros, de virtude rara,
E qualquer, que ouza vê-lo, o teme tanto,
Que o campo, e proprias armas desampara:
Mudada leva a côr o claro Xanto
Do muito sangue, e impedido pára
Dos que a morte da espada naõ quizeraõ,
E nadando nas ondas a bebêraõ.

LXXI.

Como a langosta sordida passando
Hum lago, ou rio de voar cansada,
Huma sobre outra morre, e vai formando
Para a que detraz vem segura estrada:
Assim os Troyanos, por fugir nadando
De Achilles, que os seguia, á forte espada,
Entravaõ no Escamandro, e na corrente
Huns morrem, outros passaõ juntamente.

LXXII.

Nas veas congelado o medo frio,
As armas os Troyanos recusavaõ,
Esquecido o valor, e antigo brio,
Para salvar a vida as costas davaõ:
Heitor Achilles chama a desafio,
Hum contra o outro as lanças arrojavaõ,
Achilles Marte Grego, e da outra parte
O valeroso Heitor Troyano Marte.

LXXIII.

Erguia Heitor o braço, donde a lança
(Que era huma faya) despedida dece,
Que ameaçando tudo quanto alcança,
Rayo na maõ de Jupiter parece:
Cortando os ares vem té que descança
No escudo, com que Achilles se offerece
Ao golpe, a lança fere, e naõ podendo
Passar, do que fizera está tremendo.

LXXIV.

De Heitor o Grego o peito rutilante
Reconhece, que a Patroclo vestira,
Embravece co'a dôr de o ver diante,
E da vista arrojava rayos de ira:
A hum tigre ferido semelhante,
Que a varia pelle arriça, e fogo espira,
Quando do silvo, ou setta provocado
Nas lanças entra de fereza armado.

LXXV.

Na maõ a grossa lança sopezando,
Todo em corage, e em furor se acende,
Que do escudo huma parte penetrando,
Já nelle preza inutilmente pende:
As espadas nos punhos apertando,
Cada qual desce, a seu contrario attende,
Que topar-se vieraõ fronte a fronte,
Qual se hum monte topara n'outro monte.

LXXVI.

Nem quando impera Jove soberano
Com tal furor os Cyclopes valentes,
Nas negras ferrarias de Vulcano
Lhe forjaõ rayos lucidos, e ardentes,
Como o Capitaõ Grego, e o Troyano
As espadas levantaõ refulgentes,
Ferindo os elmos, onde tremolavaõ
As plumas, de que o campo semeavaõ.

LXXVII.

Qual dous leões famintos sobre a preza
Do veado, que morto tem diante,
Chea a boca de sangue, e de braveza,
Cada qual mais cruel, mais arrogante:
A escura vista em puro fogo aceza,
Dando hum rugido, e outro penetrante,
Se abraçaõ, rasgaõ, té que o mais ferido
Sem descobrir fraqueza cae rendido.

LXXVIII.

Assi os monstros da guerra arremetiaõ,
Do alto abaixo olhando se buscavaõ,
N'uma parte apontavaõ, outra feriaõ,
E as mais vezes o golpe executavaõ:
Agora as armas com engano abriaõ,
E nellas juntamente se cerravaõ,
Tentando-se por huma, e outra parte,
Oppondo a arte á força, e a força á arte.

LXXIX.

Prova o valente Heitor toda a destreza,
Que em vaõ ferir Achilles pretendia,
Acha nelle, e nas armas a defeza,
Que a toda a espada, e forças resistia:
Bem como a ignea pedra ardendo aceza
Dos golpes do fuzil, já o ar se via
Das ardentes faiscas abrazado,
Que resurtem do escudo temperado.

LXXX.

Heitor a fria morte vê defronte,
Que na espada inimiga anda escondida,
Em negro sangue de huma, e d'outra fonte
Vai pouco a pouco destilando a vida:
A armadura mais forte, que fez Bronte,
Por mil partes estava dividida,
O aperto, a que a vida he já chegada,
Com mil bocas o diz a propria espada.

LXXXI.

Conhece-se ferido, e que o fervente
Sangue já as fortes armas lhe banhava,
Contra Achilles corria impaciente,
Que a vida, e o perigo desprezava:
Girava a hum lado, e a outro a espada ardente,
Co'a voz, que solta, os montes abalava;
Que hum trovaõ parecia a voz pezada,
Traz elle hum rayo o fulminar da espada.

LXXXII.

Sentia a coxa esquerda mal ferida,
O escudo lança atraz, a espada aferra,
Que sobre Achilles cae grave, e temida,
Com que ambos os joelhos poz por terra:
Bravo se ergue da affronta recebida,
Aperta os dentes, c'o inimigo cerra,
Nos braços o levanta, e entre os braços
Se daõ ambos durissimos abraços.

LXXXIII.

Nem da setta belligera feridos
O usso fero, ou javali arrogante
Fazem soar taõ grave a seus bramidos
A gruta, ou a caverna mais distante,
Com quanta força os Capitães temidos
Para affrontar-se os peitos põem diante;
A' seus braços os montes respondèraõ,
E feridos da planta estremecêraõ.

LXXXIV.

Como se Pélio, e Olympo se topassem,
De duras rochas fronte, e peito armados,
E na tosca aspereza se abraçassem
C'os braços de seus troncos carregados,
E em fontes de apertados rebentassem:
Assi estes vivos montes abraçados
Se apertaõ, onde Heitor qual vivo monte
Brotava sangue de huma, e d'outra fonte.

LXXXV.

Importa-lhe ajudar-se de destreza
Na palestra, em que o corpo exercitava,
Tenta co'a força Achilles na fraqueza
Das pernas, que hum estende, outro encurvava,
Fazendo vacillar a fortaleza
Das colunas, que Alcides respeitava,
E Achilles affrontado do perigo
A destreza temia do inimigo.

LXXXVI.

O braço cada qual irado estende,
E c'o inimigo se ata em laço estreito,
Huma vez se soltava, outra se prende
Torcendo os braços, chegaõ peito a peito:
No ar o Grego o grande Heitor suspende,
Depois que varias provas teve feito,
Grande parte do campo assim discorre,
Crendo trazer nos braços huma torre.

LXXXVII.

De naõ vencer corrido, e affrontado,
O corpo robustissimo cingia,
E o grave pezo n'um, e n'outro lado
Vacillando, mostrava que cahia:
Porém todo pendente, e reclinado
Com novo esforço, e nova valentia
Em pé ficava, quando á terra inclina
Depois de ameaçar fatal ruina.

LXXXVIII.

Como Antheon o duro Heitor ficava
Depois de ter tocado a amiga terra,
De novas forças, e vigor se armava
Para seguir a começada guerra:
Maravilhado Achilles se mostrava,
Vendo o valor, que no alto peito encerra;
Que seu grande vigor o desengana,
Que naõ he seu esforço cousa humana.

LXXXIX.

Vio começar o Sol este duello,
E já entaõ inclinava a luz Febea,
Sem sangue se acha Heitor, que de perdê-lo
Roxa tornada tinha a branca area:
Achilles, que na maõ tinha o cabello,
De que a fortuna a escura fronte arrea,
Bravo, e furioso instava com intento,
Que naõ tomasse Heitor hum breve alento.

XC.

Achilles, que se vê mais alentado,
Estreitamente aperta Heitor comsigo,
Mete o joelho esquerdo ao dextro lado,
Carregando nos peitos do inimigo,
Que sem poder suster-se, cae forçado,
Sem descuidar-se em seu valor antigo,
Que nos braços o aperta taõ vehemente,
Que ambos a terra medem juntamente.

XCI.

Heitor, a quem o peito a dura lima
Da dôr grave em mil partes dividia,
Tendo de Achilles o graõ pezo em cima,
A quem já contrastar taõ mal podia,
Mostrando que ainda assim menos o estima,
D'um lado n'outro o corpo revolvia,
Que sem temer contrario taõ temido,
Vencido quer naõ parecer vencido.

XCII.

Vê no ar levantado o braço forte,
E apertado hum punhal na dextra erguida,
Do alto ao rosto vê descer a morte,
Indo esconder-se o ferro na ferida:
Gozando Achilles mais ditosa sorte,
Os laços corta desta illustre vida,
Tendo outra vez no ar a adaga fera,
Como que a alma por feri-la espera.

XCIII.

Triunfa a morte, e Marte do arrogante
Despojo, que no campo se estendia;
A espada jaz, e o escudo rutilante,
Que Grecia toda com razaõ temia:
O Ilion poderoso, e triunfante
Nelle a gloria contempla, que perdia,
Cuja alta fama, quando o Ceo tocava,
Nesta viva coluna descansava.

XCIV.

Achilles vencedor quasi vencido
O escudo embraça, que já mal sustenta,
Toma a espada das forças impedido,
E a planta move vagarosa, e lenta:
De cansado dos golpes, e opprimido
Estar com pouca força representa,
E com tremante passo a maõ pezada
Vai fazendo bordaõ da propria espada.

XCV.

Recolhem-se em seus muros os Troyanos,
As vidas segurando, e defendendo,
E nelles contra os Fados tantos annos
Sustentaõ o furor de Marte horrendo.
Eu vendo os riscos, e perpetuos danos
Que por pontos, e horas vaõ crescendo,
Hum cavallo inventei, com que pudessem
Entrar em Troya os Gregos, e a rendessem.

XCVI.

No monstruoso corpo, que com tanta
Soberba cresce, que a arte propria admira,
Primeiro medo infunde do que espanta,
Parecendo que he vivo, e que respira:
Representando hum monte se levanta,
O largo ventre cheyo de armas, e ira,
Grave, e fatal prenhez, onde se encerra
N'uma apparente paz occulta guerra.

XCVII.

No cavallo ficamos encerrados
Os que a sorte escolheo; e a Grega armada
Fingidamente aos ventos socegados
Na negra antena solta a vela inchada:
Vendo que nos partimos, os cansados
Troyanos saem ao campo, e a levantada
Machina os admirava, a alguns parece
Que fogo ao graõ cavallo se puzesse.

XCVIII.

Deixámos entre os bosques escondido
Ao astuto Sinon, auctor de enganos,
Que se finge dos Gregos offendido,
Dando nas mãos dos miseros Troyanos:
Conta que delles tinha recebido
(Assistindo na guerra tantos annos)
Males, e affrontas, corre a ouvi-lo a gente,
Que enternecida o cria facilmente.

XCIX.

A que viera perguntado, e donde,
Responde promptamente, e confiado,
Com lagrimas mistura o que responde,
Aos que por vê-lo, e ouvi-lo o tem cercado:
Sem a fraude luzir que n'alma esconde,
Lhe conta que o cavallo levantado
Os Gregos com trabalho edificáraõ,
Que á victoriosa Pallas consagráraõ.

C.

Persuadem-se todos os que ouviaõ
A Sinon, que o cavallo o muro entrasse,
Se bem ao rude povo outros diziaõ,
Que com suppostas chammas se abrazasse:
Varios votos se daõ, os mais venciaõ,
Que para entrar o muro se rasgasse,
Sem ver quaõ grandes erros traz comsigo
Crer a fé, e as offertas do inimigo.

CI.

Entra o fatal cavallo, e na segura
Praça o deixaõ ficar, soberbo, e quedo,
Desce a cobri-lo logo a noite escura,
Que no mar se banhára o Sol mais cedo:
Naõ se via no Ceo estrella pura,
Tudo eraõ trevas, tudo horror, e medo,
E os que encerrados no cavallo estamos,
Pela sombra a sahida anticipamos.

CII.

Qual da vibora os filhos, que a comprida
Dilaçaõ do nascer abreviando,
Rasgaõ da mãy o ventre, porque a vida
Tem com sua morte, o morto pay vingando:
Tal das entranhas, onde está escondida
A Grega gente, as horas apressando,
Armada nasce para a dura guerra,
Como os que semeou Cadmo na terra.

CIII.

De noite as armas vaõ resplandecendo
Entre as chammas do fogo levantadas,
Qual c'os rayos de Cynthia o ar ardendo,
Se vêm ondas do mar alumiadas:
Huns vaõ fugindo, e outros recolhendo
A dura maõ nas férvidas espadas,
A sombra o graõ tumulto, e furia augmenta,
Que os perigos esconde, e os accrescenta.

CIV.

Cresce o tumulto, vozes, e armas crescem,
Que faz a escuridade mais temidas,
Varias mortes entre ellas se offerecem,
Dando outra eterna noite a tantas vidas:
Arde a Neptunia Troya, onde perecem
Nos fios das espadas homicidas
Os seus, que Pyrrho com mortal estrago
De Phrigio sangue faz de Troya hum lago.

CV.

A fabrica mayor, mais levantada,
Da violencia dos Fados opprimida,
Por maõ da dura guerra cae prostrada,
E em sua grandeza mesma está escondida:
Do eterno pay dos seculos gastada,
Que tira aos duros marmores a vida,
Trofeos de ambas fortunas, que em pedaços
Faz na robusta força de seus braços.

CVI.

A natureza, quando Troya ardia,
Parece que no antigo chaos se encerra,
O Ceo de negro luto se cobria,
Quando em sepulchro ardente a Troya enterra;
Tarda o Sol em trazer o novo dia,
A escura sombra occupa o mar, e a terra;
Que por naõ ver arder cousas taõ bellas
O Ceo cerrava os olhos das estrellas.

ULYSSÉA.

CANTO SETIMO.

ARGUMENTO.

Por festejar Ulysses ordenava
Gorgoris real caça, e monteria:
Ulysses, que a Calypso acompanhava,
Por venturosa sorte se perdia:
Logo erguia a Lisboa adonde achava
Agouros de mais alta monarchia;
Fala-lhe o Tejo, e canta docemente
Legéa altas victorias do Oriente.

I.

Gorgoris admirado do que ouvira
Contar a Ulysses com saber facundo,
Com inveja de gloria arde, e suspira,
Porque na ultima parte está do mundo:
Porém Calypso muito mais se admira
Perturbada, e suspensa, no profundo
Pensamento amoroso combatida,
De si propria comsigo está rendida.

II.

Calypso pensativa bem mostrava
Estar ferida de amorosa seta,
Com varios pensamentos pelejava
Na melhor parte da alma, e mais secreta:
Na cama em campo de batalha estava,
E perturbada a alma, e inquieta;
Secretario do mal, que traz comsigo,
Ao campo faz, e ao silencio amigo.

III.

Para hum jardim sahia acompanhada
De huma criada, de quem mais se fia,
A esta só as historias da abrazada
Troya, que ao Grego ouvira, repetia:
Gaba-lhe a gentileza, e estremada
Eloquencia, em que a todos excedia;
Que naõ póde haver rayo assim violento,
Como a continuaçaõ de hum pensamento.

IV.

Abrindo vinha o Ceo nocturno, e frio
Do Rey da luz a bella embaixadora,
E mudando em aljofar o rocio,
Urnas de ouro derrama a roxa Aurora:
A branda testa as perolas em fio
Toucavaõ, com que mais ao Sol namora,
E com o véo das nuvens, que a cercava,
Do rosto as frias gotas enxugava.

V.

Festejando a Princeza do Oriente,
Que sae as nuvens lucidas pizando,
Os filhos do ar com pena diligente
Vinhaõ o Ceo, e a terra namorando:
Que com farpada lingua docemente
Naõ aprendida musica espalhando,
Quando nas leves azas se levantaõ,
A alma suspendem, e o sentido encantaõ.

VI.

Traz della os abrazados horizontes
Com ardente pincel o Sol bordava,
E a altiva testa dos soberbos montes
De rayos de ouro, e prata coroava:
As plantas, rios, flores, prados, fontes,
Cada hum com lingua muda ao Sol falava,
Como que agradecia a graõ belleza,
Com que enfeitava o Sol a natureza.

VII.

Mostrava a terra verde as bellas flores
Vestidas com tal graça, e alegria
De mais finas, e mais suaves cores,
Que estar-se rindo o prado parecia:
O vento c'os primeiros resplandores,
Entre as folhas callado entaõ dormia,
E as fontes, que passando murmuravaõ,
A suave repouso convidavaõ.

VIII.

Sae Gorgoris dos seus acompanhado
Para onde o forte Ulysses o esperava,
Que corre a recebê-lo alvoroçado,
A quem no rosto o coraçaõ mostrava:
Porque o monte he de feras povoado,
Por alegrar a Ulysses ordenava
Huma caça real, e monteria,
Com que fatigue a selva, e gaste o dia.

IX.

Já de atavios ricos adornadas
As egoas remendadas se apercebem,
Que no Campo do Tejo saõ criadas,
Seus fenos pascem, suas correntes bebem:
Que de Boreas, e de Euro cubiçadas
De seu fecundo espirito concebem,
Dando aos filhos por este nascimento
A ligeireza do paterno vento.

X.

Gorgoris para a caça apercebido,
Das insignias do campo se guarnece,
Carrega ao hombro de ouro arco brunido,
E a aljava rica sobre o lado dece:
No cordaõ de ouro, e seda retorcido
A esmaltada buzina resplandece,
Curta lança na maõ, que foi mais vezes
Terror mortal dos javalis montezes.

XI.

Entre os mais hum libréo leva famoso,
Branco, de negras malhas todo cheyo,
De largos peitos, rosto portentoso,
Que tem a formosura em ser taõ feyo:
Hia cuberto de aço luminoso,
Lustroso, forte, e engraçado arreyo,
No pescoço hum collar, que com pungentes
Pontas affronta as féras mais valentes.

XII.

Mostra-se logo Astréa, e a formosa
Calypso ao monte, que se alegra em vê-las,
Qual na noite serena, e luminosa
Se acende o claro Ceo de luzes bellas:
Ulysses, que na luz pura, e ditosa
Das duas suavissimas estrellas
Se vê abrazar, já de sua dôr contente
Contava á causa della o mal, que sente.

XIII.

Diz a Calypso entaõ: Vede, Senhora,
Como tudo se alegra em vós sahindo,
O Ceo, o mar, a terra vos namora,
E as boninas á roda se estaõ rindo:
O Sol, porque vos vê na terra agora,
De envergonhado os rayos encobrindo,
Das cores, que lhe saem sobre estes montes,
Abraza os prateados horizontes.

XIV.

Qualquer ave, que ao ar livre se estende,
Vendo-vos taõ formosa, já parece
Que outra voz toma, e outro canto aprende,
Com que do campo, por vos ver, se esquece:
Pois se vos ama quem vos naõ comprende,
Que fará quem vos ama, e vos conhece;
Se tudo em fim se rende á vossa vista,
Quem taõ livre será, que lhe resista?

XV.

Mal (formosa Calypso) o incendio, que arde,
Mal se esconde o amor, e se refrea,
Naõ soffre esta affeiçaõ, que mais aguarde,
E o fogo, que em minha alma amor atea:
Atrevido calei, falo cobarde,
Naõ tenho cousa, que naõ veja alhea;
Que em vos vendo, vos dei tudo o que tinha;
Que até minha alma, por ser vossa, he minha.

XVI.

E se atégora o medo a voz me atava,
Naõ he muito ante vós te-la impedida,
Com lingua muda minha dôr falava,
E a pura alma nos olhos derretida:
Que os vossos me matárão, bem mostrava,
Sahindo o sangue á vista do homicida;
Morte, e vida me daõ, vendo-os taõ bellos,
Deseja-los a morte, a vida vê-los.

XVII.

Calypso o ouve, e como se envergonha,
Naõ responde, e nas faces se cubria
De huma côr abrazada de vergonha,
Com que inda mais formosa parecia:
Bebendo está suavissima peçonha
Nas amorosas queixas, que lhe ouvia:
Quando este gosto alegre lhe interrompem
Buzinas, que soando os ares rompem.

XVIII.

As vozes dos monteiros o ar feriaõ,
Com que os écos nos montes se dobravaõ,
Prezos nas trellas os libréos gemiaõ,
Que a sahir, e a afferrar se aparelhavaõ:
Já de huma brenha altissima sahiaõ
Dous javalis, que o monte atravessavaõ,
De monstruosos corpos, que fugindo,
Co'as meyas luas vaõ o mato abrindo.

XIX.

Hum delles corre o monte, naõ soffrendo
Dos monteiros as vozes, e o ruido,
Por hum valle cortava discorrendo,
Onde possa escapar sem ser sentido,
Calypso o topa, o palafrem temendo
A brava féra, pelo monte erguido
Corre espantado, e Ulysses naõ descança,
Té nas entranhas lhe esconder a lança.

XX.

Quando tornava alegre, e victorioso,
E Calypso buscava na espessura,
A huma, e outra parte temeroso
Discorria com vista mal segura,
Cahida em fim a encontra, e do formoso
Rosto eclipsada a viva formosura;
Pallido chega, que sem alma vinha,
Buscando o corpo, que por alma tinha.

XXI.

Com voz saudosa, e de suspiros chea
As mãos lhe beija, e docemente chora:
Quiz-se fazer formosa a morte fea
Com vossa formosura, alta senhora,
Lhe diz Ulysses, e da branda vea
De huma fonte a rocia, e como Aurora,
Que abre o Oriente, entaõ Calypso abria
O Sol da vista, donde nasce o dia.

XXII.

Assim com ella entrava desmayada
Por huma pobre casa de pastores,
Onde por molle cama, e regalada
Tem brandas pelles, e puniceas flores:
Da tarde grande parte era passada
Em saudosas lagrimas, e amores,
Onde mais testemunhas naõ se achavaõ,
Que arroyos, que do caso murmuravaõ.

XXIII.

Nos montes, e apertados arvoredos
Muitos nocturnos passaros voáraõ,
E nas concavidades dos penedos
Vozes de aves infaustas se escutáraõ:
Sem cothurno, e sem faxa a estes segredos
Assistio Hymeneo, e naõ faltáraõ
Gemidos de animaes, que o ar abrindo,
Foraõ tristes agouros repetindo.

XXIV.

Em seus braços Calypso as horas passa,
Que da prizaõ suave se contenta,
Hum amoroso laço ambos enlaça,
Ambos huma alma anima, ambos sustenta:
Na bella vista, e peregrina graça,
Em quanto elle seus olhos apascenta,
Praticando co'a alma a alma estava,
E o coraçaõ c'o coraçaõ falava.

XXV.

Está Chelos á vista altivo monte,
Fertil de muita caça, que com tanta
Altivez sobre as nuvens ergue a fronte,
Que do Olympo, e do Pindo se adianta:
De cuja espalda huma perpetua fonte,
Cae até lhe beijar a humilde planta,
Depois que pelo frio inverno teve
Penteadas do vento as cãs de neve.

XXVI.

Dos monteiros soava a vozeria,
Das buzinas o estrondo juntamente,
Ferve a montanha toda, onde tremia
O tronco mais robusto, e eminente:
Das altas brenhas o éco respondia,
Como que a voz humana represente,
Saem as feras, deixando suas moradas,
De ligeireza, e de fereza armadas.

XXVII.

Os animaes cobardes fugitivos
Saem em esquadras, cuja variedade
Espanta, alguns ás mãos se tomaõ vivos,
Sem lhe valer sua grande agilidade:
Ligeiros gamos, corços, e os altivos
Veados saem, que na velocidade
Dos pés a vida trazem, e na corrida
Hiaõ fugindo dilatando a vida.

XXVIII.

Alli hum dobra o arco, a terra esmalta
Do negro sangue da innocente fera,
Este subido na arvore mais alta,
O bravo porco, e o veado espera:
A rede outro estendia adonde falta,
Outro do cordaõ larga, onde prendera,
O libréo forte, e manda que arremeta,
Sahindo qual de hum arco a aguda seta.

XXIX.

Apoz sylvestres cabras, que espalhadas
Pascendo os largos valles vaõ cobrindo,
Gorgoris vai com voltas dilatadas,
A humas dando morte, outras seguindo:
Ellas trepaõ nas penhas levantadas,
E de huma pedra n'outra vaõ subindo,
Gorgoris se avantaja na destreza
A todos, no ar do corpo, e gentileza.

XXX.

Crendo que entrára Ulysses na espessura,
Pelo alcançar os montes fatigava,
Quando hum sabujo, e outro pela escura
Mata rompendo o valle atravessava:
Hum veado arrebenta, que a armadura
Da fronte em varias pontas rematava,
Bate os fendidos pés, e indo voando
Por ver quem o seguia pára olhando.

XXXI.

Nas egoas os monteiros apressados,
Que parece que o vento nasceo dellas,
Seguros vaõ batendo ambos os lados
C'os rayos de agudissimas estrellas:
Nos valles, e nos montes impinados
Mil voltas davaõ nas seguras sellas;
Monte, filhos, e cova conhecida
As feras deixaõ por fugir co'a vida.

XXXII.

Cansada a egoa Gorgoris levava,
E n'um ginete Hispano se subia,
Este o chaõ taõ veloz atropellava,
Que mostra que voava, e naõ corria:
Co'as mãos ferradas, que no ar dobrava,
Taõ ligeiro, e taõ forte o chaõ batia,
Que desafia os ventos, e parece
Que c'o pezo que leva ensoberbece.

XXXIII.

Foi-se cerrando o ar, foi-se cobrindo
De nevoa grossa, o cervo amedrentado
Por hum valle, e outro valle sacodindo
Os pés, apenas piza o verde prado:
Chega a hum precipicio, alli cahindo
C'o furor da carreira arrebatado,
N'uma perna do alto juntamente
Cae afferrado de hum libréo valente.

XXXIV.

Este o veyo seguindo, que animoso,
Vendo-o cansado, fortemente afferra,
O caminho descendo alto, e fragoso,
Detendo-o vai, cozendo-se co'a terra:
E quando cae do monte cavernoso,
Vendo-se despenhar naõ desafferra,
Para que a ambos seja desta sorte,
O perigo commum, commua a morte.

XXXV.

Gorgoris por feri-lo a lança erguendo,
Chegado a ponto de cahir esteve
C'os pés no precipicio, onde temendo
O ginete suspenso se deteve,
E o perigo, e ruina conhecendo,
Volta em roda no ar, ligeiro, e leve,
Desfaz-se a nevoa, e vê no chaõ prostrado
O libréo forte, e o timido veado.

XXXVI.

Tornava aos seus correndo o monte erguido,
Que o ginete com leves plantas mede,
Quando acha hum javali na agua metido,
Que em sangue mata, e naõ no rio a sede:
Este alli apertado, alli temido,
Das lanças descompondo a forte rede,
As costas segurando, a testa vira
D'um lado n'outro, volta ardendo em ira.

XXXVII.

Tasca furiosa escuma, quando sente
As lanças, esgrimindo o navalhado
Cutélo de marfim do agudo dente
Contra os imigos, que sentia ao lado:
A vista irada aceza em fogo ardente,
A cola retorcida, o arriçado
Cerro das negras sedas encrespadas,
Qual para a guerra lanças ordenadas.

XXXVIII.

Instando com furor acometiaõ
Os libréos mais valentes, que afferravaõ,
Os sabujos de fóra alto latiaõ,
As horridas buzinas no ar soavaõ:
Os monteiros co'as lanças o feriaõ,
Com que os cães afferra-lo se animavaõ,
Chegaõ, e o que mais chega sae voando,
Na ferida as entranhas pálpitando.

XXXIX.

Com elle alli envestia o mais famoso
Libréo, que na pendente orelha afferra,
A fera ronca, e do marfim lustroso
Bramindo as meyas luas abre, e cerra:
Té que de hum bote o caõ forte, e nervoso
Aberto cae, tingindo o sangue a terra,
Onde lançava a espumosa vida
Envolta em negro sangue da ferida.

XL.

Gorgoris, tendo a lança levantada,
Duro arremeço faz, dizendo: Nesta
Verás a morte, e a fronte carregada
Rompe o ferro amolado, e dura testa:
Tremendo cae do golpe ensanguentada
Sobre seu grande corpo a fera besta,
A quem com gosto o vencedor levanta,
E os que espantara viva, morta espanta.

XLI.

Já Gorgoris da caça fatigado,
Morto o graõ javali, de Chelos dece,
Monte alto, donde o nome derivado
De Chellas hoje dura, e permanece:
Nos valles Caballinos vê prostrado
O que Ulysses matou, que inda parece
Que o nome querem conservar comsigo
Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

XLII.

Alli chegou Ulysses, e tornando
Para a Cidade, goza dos favores
Da graõ Calypso, em cujo peito brando
Tanta impressaõ tem feito seus amores:
Nestes doces cuidados enganando
Os dias, que entaõ julga por melhores,
Nota hum sitio eminente, e mais seguro
Para erguer da Cidade o nobre muro.

XLIII.

C'os seus o caso Ulysses conferia,
Huns erguer a Cidade lhe approvavaõ,
Outros, votando por diversa via,
Fundar os novos muros reprovavaõ:
Que se erga a graõ Cidade se vencia
Contra os que pela patria suspiravaõ,
Que he graõ doçura a com que a patria amiga
A suave lembrança nos obriga.

XLIV.

Hum grande altar a Jupiter potente
Ulysses fórma, ante elle se prostrava,
E coroado de arvore eminente
Com grande affeito o forte Grego orava:
Concorre a acompanha-lo alegre a gente,
E cada qual de Baccho coroava
A ardente taça, e por diversos modos,
Dando vozes ao Ceo, se alegraõ todos.

XLV.

E da arvore do Sol cingindo as frontes,
A erguer os novos muros se animavaõ,
Ao Genio, que habitava aquelles montes,
E antiga terra, em versos celebravaõ:
Ao velho Jano, ás Nayades das fontes,
Ao graõ Neptuno, e a Eolo libavaõ:
Toou Jove do alto, e pelo raro
Ar corre hum resplandor divino, e claro.

XLVI.

Todos com vozes altas vaõ seguindo
O grande agouro, que no Ceo se via,
Com duro ferro a dura terra abrindo,
Que agradecer-lhe os golpes parecia:
Que nome lhe dariaõ conferindo
A' Cidade fatal, que entaõ nascia,
Hum lhe chama Ulyssipo, outro a nomea
Pelo famoso Ulysses Ulysséa.

XLVII.

Que se chame Ulysséa concordáraõ,
Viva Ulysséa, dizem, gloriosa,
Quando nos fundamentos, que lançáraõ,
Cousa descobre o Ceo rara, e famosa:
Que no templo, que a Pallas levantáraõ,
Huma cabeça humana portentosa
Viva nas côres viaõ, e huma espada
Dos poderes do tempo reservada.

XLVIII.

Hyripilo agoureiro Ulysses chama,
Que com estro divino lhe dizia:
Adonde esta cabeça teve a cama,
Quer Jove erguer mais alta Monarchia:
Aqui grandes varões de eterna fama,
Além dos termos, que prescreve ao dia,
Faraõ que no Universo se conheça,
Que he de Europa Ulysséa alta cabeça.

XLIX.

Tanto que o cerco repartido esteve
Da famosa Ulysséa, honra de Marte,
E o muro, e templo assignalado teve,
Ruas abrindo vai, praças reparte:
Ferver se via a obra em tempo breve,
E o trabalho exceder modelos, e arte,
Pelos montes se ouvia, donde mora,
Os golpes repetir Echo sonora.

L.

Quantos robustos braços se veriaõ
Suar na obra, tendo por suave
Trabalho o com que os marmores partiaõ,
Arrastando no carro o pezo grave:
Outros o monte, e bosque alto feriaõ,
Donde a pezada pedra, e grossa trave
Desce, que ao templo, e muro se accommoda,
Pelo artificio da voluvel roda.

LI.

Este a grenha do monte ás costas passa
Ao fogo intenso, que arde, outro trabalha
Fazendo a dura terra em molle massa
Para a cozer na férvida fornalha:
Qual por que sirva na soberba traça,
A pedra pule, e a coluna entalha,
E outro sobre a porta levantada
A cornija accommoda carregada.

LII.

Como se na obra Dedalo assistira,
Com graõ cuidado, e graõ fervor se obrava,
Cada hum succede no trabalho, e tira
O carro, que gemendo atravessava:
Quem vê o muro, com razaõ se admira
Como huma pedra, e outra assim quadrava,
Que representa a obra illustre, e rara,
Que a cithara Thebana edificara.

LIII.

Já se viaõ crescendo erguer seguros
A testa altiva os muros levantados,
Rompendo co'a grandeza os ares puros,
Das correntes do Tejo rodeados:
Ameaçando do alto os fortes muros,
De lustrosas ameas coroados,
(Sobre o tanque do Océano profundo)
As coroas do velho, e novo mundo.

LIV.

Vendo o carro do Sol na mór altura,
Do suave trabalho se apartava
Ulysses, e onde a vea doce, e pura
Suas amenas prayas beija, e lava:
N'uma lapa, que abrio na rocha dura,
Que a repouso, e descanso convidava,
Entra para entregar-se ao sono lento,
E dar hum breve allivio ao pensamento.

LV.

Neste rochedo grande porta abria
O rio, que ovas pardas pendurando,
Como de natural tapeçaria,
Vai a Neptuno alcobas adornando:
Que em lugar de prezada laçaria
A rocha pouco a pouco foi limando,
Que as pedras gasta da agua o molle dente
Co'a força naõ, mas c'o ferir frequente.

LVI.

Mostrava nesta rustica bruteza
Exceder os burís de arte melhores,
Onde, como zombando, a natureza
Entalhou pedras de subtís lavores:
Hum arco se formava de grandeza
Estranha, onde a caverna dos ardores
Do Sol naõ offendida, a mais suaves
Sonos dava lugar nas horas graves.

LVII.

D'entre as pedras em gotas distillada
A fonte, em puras lagrimas descendo,
Está fios de prata congelada,
Para enfiar as pérolas, vertendo:
No chaõ em partes a agua reprezada
Por labyrintos de cristal correndo,
Meandros fórma, e pela molle fralda
Com vidros cobre musgos d'esmeralda.

LVIII.

No tempo era, que o Sol mais abrazado
Exhalava no ar flammas ardentes,
Quando sua pompa exangues pelo prado
Cahindo inclinaõ as flores excellentes:
E quando rumiando o manso gado
As sombras busca, e liquidas correntes,
Bordava a ardente luz de Apollo louro
Do Nemeo leaõ a pelle d'ouro.

LIX.

Ouvindo o canto das lascivas aves,
Que o ar suave enchiaõ de harmonia,
E o murmurar da fonte, que nas graves
Pedras quebrando seu cristal rompia:
E c'o sopro das leves, e suaves
Auras, que as verdes folhas revolvia,
Entre as humidas azas de Morfeo
D'alma os graves cuidados suspendeo.

LX.

No mais fundo do Tejo hum sumptuoso
Palacio o Rio habita, de luzentes
Çafiras, e cristal puro, e lustroso,
Que as paredes faziaõ transparentes:
Aqui foi avisado o Tejo undoso,
Que junto de suas liquidas correntes
Ulysses n'uma lapa repousava,
E logo o centro pelo ver deixava.

LXI.

Manda hum Tritaõ, que do humido aposento
De escamas d'ouro lucidas vestido
Sahindo fora, dê sonoro alento
Co'a negra boca a hum buzio retorcido:
Voa nas azas do ligeiro vento
O som por varias partes repetido,
Deixaõ as naturaes concavidades
Para acodir as humidas Deidades.

LXII.

De vestes roçagantes, e luzidas
De hum cristal molle, e molles esmeraldas
Hum sae vestido, e outro guarnecidas
De escamas d'ouro as nitidas espaldas:
Outros camisas brancas tem vestidas
De congelada escuma, e nas grinaldas
As Ninfas vaõ aljofar enlaçando
No coral fino, em suas ondas brando.

LXIII.

Chegaõ aonde o Tejo os esperava,
N'um solio altivo, claro, e preeminente
Na sala, cujo tecto carregava
Em colunas de massa transparente:
Alli sobre urnas de ouro se encostava,
Sahindo de cada huma huma corrente,
Por falar-lhe a cabeça sacudia,
E o chaõ de aljofre, e pérolas cobria.

LXIV.

Conta-lhe como Ulysses he chegado,
E á Lusitania hum seculo famoso,
Em que ha de ser do Tejo subjugado
De ambas as Thetis o temido esposo:
Que quer ir visita-lo acompanhado
Das Deidades do rio caudaloso,
Todos o approvaõ, e elle nesse instante
Os passos move, os Deoses vaõ diante.

LXV.

Pizando sae as humidas areas
O velho Rio, n'uma verde cana
Arrimado, entre o coro das Nereas,
Coroado de junco, e de espadana:
As Nayades famosas, e as Napeas,
Descem das fontes, donde o Tejo mana,
Vaõ com elle as Oréades, e as Drias,
E a verde alma das plantas Amadrias.

LXVI.

Mil vezes salve, ó Ulysses venturoso,
Ao sabio Grego diz o antigo Rio,
Que este porto será por ti famoso,
Da plaga Austral além do Norte frio,
Quando os peixes de prata, e mar furioso
Reconheçaõ meu largo senhorio,
Quando vencedor pize o Tejo ufano
A cerviz dura ao tumido Oceano.

LXVII.

Ergue a nobre Cidade, e naõ te espante
O graõ furor de Gorgoris valente,
Por minhas ondas passarás ávante,
Onde armas acharás, e ousada gente:
Eu por guia te irei sempre diante,
Humilhando esta tumida corrente,
Que quando este ditoso pezo a opprima,
Correráõ minhas ondas para cima.

LXVIII.

Mandou entaõ o Rio venerando
A Legea, que toque a doce lira,
E o suave instrumento acompanhando
Co'a branda voz, que o Ceo, e a terra admira:
Reconte a profecia, que cantando
Os segredos do Fado, a Prótheo ouvira,
Como abriria á Lusitana gente
O mar té as roxas portas do Oriente.

LXIX.

Ella obedece, e c'uma graça estranha
Põe a animada neve no instrumento,
A que co'a voz angelica acompanha;
Cessou nas folhas escondido o vento:
Naõ podendo caber cousa tamanha,
Se naõ for n'um divino pensamento,
E o que a Prothêo ouvira, referia
Cantando a bella Ninfa, e assim dizia:

LXX.

Entre os segredos da futura idade
Grande gloria te espera, ó Tejo ufano,
Quando os muros erguer da graõ Cidade
Em tuas margens hum Grego soberano:
Em cujo imperio, e eterna magestade
Depois do mar de Atlante, e do Oceano
Se ha de ver o mar Roxo navegado,
Perdendo a côr vermelha de enfiado.

LXXI.

Tomando o quinto Affonso bellicoso
Na Regia maõ do Reyno a redea leve,
E achando aquelle coraçaõ famoso
O Lusitano Imperio estreito, e breve:
As velas dando ao mar tempestuoso,
Já c'os mares Atlanticos se atreve,
Verá a ultima terra, aonde viviaõ
Tres irmãs, que de hum olho se serviaõ.

LXXII.

Depois do Infante Henrique com valente
Coraçaõ vencer de Africa os ardores,
Arguim, e as ilhas Garças juntamente,
E os da serra Leoa habitadores,
Vencendo de Guiné o Sol ardente,
Descobre as grandes ilhas dos Açores,
Porque sejaõ do Imperio Lusitano
Limite o Ceo, e as ondas do Oceano.

LXXIII.

Virá o graõ Manoel esclarecido,
Que com grossas armadas solicita
Hum, e outro Neptuno; onde atrevido
O quinto Affonso, e grande Henrique imita:
Este, que por valor será temido,
Em quanto hum, e outro Sol co'a luz visita,
Fará que os Portuguezes vaõ subindo
Até as fontes beber do Gange, e Indo.

LXXIV.

Deixando subjugada a Barbaria,
Onde se vê o Ethiope abrazado,
Porque o carro do Sol o filho guia
Por caminho do Ceo menos trilhado:
E os que do lago bebem a agua fria,
Donde o Azanaga corre ao mar salgado,
E os que de Zairo vem mudar o estilo,
Rico das aguas, que lhe empresta o Nilo.

LXXV.

Como quem gloria só procura, e ama,
Naõ temerá mandar a forte gente,
Com que os mares cortando o forte Gama,
Abre as fechadas portas do Oriente:
O Cabo tormentorio de alta fama,
Que esta naval affronta naõ consente,
Humilhará suas ondas, e braveza
A's forças, e á fortuna Portugueza.

LXXVI.

Victorioso o Gama illustre passa,
Vencendo os elementos, e vencendo
As perfidias, e enganos que em Mombaça
O Rey astutamente irá tecendo:
Debaixo a Equinocial, que o mundo abraça,
Verá Melinde na Ethiopia ardendo,
Fazendo-se temer da negra gente
Abrazada do fogo do eixo ardente.

LXXVII.

Já neste tempo as metas, que o Thebano
Alcides pôz aos mares arrogantes,
Seraõ fabula vil, que do Oceano
Descobrem mais os Lusos navegantes:
Quando com furor alto, e mais que humano
Seus lenhos terras nunca vistas d'antes
Descobriráõ do Austro á Noruega,
Donde o Sol arde, e donde nunca chega.

LXXVIII.

Levarás tu primeiro, ó forte Gama,
As Lusitanas Quinas, e as antenas
Taõ longe, que da vista as perde a fama,
Que tantos olhos tem, e tantas pennas:
Donde hum perpetuo Estio o mundo inflamma,
E Cynthia faz as noites mais pequenas,
Té os hyperboreos frios, pouco estimas
Passar, emulo ao Sol, por varios climas.

LXXIX.

Irá logo o Cabral varaõ famoso,
Ver do Brasil a costa prolongada,
Onde hum trofeo levanta glorioso,
Em que deixa sua fama eternizada:
O mar irá cortando victorioso,
Té ver de Moçambique a desejada
Costa, vencendo o largo mar, que abraça
A viçosa Quiloa com Mombaça.

LXXX.

Vencido o mar Vermelho, vence o duro
Inimigo, que finge ser amigo,
Mancha em seu bruto sangue o ferro puro
De sua graõ perfidia igual castigo:
Podendo ver no derrubado muro,
Que era melhor amigo que inimigo;
Fará em Cochim em paz a nobre escala,
Abrindo o ignoto porto de Çofala.

LXXXI.

A este o grande Novoa irá seguindo,
Que os seyos Persio, e Arabico passando
De Calecut as náos, que estaõ cobrindo
A costa Malabar, vai destroçando:
Com quatro sós a cento resistindo,
Parte mete no fundo, e outras tomando
Té lhe fugir o imigo de affrontado
Do Portuguez já de vencer cansado.

LXXXII.

Quanto convém que sejaõ preferidos
Para os cargos da guerra os esforçados,
Que ao valor os lugares saõ devidos
Para os que em obras querem ser honrados:
Os que vem do alto tronco, se esquecidos
Do herdado exemplo estaõ de seus passados,
Que a virtude abraçáraõ preeminente,
Roubaõ lugar alheyo injustamente.

LXXXIII.

Que montaõ os leões, as aguias puras,
Com que a soberba espera eternizar-se?
Que montaõ atrios, carros, e pinturas,
Se quer a ignavia nellas gloriar-se?
Que as fumosas imagens, as figuras,
De que a vangloria sabe namorar-se,
Affrontaõ os que imbelles encostados
No tronco antigo estaõ de seus passados.

LXXXIV.

Tornará o forte Gama, já Almirante,
A ver da Pérsia os procellosos mares,
Levando o Rey de Calecut diante,
Vencido entre o furor dos Malabares:
Onde c'o de Cochim a paz constante
Assentará em seus postos, e lugares,
Trazendo o graõ tributo, que a Lisboa
A El-Rey seu Senhor manda o de Quiloa.

LXXXV.

Do primeiro Albuquerque a forte espada,
Em favor de Cochim, na dura guerra,
Temerá o Caymal, que debellada
Virá igualar a Repelim co'a terra:
Vendo n'um mesmo tempo derrubada
Quanta no Çamorim força se encerra,
Que entre os dous Albuquerques naõ duvida
Perder além do estado a propria vida.

LXXXVI.

Honraraõ seu sepulchro os levantados
Trofeos, insignias de invejada gloria,
As bandeiras pendentes, os gravados
Arnezes, onde vive alta memoria:
As taboas dos navios abrazados,
Portas, chaves, tambores de victoria,
Espadas inimigas penduradas,
A' mesma Eternidade consagradas.

LXXXVII.

Irá fazer aguada o graõ Saldanha
No tormentorio Cabo, e costa ardente,
Dando seu mesmo nome á terra estranha,
Que nella ha de durar eternamente:
A quem co'as fortes armas acompanha
Contra os da India, e Çamorim potente
O graõ Pacheco, que co'a espada núa
A fama de seu Rey estende, e a sua.

LXXXVIII.

De fortes paraós com dura guerra
Mambeja cubrirá de naval muro
O estreito passo, e de esquadrões a terra
C'os Reys de Cucuraõ, e de Bipuro,
Descendo o Rey de Catagem da serra
De Coriga, e Tenor com braço duro,
Todos confederados, e de modo,
Que os pudéra temer o mundo todo.

LXXXIX.

Nada teme o Pacheco, nada o espanta,
Podendo toda a India só teme-lo,
Com pouca gente se arremessa a quanta
Virá na terra, e mar a comete-lo:
Sahindo hum trovaõ negro da garganta
Bramindo pela boca de hum camello,
Os paraós destroça, onde o espumoso
Neptuno ardendo entrava furioso.

XC.

Dos castellos, e popas torreadas
As duras settas despedidas voaõ,
De tambores, e trompas as dobradas
Vozes nos ares repetidas soaõ:
Voaõ dardos, e chuças amoladas,
Soberbos golpes todo o mar atroaõ,
Hum cae atravessado, e outro exangue
Nas ondas nada de seu proprio sangue.

XCI.

Qual morto cae as ondas penetrando,
Crescendo o mar c'o sangue da ferida,
E qual nellas absorto anda nadando
Por á morte escapar, que tem bebida:
Qual no remo se pega, e vai trepando,
E esforçando-se está para a subida,
E cae ferido do pelouro ardente,
Deixando a vida, e remo juntamente.

XCII.

Eis que do bronze concavo encendido
Rebenta o pó sulfureo abrazado,
Que dando no ar asperrimo bramido,
Na abobada do Ceo responde o brado:
Voa o pelouro em flammas escondido,
Qual o rayo de Jupiter irado,
Que de Tyfeo a grande furia imita,
Quando as pedras ardendo ao ar vomita.

XCIII.

Virá segunda vez este inimigo,
Cometer com mais velas, e mais gente
O mesmo váo, naõ tendo mais comsigo,
Que só a si mesmo, o Capitaõ valente:
Entra com dous bateis neste perigo,
Pasma em vê-lo o inimigo, e já se sente,
Que tem posta a esperança na fugida
Por naõ deixar antes do passo a vida.

XCIV.

O' Alcides Lusitano, honra de Hespanha,
Digno de eterna, e soberana historia,
A que o trabalho proprio, e terra estranha
O fructo rendem de invejada gloria:
A' patria, a quem tu dás honra tamanha,
E ao mundo, onde espalhaste tua memoria,
Exemplo, e espelho deixas, onde veja,
Que alta virtude dá por fructo inveja.

XCV.

Nasce, dizia, hum resplandor divino
Do Almeida, e seu braço soberano,
Quando dos Reys castiga o desatino
De Mombaça, e de Onor com mortal dano:
Que o de Cochim no solio peregrino
Com braço, e peito assenta mais que humano:
Primeiro Visorrey, por elle vejo
Chorar perlas o Gange, e o patrio Tejo.

XCVI.

Com elle irá Lourenço valeroso,
Que do valor do pay segue as pizadas,
Que deixará em Cochim o alto, e famoso
Padraõ co'as Quinas de ouro levantadas:
Onde hum sepulchro, e outro portentoso
Descobrirá, que as fabulas sonhadas
Ensinaõ com rumor, e fama escura
Ser dos primeiros pays a sepultura.

XCVII.

Mas em Chaul a imiga, e dura sorte,
Que durar hum bem grande naõ consente,
Lhe dá entre as lanças a formosa morte,
Que invejada será perpetuamente:
Rompe-lhe a forte bala o peito forte,
Levando-lhe huma perna hum rayo ardente
Do corpo, aonde a alma se detinha,
Que só ao coraçaõ por armas tinha.

XCVIII.

Porém o velho pay, a quem naõ cança
O exercicio do sanguineo Marte,
De Dabul tomará cruel vingança,
Onde levanta o bellico Estandarte:
Queima, por terra põe, e naõ descança,
Té que o fogo se atea em toda a parte,
Tudo effeitos crueis de forte rayo,
De que encolhido treme o graõ Sabayo.

XCIX.

Mirocem, que nas forças atrevido
De armas, galés, e bellico aparelho
Se atreve a resistir, foge vencido,
E o mar d'antes azul fará vermelho:
Onde as bandeiras do Sultaõ temido
Piza co'as plantas o valente velho,
A quem guarda depois a terra dura
Do Cabo a estranha, e iniqua sepultura.

C.

Logo o famoso Affonso, o mar cubrindo
De náos, os Malabares afugenta,
Do graõ Neptuno as ondas opprimindo,
Que de seu grave pezo já rebenta,
Levando o Marichal, que á fama abrindo
Novos caminhos, pela espada augmenta
A vida, que c'o sangue, que derrama,
Vencido vence, e vive pela fama.

CI.

Seguindo estes varões o graõ Soares,
Temido se fará naquella parte,
Que Arabia volve os procellosos mares;
Logo o Siqueira, Lusitano Marte:
Tremem de Ormuz os muros, e lugares
Do valor do magnanimo Duarte,
Que c'o vento das azas, que abre, e cerra
Sua fama, os fortes muros põe por terra.

CII.

Quando o terceiro Joaõ, Rey excellente,
Subir ao Real solio, desejando
Proseguir as victorias do Oriente,
Do Olympo só os caminhos affectando,
Mandará o forte Gama taõ valente,
Que dos annos o pezo desprezando
Comete o mar, sem descubrir fraqueza;
Que o coraçaõ desmente a natureza.

CIII.

Tremerá toda a India só de vê-lo,
Seu esforço, seu braço, sua fortuna,
Treme Neptuno, e mostra em fim teme-lo,
A tempestade indomita, e importuna:
Porém só o Fado poderá vence-lo,
Quebrando esta firmissima coluna
Do novo mundo, aonde descançava
O pezo, que em seus hombros carregava.

CIV.

Succeder-lhe-ha morrendo o grande Henrique,
Porque tambem no esforço o represente,
Que deste Fenix quer o Ceo, que fique
Outro nas mortas cinzas do Oriente,
Que em Baticala tantas náos a pique
Ao centro manda, e rende juntamente,
Para que o Çamorim se desengane
Pelejando em Coulete, e em Panane.

CV.

No Malabar a grande fortaleza
Elle defenderá no estreito passo
Com Heitor da Silveira, que se preza
De Lusitano Heitor no forte braço:
Quando a todos mostrar naõ ter defeza,
Os peitos nús, como se foraõ de aço,
A's mortes exporáõ, e aos móres riscos
Sem a vista temer dos basiliscos.

CVI.

Da India os mares lavrará o temido
Sampayo, que com poucos Portuguezes
Verá desbaratado, e destruido
O poder do inimigo tantas vezes:
Senti-lo-ha Bacanor, e o atrevido
Geral de Bisnagá, que a seus revezes
Naõ acha malha, ou elmo, que resista,
Confessando, que o vence só co'a vista.

CVII.

Aqui a Ninfa hum pouco levantando
A voz sonora, diz: Pelo Oceano
Virá o Cunha illustre navegando,
Que a Mombaça fará taõ grande dano:
Vence Cambaya, e a Batel queimando,
Fará temido o nome Lusitano,
Que pelos inimigos, que tem morto,
Dos mortos dará nome ao mesmo porto.

CVIII.

Em Dio a nobre fortaleza erguendo,
Que o Sultaõ Mahamud com grande inveja
Quer igualar co'a terra, naõ podendo
Chegar c'o forte braço onde deseja:
Luas Turquescas chama, que vertendo
Sangue no mar se põem, e na peleja:
Veraõ nas roxas ondas seus turbantes
Nadar morrendo os Turcos arrogantes.

CIX.

Irá logo o Noronha, e o novo Gama
Tomar o leme do famoso Estado,
Que o irmaõ rega c'o sangue, que derrama,
Que a terra, e Ceo tem ambos conquistado:
E o grande Martim Affonso, cuja fama
Fará ao esquecimento ser lembrado
De sua gloria, que taõ mal se encerra
Nos espaços do ar, e nos da terra.

CX.

Aqui, dizia a Ninfa, he necessario
Outro peito, outra voz, outra sciencia,
E que me empreste o plectro o mesmo Clario,
Pondo em meus beiços favos de eloquencia,
Para que cante a quem de marmor Pario
Estatuas deve a humana providencia,
Antes estatuas de ouro, e de alabastro
O illustre, o pio, o invencivel Castro.

CXI.

Succederás, ó Castro venturoso,
Em quem de Alcides o valor se encerra,
Quando o Rey de Cambaya poderoso
A Dio sitiará por mar, e terra:
Onde teu mesmo filho valeroso,
Envolto no furor da dura guerra,
Piza as bandeiras, onde no ar tremola
Com as meyas luas a soberba cola.

CXII.

Aqui mudando o canto em lastimado
Accento triste, a Ninfa proseguia:
Aqui, mancebo illustre, rodeado
Dos teus, que haõ de imitar-te na ousadia,
Vendo dar fogo sobre a mina armado
Renasces, como Fenix, neste dia
Nas roxas flammas, onde abriste logo
Para voar mais alto azas de fogo.

CXIII.

Embraçado o escudo rutilante,
Vem o famoso Castro com presteza
A soccorrer os seus, elle diante
Pouco estimando a perigosa empreza,
Armado sae de hum animo constante
Desprezador da vida, e só se preza
Da alta virtude, que a seu braço unida,
A India toda o teme, e a faz temida.

CXIV.

Tal preço de sua barba, e tal valia
Teraõ só dous cabellos, que o thesouro
Mayor do Sol (que com seus rayos cria
Nas grandes veas, cujo sangue he ouro)
Menos estima tem, que a quanto a fria
Noite esconde, e descobre Apollo louro,
Tocando o mais remoto parallelo,
Excede desta barba hum só cabello.

CXV.

Irá o grande Cabral tomar o pezo
Do novo mundo aberto no Oriente,
Que a Chambe voa em puro fogo acezo,
E a terra abraza como rayo ardente:
Bardelá o sente, onde cercado, e prezo
Arde o Rey, e com elle a Maura gente,
E na marinha, e miseras aldeas
Purpureas torna as pallidas areas.

CXVI.

Logo irá o Noronha, que correndo
De Ormuz o mar co'a poderosa armada,
A' fortaleza chega, que tremendo
Cae de seus fortes rayos abrazada:
Eufrates de suas náos c'o pezo horrendo,
Opprimido dará por força entrada;
Que ás Portuguezas armas, e aos intentos
Obedecem té os proprios elementos.

CXVII.

Quando tremer Malaca da ousadia
Dos Reys vizinhos, vence a furiosa
Gente c'o duro braço Dom Garcia,
Tornando imbelle a esquadra bellicosa,
N'um barco, aonde em pó Vulcano ardia,
Sae pelo ar com força portentosa
Voando a morte, e leva juntamente
Ao General, e ao filho a bala ardente.

CXVIII.

Ferve o mar, e já em ondas se levanta
Todo de branca escuma coroado
Co'armada imiga, que só vê-la espanta
C'um lenho, e outro lenho torreado:
Quando o metal, que os animos quebranta,
O rayo lança com sonoro brado,
O inimigo a ousadia em medo troca
Ouvindo o estrondo da sulfurea boca.

CXIX.

Huma armada com outra a hum tempo afferra
Prenhe de occulto fogo, que sahindo
Em negros gyros cobre o mar, e a terra,
Incendios exhalando, e repetindo:
A bala voa, que o metal encerra,
Que nos ares caminho largo abrindo,
De Jupiter o ardente rayo imita,
Que huns despedaça, a outros precipita.

CXX.

Voa Vulcano ardente, e com violento
Estrondo, alto bramido, e voz funesta
Os cornos quebra no ar ao negro vento,
Quando entre as nuvens ergue a dura testa:
Treme Neptuno, e sobre o salso argento
Chama os marinhos Deoses, e se apresta,
Vendo do grande estrondo, e das pezadas
Balas as crespas ondas infestadas.

CXXI.

Já se afferraõ as popas diligentes,
Abrindo o ferro alli sanguinea porta,
De mil vidas o fio nos ardentes
Fios de seu cutelo Atropos corta:
E sobre as rapidissimas correntes
Nadará tanto sangue, e gente morta,
Que a quem as vir de roxo sangue cheas
Pareceráõ as ondas Eritreas.

CXXII.

Depois o largo mar irá cortando
O forte Mascarenhas, naõ vencido,
Por Rey de Visapor alevantando
O irmaõ á vista do Hidalcaõ temido:
O graõ Barreto a India governando
Verá a seu braço o Çamorim rendido,
Que de alto esforço, e de valor deseja
Encher o mundo, e de gloriosa inveja.

CXXIII.

Tremendo está a fortissima Cidade
De Mangalor, té as pedras abrazada,
Onde o Rey com a vida a liberdade
Deixa nos fios da inimiga espada:
E o de Cambaya em marcia tempestade
Verá Manora, e Aserim queimada,
E o Hidalcaõ fugindo, que a Salsete
Com vingativas armas acomete.

CXXIV.

Logo irá o famoso Constantino,
Do Real tronco ramo florecente,
A cujo alto valor, e peregrino
Será estreito Imperio o do Oriente:
Dámaõ provando o aço puro, e fino,
A seu braço se rende, e o potente
Rey de Janapataõ por maravilha
A seus pés a coroa, e o sceptro humilha.

CXXV.

Logo o grande Coutinho, e o esforçado
Mendoça, e o graõ Noronha com presteza
Ergue de seus soldados ajudado
De Mangalor a nobre fortaleza:
Aqui o rouco plectro, e já cansado
A Ninfa despertava com destreza,
Dando á sonora voz mayor alento,
Afina as doces cordas do instrumento.

CXXVI.

Virá (diz ella) á India a governa-la
O grande Dom Luiz, rayo da guerra,
Com cuja vista o mar tremendo cala,
E em vê-lo treme, e emmudece a terra:
Este, que a grande fama aos Ceos iguala,
Lá no monte Parnel queimada a serra
Fará o Mogor fugir, pizando a praya
Da ardentissima costa de Cambaya.

CXXVII.

A Onor debella, que co'a hervada setta
Em nuvens tolda o ar, com que tirava,
Dando-lhe occasiaõ, que entaõ cometa,
Porque á sombra das settas pelejava:
Quando o Rey dos Achens mais inquieta
Os muros de Malaca, alli se achava
Dom Leoniz, ou leaõ melhor dissera,
Que rosto a rosto o inimigo espera.

CXXVIII.

Este famoso Atlante aos hombros tendo
Da India o pezo, vencerá a porfia
Do Hidalcaõ, que a Goa acometendo,
Tremerá de sua estranha valentia:
De cabeças hum grande monte erguendo,
Estas em carros ao inimigo envia,
Desterrando a soberba Mauritana
De Goa até a remota Tapobrana.

CXXIX.

O' patria insigne, ó terra venturosa,
Ditoso Rey de taõ altiva gente,
Que em toda a parte a esfera luminosa,
Onde he mais fria, e onde mais ardente,
Vê a Lusitana espada victoriosa,
Que hum Portuguez fugido, e descontente
Bastará a revolver o mar profundo,
E abrir nelle caminho a hum novo mundo.

CXXX.

Que terra taõ remota, e taõ estranha,
E qual no mar vermelho procelloso
Inculta Ilha, em Scithia alta montanha,
Na Ethiopia deserto perigoso,
Qual regiaõ Boreal, que a neve banha,
Onde da fama, e seu clarim famoso
(Além do berço, em que se embala o dia)
Naõ chega o som de tanta valentia.

CXXXI.

O Alfeo, o Pó, o Garona, o graõ Sylauro,
Que as arvores em duras pedras troca,
O Eufrates, o Danubio, Arno, e Metauro,
E o Ganges, que do Sol as plantas toca,
Caystro, Ermo, Pactolo, Amphriso, e Dauro,
E o Nilo, que entra ao mar por tanta boca,
E os mais, que calo, ajoelhados vejo
Esperar santas leys do antigo Tejo.

CXXXII.

Ouve o Tejo a Legéa o doce canto,
E antes de se ir ás ondas, onde mora,
De grande gloria cheyo, e grande espanto
Do que ouvira cantar, pérolas chora:
Inclina ao Grego a branda vista, em quanto
Com lingua de agua fórma voz sonora,
E estas palavras mysteriosas fala:
O' eu ditoso, ó tu ditoso; e cala.

CXXXIII.

A Ulysses deixa o venerando, e velho
Rio, de altas riquezas abundante,
Ao lado os rios vaõ de seu conselho,
Os mais pequenos rios vaõ diante:
Nas ondas claras, qual em claro espelho,
Via Febo seu carro rutilante,
As Nayades, e Oreas para as fontes
Se tornaõ, as Amadrias a seus montes.

CXXXIV.

Desperta Ulysses, indo levantando
Os olhos quasi absorto, e sem sentido
Ergue-se, a gruta observa, a côr mudando
C'o sangue a seu principio recolhido:
Como aquelle, que incauto passeando,
Vio cahir junto a si rayo encendido,
Assim Ulysses fica, assim se admira
Do grave canto, que a Legea ouvira.

CXXXV.

Levanta as sobrancelhas admirado,
Repetindo o que a Ninfa lhe dissèra,
E o que inda em sombras lhe escondia o Fado,
Com profundo cuidado considera:
Chega ás primeiras ondas do dourado
Tejo, e ajoelhado alli o venera,
Toca a agua com as mãos, a voz levanta,
Hymnos ao Tejo, e seus louvores canta.

ULYSSÉA.

CANTO OITAVO.

ARGUMENTO.

A Gorgoris Megera o peito inflamma,
Guerra com tuba horrisona apregoa,
Adrasto a Ulysses, que elle amou por fama,
Soccorro dá por defender Lisboa:
Apaga o Tejo a voadora chamma,
Que ás náos se pega, e do alto chove, e toa;
Gorgoris se recolhe, e a Aurora abrindo
O Ceo, de armas o campo vem cobrindo.

I.

Quando o muro de ameas coroado
Da Famosa Ulyssea ao ar se erguia,
Correo hum resplandor ao dextro lado,
Que clara luz nos ares diffundia:
Gorgoris do que vê maravilhado,
Sabios convoca, o caso conferia,
Até que de cansado em sono lento
Faz tregoas c'o cuidado, e pensamento.

II.

Em tanto Cyrce, que na mente altiva
Os successos de Ulysses observava,
Vendo, que de Calypso a chamma viva
Amor pelas medullas lhe ateava,
Com excessivo amor, dor excessiva
Os sepultados fogos despertava,
A Tisifone invoca, da vingança
Concebendo certissima esperança.

III.

Vós, espiritos, diz, que no escondido
Tartaro repartís a pena dura,
Ouví-me, e o curso rápido, e temido
Pare da Estige envolta em sombra escura:
O favor me darás taõ merecido,
Tisifone, pois vi do Sol a pura
Face em teus braços, cuja maõ divina
Exercitou o officio de Lucina.

IV.

Se bem tu, Deosa amiga, me ensinaste
Os trabalhos do Sol, e o movimento,
De Febe os incrementos me mostraste,
E o que mais em si esconde o Firmamento:
Pois como mãy, ó Deosa, me creaste,
Vê de Ulysses o ingrato pensamento,
Dá-lhe o duro castigo, que merece,
Acode ao mal, que co'a tardança crece.

V.

Quando Cynthia nos campos de çafira
Os seus diamantes lucidos semea,
A Gorgoris dormindo n'alma inspira
De Ulysses, e Calypso a culpa fea:
A furia, que de Cyrce a queixa ouvira,
A rapida corrente, a inculta area
(Obrigada do encanto, que a chamava)
Das margens deixa, que o Cocyto lava.

VI.

Ella junto da praya desgrenhada
A's cobras da cabeça permittia
Lamber as tristes ondas da abrazada
Ribeira, que de enxofre as revolvia:
Naõ sae da maõ de Jove a setta irada
Co'a pressa, que Tisifone sahia,
Que co'a pompa das cobras o horizonte
Vinha assombrando da cerulea fronte.

VII.

Sae da Tenaria porta, onde chegáraõ
Os cavallos do Sol, e estremecêraõ,
De fumo o ar enchendo perturbáraõ
Os ares, o caminho, e luz perdêraõ:
Os cabellos de Atlante se arriçáraõ,
E nos robustos hombros lhe tremêraõ
Os estrellados eixos, que os assombra
Do feyo rosto a denegrida sombra.

VIII.

De espantado largava o graõ Gigante
O alto pezo da esfera cristallina,
E arriscando o estellifero Tonante,
Ameaçava o Ceo grave ruina:
E o velho Proteo c'o rebanho errante
No mais fundo do pego determina
Ir esconder-se nas cavernas, onde
Os segredos do mar Neptuno esconde.

IX.

Tornando o Tejo atraz, os levantados
Muros batendo vai da alta Lisboa,
A serra Mariana os congelados
Cornos sacode, e delles chove, e toa:
Ao Mondego em rodeios dilatados
Cae da cabeça a liquida coroa,
E ao Douro o medo frio os braços ata
Nos puros laços da lasciva prata.

X.

Sentio nos grossos ares o ruido
O Pachino, o Peloro, o Cassio monte,
De ambos os mares o Istmo combatido
Se quiz abrir ao mar, que tem defronte:
Temeo Pirenne, e o Rifeo temido,
Rodope altivo, e a Parnasia fonte,
E as mãys, onde os gemidos penetráraõ,
Ao peito os tenros filhos apertáraõ.

XI.

A terra toda, o mar, por onde passa,
Inficionados deixa, e já se sente
A pallida doença, a fome escassa,
E até nas mesmas fontes sede ardente:
Igual a morte a todos, tudo abraça,
O ar pezado, negro, e pestilente
Seu torpe alento faz, que tudo offende,
E dando huma maõ n'outra fogo accende.

XII.

Pára no monte Almata, onde semea
A discordia fatal, que arder se via
Nos duros defensores de Ulysséa,
E em quem seus novos muros offendia:
Té os boys, que o lavrador na propria aldea,
Vendo a manhã sahir, no jugo unia,
Renovando o trabalho começado,
O jugo rompem sem soffrer o arado.

XIII.

Em tanto a furia hum corpo do ar tomando,
No silencio da noite escura entrava
N'um aposento, adonde repousando
Em alto sono a Gorgoris achava:
Huma grave, e severa voz formando,
Com barba, que no peito descansava,
N'um bordaõ arrimada, que trazia,
Meneando a cabeça lhe dizia:

XIV.

Dormes, valente Rey, taõ pouco sentes
Que te occupe o inimigo a propria terra
Sendo opprimido de estrangeiras gentes!
Quem dorme ao proprio dano os olhos cerra:
Naõ dormem, nem descansaõ Reys prudentes,
Desterre ao ocio vil a honrosa guerra;
Melhor parecerias embraçado
O escudo, scintillando o arnez gravado.

XV.

Cinge, graõ Rey, a generosa espada,
Que em ocio tens, podendo ser temida,
Abre a porta, que Jano tem cerrada,
Do Olympo segue a estrada esclarecida:
Por Calypso tua fama está manchada;
Depois de fama, e honra estar perdida
Naõ fica que perder, que esta jactura
Ao tempo vence, e eternamente dura.

XVI.

Eu sou Polibio, que no tempo antigo
De Capitaõ servia a teus mayores,
Para outra vez poder morrer comtigo
Corpo melhor tomei, forças melhores:
E para te ajudar neste perigo,
Da sepultura teus predecessores
Verás sahir com animos altivos,
Que os mortos se erguem, quando faltaõ vivos.

XVII.

Gorgoris já desperto, e do que ouvira
No coraçaõ fogoso, e vista ardendo,
Imaginando estava, se he mentira,
Ou illusaõ do sonho o que está vendo:
Naquella parte, onde a Polibio vira,
Os olhos, e alma prompta suspendendo,
Erguia o pavelhaõ, e observa attento
As paredes, e sombras do aposento.

XVIII.

Com ardente pìncel de resplandores
Apenas a alva as sombras animava
Das nuvens, que pintara em varias cores,
Pela parte mais rara o Sol passava:
Luz ao Ceo, côr ao prado, vida ás flores
Sahindo, ardendo, e rociando dava,
Quando Gorgoris deixa a branda cama,
E os mais prudentes a conselho chama.

XIX.

Que huma visaõ, dizia, prodigiosa
Aquella noite toda o perseguira,
E que com voz pezada, e temerosa
Seu descuido, e tardança lhe arguira:
Botando pela vista portentosa,
E pela negra boca fogo, e ira,
Que a alma lhe deixou taõ perturbada,
Que a affronta inda naõ cuida, que he passada.

XX.

Propondo o caso a todos, referia
Como o sagaz Ulysses o enganara
Por levantar com manha, e ousadia
O muro, onde se acolhe, e se repara:
Cada hum tira do peito o que sentia,
Pela patria offerece a vida cara,
Varios conselhos daõ por varios modos,
Que a Cidade se arraze assentaõ todos.

XXI.

Porém, que antes de tudo se mandasse
Alcino, Cidadaõ prudente, e velho,
Que os motivos da guerra declarasse,
E o que tinha assentado em seu conselho:
Que Gorgoris em tanto preparasse
Armas com todo o bellico aparelho.
Partio Alcino, que de Ulysses teve
Reposta ao que propoz, astuta, e breve.

XXII.

Depois de o ter ouvido, carregando
A fronte, proseguia gravemente:
Que alli fizera assento desejando
Fazer vassallos seus a Grega gente:
Que os perigos dos mares receando,
Para o poder servir perpetuamente
Quizera ter morada, em que vivesse,
Onde de sua patria se esquecesse.

XXIII.

Que as leys o permittiaõ da amizade,
E obrigavaõ as leys da natureza
Dar hospicio, e favor, dar liberdade;
Que de hum Rey he mais propria esta grandeza:
Se com tudo offendia huma Cidade
Breve, estreita, sem força, e sem defeza,
Que facil abraza-la lhe seria,
Se o Fado esta ruina permittia.

XXIV.

Que visse como a caso naõ tomara
Porto, mas por impulso mais que humano
A fereza dos ventos contrastara
No bravo Egeo, e tumido Oceano:
E lhe lembrasse a luz divina, e clara,
Que o ar abrio, por Jove soberano
Querer mostrar, que no ethereo assento
De Lisboa approvava o nascimento.

XXV.

Gorgoris, que a reposta considera,
Co'a gente ao campo sae, que armada tinha;
Porém a Ulysses o animo lhe altera,
Porque em buscar soccorro se detinha:
Vê sua pouca gente, e naõ espera,
Para a antiga Tubuci em fim caminha,
Aonde o Rey Adrasto senhorea
A famosa Colipo, e grande Amea.

XXVI.

Com poucos companheiros se partia
Em huma embarcaçaõ leve, e pequena,
Que mais pequena, e leve parecia
Ao doce Tejo, e sua corrente amena,
Que tanto estima o pezo, que corria
Com veya taõ suave, e taõ serena,
Que a prompta vista mal determinava
Para que parte o Tejo caminhava.

XXVII.

Chega a Tubuci a tempo, que occupado
Adrasto em sacrificio sumptuoso,
Entre hum bosque de hum valle consagrado
Altares ergue a Alcides valeroso:
E vendo tudo de armas povoado,
Manda a seu filho, que do porto undoso
A area toque, a se informar da gente
Da sua em trajo, e armas differente.

XXVIII.

Vendo Filarco a Ulysses, e sabendo
Quem era, dá-lhe os braços, e comsigo
O leva ao pay, que alegre recebendo
O grande hospede, o honrava, como amigo,
A quem pessoa, e terra offerecendo:
Estou, lhe diz, n'um sacrificio antigo,
Que naõ posso deixar; e ambos tomavaõ
Copas, que a Jove, e a Hercules libavaõ.

XXIX.

Conta-lhe que esta festa celebráraõ
Os povos, que alli juntos concorriaõ,
Que de Alcides a fama, e gloria honráraõ
Co'as grandes aras, que a seu nome erguiaõ;
Porque entre as cousas, que por fama acháraõ,
Era a de huma victoria, que diziaõ,
Que Alcides alcançára de hum tyrano,
Que devastara o Reyno Lusitano.

XXX.

Chamava-se (diz elle) Pithodemo,
De grandes forças lutador famoso,
Que em membros excedia a Polifemo,
Temerario igualmente, e temeroso:
Este junto do mar no duro extremo
D'um monte, que sustenta o luminoso
Olympo, n'uma gruta se escondera,
Que capaz aposento aos roubos era.

XXXI.

Fez hum jardim famoso, que igualava
O que já n'outro tempo Hesperia tinha,
Onde os pomos hum rio, que passava
Com brandas aguas sustentando vinha:
Alcides, que maçãs no rio achava,
Por sua margem fresca alto caminha,
A ver aquelles pomos, que cahiaõ,
Em que terreno, em que jardim nasciaõ.

XXXII.

Foi pelo rio das Maçãs correndo,
Que este nome conserva hoje comsigo,
Chega a hum monte, que as nuvens excedendo,
Era de aves, e feras fero abrigo:
Do alto cume ao baixo discorrendo,
A porta vê, que de hum penedo antigo
Está sellada, e nella vê cravados
Os despojos dos tímidos veados.

XXXIII.

Do leaõ, e do usso alli se via
A enrugada testa estar pendente,
E a negra, e fera boca, onde luzia
De cada lado o navalhado dente:
O rebanho escondido alto mugia,
Do monte nas entranhas eminente,
A porta tenta, quando vê diante
O monstruoso corpo de hum gigante.

XXXIV.

Caminhante, lhe diz, ousado, espera,
Que tua vinda estimo em grande estremo,
Porque essa fera massa, e testa fera
As portas honraráõ de Pithodemo:
Ergue o bastaõ, que hum tronco inteiro era,
A que Alcides responde: Naõ te temo,
Monstro, só em palavras arrogante,
Sabe, que ao grande Alcides tens diante.

XXXV.

Só com ouvi-lo a voz, e côr perdendo,
Vencido está da fama, e do que ouvira,
E resistir a Alcides mal podendo,
Ao intratavel monte se retira:
Sobre as azas do vento vai correndo,
Traz delle Alcides sobe ardendo em ira,
Que á porta outra vez desce, e mudo, e quedo
Os duros hombros prova no penedo.

XXXVI.

Naõ podendo vence-lo, ao duro monte
Sobe irado, tomando novo alento,
Onde de pedras orna a crespa fronte,
Que sempre açouta a tempestade, e o vento,
Onde nem ramo soa, ou ferve fonte,
De aves nocturnas horrido aposento,
Enorme, e feyo, povoado apenas
De secos juncos, e de quentes pennas.

XXXVII.

No mais alto huma penha ao ar erguida
Se mostrava, que Alcides enojado
Abraça duramente, que impellida
Nuta levada n'um, e n'outro lado,
Cae do monte graõ parte desasida,
Vê-se de Pithodemo o gazalhado,
Que pallido, e medroso naõ atina,
Que causa tem taõ subita ruina.

XXXVIII.

Naõ rompem com estrondo semelhante
Os largos seyos de agua carregados
As nuvens, que toando o Ceo diante,
Soltaõ chuveiros negros, e pezados:
Nem com tal furia vibra o graõ Tonante
Os rayos por Vulcano fabricados,
Quando as costas do mar feridas gemem,
E as esferas do Ceo nos polos tremem.

XXXIX.

Pithodemo confuso está, e medroso
Vendo taõ perto o ultimo perigo,
Pedras arroja a Alcides valeroso,
Que ao centro vai buscar seu inimigo;
Pela abertura salta, onde animoso
Lhe levava nos braços o castigo,
Que fugir-lhe, e esconder-se em vaõ procura,
Illustrada do Sol a cova escura.

XL.

Como se a parda terra se rasgasse
Té as entranhas, mostrando o escuro Averno,
Onde da morte pallida ficasse
A escura regia aberta ao Ceo superno:
Se a pura luz do Sol ousada entrasse,
Na horrenda confusaõ do triste inferno,
Seria entre os tormentos, e crueldade
Temida, e odiada a claridade.

XLI.

Tal Pithodemo as sombras vai buscando,
Onde se esconda, e Alcides diligente
O seguia, a caverna penetrando,
E nos braços o aperta estreitamente:
Nelles os duros ossos estalando,
A alma sahe do corpo, impaciente
Deixa os membros, mostrando amortecida
A côr do rosto, a boca denegrida.

XLII.

Já das grossas cadeas desatava
Alcides o penedo, que servia
De porta á escura casa, que guardava
Os furtos, que o vil dono alli escondia:
Deixava Alcides a pezada clava,
E o penedo c'os braços revolvia,
E o arrugado rosto, e barba esqualida
Da côr descobre verdinegra, e pallida.

XLIII.

Abre a porta, ao claro Ceo mostrando
Dos furtos o segredo manifesto,
Alcides, pelos pés tira arrastando
O inutil pezo, ao Ceo, e á terra infesto,
Que com seu bruto sangue está afeando
Os olhos tristes, o medonho gesto
De Pithodemo morto, horrido, e feo,
Qual novo Caco, ou Africano Antheo.

XLIV.

Tanto que a fama, que com tantas pennas,
E tantas linguas, e olhos que naõ cerra,
O mundo corre, e as cousas mais pequenas
Sempre acrescenta, quando menos erra,
Naquellas regiões frescas, e amenas,
No baixo valle, e mais remota serra
Divulgou esta morte, ninguem fica
Sem ver de Pithodemo a casa iniqua.

XLV.

Despovoaõ-se os campos, e os lugares
Por ver deste tyranno o corpo infando,
Que levaõ com fortissimos collares
Hora no ar suspenso, hora arrastando:
A Alcides erguem, e a Megara altares
Em honra deste dia memorando,
E o tempo gastador, que tudo come,
De Collares conserva o proprio nome.

XLVI.

Isto Adrasto lhe disse, e levantado
Do sacrificio, alegre se partia,
E a Ulysses, que levava ao dextro lado,
Favor liberalmente promettia:
Da guerra as causas tinha relatado,
E como as ouve Adrasto, respondia:
Peza-me ver-me carregado, e velho,
Que só posso ajudar-vos c'o conselho.

XLVII.

Lá no vigor da verde mocidade
Eu partia hum leaõ, eu só prostrava
Hum touro, onde ninguem na agilidade,
Na força, e na carreira me igualava:
Tudo leva comsigo a longa idade,
Té o animo, que os membros governava,
Na pezada velhice a triste vida
He de seu proprio dono aborrecida.

XLVIII.

De Gorgoris Adrasto era inimigo,
Porque infestado já da guerra dura
De el-Rey Licinio fora em tempo antigo,
Que hum mortal odio eternamente dura:
Promette-lhe ajuda-lo como amigo,
E sobre esta palavra, e fé segura
Thesouro, armas, e gente lhe offerece,
Que Ulysses cortezmente lhe agradece.

XLIX.

Filarco está presente, a que o facundo
Ulysses persuade a dura guerra,
Que elle com gosto aceita, e do profundo
Odio instigado, que no peito encerra:
Naõ temais, lhe dizia, a todo o mundo,
Que ainda que se ajunte o Ceo, e a terra,
Só esta basta, e hum pouco a côr mudada,
Leva até o meyo a generosa espada.

L.

Em aneis de ouro todo lhe enredava,
Collo, e hombros, o lucido cabello,
Do rosto a magestade acompanhava,
Que entre suas ondas era inda mais bello:
De Minio a côr as faces lhe adornava,
Naõ podendo a inveja reprendê-lo;
Que parecia a côr assi abrazada
Huma rosa nas faces desfolhada.

LI.

Qual o cátulo novo, que se via
Da teta da leoa descontente,
Da gruta escura sae, aonde se cria,
Que de animoso deixa impaciente:
As unhas prova, que na pedra afia,
Armada a boca já de fero dente,
Sobe ao monte co'a vista em fogo aceza,
Solicitando a fugitiva preza:

LII.

Assim Filarco a Ulysses se offerece,
De fortes armas vindo ao campo armado,
Gorgoris entre tanto resplandece
Dos esquadrões guerreiros rodeado:
Sobre hum carro voando, que parece
Deixar na area apenas estampado
Sinal da roda, vai com grave assombro
Huma lança brandindo sobre o hombro.

LIII.

Já o rouco clangor da horrenda, e brava
Tuba nos leves ares se estendia,
Que topando nos montes se quebrava,
Onde a guerra em mil bocas repetia:
Guerra nos montes, guerra no ar soava,
Em seus quicios gemendo Jano abria
A ferrea porta, donde a paz encerra
O estupendo furor da dura guerra.

LIV.

Entre a nuvem do pó, que levantada
No ar Leostenes vio, que o faz escuro,
Se via scintillar a gente armada
Nas lanças, e nos peitos de aço puro:
Armas, armas, gritava, hum leva a espada,
Outro á porta descia, e sobe ao muro,
Todos a hum tempo se armaõ, e desenrolaõ
As bandeiras marciaes, que no ar tremolaõ.

LV.

De fóra ao muro escadas applicavaõ,
Que os de dentro com furia rebatiaõ,
Lanças no ar voando se topavaõ,
Huns dardos do alto descem, outros subiaõ:
As portas já com maquinas tentavaõ,
Que os cercados com outras defendiaõ:
Fulgurando nas armas vem diante
Lanoso, que era em membros hum gigante.

LVI.

De armas luzentes vem vestido, e dellas
Os rayos scintillavaõ, o ar enchendo
Das laminas, que verdes, e amarellas
Humas vaõ sobre as outras succedendo,
E nas armas ferindo, as escarcellas
Ruido excitaõ, quando as vai movendo,
E o grave pezo seu naõ no embaraça
Para esgrimir a carregada maça.

LVII.

Traz Gorgoris comsigo a Valinferno,
Graõ Capitaõ de muita gente armada,
Que tem o famosissimo governo
Da Cidade por Hercules fundada:
Onde o Mondego com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com saudosa vea,
Cerca de cristal puro ilhas de area.

LVIII.

E de aço na fortissima corrente
Traz duas feras, com que pelejava,
Hum Lybico leaõ, huma serpente,
Bravo, e fero o leaõ, a serpe brava:
Entre as valentes feras mais valente,
Que quem da garra, e boca lhe escapava,
Se na massa (que he hum pinho inteiro) toca,
Tem mór perigo, que na garra, e boca.

LIX.

Lanoso alli se achava, a voz erguia
Contra os do muro: O' Gregos atrevidos,
Lhe diz, onde guardais essa ousadia,
Como imbelle rebanho recolhidos:
Mas antes que no mar se esconda o dia
Entrados vos vereis, e destruidos,
Em que a Jupiter peze, e com voz alta
Arriba, diz, e o forte muro assalta.

LX.

Ouve-se o grito universal, que davaõ
As esquadras, que ao muro levantado
Chegando-se, as escadas applicavaõ,
Que tem por varias partes oppugnado:
Creonte, a quem as armas naõ pezavaõ,
No perigo mayor mais alentado,
O muro, e baluartes visitava,
Tudo em ordem dispõe, tudo animava.

LXI.

D'entre as ameas altas embebiaõ
C'o braço duro as luas encurvadas,
Com que tapando o Sol o ar cobriaõ
Nuvens de settas de veneno armadas:
A muitos, que estaõ longe, o peito abriaõ,
Atravessando as pennas apressadas
O ar subtil, e o corpo mais armado
Deixaõ de ardente purpura banhado.

LXII.

Quer Lanoso valente entrar o muro,
E na escada, que arrima, está subido,
Graves golpes soffrendo, o braço duro
Ao muro estende de armas guarnecido:
Qual costuma descer do seyo escuro
O granizo da nuvem sacudido,
Tal a chuva das pedras, que cahiaõ,
Nas armas, e no escudo o rebatiaõ.

LXIII.

Elle c'o escudo o corpo vai cobrindo,
Que cravado de settas embraçava,
De huns os golpes recebe, outros ferindo,
Qual torre as mesmas torres igualava:
Subindo Alcino, e Alastor subindo,
A ambos a inveja a vida lhe custava,
Que a brava espada alli Creonte esgrime,
Com que do muro a hũ deita, ao outro opprime.

LXIV.

Hum cae ferido logo, o outro morre,
Porém o valentissimo Lanoso
Entre as ameas da soberba torre
Bravo acomete o passo perigoso:
A defender-lhe a entrada Sergio corre,
Vendo imigo taõ forte, e poderoso,
Que já parece, de ferido e exangue,
Huma penha de ferro em mar de sangue.

LXV.

Depois que sobre o muro foi rompendo
Pelas armas, e tiros atrevido,
Muitas feridas dando, e recebendo,
De espadas, e de lanças opprimido,
Grande espaço resiste, e naõ podendo
Durar já de acossado, e de ferido;
Da parte, donde o muro he menos alto,
Té o fosso mede em perigoso salto.

LXVI.

Grande rumor as armas excitáraõ
C'o grave golpe do feroz Lanoso,
E sobre a terra as veas derramáraõ
Do negro sangue hum rio caudaloso:
Até que os seus nos braços o tiráraõ
Do conflito da guerra perigoso,
Quando desamparado quasi teve
Ao carregado tronco a vida leve.

LXVII.

Depois de na batalha sanguinosa
Com mil combates asperos, e duros
Ter Gorgoris passado a trabalhosa
Tarde, batendo os levantados muros,
Vendo gastado o Sol, e que a formosa
Luz molhava no mar seus rayos puros,
Para ir queimar as náos se aparelhava,
Que á terra a tenaz ancora ligava.

LXVIII.

Com sua sombra a noite carregada
A toda a pressa traz da luz corria,
E sobre os horizontes dilatada
Encobre os rayos do formoso dia:
Já de luzentes féras rodeada
A Caçadora lucida seguia
C'o Syrio caõ, na clara noite estiva,
A ursa torpe, a lebre fugitiva.

LXIX.

Passando atravessava n'um formoso
Ruço, que negro o cabo, e crines tinha,
Que os fortes braços levantando airoso
Té os largos peitos pelos ares vinha:
Chea de prata a boca do espumoso
Freyo, taõ agil, taõ veloz caminha,
Que apenas sinal deixa, donde punha
As meyas luas da ferrada unha.

LXX.

Por entre a sombra as teas levantando
Ao mar Gorgoris corre ousadamente,
Que á vista dos cercados càminhando
Do Tejo busca a rápida corrente:
De Bacho as negras furias imitando,
Vencia a noite escura a facha ardente;
Ficaõ da luz dos pinhos abrazados
De densa nuve' os ares coroados.

LXXI.

Dormindo sobre as ancoras estavaõ
As náos, quando do fogo a tea ardendo,
De fóra as mãos imigas applicavaõ,
As enxarcias, as proas, o ar lambendo:
Creonte, a quem os olhos se arrazavaõ,
A Jupiter Tonante a voz erguendo:
Move, dizia, ó soberano Jove
Tuas fortes armas, se esta voz te move.

LXXII.

Defende, graõ Senhor, a Grega Armada,
Que foi por ti mil vezes defendida,
Que a Scilla, e a Carybdes indomada
Venceo, e de Euro a furia embravecida:
De rayos mostra a maõ divina armada,
Que he no inferno, na terra, e Ceo temida,
Com pressa acode, pois a causa he tua,
Antes que a Armada Gorgoris destrua.

LXXIII.

Ao grande estrondo logo o Tejo undoso
Fóra das ondas a cabeça lança,
Vê Gorgoris com flammas victorioso,
Que por queimar a Armada naõ descança:
Derrama da urna de ouro o seu copioso
Cristal, com que a corrente pura, e mansa
Altera grandemente, e com mór brio
Já suas margens excedia o rio.

LXXIV.

Vai as furiosas ondas levantando,
Entumecendo serras de agua erguia,
Hum monte n'outro monte encapellando,
As fauces do ceruleo abysso abria:
Contra o bravo inimigo pelejando,
As espadanas, de que se cingia,
Como espadas oppunha ousadamente,
Fiel amigo a seu amigo ausente.

LXXV.

Convoca os grossos ares, n'um momento
Se vêm os horizontes abafados
Das nuvens, que trazia o fero vento,
Dos Hyperborios frios congelados:
Corre a huma parte, e a outra o Ceo violento
Com mil chuveiros negros, e pezados,
Tudo era grave horror, e representa
Ir-se armando no ar grande tormenta.

LXXVI.

A agua o ar açouta congelada,
Que no rosto os feria gravemente,
Causando a tempestade inopinada
Medo fatal na Lusitana gente:
Fugia a multidaõ desenfreada,
Huns a outros matando insanamente,
Rios de agua, e de sangue misturavaõ
Os que a todo o correr as costas davaõ.

LXXVII.

Cahindo rayos, o ar, e o Tejo ardendo,
O Tejo o Ceo nos rayos imitava,
A mesma natureza parecendo,
Que armando os elementos pelejava,
Tempestade de fogo, e de agua erguendo,
E quem fugia d'hum, n'outro topava,
Subindo ao Ceo as ondas, e sobre ellas
Caem diluvios de rayos das estrellas.

LXXVIII.

Vêm-se de seus amigos offendidos,
Crendo, que os inimigos tem ao lado,
A agua o sangue iguala dos feridos,
Que a propria côr ás ondas tem mudado:
Quem foge ao ferro, cáe nos encendidos
Fogos; quem delles foge, no enrolado
Pégo se abraza, onde perece logo;
Que hum arde em agua, outro se afoga em fogo.

LXXIX.

Alli huns sobre os outros perecêraõ,
Abrindo-se caminho co'as espadas,
Outros nas ondas tumidas vertêraõ
Doces vidas, bebendo aguas salgadas:
Das bandeiras, e insignias, que perdêraõ,
Se vêm do Tejo as ondas semeadas,
Trofeos de seu furor, que com graõ festa
Ergue nos cornos da cerulea testa.

LXXX.

Gorgoris affrontado, e já rendido,
Porque o rio o persegue, o Ceo, e o vento,
Oppõe ao Ceo as armas atrevido:
Insana dor, insano atrevimento!
Mil vezes afogado, e mil perdido
Com viva alteraçaõ do pensamento,
Esperava do Sol os rayos puros
Para tentar de novo os novos muros.

LXXXI.

Quando outra vez a Aurora o seu thesouro
Descobre em luz banhado no Oriente,
E imitando ao seu cabello louro,
O mar se empola em ondas juntamente:
Pizando estrellas com cothurnos de ouro,
As flores põe na testa preeminente,
Lançando aljofar das mimosas fraldas,
Sobre os campos de verdes esmeraldas.

LXXXII.

Sae Gorgoris mais bravo, os seus anima,
Sobre o carro a lança no ar brandindo,
Aos do muro arremeça, onde os de cima
Vaõ chuveiros de settas despedindo:
Graves escadas para o muro arrima,
E por ellas a hum tempo está subindo,
Sobre a cabeça o escudo, e afferrada
Na alta escada huma maõ, outra na espada.

LXXXIII.

Com elle Arga, e Gerés, varões temidos,
Entre as ameas põem duras escadas,
Das armas inimigas opprimidos,
E as que vestem dos golpes aboladas:
De disformes encontros saem feridos,
Apertadas nos punhos as espadas,
Onde cahindo cada qual media
O espaço, que do alto ao fosso havia.

LXXXIV.

Naõ montava a Agenor dobrado peito,
Nem elmo forte a Menesteo valente,
Nem o escudo de sete dobras feito
A Licon, que na espalda a morte sente,
A hum Gorgoris co'a ponta abria o peito,
Na testa d'outro tinge o ferro ardente:
Naõ se acha quem a oppôr-se se lhe atreva,
A Pico a perna, a Sylvio o braço leva.

LXXXV.

Moço era Sylvio, o gesto descobrindo,
Era no braço forte, em rosto bello,
Invejáraõ-lhe a côr cisnes do Pindo,
E o mesmo Apollo o ouro do cabello:
Que igual outro naõ vio de Atlante ao Indo
O abrazado senhor da antiga Delo,
E da cerulea até a vermelha Thetis,
Do Tejo ao Tanais, e do Gange ao Betis.

LXXXVI.

Aos seus, dizia Gorgoris, ousados
Capitães, naõ soffrais, que nesses muros
Fiquem Gregos logrando os desejados
Campos do ameno Tejo em paz seguros:
Todo o caminho he facil a esforçados,
Brandos acha o valor os passos duros,
Segui-me; e por segui-lo os seus correndo
Hum tecto no ar de escudos vaõ tecendo.

LXXXVII.

Cubertos chegaõ dos escudos fortes,
Sobre elles desce a tempestade fera
Das pedras, donde voaõ tantas mortes,
Qual se cahiraõ da maior esfera:
Pezos disformes caem de varias sortes,
Que hum monte cada qual fundir pudéra,
Arrojaõ grandes lanças, seguem logo
Graves teas de pez ardendo em fogo.

LXXXVIII.

Trazem os Lusitanos levantada
Huma disforme trave de grossura
Excessiva, que a testa tem cravada
Do ariete mortal, pezada, e dura:
Nas rodas velocissimas tirada
Na ferrea porta bate mal segura,
E a seus soberbos golpes vacillando
A porta geme, o muro está nutando.

LXXXIX.

Naõ basta o marmor solido, e constante
A resistir a força, que trazia;
Que os quicios de metal firme, e possante
Rebentaõ, com que a porta se rompia:
Nenhum grande reparo era bastante,
Quando a testa cruel nelle feria;
Acomete o inimigo a aberta entrada,
E acha de gente a viva porta armada.

XC.

Alli a espada forte revolvendo
Leostenes, o inimigo ousado offende,
Duras malhas abrindo, e desfazendo,
Braços, escudos, e cabeças fende:
De mortos sobre a porta hum monte erguendo,
Já com elle dos vivos se defende,
E tal estrago faz, que entrar a porta
A' gente viva impede a gente morta.

XCI.

Instaõ os inimigos, este atira
O forte dardo, aquelle da encurvada
Lua a corda sacode, porque o fira,
Outro no ar levanta a larga espada:
Elle a todos responde em fogo, e ira,
Naõ recebe ferida mal vingada,
Nobres saõ todas, e das suas feridas
Sahiraõ pelas costas muitas vidas.

XCII.

Aqui o soberbo Fulvio, que presente
Se acha, o escudo embraça, e do luzido
Ferro, qual d'hum espelho transparente,
Cercado move os passos atrevido:
Contra todos aperta a espada ardente,
E no famoso escudo recolhido,
Bramindo se arremessa, que pudera
Temer delle Mavorte, e a quinta esfera.

XCIII.

Naõ freme assim do caçador Rifeo
Barbara tigre, que da setta dura
Leva as pennas no lado, quando veo
Beber na calma ardente á fonte pura:
Nem com tanto furor o mar Egeo
Co'as forças de Austro em tempestade escura
Ergue as tumidas ondas, com que aspira
Bater do Olympo os muros de çafira.

XCIV.

Tem negra côr, cabello retorcido,
Fundidos olhos, testa abbreviada,
E do beiço o bigode sae comprido,
No largo queixo a barba tosquiada,
Grosso, e rombo o nariz, e denegrido,
De sulcos profundissimos lavrada
A triste face, e de verrugas chea,
Que a menor fealdade era ser fea.

XCV.

Já deita sangue mais que de huma fonte,
Já a maõ naõ rege a espada, e sempre esteve
Sem perder a braveza, que defronte
Com quantos se lhe oppõem bravo se atreve:
Contra todos levanta a altiva fronte,
Faz tudo quanto o valeroso deve,
E quando vê de todo que desmaya,
Escolhe hum, a que mate, e com que caya.

XCVI.

Cae sem alento, e tendo vomitado
A alma, e sangue, nelle o corpo vira,
Dando o peito ferido hum apressado
Anhelar congoxoso, com que espira:
Ainda o escudo assim tinha embraçado,
E a espada no pulso, e quem o vira,
Cuidára, que era vivo, e está de modo
Que era huma só ferida o corpo todo.

XCVII.

Em quanto nestas provas vaõ passando,
E a porfia da guerra se dilata,
O Sol seu carro ás ondas inclinando,
Torna as aguas do Tejo em pura prata:
Sua corrente Ulysses vem cortando,
Que mais veloz, e alegre se desata,
Com soccorro, que traz, e o pezo grave
A's espaldas do Tejo era suave.

XCVIII.

Os cercados daõ vozes de alegria,
Tocaõ-se as roucas tubas, que soavaõ,
De mil gritos hum grito o Ceo feria,
Volteando as bandeiras tremolavaõ:
Ulysses, que do Tejo os muros via,
Que as armas inimigas assombravaõ,
A proa á terra inclina, que deseja
Meter-se na Cidade, e na peleja.

XCIX.

Porém Gorgoris n'alma a pena sente
De ver taõ graõ soccorro, e as vivas côres
Das flamulas, que cobrem a corrente,
E acendem no ar altivos resplandores:
Deixa o combate, e corre diligente
A' praya, onde esperava os vencedores
Ferros tingir, se ao Tejo entaõ fizesse
Que em lugar de cristal sangue corresse.

C.

Alli ligeiro voa, alli corriaõ
Os que seguindo o vaõ, e sobre as mansas
Ondas do Tejo a terra huns pretendiaõ,
Que outros defendem com soberbas lanças:
Botes soaõ, espadas retiniaõ,
E da Cidade as novas esperanças
Huns procuraõ cortar, outros por ella
Perdem a vida, e querem defende-la.

CI.

Sobre hum dourado bargantim Phylarco
O socegado rio vem cortando,
Mil vezes dobra, e mil soltava o arco,
Donde as aladas settas saem voando:
Na terra pega a proa o leve barco,
Donde n'um salto desce, e alli embraçando
O forte escudo, a grave espada afferra,
Arde em furor, c'os inimigos cerra.

CII.

Em roda a espada vibra generosa,
Que iguala a de Orion, quando subindo
No ar por entre a noite tenebrosa,
As nuvens prenhes de agua vai ferindo,
Quando com luz infausta, e temerosa,
Com rayos sae a escuridade abrindo,
E ajudado das turbidas procellas
A ferro põe exercitos de estrellas.

CIII.

Do bargatim por hum, por outro lado
Todos co'as mãos nas armas se arrojavaõ,
Huns graõ parte do Tejo tem gostado,
E os corpos nos escudos sustentavaõ:
Este, que toma fundo, passa armado,
E outros, que ainda fundo naõ achavaõ,
Nadaõ até que a planta a praya toca,
Outro á terra co'a espada sae na boca.

CIV.

Gorgoris pela praya discorria,
E os seus com grandes vozes animava,
Vendo, que ao Occidente inclina o dia,
E a gente a seu pezar desembarcava:
A Sergio, que do barco á praya via
Sahir, c'o ferro nú se arremessava,
Moço galhardo, a quem a guerra engana,
Grande senhor da serra Mariana.

CV.

A primeira lanuge' ao moço louro
A face apenas veste, e tremolando
Em suaves anneis o subtil ouro
Decoramente o rosto vai cercando:
Em sete partes o dobrado couro
Do escudo abria, o ferro penetrando;
Na espalda mostra a ponta ensanguentada,
E nos peitos c'o punho bate a espada.

CVI.

Os que a seu Rey no barco acompanhavaõ,
Todos a soccorre-lo concorrêraõ,
E como a hum lado todos carregavaõ,
Grande parte do Tejo recolhêraõ:
Huns debaixo dos outros se afogavaõ,
Outros lançando as ondas, que bebêraõ,
A' terra saem, e quando á praya chegaõ,
A vida na inimiga espada entregaõ.

CVII.

Ulysses entre tanto tem vestido
As fortes armas, e do barco dece,
Resplandecendo armado, e taõ temido,
Que o inimigo de vê-lo só estremece:
A Telefo até o pomo vê escondido
O estoque, e com seu sangue o Tejo crece,
Que sobre as ondas cae morto, e exangue,
E as aguas, que bebera, paga em sangue.

CVIII.

Ouve Creonte o estrondo, e do que ouvia
Mayor aquella affronta imaginava,
E nos cerrados muros naõ cabia,
Porque alli pelejando naõ se achava:
Sae da Cidade, o imigo acometia
Por hum lado, a quem tanto perturbava,
Que está assombrado, mas constante, e quedo,
Como quem nunca vira o rosto ao medo.

CIX.

Co'a pressa, e grave horror, que a noite augmen-
Hum foge indo ferido, o outro geme, (ta,
A huns segue o inimigo, que afugenta,
Outro sem o seguirem foge, e teme:
Qual sobre a rocha, onde o mar rebenta,
Aos duros golpes o penhasco treme,
Gorgoris atalhado, e impedido,
Se vê d'hum lado, e d'outro combatido.

CX.

Creonte o arco forte sacudindo,
Co'a setta alada os leves ares fende,
Ao bruto, e fero Capaneo ferindo,
Que os grandes membros sobre a terra estende:
Caminho a morte na ferida abrindo,
Onde a dourada fibula se prende,
Estava c'o tremor da morte horrendo
O corpo em negro sangue revolvendo.

CXI.

Homem tímido, e vil de nascimento,
Nobre só pela mãy, que tinha feito
Provas de graõ traidor, e fraudulento,
Sendo no rosto hum, outro no peito:
Cruel, e de alterado pensamento,
Cabeça ao alto aguda, corpo estreito,
Affeminada a voz, menos suave,
Que branda soa, e logo grossa, e grave.

CXII.

A tudo a morte, e grande horror cobriaõ,
Vê-se de corpos todo o campo cheyo,
Debaixo estaõ feridos, que gemiaõ
Afogados de sangue seu, e alheyo:
Confusamente alli se revolviaõ
Mortos, e vivos neste horrendo, e feyo
Espectaculo, e quanto alli se achava
Em desiguaes fortunas se igualava.

CXIII.

Aperta o ferro Ulysses, e seguia
O inimigo, que foge amedrentado,
Gorgoris por deter os seus porfia,
Delles temido mal, mal escutado:
Por entre ferro, e ferro estrada abria,
Que sempre o medo foi desenfreado,
Este mais que o inimigo os afugenta,
Que tudo faz mayor, tudo accrescenta.

CXIV.

Huns sem ordem fugindo, outros instando,
Donde hum pé se levanta, outro se imprime,
Vaõ os mortos aos vivos atalhando,
E o que morto cahio ao vivo opprime:
A espada, e braço todo Ulysses dando
A Peneo (que com graõ destreza esgrime),
O fez cahir entre mortaes assombros,
Inclinando a cabeça sobre os hombros.

CXV.

Era formoso ainda ensanguentado,
Na triste, e maltratada formosura,
E no pallido rosto, e desmayado
Mostrava da alma a nobre sepultura:
Qual branco lirio, que cortou o arado,
Inclinava a cerviz na terra dura,
Que a côr, e graça (posto que sem vida)
Naõ era de seu rosto despedida.

CXVI.

Aos seus Gorgoris diz: Fieis amigos,
Vós, que os furores sustentar pudestes
De outros mais fortes, e asperos imigos,
Este brio, e valor onde o perdestes?
Vós, que as mortes tragando, e os perigos
Em marmores eternos escrevestes
O nome Lusitano, que hoje dura,
Quereis fazer taõ clara fama escura?

CXVII.

Vai a morte seguindo o que he medroso,
Sempre o ousado goza alegre sorte,
A gloria está no caso perigoso,
Nada acha muito o coraçaõ, que he forte:
Entre o furor da guerra temeroso
Me deixais só, sabei, que honrada morte
Eternamente dura, e permanece,
Que quem a morte teme, esse a merece.

CXVIII.

Naõ pára a multidaõ desenfreada,
E Gorgoris ousado está diante,
No coraçaõ, nos membros, e na espada
Temeroso, nas forças arrogante:
Trazendo-a dos que fogem ensanguentada,
A que c'o ferro, e rigido semblante
Ameaça, detem, increpa, e chama,
Sem o freyo os deter da honrosa fama.

CXIX.

Cerra-se a noite, e ás cousas vai roubando
A côr, com que a victoria se atalhava,
E entre a sombra da noite escura errando,
Cegas mortes o ferro incerto dava:
Por ultimo este dia imaginando
Da guerra, o grande Ulysses pelejava,
E sem falta aqui fora o fim da guerra,
Se a sombra naõ cobrira o ar, e a terra.

CXX.

Foi o fim da batalha o fim do dia,
E descontente Gorgoris se parte,
Os successos na mente revolvia
Do Fado iniquo, e do contrario Marte:
Dos instrumentos bellicos se ouvia
O som guerreiro n'uma, e n'outra parte,
Triunfaõ os vencedores, huns curavaõ
Feridos, e outros mortos sepultavaõ.

CXXI.

Estaõ os verdes campos povoados
De troncos de homens mortos, e feridos,
Sobre seu proprio sangue reclinados,
Pelas roxas areás estendidos:
Mezas funestas, onde os esfaimados
Lobos com tristes vozes, e bramidos
Descem de noite da fragosa serra
As reliquias gastar da dura guerra.

CXXII.

Davaõ novas do Sol, que já nascera,
Estendidas as sedas matutinas
Nas janellas do Ceo, e a quarta esfera
Corrida tinha as lucidas cortinas:
A destoucada noite naõ espera
O resplandor das luzes peregrinas,
De altos montes cahindo arrebatada,
Mede os ares com planta congelada.

CXXIII.

O Grego com Phylarco estava vendo
Como já ao campo Gorgoris sahia,
Sobre a cabeça a todos excedendo
Da Lusitana gente, que o seguia:
Das tubas se ouve o som de Marte horrendo
Nos montes, onde o éco o repetia,
Fere os peitos luzidos, e galhardos
O Sol metido entre nublados pardos.

CXXIV.

Vinhaõ-se pondo em ordem de peleja,
E Ulysses a Phylarco perguntava
Quem saõ os Capitães, porque deseja
Saber que gente Gorgoris levava:
E porque melhor tudo note, e veja,
D'um lugar eminente os contemplava,
Elle, que os conhecia, e partes donde
Saõ naturaes, ao Grego assim responde:

CXXV.

O que diante está grave, e severo,
Que d'ouro, e verde traz custoso arreo
Batendo aś cilhas do ginete Ibero,
Que pratea de escuma o aureo freo,
He Gorgoris, nas armas Marte fero,
Que ao lado esquerdo leva o grande Antheo
De Gerabria senhor, cuja armadura
He de hum dragaõ a pelle forte, e dura.

CXXVI.

Esta herdou de Tyfeo, que de materno
Sangue tem por avô, quando os gigantes
Pretendendo escalar o Ceo superno,
Põem sobre montes montes arrogantes:
Onde a Lua, e o Sol, que desse eterno
Globo saõ puras almas rutilantes,
Do mêdo de seus braços perturbados
Perdêraõ curso, e luz, como infiados.

CXXVII.

De espessa barba, hirsuta, negra, e feya
Tem o rosto té os olhos povoado,
A testa estreita, de cabellos cheya,
E dos olhos o lume atravessado,
De monstruoso corpo, a quem afeya
O ventre prodigioso, e carregado,
A todos no valor vencer deseja,
Que em fogos arde de gloriosa inveja.

CXXVIII.

O outro, que atraz delle vai brandindo
A grossa lança, he Mincio valeroso,
Senhor do grande Arecio, que encobrindo
Nas armas vai o coraçaõ fogoso:
Este no monte hum javali bramindo
Tomou nos duros braços, e o formoso
Sol fez olhar á desmedida fera,
Que nunca a ver o Sol a testa erguera.

CXXIX.

De huma panthera a pelle traz famosa,
Da qual os peitos arma, e traz luzida
Celada, de que a boca portentosa
Campea de alvos dentes guarnecida:
E huma, e outra orelha prodigiosa
Como pluma no ar se vê subida,
Hum arco de elefante traz brunido,
Esforçado nas armas, e temido.

CXXX.

Aquell'outro, que vês bravo, e seguro
Atravessar no carro refulgente,
Açoutando co'a pluma azul o puro
Ar, que a vai meneando brandamente,
He Celio, a que obedece o forte muro
De Nabancia, nas forças excellente,
Galhardo, e aprazivel, que por arte
Adonis he na paz, na guerra Marte.

CXXXI.

O da casaca azul he o poderoso
Polimio, que traz gente acostumada
A' dura guerra lá do Minio undoso,
De grossas lanças fortemente armada:
O do bastaõ he Alcino, do nervoso
Arco tirando a dura setta hervada,
De Pineto senhor, que traz a gente,
Que ao Limia bebe a liquida corrente.

CXXXII.

Este na affronta ardendo em fogo, e ira
He prodigio fatal da natureza,
Quando a espada pezada em roda gira,
No corpo monstruoso, e na fereza:
Saõ fogo os olhos, fumo o que respira,
Parece a espada, em puro fogo aceza,
Hum açoute do Ceo, na agilidade
Rio inundante, ou fera tempestade.

CXXXIII.

O que vês de armas verdes, he Leutaro
Capitaõ mui valente, dos amenos
Campos do Rio Nebis fresco, e claro
Conduz os Numitanos, e Lubenos,
E o morador do promontario avaro,
Que junto ao fresco Avó os verdes fenos
C'o gado pasce na viçosa terra,
Gente robusta para a dura guerra.

CXXXIV.

He velho, e coraçaõ tem bellicoso,
Que trabalho jámais pôde vence-lo,
He delgado nos membros, mas nervoso,
E mal lhe veste a face o raro pello:
A calva de ornamento mentiroso
Cobre adoptiva rede de cabello,
Fingindo idade verde na madura
Por beneficio da arte, e da pintura.

CXXXV.

O que o neto da escuma debuxado
Traz no escudo fatal, com que se arrea,
He dos soldados Glauco acompanhado,
Que o Dorio velocissimo rodea:
O que das feras vês estar cercado
He Valinferno, a quem a pura vea
Do Mondego obedece, e o jugo sente
De Rusticana, e Araduca a gente.

CXXXVI.

Este, e Bolaõ por armas conquistáraõ
As largas prayas do Mondego frio,
E da Herculea Cidade, que ganháraõ,
Valinferno escolheo o senhorio:
A Bolaõ só os campos lhe ficáraõ,
Que inunda o fresco, e caudaloso rio,
Temidos qual no Olympo consagrado
Temem as estrellas a Orion armado.

CXXXVII.

O que na famosissima quadriga
Traz de ouro o elmo erguido na vizeira,
Cujos cavallos fez o destro auriga
Romper o campo com veloz carreira,
He Clyto, de alta fama, e casa antiga,
Que nos montes da Lua a derradeira
Terra do mundo occupa, este nos braços
Toma hum leaõ, que rasga em mil pedaços.

CXXXVIII.

He forte, e corpulento, grande, e grosso
De membros, e estatura gigantea,
Huma torre animada, hum graõ colosso,
Que tudo o que tem perto senhorea:
No fresco Abril dos verdes annos moço,
E na testa estupenda lhe campea
A coroa da planta illustre, e verde,
Que nem os rayos teme, ou folhas perde.

CXXXIX.

Vês aquelle, que a massa irado esgrime,
He Geres, junto delle os passos Arga
Move, a que a dura massa pouco opprime,
Que a taõ robusto braço he leve carga:
He sua fama, e seu valor sublime,
Que junto de Aqua Flavia a grande, e larga
Montanha occupa, donde bem pudera
Teme-lo por mais fero qualquer fera.

CXL.

De pastores á funda acostumados
Traz grande copia, com lustroso alardo
Guiando os robustissimos soldados,
Hum, e outro sahio bravo, e galhardo:
Os peitos dos despojos só guardados
De hum leaõ, e nas mãos hum forte dardo,
A coxa, e hombro a nobre espada aggrava,
E de pelle de tigre a forte aljava.

CXLI.

Geres de idade, e de vigor robusto,
Nas armas, e trabalho calejado,
Estatura commum, de rosto augusto,
De coraçaõ audaz, nunca domado,
Da côr do rosto juvenil, adusto,
Quadrado corpo, peito relevado,
Que naõ se póde achar homem mais duro
Da plaga Austral ao congelado Arcturo.

CXLII.

O que solta no ar a pluma leve,
He o bravo Alcides, cuja força espanta
Quando a espada, que cinge ao lado breve,
Os duros elmos abre, a malha, ou anta:
Huma serpe feroz no berço teve
Preza co'a lactea maõ pela garganta,
E pela semelhança destas lides
Com razaõ lhe ficou nome de Alcides.

CXLIII.

De Araudes he senhor, e juntamente
De Capiana as armas traz comsigo,
E do Barbario promontorio a gente,
Dura para soffrer qualquer perigo,
Os que habitaõ de Scalybs a corrente,
Os de Evandria, e Ebura, que ao imigo,
Qual forte Partho, tiraõ da dobrada
Frecha fugindo a setta acelerada.

CXLIV.

Traz grande cabelleira, e de ambar chea,
De aureos anneis todo o cabello feito,
De fuzis grossos barbara cadea,
Que do hombro lhe atravessa o largo peito:
As orelhas de perolas arrea,
Move a terror no carregado aspeito,
Veste luzentes armas, que se preza
De se armar como de armas de fereza.

CXLV.

Traz gente á dura guerra acostumada,
Que o Sol naõ vio melhor desde o Oriente,
Em quantos cingem generosa espada,
Até o Tauro Scytico eminente:
Nenhum risco, ou fadiga prolongada
Recusou nunca a bellicosa gente,
Todo o duro trabalho estima leve,
Suores beber sabe, e pizar neve.

CXLVI.

Quem he aquelle, o Grego perguntava,
Que o dragaõ pinta no soberbo escudo?
Acrisio he, Phylarco lhe tornava,
De corpo giganteo, alto, e membrudo:
De Lacobriga traz os que na aljava
Escondem a dura setta, e o dardo agudo
Vibraõ, traz delle vai Alcimedonte
Co'a gente, que creou o Herminio monte.

CXLVII.

He, inda que pequeno, na postura
Arrogante, e nos feitos valeroso,
Que desmente co'as obras a estatura,
No animo valente, e generoso,
De ossos dobrado, e feya catadura,
De grandes forças, bravo, e temeroso,
Nos annos moço, e na ferocidade
Vence com forte coraçaõ a idade.

CXLVIII.

Estes, que o seguem, todos de dobrados
Corpos, a quem temer Marte pudera,
Usaõ na guerra duros páos tostados,
E as pelles de hum leaõ, ou de panthera:
Rompem do usso c'os bastões pezados
No corpo os ossos, e na testa fera,
Se a caso salteou com força iniqua
Das abelhas no monte a casa riqua.

CXLIX.

Movido de alta inveja o valeroso
Ulysses sae, e em vê-lo o campo treme,
Da Cidade abre a porta, onde o lustroso
Metal soa c'o grave pezo, e geme:
Elle n'um carro férvido, e famoso
Co'a lança ao hombro, que o inimigo teme,
Phylarco o acompanha, e juntamente
A Grega toda, e Lusitana gente.

CL.

N'um mellado, que de ouro a côr vencia,
E c'o peito as cadeiras igualava,
Que airosamente ao passear partia,
E té as cilhas os braços levantava,
A que huma sylva a testa dividia,
E com mais graça a altiva fronte ornava,
Negros a colla, crines, e topete,
Trovaõ nos pés, e rayo se arremete.

CLI.

A cabeça Phylarco illustre arrea
De elmo, que opprime o seu cabello louro,
Traz no escudo huma serpe horrida, e fea,
Que nas unhas aperta huma aguia d'ouro:
Co'a gente de Tubuci, e nobre Amea,
E os de Colipo, que de hum grande touro
Cingem a pelle, em cujas fundas soaõ
Pedras, a que daõ azas, com que voaõ.

CLII.

Traz no elmo outra serpe portentosa,
Que as negras azas pelo ar desprega,
Que a colla fera enrosca, a venenosa
Vista, quando sibila, os olhos cega:
Juntas move tres linguas taõ furiosa,
Que espanto causa a quem a vê-la chega,
No fero aspeito, e movimento vago
Mostra ser obra de hum insigne Mago.

CLIII.

Sae Lisio, que de Jupiter se preza
Ser claro, e conhecido descendente,
Da Ninfa Doto, cuja graõ belleza
Desceo do Olympo a Jupiter potente:
Entre a gente que o segue Portugueza
Conduz os que de Cuda a graõ corrente
Habitaõ, e a provincia Transcudana,
E os que descem da serra Mariana.

CLIV.

Robustos membros tem, no corpulento
Tronco grande cabeça, a planta breve,
Da vista hum rayo sae duro, e violento,
Qual a sua ira, e seu furor se deve:
Representa no fero movimento
A'quilo, quando levantar se atreve
As ondas, com que pratear costuma
De Atlante os pés com Africana escuma.

CLV.

Sae Tereo com bandeira, que partida
De ouro leva hum leaõ de vista fera,
Que movida do vento, com subida
Garra acomete o Sol na propria esfera:
Elle empunha huma lança desmedida,
Que hum tronco de huma faya inteiro era,
O ar na luz das armas se inflammava,
Onde o Sol, quando as fere, scintillava.

CLVI.

De Merobriga a forte gente guia,
Que lanças usaõ largas, e possantes,
E do grande Maronio, a quem seguia
Tamaca com suas aguas abundantes:
No escudo hum grande monte põe, que ardia,
Botando fóra as chammas crepitantes,
A que hum rayo feria, os passos move,
Marte no resplandor, nos rayos Jove.

CLVII.

De armas negras vestido o graõ Broteo
Dos montes traz comsigo a dura gente,
De grande corpo, monstruoso, e feo,
De carregada celha, e vista ardente,
De disformes sinaes o rosto cheo,
Sinaes certos no rosto de hum valente,
Temeroso na voz, hirsuto pello,
Negras, e largas sedas por cabello.

CLVIII.

Ferrea tem a alma, a natural fereza
Traz de aço puro, e forte guarnecida,
Com gente, de que fica na aspereza
Igualada a dos montes, e vencida:
Estes, como salvagens na bruteza,
Cada qual huma pelle traz vestida,
Bastões bastantes a fazer pedaços
Hum monte, o pé descalço, e nús os braços.

CLIX.

No campo Ulysses valeroso entrava,
Formando o esquadraõ bravo, e lustroso,
A Phylarco fortissimo entregava
Da vanguarda o governo perigoso,
Dous mil homens de guerra alli plantava
Escolhidos, Phylarco taõ brioso
Está, que o mundo acometer pudera
Co'a fronte do esquadraõ soberba, e fera.

CLX.

Logo tres mil o seguem bem armados
De duras lanças, que Tareo galhardo
Conduz com mil, que feros páos tostados
Usaõ por lança, e por agudo dardo,
Mil com fundas, que aos ventos apressados
Pódem fazer o movimento tardo,
E no meyo as bandeiras vaõ guardadas
De mil escudos, e outras mil espadas.

CLXI.

Com quatro mil Broteo valente armado
Por de fóra o esquadraõ todo cingia,
Pondo de armas dous mil a cada lado,
Com que todo se armava, e guarnecia:
A maõ dextra a Creonte, ao estremado
Leostenes a opposta obedecia;
E Ulysses sobre o carro rutilante
A tudo assiste, a todos vai diante.

CLXII.

Já neste tempo o Sol, que ao mar guiava
O seu carro de fogo, aos horizontes
De varios arrebois de luz bordava,
E a noite desce dos ceruleos montes:
Já o silencio as armas occupava,
E já do sono as opprimidas frontes
Na dura terra inclinaõ, onde os soldados
Passaõ em vinho, e sono sepultados.

ULYSSÉA.

CANTO NONO.

ARGUMENTO.

Ao campo sae armado o bellicoso
Gorgoris, a quem segue a Lusa gente,
Rios de sangue fér vido, e espumoso
De frios peitos tira a espada ardente:
Vendo Ulysses o imigo victorioso,
Nos muros se recolhe, e juntamente
Gorgoris quer entrar, a gente crece,
Com que a guerra nas portas se embravece.

I.

Já dos Eoos fins a luz suave,
Encuberta, seguindo seu costume,
Misturando-se vai co'a sombra grave,
Naõ vence o lume a sombra, ou sombra o lume:
Naõ tem inda voltado a Aurora a chave,
Mas por detraz do mais remoto cume
Com a manhã dourada a noite fria
As ultimas reliquias confundia.

II.

Logo os cavallos lucidos bufando
Saem das portas do Ceo, e o puro alento
Em suave rocio transformando,
Ferem co'a luz o ar, co'a planta o vento:
Ao graõ senhor de Delo vem tirando
No seu carro veloz com passo lento,
Mostrando sobre as nuvens prateadas
Do fogo ardente as crines arriçadas.

III.

Já se hia descobrindo o naõ maduro
Parto do novo Sol, que vem nascendo,
Os campos já rompia arado duro,
Os sulcos com trabalho enriquecendo:
Dourado estava o horizonte escuro
Quando o geral silencio interrompendo
Com rouco brado as trompas, que soavaõ,
Os animos, e as armas despertavaõ.

IV.

Nuvens de negro pó se levantáraõ,
Em cujo grave horror o ar se cerra,
Os tambores horrisonos soáraõ,
Com que mostra fundir-se a mesma terra:
Os écos pelos montes se dobráraõ,
Tudo alterava o som da dura guerra,
Torna seu curso atraz o Tejo inchado,
Do estrepito das armas perturbado.

V.

Logo a este primeiro desafio,
E ao som, que as tubas pelos ares deraõ,
As Gregas trompas com dobrado brio,
Aceitando a batalha, respondêraõ:
Aos rostos rouba a côr o medo frio
Dos que co'as mãos nas armas o vencêraõ,
E n'um, e n'outro campo horrenda, e brava,
Tisifone discordias semeava.

VI.

Ulysses sahe, e resplandece armado,
Sobe do monte ao levantado cume,
De huma luz que o cercava rodeado,
Grande, e augusto fóra do costume:
Sobre a rosada face dilatado
Hum natural ardor, e vivo lume
No grave olhar, a authoridade crece,
Com que elle mortal cousa naõ parece.

VII.

Bem como prodigiosa estrella aguda,
Que vem de longe fogo scintillando,
Com que as coroas, e os imperios muda,
Pallida luz nos ares espalhando:
A que com vista do alto attenta, e muda,
O nauta, e o pastor está observando,
Que no papel do ar c'um rayo escreve
De ruinas fataes historia breve.

VIII.

Assim o Grego sae, e os estandartes
Imigos, e o som, que tudo atroa,
A difundir-se por diversas partes
Os que vem debellar a alta Lisboa:
De armas guarnece os novos baluartes,
Onde a guerra mortifera apregoa,
E por buscar o imigo de mais perto,
Prepara-se a sahir ao campo aberto.

IX.

Sobre o carro belligero partia,
Tudo em ordem dispunha, e visitava,
De honrosa ira os fogos, em que ardia,
Com natural brandura temperava:
Animo, e esforço ao timido infundia,
Que ao valeroso em vê-lo se dobrava,
A todos com palavras animando,
Mercês, e honras fazendo, abraços dando.

X.

Tomando hum alto solta a voz famosa,
Que as bellicosas hostes escutáraõ,
A huns suave, a outros temerosa,
Com palavras, que n'alma se formáraõ:
Naõ trouxeraõ carreira taõ forçosa
As aguas, que c'o Sol se desatáraõ,
Cahindo do alto monte, donde as teve
Prezas o inverno nos grilhões de neve.

XI.

Companheiros, e amigos, bem se engana
Quem de vós esperasse outra vangloria,
Que ser vencido, como da Troyana
Soberba já alcançastes fama, e gloria:
Se aqui está toda a força Lusitana,
Quer Jupiter, que n'uma só victoria
Com esta pouca valerosa gente
Ganhemos mil victorias juntamente.

XII.

Naõ vos espante ver como se estende
Pelas cabeças d'uma, e d'outra serra
A inculta multidaõ, que mal entende
O exercicio da sanguinea guerra:
He gente mal avinda, que depende
De abrir c'o arado curvo a dura terra,
Naõ ha de resistir, porque a defeza
Nas plantas lhe deixou a natureza.

XIII.

A pouca gente bellicosa experta
A muita vence mal disciplinada;
Que esta a ruina tem propinqua, e certa,
De sua mesma ignavia debellada:
Varie as sortes a fortuna incerta,
Que eu com esta a vencer acostumada,
A seu pezar espero ver mui cedo,
Que primeiro que o ferro os vence o medo.

XIV.

O inimigo, que as hostes ordenando,
Está já posto em acto de peleja,
Vós o vereis rogar humilde, e brando,
Quando este ferro nú diante veja,
Quando vossas espadas vaõ cortando
O elmo, ou de aço, ou de diamante seja,
Quando o soldado, que seus campos ara,
Vir que suas insignias desampara.

XV.

Os soldados, que aqui trago comigo,
Comigo iguaes nos riscos, e na gloria,
A todos sei a patria, e sangue antigo,
E n'alma os trago, mais que na memoria:
Qual setta voa, ou fere ao inimigo
Espada, sem me ser a mim notoria?
Que conheço voando, e na ferida
O arco, que atirou, e o homicida.

XVI.

Comvosco em occasiaõ mais importante
Cheguei, e vi, e em fim venci chegando;
As forças, e as bandeiras do arrogante
Marte fui abatendo, e arrastando:
Como alli fui diante, irei diante,
Preparando a victoria, e vós pizando
Os troncos desses fracos lavradores,
Honrados de vos ter por vencedores.

XVII.

Da viva voz de Ulysses animados
Facil lhes parecia a dura empreza,
Terçando as grossas lanças os soldados,
A encontrar-se partiaõ com presteza:
Agudas settas de arcos encurvados
Graõ tempestade excitaõ, vê-se aceza
A peleja nos campos inimigos,
Correndo para as mortes, e perigos.

XVIII.

Bem como as ondas, que no mar furioso
Se vaõ com igual pressa succedendo,
E a azul espalda de Neptuno undoso
Em altos montes de agua vaõ erguendo,
Té sahir com ruido impetuoso
Na praya, que ferida está gemendo,
E sobre a molle area, ou na mais alta
Rocha, quebrando o mar, aos ares salta.

XIX.

Assim corria á selva das pezadas
Lanças, no campo de armas occupado,
No ar se topaõ settas arrojadas,
Dardos abrem voando o ar delgado,
Os cavallos ligeiros das ferradas
Unhas a estampa apenas tem deixado
No verde campo, que com voltas giraõ,
E fumo, ardendo em cólera, respiraõ.

XX.

Já d'uma, e d'outra parte nas guerreiras
Hostes se ouve o rumor, com que discorrem,
Largaõ-se freyos, descem-se vizeiras,
Huns contra os outros duramente correm:
Os cavallos se encontraõ, das primeiras
Lanças huns caem feridos, e outros morrem,
Desapparece o largo campo aberto,
De nuvens de armas, e de pó cuberto.

XXI.

Tal golpe ha, que o escudo despedaça,
Tal que a malha fortissima rompia,
Alli o cavallo já sem dono passa,
Outro com elle sem vigor cahia:
Elmo, e cabeça hum mesmo golpe amassa,
Todo o campo da morte o horror cobria,
Acende-se a peleja, e dura tanto,
Que excede a que mudou a côr ao Xanto,

XXII.

Logo Antiloco a dura lança enresta
Contra o forte Trazilo que acomete,
Falsa-lhe o escudo, e pela dura testa
Do agudo ferro grande parte mete:
Quando huma sombra pallida, e funesta,
Que das aguas sahio do escuro Lethe,
Lhe occupa a vista, e com temor interno
Cae semivivo o corpo em sono eterno.

XXIII.

A este Helefanor, hum forte Grego,
Leva arrastando para despoja-lo,
E na vã preza de avarento, e cego
Naõ vê que Alcino vinha por vinga-lo:
Atravessado cae no undoso pego
De sangue, e procurando levanta-lo,
Torna a cahir de novo, e assim morrendo,
A alma irada lança, o chaõ mordendo.

XXIV.

Sobre estes corpos a contenda crece,
Que huns levavaõ, e outros defendiaõ,
Creonte chega a tempo, que embravece
A peleja, que as vozes acendiaõ:
Contra Leuco, que em vê-lo já estremece,
Com forças, que as humanas excediaõ,
A lança com furor bravo arremessa,
Com que do peito ás costas o atravessa.

XXV.

Cahe o moço gentil com graõ ruido,
Qual costuma cahir no fresco prado
Alamo verde, ou plátano ferido
Do duro vento, ou rustico machado:
Pelo vingar Hipolaco atrevido
Hum mortal dardo atira, que levado
A Dareto chegou, que na alta fronte
De roxo sangue abrio purpurea fonte.

XXVI.

E Gorgoris, que o campo descobria,
Socorre a tudo, a todos animando,
A Creonte, e Leostenes juntos via
Por terra tantas vidas derramando:
Mal soffre ver que o campo se cobria
De horror, de sangue, e corpos inundando,
Bramando geme, e nesta grave affronta
D'um grande freixo ajunta ao conto a ponta.

XXVII.

Por entre as duras messes das espadas
Ouzado corre, e c'o inimigo cerra;
Com tal furor as aguas reprezadas
Naõ se despenhaõ da impinada serra:
O mar, que bate as rochas levantadas,
Rayo, que as torres igualou co'a terra,
Trovaõ, que no ar bramindo, o mundo assombra,
Fazem de seu furor pequena sombra.

XXVIII.

Tres vezes sopezou a lança grave,
Com que a Edipo atira, que voando,
Representa huma antena, ou grossa trave,
O escudo forte, e peito atravessando:
A sombra negra occupa a luz suave,
Cae na ferida os membros palpitando,
Corre de sangue hum espumoso rio,
Pallida mostra a côr, o alento frio.

XXIX.

Logo outras lanças toma, que arrojava,
Dando em todas hũa morte differente,
E embraçando o escudo se lançava
Do grande carro com furor vehemente:
Encontra Manlio, a quem o rosto ornava
A lunagem da idade florecente,
Deo-lhe c'o braço a espada, que atrevida
A tea corta a taõ formosa vida.

XXX.

Na nuca, e lado abrio hũa larga estrada
A Toante, que alli trouxera a sorte,
Na vista, e peito sae a forte espada,
Dous caminhos abrindo á mesma morte:
A vida, de seu tronco já cortada,
Ao mesmo tempo sae do peito forte,
Sobre seu sangue cae, onde espirava,
E hum ferreo sono a vista lhe occupava.

XXXI.

Correndo o campo todo victorioso,
A Tirio, que tratava da fugida,
Pelas costas a espada o temeroso
Braço fartou de sangue na ferida:
Está a seu lado o Capitaõ Lanoso,
Que a massa dura esgrime, e faz temida,
E a terra tantos corpos occupáraõ,
Que os vivos pelos mortos caminháraõ.

XXXII.

Qual lenhador, que a Pirenne, ou Pindo
Alivia dos troncos, que em pedaços
Na terra estende, o bosque alto ferindo
Co'a dura força dos nervosos braços,
Onde do morto tronco dividindo
A robusta alma, atada em verdes laços,
Ferida soa do alto golpe a terra,
A que responde a mais remota serra:

XXXIII.

Assim Gorgoris vai com furia tanta,
Aceza a vista, a fronte alta, e sublime,
Taõ prestes corre, que a ligeira planta
Na terra apenas seu sinal imprime:
Soltando a dura voz, que a tudo espanta,
Como que em nada o Grego campo estime,
Abre as hostes, dizendo em voz pezada:
A toda a Grecia basta a minha espada.

XXXIV.

Nezo, que o ouve, fero lhe responde,
E advertindo ás palavras, que dizia,
Elle as partia de hum revez, adonde
Nas fauces ás formava a lingua fria:
A Scilo a espada dentro n'alma esconde,
A quem o rosto pallido cubria
Grave horror, onde Gorgoris valente
Lhe tira a espada, e alma juntamente.

XXXV.

A Japeto c'um talho a testa fende
Té os olhos, que do ar ao chaõ cahindo,
Seu irmaõ Lauso chega, que o defende,
Sustenta-lo nos braços presumindo:
Já Gorgoris contra elle o braço estende,
E do piedoso Lauso o peito abrindo,
Ambos á terra vem, que a mesma sorte
Irmãos na vida os fez, e iguaes na morte.

XXXVI.

O pay Licon, que os filhos vê feridos,
Que de hum parto lhe deo a bella Agave,
Tanto no corpo, e rosto parecidos,
Que causavaõ aos pays erro suave,
Vendo o poder dos Fados naõ vencidos,
Co'a dôr, que sente n'alma, dura, e grave,
Ferido geme, e com furor suspira,
E está suspenso entre o amor, e a ira.

XXXVII.

Traz Gorgoris corria insanamente:
Espera hum fraco velho, imigo forte,
Espera hum vivo morto, impaciente
Dizia, que te pede a propria morte:
Se melhor sorte a minha naõ consente,
Quero vencer morrendo minha sorte,
Que a terei por ditosa, e avantajada,
Tendo-a nos fios dessa mesma espada.

XXXVIII.

A Gorgoris chegou, co'a espada erguida
Desce c'um mortal golpe; elle o recebe
No forte escudo, e onde a cara vida
De Licon tem morada, a espada embebe:
Lança o sangue da boca, e da ferida,
Que a fria terra por seus poros bebe,
Cahe o cadaver sobre a molle area,
Aberta a boca denegrida, e fea.

XXXIX.

Valinferno tambem soberbo esgrime
Contra o fero Creonte a ferrea massa,
Que ora as pedras acende, ora sublime
Se faz temida na soberba praça:
O que espera, o que foge, a hum tempo opprime,
Pizando corpos victorioso passa,
E qual faminto lobo lhe mostrava,
Que quanto sangue bebe, o naõ fartava.

XL.

De conchas Valinferno armado vinha,
A quem do corpo o ar nas armas crece,
Que de huma jazerina o peito tinha
Guardado, e nelle a espaços resplandece:
De huma pelle de tigre se detinha
Prezo o talim, que de ouro se guarnece,
Donde pende o alfange, e levantada
Na maõ trazia a massa carregada.

XLI.

A serpente, e leaõ, que lhe assistiaõ,
Correndo o campo vaõ com lentos passos,
Os que as armas lhe oppõem, ou resistiaõ,
Com boca, e garra fazem mil pedaços:
Sobre elle os fortes Gregos concorriaõ,
Mas o graõ Briareu, que com cem braços,
E cem espadas juntas pelejara,
Seu grande esforço apenas igualara.

XLII.

Elle só põe o rosto, elle resiste,
Da guerra o duro pezo elle sustenta,
Aos que intentaõ fugir gritando assiste,
Com que os anima, e forças lhe acrecenta:
De huns se defende a hum tempo, outros enviste,
Tem os que fogem, outros afugenta;
Mas tantas armas crescem, tanta gente,
Que o leva a seu pezar a graõ corrente.

XLIII.

Para-se Valinferno forte, e quedo,
E o diluvio detem desenfreado,
Alguns mandou ao Tartaro mais cedo,
C'os graves golpes do bastaõ pezado:
A todos entra hum congelado medo,
Vendo-o destes dous monstros rodeado,
Bravo, acezo na vista, e naõ respira
Por boca, e olhos, senaõ fogo, e ira.

XLIV.

Vinha em seu grande carro discorrendo
Ulysses pelo campo, o estrago via,
Que o bravo Valinferno vem fazendo,
A quem ninguem se oppunha, ou resistia:
A Gorgoris de longe estava vendo,
Que de mortos hum grande monte erguia,
Turbado fica, dentro n'alma geme,
Como ouzado acomete o que mais teme.

XLV.

Bem como a aguia, que do alto esteve
Vendo a preza entre os matos escondida,
E nas azas librando o corpo leve,
Se arremessa veloz sobre a ferida:
Tal Ulysses que olhando se deteve,
Onde ferve a batalha mais temida,
Do alto voa, e com a crua espada
Se faz por entre as armas larga estrada.

XLVI.

Vai contra Valinferno duro imigo,
De Creonte animoso acompanhado,
Leostenes o seguia, que o castigo
Lhe levava na espada, e braço armado:
Todos se chegaõ, e no comum perigo
Acometem por hum, por outro lado;
Elle para mostrar que os naõ temia,
Sorrindo-se ergue a massa, e lhe dizia:

XLVII.

Nesta agora verás, Grego insolente,
Abrazador dos muros de Dardania,
Se cria o brando Tejo forte gente,
Quando castigue a tua grande insania:
Nas entranhas terás desta serpente
Sepulchro na guerreira Lusitania,
Que a teus atrevimentos excessivos
Estas feras seraõ sepulchros vivos.

XLVIII.

Cuidavas, fraudulento autor de enganos,
Quando seguro porto aqui tomaste,
Que achavas Cyrce, ou miseros Troyanos,
Que por amor, e armas debellaste:
Tendo durado a guerra tantos annos,
Seus muros com enganos arrazaste,
Sabe que aqui terás mores perigos,
Que Lusitania he tumba de inimigos.

XLIX.

Ulysses lhe tornou: Saõ escusadas
Insolentes palavras, baste agora
Que sejaõ lingua as folhas das espadas,
E da veloz quadriga salta fóra:
Leostenes, e Creonte ás indomadas
Feras (como se a empreza facil fora)
O escudo, e peito armado offereciaõ,
A quem todos a hum tempo acometiaõ.

L.

A mortal lança Ulysses levantando,
A Valinferno sacudida parte,
Onde a pallida morte vai voando,
A que naõ pode oppôr-se, ou força, ou arte:
Mas o golpe, e o ferro desviando,
No ar o torce o valeroso Marte,
Que a Valinferno ampara, e com este erro
Huma braça no chaõ se esconde o ferro.

LI.

Tira Ulysses a espada, que parece
Hum rayo ardendo, c'o inimigo cerra,
Elle com hum golpe, e outro irado dece,
Todos graves, mortaes, e todos erra:
E para que ferir melhor pudesse
Se chega, e cae ferindo a dura terra,
Aonde tal cova abria a massa dura,
Que juntos dava morte, e sepultura.

LII.

D'um giro n'outro Ulysses o rodea,
Golpes acena, e cautamente finge,
Vence co'a propria arte a força alhea,
Marcial Edipo desta brava Esfinge:
Da dura malha o campo se semea,
C'o suor cresce o sangue, as armas tinge,
Valinferno se aparta, e com braveza
Torce cheio de raiva a vista aceza.

LIII.

Ulysses bravo corre, e vai dobrando
Os golpes, com que assombra o forte imigo,
Que o campo já perdia vacillando,
Que por ultimo estima este perigo:
Vai-se de ira, e furor nobre abrazando,
Entra, e nos braços o apertou comsigo,
Fazendo ambos temer-se nos ardentes
Olhos de fogo, e no ranger dos dentes.

LIV.

Naõ corre com tal furia, e com tal ira
O valente Austro, e Aquilo valente,
Quando o mar, quando o Ceo bramindo espira
Ondas, nuvens, e fogos juntamente,
Quando nenhum se rende, ou se retira,
Antes sopraõ com furia mais vehemente,
Como os dous, que abraçar-se caminháraõ,
Nas forças, e nas armas se topáraõ.

LV.

Neste tempo Creonte do arrogante
Leaõ, que por feri-lo a garra erguia,
Mais que a fera, elle fero está diante,
Sem poder enxergar-se que a temia:
Com duro braço desce, e nesse instante
Ao leaõ como Alcides remettia,
O escudo, e espada deita, e em fortes laços
Comsigo o aperta nos nervosos braços.

LVI.

A fera brama irada presumindo
Sahir dos braços, onde está apertada,
Os cabellos arriça, a boca abrindo
Co'a voragem das fauces dilatada:
A colla pelos ares esgrimindo,
E a garra de ira, e de furor armada
Sem vigor mostra, e com mortal ruina
Os duros membros, desmayando inclina.

LVII.

Já os ossos lhe tinha quebrantado,
E entre os laços, onde estava prezo,
Cae c'o lume dos olhos apagado,
Terror do monte em quanto esteve acezo:
Solta Creonte ao já desanimado
Tronco co'a lingua fóra, inutil pezo,
Por juntar-se a Leostenes, que se sente
Ferido, e maltratado da serpente.

LVIII.

Brandia de ouro escalido, e de prata
A cabeça, no ar o collo erguendo,
Já se prende, se enrosca, e se desata,
Fel, e escuma na boca revolvendo:
O pescoço ora encolhe, ora dilata,
De silvos, e ira todo o campo enchendo,
E o torpe alento, quando respirava,
De seu veneno o ar inficionava.

LIX.

Com Leostenes a serpe estava unida,
Que sibilando vibra a lingua aguda,
Que tres linguas parece sacudida,
Co'a graõ presteza, que a menea, e muda:
Na cabeça co'a espada a tem ferida,
E desmayando a serpe torpe, e ruda,
As roscas vai abrindo, e sem alento
Privada está de todo o movimento.

LX.

Vendo o remedio Valinferno incerto,
De Ulysses desatar-se pertendia
Dos braços, onde o traz em tanto aperto,
Que já o alento, e animo perdia:
E vendo que inimigos tem taõ perto,
Sobre as azas do medo lhe fugia,
Segue-o o Grego, e em quanto hia correndo,
Estas palavras altas vai dizendo:

LXI.

Como foges de Ulysses fraudulento,
Que os muros de Dardania pôz por terra,
Que ordenou o cavallo com intento
De dar com paz fingida occulta guerra?
Naõ me davas sepulchro, e fim violento
N'uma serpente, sem tocar-me a terra,
Pois como naõ me aguardas, se te sigo,
Como temes taõ debil inimigo?

LXII.

Qual lobo foge do redil guardado,
Seus guardadores férvidos temendo,
Que quando corre, sente ao proprio lado,
Com furia, e com latidos o ar rompendo,
Até que a lingua deita de acossado,
Com que o sangue dos beiços vai lambendo;
Tal Valinferno foge, e o rosto vira
A Ulysses, que o seguia ardendo em ira.

LXIII.

C'o pezo da armadura se detinha,
Quer assentar-se por tomar alento,
Quando vê que atraz delle o Grego vinha,
Que na presteza iguala ao mesmo vento,
Como quem só nos pés a vida tinha,
Que mais ligeiros faz o medo lento,
Torna a correr, sentindo o espaço breve,
Que por tomar alento se deteve.

LXIV.

Qual cerva, que acossada vai fugindo,
E vendo sombra, ou fonte de agua viva,
Tendo escapado aos cães, que a vaõ seguindo,
Goza da fonte fresca, ou sombra estiva,
Quando outra vez o caçador sentindo,
Deixa o descanso, e corre fugitiva,
Sem estimar á vista do perigo
A calma grave, e o trabalho antigo:

LXV.

Tal Valinferno voa, onde encontrando
A Gorgoris, lhe diz: Aos teus soccorre,
Que Ulysses tuas hostes devastando,
Por todo o campo sem temer discorre:
A côr ao verde monte vai mudando
Com sangue, que em diversas partes corre,
E Pallas, que a seu lado anda presente,
Põe em fugida a Lusitana gente.

LXVI.

Gorgoris, a que a nova o peito altera,
Guiava o carro a hum alto, donde via
O campo todo, e nelle considera
Como de sangue, e mortos se cobria:
De longe o escudo vê, e imagem fera,
Que da guerreira Pallas parecia;
A'quella parte corre, onde os que o viaõ
Co'as vozes, e co'as armas o seguiaõ.

LXVII.

Qual costuma o belligero ginete,
Que das prizões, que teve, desatado,
Ao campo livre férvido arremete,
Correndo alegre n'um, e n'outro lado,
Ao ar arriça as crines, e o topete,
Sobre si mesmo o collo levantado;
Tal Gorgoris valente, desprezando
O esquadraõ, pelas armas vai entrando.

LXVIII.

O campo atravessava em furia ardendo,
A segui-lo se movem os mais guerreiros,
Por duras armas, e esquadrões rompendo,
Os ultimos queriaõ ser primeiros,
Huns derrubando, a outros socorrendo,
Lhes diz: O' esforçados Cavalleiros,
Estes, que tem de vós victoria, e palma,
Tem mais que duas mãos, tem mais que huma

LXIX.

alma?)
Pára o forte esquadraõ, sem ir ávante,
Por elle soccorrido, e animado,
Ulysses valeroso está diante
Entre o furor das armas abrazado:
E Gorgoris c'os seus mais arrogante
Para o ferir no meyo o tem tomado,
De hastas hum bosque, e espadas o cercava,
E hum chuveiro de settas, que voava.

LXX.

Qual o soberbo touro, que ferido
Do fogo do ciume impaciente
Terrivelmente brama, e com bramido
Chama animoso seu rival ausente,
Prova n'um tronco os cornos offendido,
E o vento desafia ousadamente,
Provoca o imigo erguendo ao ar a terra,
Por dar principio á porfiada guerra:

LXXI.

Tal affrontado Ulysses, que deseja
A Gorgoris mostrar o que podia,
Se preparava em acto de peleja,
E co'as armas nas mãos o cometia:
Gorgoris deixa o carro, e porque veja,
Que desigual batalha naõ queria,
Da maõ soltava a hum tempo o grave loro
A Lampom, Lamo, Cicere, e Peloro.

LXXII.

Armados traz os membros da pezada
Loriga, em cima o peito refulgente,
A testa opprime o elmo, a coxa a espada
De antigo mestre, e tempera excellente:
Qual de luz a alta fronte coroada
Ameaçando no ar cometa ardente,
Com cabellos de rayos nos declara
Ruina do mór Sceptro, ou mór Thiara:

LXXIII.

Tal Gorgoris nas armas scintillava,
Que airoso vai movendo bravo, e forte,
Na vista, e espada férvida levava
Medo aos que fogem, aos que esperaõ morte:
Com Bolaõ Valinferno o acompanhava,
E o valente Lanoso, e o graõ Mavorte,
Que a seu grande furor naõ he bastante
A resistir hum peito de diamante.

LXXIV.

Montanha inaccessivel, e temida,
De antiga selva, e monstruosas feras,
Rio, que cahe da rocha mais erguida,
Chuveiros negros, tempestades feras,
Neve nos frios Alpes derretida,
E fogo, que do Ceo lambe as esferas,
Naõ pudéra impedir seu forte braço,
Nem fizera a seus pés torcer hum passo.

LXXV.

Ulysses dos mais fortes rodeado
Aos imigos se oppõe quando envistiaõ,
Escudo a escudo, lança a lança, armado
Peito a peito n'um tempo acometiaõ:
Já de pedaços de armas semeado
O chaõ se vê, que os golpes dividiaõ,
E sobre os elmos, que as espadas fendem,
Soava o ar, que scintillando acendem.

LXXVI.

Na batalha ardentissima, e travada
Cresce o ardor co'a furia da peleja,
Já de seu sangue a terra está manchada,
Huns a vingança move, outros a inveja:
Já esquecidos de ferir co'a espada,
C'os punhos, e c'os pomos se peleja,
Já se topaõ c'os elmos, e membrudos
Corpos sobre os fortissimos escudos.

LXXVII.

Gorgoris, que hum graõ monte representa,
De membros, e estatura bem composto,
Mete hum, e outro pé, e a espada tenta,
Que Ulysses livra, e sae co'a ponta ao rosto:
Ferir sobre a cabeça o imigo intenta,
E logo o forte escudo em alto posto,
Por baixo delle o grande corpo estende,
Com que na perna a Gorgoris offende.

LXXVIII.

Elle se vê ferido, e quando sente
O dano, por vingar-se em vaõ se cança,
E com vergonha honrosa, e descontente
Quer co'a pressa emendar qualquer tardança:
Com ferro, e voz responde juntamente:
Espera, ó fraudulento, e se abalança,
E sobre o elmo o fere, onde cortava
A pluma, que ferida ao ar voava.

LXXIX.

Ulysses, que do golpe recebido
Em honrosa coragem se acendia,
Desprezando os reparos atrevido
Nas inimigas armas se metia:
E por vingar-se leva o braço erguido,
Co'a forte espada, que do ar descia,
Tal resposta lhe dava, e com tal furia,
Que bem lhe paga a recebida injuria.

LXXX.

Dobrando os golpes vai com graõ destreza,
D'um lado n'outro Gorgoris discorre,
Acha no escudo já fraca defeza,
Da ferida em graõ copia o sangue corre:
Marte, que vê o p'rigo, com presteza
A Gorgoris já exanime soccorre,
E Ulysses, que o conhece, em fogos de ira
Ardendo perturbado se retira.

LXXXI.

Logo huma nuvem desce, onde encuberto
Gorgoris sae do campo, e naõ se rende,
Que da morte cruel, que tinha perto,
Marte oppondo-se a Ulysses o defende:
Elle, que via o engano descuberto,
Sem o temer, co'a espada a Marte attende,
Co'as armas o acomete, a que a guerreira
Pallas reprende, e diz desta maneira:

LXXXII.

Quando, Ulysses, a Marte te atrevesses,
Naõ seria valor, mas furia insana,
Se ao Ceo com braço humano te oppuzesses,
Naõ se iguala á divina a força humana:
Naõ te basta que a Gorgoris vencesses?
Naõ provoques a furia soberana
De hũ Deos, que he immortal, taõ bravo, e forte,
Que o mesmo Olympo treme de Mavorte.

LXXXIII.

Qual o lobo voraz, que pelo escuro
Da tormenta ao rebanho vai guardado,
E nas tetas da mãy balar seguro
Ouve o manso cordeiro agazalhado;
Quer entrar os reparos forte, e duro,
Tendo o redil mil vezes rodeado,
E nesta trabalhosa, e vã porfia
Passa raivando a noite larga, e fria.

LXXXIV.

Tal Ulysses rodea aquella parte,
Donde com Marte Gorgoris fugira,
Torna huma, e outra vez, ao proprio Marte
A vozes desafia acezo em ira:
Vociferando, e rebentando parte,
Chegando a Valinferno, vè, que atira
C'um graõ penedo, que nas mãos tomava,
De que Broteo ferido se prostrava.

LXXXV.

Entaõ lhe diz: O' barbaro atrevido...
E sem que o elmo temperado monte,
Da generosa espada cae ferido,
Abrindo grande parte da alta frónte:
Naõ cae da nuve' o rayo despedido,
Quando das mãos forjado sae de Bronte,
Com tal furor, ficando a forte espada
Do negro sangue, e cerebro manchada.

LXXXVI.

Entre os olhos lhe voa a sombra escura,
Por soccorre-lo alli Bolaõ se chega,
Contra Ulysses erguendo a massa dura,
Que de hum golpe o bastaõ, e as mãos lhe sega:
De huma ponta a finissima armadura,
E peito lhe abre, e da ferida rega
O espumoso sangue a terra estranha,
E o irmaõ, que vivo amou, morto acompanha.

LXXXVII.

Qual álamo abraçado á antiga vide,
Se o duro ferro hum tronco, e outro corta,
Obedecendo ao Fado, que os divide,
Cae c'o verde marido a hum tempo morta:
Assim Bolaõ, que vio a ultima lide
De Valinferno, e aberta a fria porta
Ao negro sangue, que das veas corre
Das feridas do irmaõ, primeiro morre.

LXXXVIII.

Porque quando a turbada vista erguia,
Entre as vascas da morte a Valinferno
Sobre suas armas sanguinosas via
Cuberto de huma sombra, e sono eterno,
Mais que o seu Fado o do irmaõ sentia,
Donde a alma indignada ao triste Averno
Irada desce, tendo o irmaõ defronte,
Carga pezada ao braço de Charonte.

LXXXIX.

Em quanto hum campo, e outro pelejava
Co'as fortes armas, de ambos taõ temidas,
E a fortuna, e esperança igual estava,
Perdendo tanto sangue, e tantas vidas:
Eis que huma grande nuvem se chegava,
Prenhe de rayos, e armas homicidas,
Grande soccorro, com que Alfeo chegára,
Que além do Tejo os largos campos ara.

XC.

Estes com novo ardor acometendo
Aos que de pelejar estaõ cansados,
Nos Gregos graõ destroço hiaõ fazendo,
Que o campo deixaõ já desordenados:
E de mortos hum alto monte erguendo,
De sangue correm rios derivados,
Quem foge, a vida tem mais arriscada
Nos pés do amigo, e na inimiga espada.

XCI.

Da batalha suspensa está a balança,
Que huns favorece Pallas, e outros Marte,
Hum mesmo temor frio, huma esperança
Em todos igualmente se reparte:
O escudo, o elmo, a malha, o peito, a lança
Jazem por terra de huma, e d'outra parte,
Que o perigo he commum, e igual o dano
No campo Grego, e campo Lusitano.

XCII.

As armas, que já foraõ taõ prezadas,
Pelo chaõ, como inuteis, e abatidas,
Perdida a luz, e o lustre, ensanguentadas,
Ao forte vencedor se vêm rendidas:
As que já foraõ ricas, e douradas,
Em pedaços se viaõ divididas,
Tudo o pó cobre, e o sangue, que onde alcança,
A nada deixa a antiga semelhança.

XCIII.

Bem como quando o Caõ celeste ardendo,
Pondo-se a caso fogo na montanha,
E o vento, que sibila, arde correndo
Vulcano abrazador com furia estranha,
Té os asperos penedos derretendo,
Sem se poder vencer força tamanha,
Com grave estrondo soa o monte erguido,
Em leve fumo, e cinza convertido:

XCIV.

Assim Leutaro vai, a quem seguiaõ
Geres, Arga, e Lanoso, contrastando
Os novos muros, onde concorriaõ,
Tudo o que achaõ diante atropellando:
De victoriosas vozes o ar enchiaõ,
Vaõ o campo das armas inundando,
Viraõ os Gregos as costas, naõ podendo
Soffrer na vista a luz de Marte horrendo.

XCV.

Assim correndo do empinado monte
Suas margens apenas cobre o rio,
E onde mais longe vai da antiga fonte,
Vai cobrando mais forças, e mais brio;
Erguendo os cornos da soberba fronte
Acomete o ceruleo senhorio,
Taõ inchado, e temido, e taõ ufano,
Que elle parece o mar, rio o Oceano.

XCVI.

Ulysses bravo vendo, que crescia
A corrente das armas, duro, e forte
Huns anima gritando, outros feria,
Sem que a pezada voz, e braço importe:
Larga estrada Lanoso fero abria,
E com elle Gerês, que de Mavorte
O valor imitava furibundo,
A quem pudéra ajoelhar-se o mundo.

XCVII.

Como resiste o monte á tempestade,
Que açoutado do mar ergue por cima
Das ondas a soberba immensidade,
E as iras de Neptuno em pouco estima:
Assim Leostenes entre a adversidade
Das duras armas, sem que o pezo o opprima,
Abre por ellas porta, e ao ar espalha
Elmo abolado, descosida malha.

XCVIII.

Creonte ao fero Lauso, que atrevido
Para elle insanamente se arrojava,
Tem a espada nos peitos escondido,
Donde sahindo a vida, a morte entrava:
Na espalda sahe a ponta, que o brunido
Aço na ardente purpura banhava,
Cae com ruido, e com mortal assombro,
Inclinando a cerviz no debil hombro.

XCIX.

A Salio, que a Leostenes se atrevia
Com descomposta lingua ousadamente,
Elle co'a forte espada respondia,
Que ir mais ávante as vozes naõ consente:
Quando para falar a boca abria,
C'o ar entrando a ponta juntamente,
Os caminhos da voz, e vida rompe,
Onde a vida co'as vozes lhe interrompe.

C.

Mataõ, destroçaõ, ferem, e naõ perdoaõ,
Os laços desatando a tanta vida,
Sobre elles lanças chovem, settas voaõ
Na batalha taõ aspera, e ferida:
Das feras massas feros golpes soaõ,
Cede a virtude, vendo-se opprimida,
E Ulysses, que as contrarias forças mede,
A mayor força, e á fortuna cede.

CI.

Via-se o Grego, e via maltratadas
As armas, que já apenas o cobriaõ,
De sangue seu, e alheyo rociadas,
Que os golpes do inimigo mal soffriaõ:
Na Cidade recolhe as espalhadas
Esquadras, onde os seus melhor podiaõ
Sobre o reparo de seus muros altos
Resistir aos durissimos assaltos.

CII.

Vendo Lanoso como a gente entrava
Na Cidade provando o braço duro,
Aos seus, que entrem com elles incitava,
Apertando no pulso o ferro puro:
Tereo bravo a porta lhe occupava,
Fazendo de homens vivos vivo muro,
E procurando entrar, acha diante
Leostenes, e Creonte, e o fero Atlante.

CIII.

Sae Anteo de furor nobre abrazado,
Huns matando co'a espada, outros ferindo,
Mincio o acompanha, e Sergio, que a seu lado
O chaõ de inuteis troncos vaõ cobrindo:
A Phylarco acomete, que affrontado
Contra Mincio o estoque sacudindo,
No lado esquerdo o mortal golpe emprega,
Que armas, e campo de seu sangue rega.

CIV.

Brama furioso, (e acha taõ leve a carga
Das armas, que desmente a força humana)
Qual soe, pizada, sibilar na larga
Praya arenosa a vibora Africana,
Ou leaõ que cravada vê na ilharga
A aguda setta, donde a vida mana,
Rugindo corre, e faz soar diante
As brenhas do Rifeo, ou fero Atlante.

CV.

Vai sobre Antheo, a que huma, e outra fonte
No sangue abrio a cortadora espada
Na perna, e logo na soberba fronte,
Que está de ardente purpura banhada:
Faz dous passos atraz, e onde o monte
Abre huma cova, cae sobre a pezada
Loriga, insta Phylarco por vingar-se,
Antes que Antheo pudésse levantar-se.

CVI.

Fartou a sede a espada no espumoso
Sangue, e qual cahindo o grave pinho,
Ruido excita o corpo portentoso,
Desamparando a alma o proprio ninho:
Sergio as costas virava temeroso,
Vendo logo atalhado este caminho,
Que pela espalda com mayor affronta,
Vio nos peitos sahir c'o sangue a ponta.

CVII.

Por outra parte Ulysses, defendendo
A entrada da Cidade, naõ descança,
Co'a hasta a hum lado, e a outro acometendo,
A todos faz temer seu braço, e lança:
Apartaõ-se os que o vêm, elle querendo
Emendar com graõ pressa esta tardança,
A Leuco fere, e a Polimio forte
Mete dentro do peito a fria morte.

CVIII.

Chega-se a Ulysses logo o forte Atlante,
Leostenes, e Tereo, Lizio, e Creonte,
E embraçando o escudo de diamante,
Cada hum ao imigo vai, que tem defronte:
Alpino vibra a espada rutilante,
Na testa a Lizio fere, que na fronte
Co'a maõ ao sangue acode, e diligente
Lhe prega a maõ na testa juntamente.

CIX.

Aos pés de Ulysses cae qual grande torre,
Nos braços elle o toma, e em fogos arde,
Porque via, que nelles Lizio morre,
Já cuida que a vingança chega tarde:
Irado contra Alpino Ulysses corre,
Alto gritando: Espera-me, cobarde:
Com tal furor com elle encontra, e cerra,
Que do encontro os joelhos põe por terra.

CX.

Mal levantado Alpino da cahida,
Já do escudo fortissimo cuberto
Golpes dobrava por deter a vida,
Que do apressado fim tinha taõ perto:
Corre Ulysses a espada, que escondida
Dava em seu peito á morte passo aberto,
Sahindo delle a alma vacillante
Em liquido coral, puro, espumante.

CXI.

Cahe o soberbo corpo resupino,
Banha a vista de morte, indo morrendo,
O inutil tronco do valente Alpino
Forbas arrasta, as armas recolhendo:
Fenix, e Clito o escudo de aço fino
Oppõem, o morto amigo defendendo,
Porém Ulysses, que em os vendo brada,
Faz das vozes trovaõ, rayos da espada.

CXII.

Forbas, que ao morto Alpino despojava,
Em quanto neste officio attento esteve,
A morte n'uma setta, que voava,
Lhe espalha a leve vida ao vento leve:
Vendo Ulysses o amigo, que espirava,
Com Clito, e Fenix pouco se deteve,
Que as cabeças de ferro guarnecidas
Lhes faz cahir nos hombros divididas.

CXIII.

Hum grande carro chega, onde o valente
Polimio grossas lanças atirando,
A huma, e outra parte o diligente
Carro movia, o campo atropellando:
Espera, lhe dizia, e a espada ardente
Bebia (a grande sede mitigando)
O sangue de Filon famoso auriga,
Que da maõ perde as redeas da quadriga.

CXIV.

Cae, e espanta os cavallos, que temendo
Tornaõ atraz c'o carro, que tiravaõ,
Quebrando as prizões fortes, e correndo
Em saltos todo o campo atravessavaõ:
Pollux a Ulysses sae ao campo ardendo,
Ambos para ferir se preparavaõ,
Vindo-se hum para o outro se topáraõ
Nas armas, e as espadas levantáraõ.

CXV.

E dando-lhe hum revez sobre o reparo
Lhe rompe o Grego o escudo, e logo a testa,
No cerebro banhava o fino, e claro
Aço da espada fervida, e funesta:
Foge de o ver o timido Leutaro,
Contra quem braço, e espada o Grego apresta,
Larga o escudo, e parte acelerado,
Mas ninguem por seus pés foge a seu fado.

CXVI.

Hum golpe pelas costas com tamanhas
Forças lhe deo, que abrindo a armadura,
Se viaõ palpitar dentro as entranhas
Cahindo morto sobre a terra dura:
C'um brado, que abalara altas montanhas,
Cuberta a vista de huma sombra escura,
A cabeça no peito, que anhelava,
Entre as vascas da morte reclinava.

CXVII.

Acodem logo alli Gerês, e Arga
Com Alcides, Acrisio, Alcimedonte,
A que parece breve a massa larga,
Que cada golpe seu partira hum monte:
Sente das almas nova, e grande carga
Em seu barco o tristissimo Charonte,
Que nos dous campos Marte á vencedora
Morte de tantas vidas fez senhora.

CXVIII.

Gorgoris entre tantô valeroso
Duas lanças fortissimas brandindo,
Se faz temer, seguindo-o vai Lanoso
De homens a terra exanimes cobrindo;
No ondado cabello, que ao formoso
Lucilo té os hombros encobrindo
Decoramente desce, a ensanguentada
Maõ esquerda revolve, erguendo a espada.

CXIX.

Do alto desce o golpe, que desata
A bella alma, ficando desunida
Da testa o ouro, do alvo collo a prata,
Na cabeça dos hombros dividida:
Era de Amintas filho, a quem a ingrata
Parca cortou do mesmo golpe a vida,
Estimado de todos geralmente,
Que era do rio Minio descendente.

CXX.

Aqui com nova força, e novo brio
Correr se via n'uma, e n'outra fonte
A purpura, que junta fórma hum rio,
E erguer de mortos sobre a porta hum monte:
Maronio bravo ao novo desafio
De dentro sae, sobre a arrugada fronte
Mertilo fere, a que a pezada massa
Nas armas até os ossos despedaça.

CXXI.

Aqui provas estranhas de seu braço
Faz o bravo Leostenes, que investindo
O inimigo se aparta hum largo espaço,
Por entre as armas graõ caminho abrindo:
Aqui Phylarco em vagaroso passo,
Indo-se retirando, e resistindo,
Os seus recolhe, que comsigo encerra,
E a pezar do inimigo as portas cerra.

ULYSSÉA.

CANTO DECIMO.

ARGUMENTO.

Reprende Jove aos Deoses, e querendo
Ver a batalha, desce ao monte Almata,
As esquadras do monte estava vendo
Que o Tejo cerca com lasciva prata:
Gorgoris com Ulysses combatendo,
O Grego vence, e de partir se trata.
A Pallas tendo o templo edificado,
Entrega a vela, e o pinho ao mar salgado.

1.

Na parte mais sublime, e levantada
Do estellifero Olympo omnipatente,
De assentos de cristal, e de ouro ornada,
Fala c'os Deoses Jupiter potente:
Com grande aspeito, e fronte carregada
Enojado os reprende asperamente,
Todos escutaõ, e elle o que sentia
(Tremendo o Ceo de ouvi-lo) lhe dizia:

II.

Naõ soffro, eternos Deoses, que se veja
No Ceo tal desconcerto, e indecencia,
Como entrardes com armas na peleja,
Fazendo vossa a humana competencia:
Deixai a emulaçaõ, e a baixa inveja,
Nos Ceos exercitai vossa potencia,
Ser forte hum Deos com homens he fraqueza,
Indigna acçaõ de altiva fortaleza.

III.

Esta ordem no Olympo se publique,
E quando algum dos Deoses soberanos
A quebrar, do alto Ceo privado fique,
Com pena eterna por eternos annos:
Que porque aos Deoses mais naõ communique,
Do Baratro abrazado os graves danos
Farei que sinta, para ser neste erro
Exemplo o desterrado, e o desterro.

IV.

Ouvem-no os Deoses, e nenhum responde,
Levanta-se, e do Olympo consagrado
Na dourada carroça sae, por onde
Das rodas d'ouro estava o Ceo trilhado:
Botaõ fogo os cavallos, e se esconde
Entre as nuvens o carro arrebatado,
Até a fronte ferir do monte Almata,
Que do Tejo rodea a crespa prata.

V.

Entre hum bosque no alto está encuberto,
E ambos os campos ante os olhos tinha,
Vê Ulysses discorrer de armas cuberto,
Que entre os seus animando-os se detinha:
Vê Gorgoris, que armado em campo aberto
Entre as esquadras Lusitanas vinha,
N'um campo, e n'outro os olhos apascenta,
Que alegre, e fera vista representa.

VI.

Já a noite escura, que confusamente
Nos bosques, e nos montes, que occupava,
A fera, e ave livre, e docemente
Na cova, e brando ninho agazalhava,
Fugindo vem do Sol, que do Oriente
Lanças de ardente luz arremessava,
E entre os bosquejos das suaves cores
Vem nascendo os primeiros resplandores.

VII.

Com mayor luz a Aurora o luminoso
Oriente com justo passo abria,
E o Sol claro mais puro, e mais formoso
Do que nunca nascera entaõ sahia;
Rasgando a noite o manto tenebroso,
Com nova luz os ares acendia;
Que por Jupiter ver esta peleja,
Novos rayos vestir o Sol deseja.

VIII.

Os estendidos campos vaõ cubrindo
Os esquadrões belligeros armados,
Embraçaõ escudos, lanças vaõ brandindo,
Scintillaõ puros ferros amolados:
Huns hiaõ feras massas esgrimindo,
Outros dos bravos arcos encurvados
Settas despedem; c'o rumor da gente
Se rompe o Ceo, e abysso juntamente.

IX.

Anima a fera tuba o grave alento,
Cujas vozes horrisonas soáraõ,
E sobre as pennas do ligeiro vento
Nas escuras cavernas se dobráraõ:
Arma, arma, repetia o som violento,
Arma, arma, logo os esquadrões gritáraõ;
Discordia semeava em toda a parte
A fera Previcacia irmã de Marte.

X.

Já co'as infestas armas pelejando,
A lança á lança oppõem, o peito ao peito,
Sobre as forças os animos provando,
Que aos olhos fazem bello, e duro objeito:
A hum a lança voa atravessando;
Outro c'o escudo em muitas partes feito
Naõ muda hum passo, e para o imigo corre,
Sobre seu sangue, e sobre as armas morre.

XI.

Assim de ambas as partes igualmente,
Sem o ardor declinar, se pelejava,
Depois que a Aurora abrira o Oriente,
E o claro Sol do seu zenit olhava:
E Juno, que do Grego os males sente,
Vendo que o chaõ de corpos inundava,
Porque naõ passe o dano mais ávante,
Determina falar ao graõ Tonante.

XII.

Gorgoris vê de novo soccorrido,
Via as mortes, que daõ Geres, e Arga,
O chaõ de tantas armas opprimido,
Chea de mortos a campanha larga:
Desce do Ceo no carro esclarecido,
Que aos seus pavões era ligeira carga,
Para ir ver o marido, e por move-lo
Compõe o bello rosto, e corpo bello.

XIII.

E no retrete mais secreto entrando,
Sobre o quicio gemia o pezo grave
Das portas de ouro, e de marfim voltando
A cristallina maõ com aurea chave,
Onde a formosa Deosa entra, e cerrando
O aposento, de hum oleo mais suave
Tetyameno, odorifero, e divino,
Unge o cabello, e o corpo peregrino.

XIV.

Já pelas ondas de ouro do cabello
Sulcava o barco de marfim brunido,
Diante quem sem côr fica amarello
O ouro de enfiado, e de corrido:
Hum delgado sendal, que o corpo bello
Por mais belleza esconde, traz vestido,
Que de hum grande carbunculo pendia,
De que o cothurno só fóra sahia.

XV.

Das lagrimas da Aurora o congelado
Orvalho a Juno dá graça infinita,
E postas a descuido no toucado
Outras pedras, que o Sol cada huma imita,
De prata hum véo por cima pôz delgado
De belleza taõ rara, e exquisita,
Que no ar do passeyo, e graça pura
Faz de novo formosa a formosura.

XVI.

De parte a Venus fala, e amorosa
Lhe diz: Agora, ó Acidalia, espero,
Que ainda que contra mim te vejo irosa,
Has de fazer o que pedir-te quero:
O' Hera, torna Venus, taõ formosa
Mulher, e irmã de Jupiter severo,
Todo o mandado teu sendo mais grave,
Me será além do gosto ley suave.

XVII.

Torna Juno com animo enganoso:
Empresta-me, formosa, e doce amiga,
Aquelle ardor, que acendes, amoroso,
Que os proprios Deoses a querer-se obriga,
Que Thetis, e o Océano famoso
Quero tornar á sua paz antiga,
Acabando o divorcio prolongado,
Que tanto tempo entre elles tem durado.

XVIII.

Devo-lhe grande amor, porque expellido
Das estrellas Saturno furibundo,
Da undosa Thetis o humido marido
Nas ondas me creou do mar profundo:
Se este divorcio duro, e taõ comprido
Vir acabar por tua industria o mundo,
Restituindo os dous á graça antiga,
Obrigada te fico além de amiga.

XIX.

Contra o respeito, e obrigaçaõ seria,
Lhe torna Venus, se isso te negára,
Que gozando de Ammon a companhia,
Dormes nos braços seus esposa cara:
Desata entaõ a cinta, onde trazia
Prezos, por obra peregrina, e rara,
Desejos, veneficios, e os ardores,
Lenocinios, blandicias, e os amores.

XX.

Dá-lhe o Ceston, dizendo: Aqui escondido
Está o poder mayor, de que me arreyo,
As forças invenciveis de Cupido,
Que Juno guarda no divino seyo:
Desce logo do Olympo esclarecido,
Os ares fende, e sobre Almata veyo,
Monte, que igual ás nuvens se levanta,
Dando a beijar ao Tejo a nobre planta.

XXI.

Do monte vai tomando huma subida
Entre o bosque que impede o Sol ardente,
Fazendo d'agua espelho, que impellida
Alli humilhava a tumida corrente:
Como o marido a vê, huma escondida
Flamma atear pelas medulas sente,
A causa lhe pergunta, por que vinha
Do alto Olympo á terra, onde caminha.

XXII.

A quem Juno responde com engano:
Desci por visitar a ultima terra,
Aonde mora Thetis, e o Oceano
Pay dos Deoses, que o grande Olympo encerra:
Soube que estavas, Jove soberano,
Logrando os brandos ares desta serra,
Venho a pedir licença confiada,
Que permittas, que faça esta jornada.

XXIII.

Como a darei, replica o graõ Tonante,
(E isto dizendo, a casta Juno abraça)
Se arder me sinto, como tenro amante,
No fogo, que me acende a tua graça?
Nunca a setta de amor taõ penetrante
Senti, qual esta o peito me traspassa,
Nem quando o mar sulquei mudado em touro,
Ou me fiz chuva, e brando orvalho de ouro.

XXIV.

Nem de Agenor a filha soberana,
Que Minos me creou, e Radamanto,
Nem Alcmena, nem Sebeles Thebana,
Nem Leda, ou Ceres me abrazáraõ tanto,
Nem Antiopa bella, e mais que humana,
Nem Calisto, de sua idade espanto,
Nem de ti finalmente, que já outra hora
Gozei, me vi taõ prezo como agora.

XXV.

Nos ares huma nuvem se dilata,
Que a vista ao claro Sol está impedindo,
Crescendo engrossa em circulos de prata,
Cheiro pelo ar suave despedindo:
Logo em puros chuveiros se desata,
Que em gotas suavissimas cahindo,
Deixa as hervas, e plantas levantadas,
De molle ambar, e ambrosia rociadas.

XXVI.

E porque a bella Juno agora via
Lugar, e hora a tudo accommodada,
Para alcançar de Jove o que queria
Lhe fala mais mimosa, e confiada:
Por esta nossa alegre companhia,
Se de mim cousa alguma hoje te agrada,
Huma quero pedir-te, e tudo espero,
Se igualas o que pódes c'o que quero.

XXVII.

Vejo Ulysses, Senhor, andar vagando
Por mares nunca de outrem navegados,
Do Egeo nas ondas, e Oceano errando,
Vencendo o vento, e mares empolados:
Agora pelo doce Tejo entrando,
Tem co'a Cidade os muros levantados,
Padecendo trabalhos infinitos,
Que em papel devem ser de bronze escritos.

XXVIII.

Gorgoris com prolixa, e dura guerra
O tem cercado, e com mortal estrago,
O valle humilde, e levantada serra
Se vêm feitos de sangue hum negro lago:
Nega-lhe o Fado o mar, nega-lhe a terra,
E eu, que os meus Gregos nestes olhos trago,
Co'as lagrimas, que em vaõ delles derramo,
Mostro o pouco, que posso, o muito, que amo.

XXIX.

Venceo os climas varios desta esfera,
Os casos da fortuna, a natureza,
Que de tanta importancia aos fados era
Fundar a altiva gente Portugueza:
E quando erguer a graõ Lisboa espera,
Das Cidades de Europa alta Princeza,
Por mar, que nunca de outrem foi cortado,
D'um clima n'outro vai, d'um n'outro fado.

XXX.

Peço-te agora, se comtigo valho,
Que se acabe taõ aspera peleja,
Tantas mortes crueis, tanto trabalho,
A males taõ sem fim seu fim se veja:
He bem que dês a tudo honesto atalho,
E por ti defendido Ulysses seja:
Mova-te, grande Anxuro, ao que te peço,
Que o merece a razaõ, se o naõ mereço.

XXXI.

Isto dizendo com suave affronta
Co'a maõ cobria a vista magoada,
Nadando em agua, que a sahir aponta
Para seu rogo achar facil entrada:
Quem naõ fará de taes extremos conta?
Lhe diz, tendo-a nos braços apertada,
Que huma lagrima tua a alma me rende,
Que saõ faiscas, com que amor me acende.

XXXII.

Para que possa ver-te hoje contente,
Cesse a contenda taõ ferida, e brava,
Vejamos o que o Fado nos consente,
E o que por elle decretado estava:
Logo toma na maõ omnipotente
Huma aurea balança, onde pezava
De ambos a vida, e fado, assim reparte
Igual o pezo n'uma, e n'outra parte.

XXXIII.

Na maõ se vê a balança levantada,
Onde os fados, e as mortes suspendia,
De Gorgoris a sorte mais pezada
(Subindo a outra ao alto) ao chaõ descia:
Vendo alli sua morte declarada,
Toa hum trovaõ no Ceo, donde sahia
Sobre o estendido campo hum grande rayo,
Que aos Lusitanos deo mortal desmayo.

XXXIV.

Os cavallos, dos rayos offendidos,
Amedrontados para traz corrêraõ,
Arga, e Geres da grave luz feridos,
Já co'as armas os olhos suspendêraõ:
De pavor atalhados, e impedidos
Os soldados, co'a vista naõ puderaõ
Soffrer a luz medonha, que mostrava
O Ceo, que sobre os campos fuzilava.

XXXV.

Tremem todos do caso inopinado,
Arriça-se o cabello ao mais valente,
O coraçaõ tremendo bate o lado,
E os extremos occupa o frio urgente:
Foge do rosto a côr, e o congelado
Sangue se faz de neve, sendo ardente,
Todos perdem valor, todos o brio,
A que segue hum suor mortal, e frio.

XXXVI.

Juno alegre os joelhos põe por terra,
Do marido o favor alto agradece,
Hoje, diz elle, a prolongada guerra
Em tuas bellas mãos, Deosa, fenece:
Cresça a nova Lisboa, em quem se encerra
A esperança do Ceo, que nella cresce:
Deixaõ do monte o cume levantado,
Que o nome antigo em pouco tem mudado.

XXXVII.

No graõ carro de Jupiter subiaõ,
Que do Senhor o grave pezo sente,
Do Olympo se abre a porta, onde se viaõ
As horas assistir perpetuamente:
Na grande sala entrando, onde luziaõ
Varios assentos, Jupiter potente
No mais alto lugar do Ceo subia,
Que com seu grande pezo estremecia.

XXXVIII.

Estando os Lusitanos temerosos,
Na apertada Cidade recolhidos,
Alli os Gregos instavaõ victoriosos
Com rebates, com gritos, e alaridos:
Ulysses chega ao muro, e dos nervosos
Braços os fortes dardos despedidos,
Por cima voaõ dos guardados muros,
Aonde elles se tem por mal seguros.

XXXIX.

A Gorgoris Ulysses desafia,
Que a singular batalha a campo saya,
Ou corpo a corpo, ou traga companhia,
Qual na eleiçaõ, ou qual na sorte caya:
Elle aceitava, e já se apercebia,
Por lança empunha o tronco de huma faya,
Lanoso de armas fortes se guarnece,
Com elle ao risco, e morte se offerece.

XL.

Pallas, que assiste a Ulysses soberano,
Para que armas fortissimas levasse,
Ao centro desce, e alcança de Vulcano,
Que o elmo, peito, e escudo lhe forjasse,
Onde do novo Imperio Lusitano
O nascimento illustre declarasse,
Dando com muda, e eloquente historia
Breves sinaes da Portugueza gloria.

XLI.

Obedecendo a seu divino rogo,
Vulcano a obra ordena, e na abrazada
Officina desperta as chammas logo,
E aos valentes Cyclopes chama, e brada:
A massa co'a tenaz volve no fogo
A maõ já do martello calejada,
Ferruginea he a côr, rosto tostado,
De sulcos profundissimos lavrado.

XLII.

Já Brontes, e Pyracmon revolviaõ
Huma grande bigorna, que diante
Assentaõ, e sobre ella se estendiaõ
As veas de ouro fino, e de diamante:
As cavernas altissimas mugiaõ,
Ao som de hum golpe, e d'outro penetrante,
Elle os metaes no fogo intenso acende,
Que na bigorna em laminas estende.

XLIII.

Com graõ furor os braços levantados
Na incude sonora hiaõ batendo,
Que em horrenda harmonia concertados
Vaõ huns golpes a outros succedendo:
Das faiscas os ares abrazados
Em roda estavaõ, ao metal ardendo
No cháos do fogo, onde se inflammava,
Esp'ritos infundia, e fórmas dava.

XLIV.

Pallas a vista estava apascentando
Nas obras do alto tecto penduradas,
Nos peitos, que Vulcano hia lavrando,
Armas a heroes divinos fabricadas,
Humas pulindo vai, outras forjando,
N'outra parte com azas inflammadas
Os rayos via, com que o soberano
Jove abrazara os filhos de Titano.

XLV.

Via da bella Cynthia o dardo agudo,
Do bravo Alcides o bastaõ pezado,
De Perseo o elmo, e rutilante escudo,
De venenosas serpes coroado,
A fouce de Saturno aspero, e rudo,
Da verde Ceres o fecundo arado,
De Neptuno, e Plutaõ via pendente
Junto ao Tridente azul ferreo bidente.

XLVI.

De ouro, e de bronze as trompas eminentes,
Com que em remotos mares, e Cidades
A Fama sobre as azas diligentes
Ora incertezas leva, ora verdades,
Os grilhões, e fortissimas correntes,
Onde Eolo prende as feras tempestades,
E n'outra parte pendurada estava
Do amor, e morte a ardente, e fria aljava.

XLVII.

Forja Vulcanó as armas, e com ellas
O fortissimo escudo, onde se viaõ
De ouro varias figuras, que de vê-las
Cegava a clara luz, que despediaõ:
O elmo, a gola, os braçaes, as escarcellas
Entre si nos lavores respondiaõ,
E o que nellas de Lemno o fabro imprime,
Com alma viva o metal mudo exprime.

XLVIII.

No mais alto do escudo torreada
Lisboa estava, aos seculos futuros
Dando leys, sobre as margens assentada
Do Tejo, que a rodea em cristaes puros,
Onde na vea clara, e socegada
Fórma immortal traslado de seus muros,
E em cujos campos pasce o verde feno
O cavallo do perfido Agareno.

XLIX.

Logo estava em figuras relevadas
O grande Affonso, em quem o Çeo encerra
O valor grande, as forças estremadas,
Com que prosigue a sanguinosa guerra,
Que com fortes esquadras ordenadas
Vem conquistar a Lusitana terra,
Dando por preço o sangue, que derrama,
Para estender a vida pela fama.

L.

Vestido o arnez dourado, e rutilante,
Só o formoso rosto desarmado,
Aprazivel, e grave no semblante
As suas hostes animava armado:
Ao muro punha escadas, e diante
De todos com esforço naõ domado
Subia a ver o Mouro, que o recebe
C'o alfange nú, que tanto sangue bebe.

LI.

N'outra parte c'o ariete tentavaõ
As fortes portas, n'outra victoriosos
Pelas torres bandeiras arvoravaõ
Por trofeos de victoria gloriosos,
N'outra do muro abaixo despenhavaõ
Os que tentaõ subir mais animosos,
E as figuras, que o escudo guarneciaõ,
Parece que falavaõ, e que sentiaõ.

LII.

Via-se o grande Affonso, que cingia
De louro a testa, e entre seus soldados
Da batalha os despojos repartia,
Com seu sangue adquiridos, e comprados:
Justas leys dava aos povos, que regia,
Com temor naõ, mas com amor domados;
Que saõ as leys o mayor bem da terra,
Armando a branda paz, ornando a guerra.

LIII.

Via-se n'outra parte debuxada
Com singular affecto da escultura,
Affrontando a Lisboa a grande armada,
Prenhe de armas, de fogo, e guerra dura,
Aonde os muros seus com maõ armada
A Castelhana gente entrar procura,
E Dom Nuno Alvres só, forte, e constante
Resiste a tudo, a tudo está diante.

LIV.

Entre muitos vibrava a generosa
Espada, onde cortava muitas vidas,
Purpureando a praya sanguinosa
De graõ copia do sangue das feridas:
Turbado está porém na perigosa
Peleja, e das espadas homicidas
Descem os graves golpes, que as pezadas
Armas tem por mil partes aboladas.

LV.

N'outra parte a escultura representa
Huma grande batalha, onde se via
Que a gente Portugueza se apresenta
Contra a que em grande número excedia:
Com desigual partido se sustenta,
Té que, trocando em medo a ousadia,
O Castelhano foge profligado
Do inimigo, a vence-lo acostumado.

LVI.

Alli o Mestre de Aviz está abraçando
Ao soldado, que a facha lhe tomava,
E a affronta recebida compensando,
A mesma affronta com seu sangue lava:
E por vingar-se o campo atravessando,
Té render o inimigo naõ parava,
Entregando por mais honrosa preza
A bandeira Hespanhola á Portugueza.

LVII.

Pallas ao Grego as armas offerece,
Que de Lemnos o insigne fabro obrara,
Elle vendo-as se admira, e lhe parece
Alta fadiga, e de lavores rara:
Veste-se, e armado nellas resplandece;
Cercado de huma luz ardente, e clara,
Fazendo assim temer-se, que naõ parte
Da quinta esfera mais armado Marte.

LVIII.

Ulysses, e Creonte ao campo vinhaõ
Vestidos ambos de armas excellentes,
Tremolaõ as bandeiras, com que tinhaõ
Cuberto o campo os Capitães valentes:
Fazem os juramentos, que convinhaõ,
Descobre o frio os animos ardentes;
Gorgoris n'um altar, que a Jove erguia,
Tres vezes beija a terra, e lhe dizia:

LIX.

Eterno Ammon, que sendo acometido
Da humana insania o cristallino muro,
Vibraste os rayos, com que foi ferido
Briareo em seus braços mal seguro:
Deste fero inimigo perseguido
Defender-me offendido só procuro,
De ti aprendo a defender na guerra,
Qual tu o proprio Ceo, a propria terra.

LX.

Ulysses neste tempo está prostrado
A Jupiter dizendo: O' soberano
Senhor, por quem nos mares arrojado
Venci soberbas ondas do Oceano,
Por ti tenho Lisboa levantado,
A obra he tua só; que braço humano
Naõ póde tanto: espero que se veja
Que tudo acaba quem por ti peleja.

LXI.

Apercebidos ao combate duro,
A dividida praça ambos tomavaõ,
Do campo armado, e do soberbo muro
Com grande suspensaõ todos olhavaõ:
Calypso, e a cara mãy, que o mal seguro
Duello afflige, tristes lamentavaõ:
Já promessas a Jupiter faziaõ,
Com que a vida, que amavaõ, lhe pediaõ.

LXII.

Co'a mãy triste Calypso triste estava,
Que o que sente guardava só comsigo,
O perigo do pay a acobardava,
E igualmente temia o do inimigo:
A razaõ de huma parte a obrigava,
O amor a obriga, e mete em mór perigo,
E entre as forças do amor, e do receyo
Menos sente seu mal, que o mal alheyo.

LXIII.

Que dura condiçaõ a em que me vejo,
Calypso diz, cansada, e affligida,
Pois amo a semrazaõ de meu desejo,
Porque em perder a vida tenho a vida:
Que vença o grande Gorgoris desejo,
E das armas do Grego estou rendida.
Aonde a vida posso ter segura,
Se eu contra mim dou armas á ventura?

LXIV.

Se vence Ulysses, vejo desta sorte
Sem vida o pay, sem Rey a propria terra;
Se elle vencesse, vejo minha morte;
Acho esta guerra paz, esta paz guerra:
Hum fraco coraçaõ em mal taõ forte
Que poderá seguir, pois em tudo erra,
Em que incerta balança a vida tenho,
Pois onde a viver vou, a morrer venho.

LXV.

Se a Gorgoris victoria a sorte désse,
Este erro, ou este amor, que está encuberto,
Se por alguma via se rompesse,
Que me custasse a vida era mui certo:
Remedio, amor; que a alma desfalece;
Que naõ sei onde erro, ou onde acerto;
Guiai, Fados, o caso, e vós prestantes
Deidades, que ajudais tristes amantes.

LXVI.

Vem neste tempo a praça atravessando
O grande Ulysses, no hombro vai movendo
A lança, que brandia scintillando;
Da planta o chaõ batido está tremendo:
C'o graõ rumor das armas excitando,
Nos que de fóra o vêm, pavor horrendo:
O escudo Leostenes lhe trazia,
E em continente airoso elle o seguia.

LXVII.

Gorgoris d'outra parte alto, e membrudo,
Que na estatura iguala a hum graõ gigante,
De laminas cuberto, a quem o escudo
O soberbo Alcion leva diante,
Por lança hum grande tronco, que o agudo
Ferro largo guarnece rutilante;
No elmo ardente sobe a pluma toda,
Que açouta o ar co'a peregrina roda.

LXVIII.

Lanoso com Creonte em igual passo
As lanças empunhavaõ como antenas,
Em cujas forças, e robusto braço
Ficaõ taõ leves, como leves pennas:
Lançaõ rayos de fogo os peitos de aço,
Entre as plumagens grandes, e pequenas
Scintilla o elmo, a espaços bem lavrado,
Cae-lhe do hombro o curvo alfange ao lado.

LXIX.

As bandeiras no ar suave, e puro
Vaõ ondeando, as roucas tubas soaõ,
As almas suspendia hum bravo, e duro
Horror das armas, com que o campo atroaõ:
Já com braço, com animo seguro
Lanças arrojaõ, que apressadas voaõ;
A receber o ferro, que caminha,
Cada qual prompta a vista, e escudo tinha.

LXX.

Já Gorgoris c'o braço levantado
A lança despedia, e naõ podendo
Ir ávante, do ferro atravessado
Se vê o escudo, e delle está pendendo:
Quando a lança de Ulysses o delgado
Ar com azas ligeiras sae rompendo,
O escudo morde, e resvalando toca
A plumagem, que a serpe tem na boca.

LXXI.

Deraõ no campo os Gregos grande grita,
E com applauso o golpe alto seguíraõ,
As espadas nas mãos com infinita
Colera hum contra o outro a hum tempo giraõ:
Lanoso, e o graõ Creonte, a quem incita
Grande furor, as lanças já se atiraõ;
Erraõ o golpe as hastas carregadas,
E as mãos punhaõ nas férvidas espadas.

LXXII.

Aos feros combatentes a ferida
Batalha tinha posto em grande aperto,
Botadas as espadas, e a temida
Fortuna de ambos n'um estado incerto:
A armadura fortissima partida
Por mil partes, o forte escudo aberto,
Mostraõ o armado corpo desarmado,
E o chaõ de plumas, e armas semeado.

LXXIII.

Talhos, revezes tiraõ taõ pezados,
Que acertando no corpo, ou alta fronte,
Naõ bastaõ armas, e elmos temperados,
Que fender cada qual pudéra hum monte:
Vêm-se juntos agora, e já apartados,
Sem que o esforço, ou a destreza monte
Para naõ serem as armas esparzidas
Do sangue alheyo, e proprio das feridas.

LXXIV.

Naõ faz taõ grande estrondo o carregado
Ariete co'a testa alta batendo,
Nem o soberbo vento, quando irado
Os matos, e arvoredos vai rompendo,
Nem o mar, em seu leito levantado,
Contra o penhasco o collo azul erguendo,
Como a graõ tempestade, que cahia,
Que os escudos fortissimos batia.

LXXV.

Gorgoris no alto a espada levantando,
Mete Ulysses o corpo, o braço estende,
A ao fero golpe o braço, e escudo dando,
O do inimigo pelo pulso prende:
Gorgoris por soltar-se trabalhando
Faz grande força, a tudo o Grego attende,
N'uma ilharga, que está menos armada,
Mete com todo o braço toda a espada.

LXXVI.

Deixando as armas Gorgoris afferra
Nos braços a Ulysses duro, e forte,
Começaõ ambos outra nova guerra,
Onde procuraõ melhorar a sorte:
Quando Alcides o filho ergueo da terra
Nos braços, onde teve honrada morte,
Naõ fez tal força, porque nestas lides
Ambos desejaõ parecer Alcides.

LXXVII.

Assi apertados nestes duros laços,
O negro sangue, e o suor vertendo,
C'os pés se fazem forças, e nos braços
Hum do outro cahio com golpe horrendo:
Qual do alto cae fazendo-se pedaços
Antiga, e dura enzina, naõ podendo
A' furia resistir, e movimento,
Com que lutando está c'o bravo vento.

LXXVIII.

Gorgoris mal ferido está banhando
Com espumoso sangue a terra fria,
Alli as forças ultimas provando,
Por melhorar-se o corpo revolvia:
Astrea, que co'a morte o vê lutando,
Calypso, que esta dôr melhor soffria,
Sustentava nos braços desmayada,
Que aonde ha dôr póde escusar-se espada.

LXXIX.

Prova de novo a erguer-se, e naõ podendo,
Co'a graõ força, que faz, abre a ferida,
Sangue, e alento cada hora vai perdendo,
Tendo chegado ao ultimo da vida:
Ulysses, que o vê tal, naõ lho soffrendo
A alma de seu mal enternecida,
Lhe roga, que se renda, e se retira,
Ao que elle respondia ardendo em ira:

LXXX.

O' inimigo, agora só inimigo,
Pois pedes, que me renda a tua fortuna,
Usa da sorte, que ella usou comtigo,
Que achaste favoravel, e opportuna;
Que eu naõ te temo a ti, nem o perigo
Da vida, que me aggrava, e me importuna:
E entaõ com novo ardor se ergue da terra,
E com ambas as mãos a espada afferra.

LXXXI.

Posto que fraco, e debil se animava,
Sobre a cabeça a alta espada erguia,
E dando o ultimo golpe se prostrava,
E sobre as armas sem vigor cahia:
As feridas abertas dilatava,
Donde o sangue com mór furor corria,
Qual na véla se vê, que o debil fogo
Para viver esforça, e morre logo.

LXXXII.

Cahio, e junto delle a propria espada,
Debil, exangue, os olhos occupando
A eterna sombra, a vista carregada
Em agua, e morte, sem vigor nadando,
Té que a alma ferida, e desatada,
Os membros, que animou, desamparando,
Foge, a par delle o Grego taõ ferido
Fica, que he vencedor quasi vencido.

LXXXIII.

Assim do alto cae o rayo adusto
No antigo roble, ou pinho, que provado
Tem de Boreas, e de Euro o sopro injusto,
E os cabellos mil vezes renovado;
Cae o tronco no chaõ grave, e robusto,
E morto fuma exanime prostrado,
Tal Gorgoris se vê, que da cahida
Deitando a alma está pela ferida.

LXXXIV.

Creonte neste tempo, e o graõ Lanoso
As pezadas espadas levantando,
Hum estrondo excitavaõ temeroso,
As fortes armas, e elmos abolando:
Naõ póde achar-se peito taõ nervoso,
Nem forte escudo, que naõ seja brando
Aos fortissimos golpes das espadas
Feitas nos fios serras de embotadas.

LXXXV.

Quando Creonte, que ferido andava
No rosto, e da ferida lhe corria
Grande copia de sangue, ajoelhava,
E sem poder soster-se, o chaõ media:
Vai sobre elle Lanoso, a quem gritava
Ulysses: Tem te, ó barbaro, dizia;
Porém por mais que a defende-lo corre,
Quando os braços lhe dá, nelles lhe morre.

LXXXVI.

Espera, lhe diz, barbaro insolente,
Que nesta espada levo o teu castigo,
Naõ te matou Creonte, porque sente,
Que a seu lado me tinha aqui comsigo:
Tu, que me buscas taõ insanamente,
Aqui tens, diz Lanoso, o mór perigo,
Que nesta espada, perfido homicida,
Me pagarás de Gorgoris a vida.

LXXXVII.

Começaõ os dous mestres da batalha
Outra nova peleja inda mais dura,
De ponta hum mete a espada, outro trabalha
Por desfazer a debil armadura:
Hum rompe o escudo, o outro abre a malha,
Senhora está das vidas a ventura,
A Ulysses causa affronta, e move a espanto
Como Lanoso em pé lhe dura tanto.

LXXXVIII.

De honroso fogo, e de vergonha acezo
Lançando atraz o escudo, nas mãos toma
A forte espada, que c'o grave pezo
O orgulhoso inimigo abate, e doma:
Elle, que a morte trata com desprezo,
Vendo, que hum golpe cae, e que outro assoma,
Pelos fios corria, que despreza
O inimigo, a vida, e a defeza.

LXXXIX.

Porém o Grego astuto, vendo a pressa
Com que Lanoso a elle se arrojava,
Retirando-se vai, sem que pareça,
Que provar-se em seus braços receava:
E neste mesmo tempo lhe atravessa
Com mortal ponta a testa, que banhava
De cerebros, e sangue, que fervente
A boca occupa, e lingua balbuciente.

XC.

Sobre as armas cahio, sobre elle o escudo,
Que com o golpe altissimo soáraõ,
E ao robusto tronco, alto, e membrudo
Os vencedores Gregos despojáraõ:
Os Lusitanos com silencio mudo
O corpo de seu Rey morto cercáraõ,
Alli choraõ com elle, e desta sorte
Sentem sua curta vida, e triste morte.

XCI.

Triste, porque o amigo morto via,
Estava o Grego, e em tanto se tocavaõ
As trompas, cuja voz se repetia
Nos montes, que á victoria applauso davaõ:
Entra a nova Lisboa, onde crescia
A esperança, que os fados levantavaõ,
A quem Ulysses, por quem foi fundada,
Primeiro de seu sangue vio regada.

XCII.

Prodigio certo, que inda o Fado espera,
Que nesta terra, e neste immortal ninho
Nascerá gente bellicosa, e fera,
Que rompa todo o mar co' alado pinho,
E passando os limites da alta esfera,
Além donde tem Febo seu caminho,
Verá seu grande Imperio dilatado,
C'o sangue de suas veas derramado.

XCIII.

Os Lusitanos a seu Rey em tanto
Hum triste andor, chorando, apercebiaõ,
Elles detraz com saudoso pranto,
Enchendo o ar de magoas, o seguiaõ:
Logo de hum negro, e enlutado manto
No andor funesto a Gorgoris cubriaõ,
Para a triste Cidade o vaõ levando,
Com lagrimas o morto corpo honrando.

XCIV.

Levaõ-lhe diante o estoque agudo,
E as proprias armas, com que andava armado,
O elmo forte, e rutilante escudo,
Ainda de fresco sangue rociado:
Hum trofeo erguem, que era exemplo mudo
De obras de suas mãos vivo traslado,
A longa ordem dos lumes o comprido
Caminho abraza, em partes dividido.

XCV.

Astrea alli co'a vista mal segura,
Em saudoso pranto desfalece,
Cresce c'o pranto a dôr, e em dôr taõ dura
Falta o sentido, e o sentimento crece:
E quando vê eclipsada a formosura,
Que com a eterna sombra se escurece,
C'um suspirar, que d'alma lhe sahia,
Cega de amor, e lagrimas dizia:

XCVI.

Querido esposo, com razaõ querido,
Primeiro amor desta alma, ultimo della,
Pois n'alma por amor viveste unido,
Morto agora terás sepulcro nella:
A dôr de contemplar-te assim ferido
Já me matou, entrando a padece-la,
Pois vivo em vivo fogo, e pranto vivo,
Que a dôr só vive em mim, que eu já naõ vivo.

XCVII.

Cobre o Ceo de teu rosto sombra escura,
E he tal sua belleza, que inda agora
O ar daquella antiga formosura,
Que morou em teu rosto, nelle mora:
O' corpo triste, ó amavel sepultura,
Cuja vista offendendo assim namora,
Vivo autor desta vida, a quem a sorte
Morto fez novo autor de minha morte.

XCVIII.

Voas á paz segura, e nesta guerra
Me deixas, taõ amado, e doce amigo,
Minhas saudades lá comtigo encerra,
E o meu primeiro amor guarda comtigo:
Comtigo me será mais leve a terra,
Suave a morte, e gloria o mór perigo,
E se vivo a pezar da Parca dura,
Viva entrarei na mesma sepultura.

XCIX.

Calypso em tanto a Ulysses victorioso
Com seu filho nos braços se offerecia,
Qual depois da tormenta o Sol formoso
Traz nos braços da Aurora o novo dia:
Nelles a espera Ulysses amoroso,
E hum retrato da mãy no filho via,
Menos graça que os dous alli tivera
C'o bello filho a Deosa de Cythera.

C.

Da Cidade a muralha levantada
Vai-se aperfeiçoando, e vai crescendo,
A que o Tejo com vea socegada
Obedece, mais brando alli correndo:
Sobre huma, e outra porta torreada
Vaõ ameas ás nuvens excedendo,
Quer Ulysses partir-se, e se recrea
Em trabalhar nos muros de Ulyssea.

CI.

Calypso, que o suspeita tristemente,
De visões, e de sonhos perseguida,
Em lagrimas distilla a dôr, que sente,
Qual cae da serra a neve derretida:
Huma criada sua tem presente,
Que procurando vê-la divertida,
Sendo-lhe em suas penas companheira,
Lhe diz, pela abrandar, desta maneira:

CII.

Naõ permittirá o Ceo, alta Princeza,
Que seja verdadeiro o teu cuidado,
Que os sonhos saõ effeitos da tristeza,
Nuvens, de que o ceo d'alma anda toldado:
Naõ offendas, Senhora, essa belleza,
Affrontando teu rosto delicado,
Que dessa vista he a luz taõ poderosa,
Que até a mesma tristeza faz formosa.

CIII.

Como do Sol os rayos transparentes,
Quando entraõ no mar de luz escaços,
Fórmaõ nas nuvens corpos differentes,
Castellos, e gigantes de cem braços,
Onde aquellas imagens apparentes
O Sol c'os rayos atravessa a espaços,
As formas muda, e com eterno lume
Humas de si aparta, outras consume:

CIV.

Assi o cuidado triste, a que te entregas,
Esses castellos vãos ergue no vento,
Crendo as leves visões, tristes, e cegas,
Que saõ filhas do ar sem fundamento:
Se a saber a certeza agora chegas,
Com socegado, e livre pensamento,
Verás, que tudo quanto te entristece
Como huma sombra ao Sol desapparece.

CV.

Vendo Ulysses, que o muro se acabava,
E o tempo de partir se vem chegando,
As saudades c'os olhos lhe contava,
De sua grave dòr effeito brando:
Qual Vesuvio seu peito se abrazava,
Com suspiros os ares inflammando;
Fala a Calypso, e mal falar podia,
Que as palavras co'as lagrimas rompia.

CVI.

Quem poderá em taõ duro apartamento,
Obedecendo ás forças do destino,
Esconder dentro n'alma o sentimento,
Que em furor se converte, e desatino:
Se me partir, cá fica o pensamento,
Que eu estimo, e adoro por divino;
Dura partida he esta, aonde a vida
Para acabar-me ha de acabar partida.

CVII.

A fortuna cruel, que me desterra,
Em cansar-me naõ faz nunca mudança;
No mar os ventos me fizeraõ guerra,
Sem nunca achar alivio, ou ter bonança:
Os perigos do mar achei na terra,
D'outra tormenta nova semelhança,
Aberta a alma ao pezo dos pezares,
Vento os suspiros, os meus olhos mares.

CVIII.

Levarei na minha alma a tua idea,
Cuja vista suave a dôr me abranda,
Que me faz parecer a morte fea,
Sendo fea, e cruel, alegre, e branda:
Nestes affectos a saudosa vea
Brandos sinaes de amor aos olhos manda
Nas lagrimas de fogo, que derramo,
Onde sempre arderei, como sempre amo.

CIX.

De ouvi-lo está Calypso amortecida,
Maltratando seu rosto, e sua belleza,
Chorando diz: Porque me deixa vida
Quem leva o gosto della, e me despreza?
Bem suspeitada foi, mal merecida
Esta pezada dôr, que tanto peza!
O' morte, donde estás? tu me soccorre,
Que quem ama, só acerta quando morre.

CX.

Arrancava huma maõ, outra feria
Os cabellos, e rosto, e a brandura
Do alvo peito aos golpes off'recia
A maltratada, e rara formosura:
Quer falar, mas a pena lho impedia,
Pegando-se nas fauces a voz pura;
Queixava-se, e do justo sentimento
Amor o pranto leva, a queixa o vento.

CXI.

Chorando diz: O' ingrato, que nas trevas
Desta ausencia me deixas sepultada,
Deixa-me a melhor parte, que me levas,
Ou leva esta, que deixas apartada:
Naõ te obrigo c'o amor, porque mo devas,
Que de quem me deixou naõ fui amada,
Por mulher só, que te amo, e assim deixas,
Pódem ser admittidas minhas queixas.

CXII.

Foges-me quando tanto amor te tive,
E destes filhos, que te iraõ seguindo,
Elles morraõ por ti, tu Ulysses vive,
Olha de que inimigos vás fugindo:
Quaõ enganada n'outro tempo estive,
Que me amavas (ah triste!) presumindo,
Tua partida agora me declara
O engano, em que vivi, que naõ passara.

CXIII.

Aqui parou chorando amargamente,
E mostrando na vista mil affeitos
Dizia: Que! me deixas finalmente?
Nisto saõ fortes os valentes peitos.
Deixas-me, porque chore estando ausente,
Noites viuvas, dias imperfeitos:
Vieste, amigo Ulysses, a esta terra
Fazer-me Troya de amorosa guerra.

CXIV.

A's torres de minha alma assaltos deraõ
Desejos invenciveis, a que o Fado
Dobrou a força, com que me vencêraõ,
E o Ilion desta alma vi abrazado:
Novos incendios em meu peito ardêraõ,
Quando da liberdade vi prostrado
O nobre muro, e apoz a ardente chamma
Vi a saco metida a propria fama.

CXV.

Com que honra has de deixar-me rodeada
Destes filhos, que tu quizeste tanto,
Triste mãy, que com elles abraçada
Enxugará o seu pranto c'o seu pranto?
Deixando-me entre os meus taõ desprezada,
Que na esperança do Hymineo santo
Meus erros desculpava a rude gente,
Quem me desculpará vendo-te ausente?

CXVI.

Permitte, ingrato amigo, que te siga,
Ir-te-hei servindo em toda a adversidade,
Se como amiga naõ, como inimiga
Triunfarás de minha liberdade:
Quando vistas o peito, e a loriga
Para a batalha com mayor vontade,
Verás que de diante me naõ mudo,
Levando-te o escudo, e sendo escudo.

CXVII.

Toma-lhe entaõ a maõ para beija-la,
Sem mais dizer, que sua doce magoa
Lhe interrompe as palavras quando fala,
Enchendo a alma de fogo, e os olhos d'agoa:
Diz muito mais Ulysses no que cala,
Mais acendem suas lagrimas a fragoa
De Amor; Calypso chora, e tem nos braços
Os filhos seus, que d'alma saõ pedaços.

CXVIII.

Entaõ lhe torna: O' minha doce amiga,
Que a dôr fazes mortal desta partida,
Naõ me esquece a affeiçaõ suave antiga,
Para folgar de ver-te assi offendida:
Que tu naõ pódes ser minha inimiga,
Nem serva, merecendo ser servida
Desta alma, aonde vives, e onde agora
Como em templo de amor a fé te adora.

CXIX.

Tuas lembranças dentro n'alma levo,
Se alma leva comsigo quem se parte!
Ir-me Jupiter manda, e naõ me atrevo
Deter-me, que o meu gosto era agradar-te:
Naõ me póde esquecer o que te devo,
No mar, na terra, e no furor de Marte,
Tua memoria doce, e namorada
Em minha alma saudosa irá cravada.

CXX.

Descendo á praya, o lenho fugitivo
Calypso vendo, alli suspira, e chora,
Segue a morta esperança hum pranto vivo,
Que a mesma causa de seu mal adora:
Mas os suspiros leva o vento esquivo,
As lagrimas, que saem dos olhos fóra,
O mar surdo bebia, em cujo extremo
Se apresta a ingrata vela, e ingrato remo.

CXXI.

Eclipsada da vista a formosura,
Seu proprio rosto fere impaciente,
Esparze o ouro da madeixa pura,
E o peito bate com furor vehemente:
A voz solta gritando, que procura,
Que mova a quem amava, a dôr, que sente,
E o mar, quando nas prayas se quebrava,
Parece que do caso murmurava.

CXXII.

Vai-te, dizia, Grego, e com mais pennas
Euro veloz o ar, e o mar abrindo,
Dê favoravel curso a essas antenas,
E prospero te vá sempre seguindo:
Eu entre a dôr, e males, que me ordenas,
Teu nome, e minhas magoas repetindo,
Queixando-me estarei, ao Ceo, e estrellas
Contando os ma les meus, que saõ mais que ellas.

CXXIII.

Deixa-me, ingrato Grego, a crua espada
Do meu paternal sangue já tingida,
Para que morra ao menos consolada,
Se em seus fios cortar o desta vida:
Devias de entender, que era escusada,
Pois bastava esta dôr para homicida,
Procuraste matar-me desta sorte,
Fazendo eterna, e immortal a morte.

CXXIV.

O' mar, ó Ceo, que as glorias fugitivas
Vistes do meu primeiro pensamento,
A vós co'a voz de lagrimas esquivas
Se queixa dando vozes meu tormento:
Vós, penedos, que testemunhas vivas
Sois das horas de meu contentamento,
Montes, onde espalhei saudades tristes,
Bosques, que meus segredos encubristes:

CXXV.

A vós em vaõ me queixo, e o mar irado,
E irado vento em vaõ mover procuro,
Mar surdo, e surdo vento, que alterado
Açouta este rochedo aspero, e duro:
Aqui do debil laço desatado
Meu esp'rito este mar, e este ar mais puro
Ha de turbar, ó ingrato, lhe dizia,
E o éco, ó ingrato, ó ingrato, repetia.

CXXVI.

Huma montanha, e serra inhabitada
Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
Espalda a cerviz dura de encurvada
Mostra, que o cristallino Ceo sustenta:
De pungentes espinhos coroada
A fereza das pedras se accrescenta,
Que pendentes do alto estaõ mostrando,
Que sobre o mar se vaõ precipitando.

CXXVII.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca
Se ouvem disformes brados, e gemidos,
Com que batendo a levantada roca,
Vai gastando os penedos carcomidos:
Grutas escuras abre, donde troca
Em noite o dia, e nellas escondidos
Marinhos monstros, e nocturnas aves
Saem meneando o ar com azas graves.

CXXVIII.

Por se arrojar Calypso está subida
Onde a serra mais livre ao ar se estende,
Cobardemente ousada, e atrevida
Duvída, e já a si mesma se reprende:
Que temo, diz, pois he castigo a vida
A hum triste ... e já no ar c'os filhos pende,
O Tejo a recebe-los vai sahindo,
Os puros braços de cristal abrindo.

CXXIX.

Hum dos filhos, que leva, lhe tomáraõ,
Com dous cahio do precipicio horrendo,
Que no fundo do pego, onde paráraõ,
Se vaõ em duras pedras convertendo:
Já de penedos firmes levantáraõ
A negra fronte, donde o mar batendo
Sobre o rolo das ondas, que quebranta,
Espumosó nos ares se levanta.

CXXX.

Com largos braços seus de branca area
Calypso abraça os filhos transformados,
Que nas ondas do Tejo, que os rodea,
Mostraõ seus duros corpos levantados:
E misturando o sal com a doce vea
Do rio, os bravos mares empolados
Alteraõ com mór força, e mayor furia,
Como em lembrança da passada injúria.

CXXXI.

Tem nas portas do Tejo levantada
A testa altiva, e fera, ameaçando
As náos, que buscaõ porto, e doce entrada,
De branca escuma as ondas coroando:
Alli o mar com roucas ondas brada,
Nos penedos altissimos quebrando,
Que ruinas maritimas preparaõ,
E o nome de cachopos conservváraõ.

CXXXII.

Já tem da Real purpura vestido
Ulysses a seu filho, a que o dourado
Cabello da coroa vê opprimido,
E a lactea maõ do sceptro carregado:
Quando desce do Olympo esclarecido
A reprende-lo o mensageiro alado,
Que na velocidade parecia
Lucida estrella, que do Ceo cahia.

CXXXIII.

Diz-lhe como partia, se deixava
Por acabar a obra illustre, e rara
Do graõ templo, que a Pallas fabricava,
Que os muros de Lisboa sempre honrára:
Que a vingativa Deosa se enojava,
E que, em quanto a partir-se se prepara,
Acabe o templo, disse, e n'um momento
Nas leves azas se escondeo do vento.

CXXXIV.

A' luz, que pelos ares resplandece,
Os joelhos por terra o Grego inclina,
O templo illustre por momentos crece,
Que acabado co'as nuvens se termina:
Já nelle sacrificios offerece,
Por melhor aplacar Pallas divina;
Alli pendura as armas, cuja liga
Foi de Vulcano altissima fadiga.

CXXXV.

Do templo sae, e solta ao vento o panno
Da negra antena, deixa a alta Lisboa,
Onde nasce do Imperio Lusitano
De tantos Reynos a immortal Coroa:
Cortando os largos campos do Oceano
No leve pinho, pelas ondas voa,
Deixando edificada a graõ Cidade
Emula ao Tempo, e á mesma Eternidade.

CXXXVI.

Aqui, Senhor, a quem o Cancro ardente
Té a Ursa Boreal, e o congelado
Polo obedece, e o lucido Oriente
Fórma hum docel de pérolas ornado:
A quem terras, e mares do Occidente
Fazem de seus cristaes soberbo estrado,
E ainda parece a quem vos considera,
Que he esta a taõ graõ Sol pequena esfera:

CXXXVII.

Aqui, filho de Jupiter de Hespanha,
Tendes hum mundo n'uma só Cidade,
A quem de prata, e de ouro o Tejo banha
Em sinal de sua eterna magestade:
Para tamanho Rey cousa tamanha
Em seus seyos guardou a Eternidade,
Que para se igualar vossa grandeza
Novos mundos vos busca a natureza.

CXXXVIII.

Prole das móres aves, as gravadas
Armas vesti, e o vosso esclarecido
Leaõ levem bandeiras despregadas,
Onde espante toda Asia o seu bramido:
Occupem todo o mar bosques de armadas,
Té rebentar Neptuno de opprimido,
Preparem para imagens de Filippo
Lenços Apelles, marmores Lysippo.

CXXXIX.

O fim de vosso Imperio he o Oceano,
E o Ceo, nos termos, que prescreve ao dia,
Da segunda coluna do Thebano,
Atlante, pondo a vista em vós, se enfia:
Treme o Inglez, o Belga, o Ottomano,
E partindo comvosco a Monarquia,
Lhe ficará no Olympo, onde se encerra,
A Jupiter o Ceo, a vós a terra.

FIM.